

DEBBIE MACOMBER

AUTORA BEST SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

Valerie

HISTÓRIA DE PRESENTE!
Encontro no Altar, de Jessica Hart!

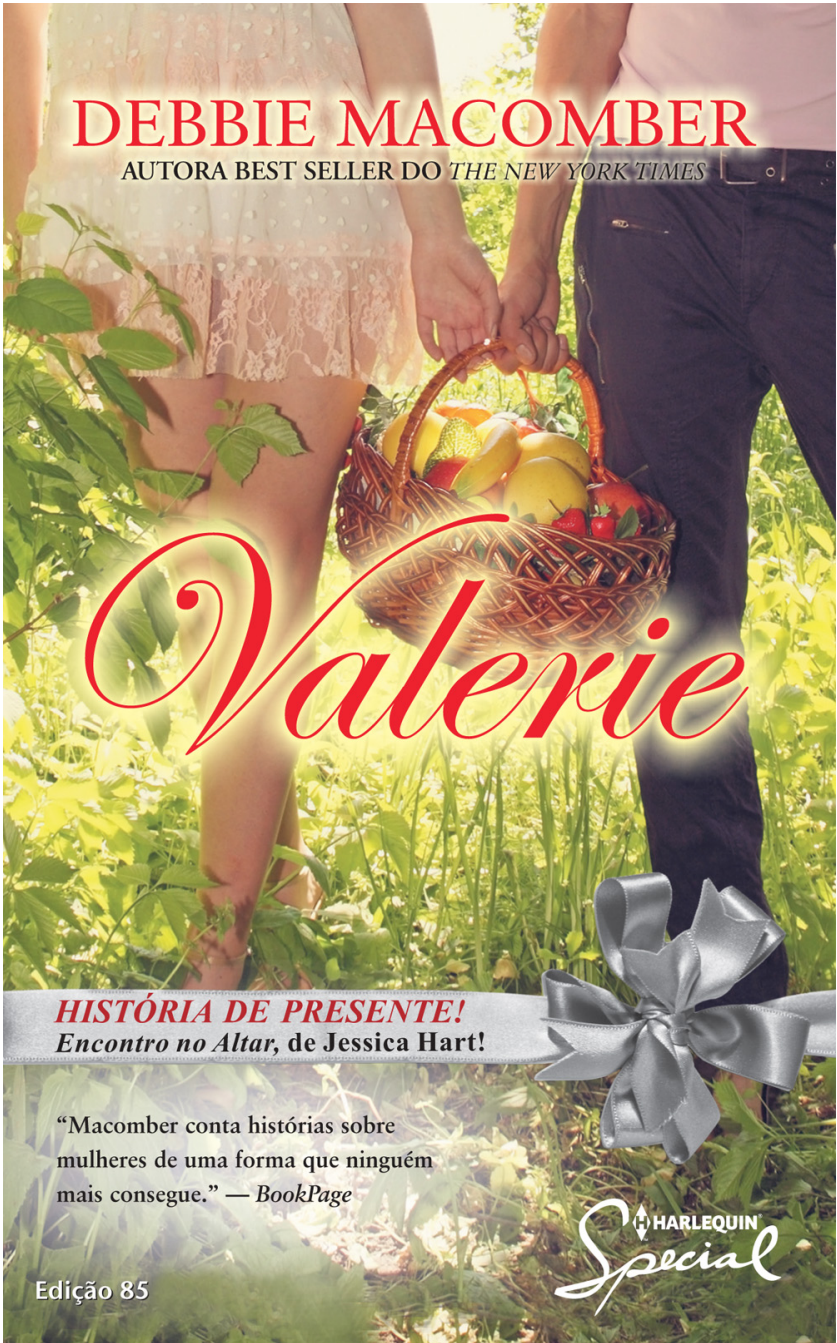
“Macomber conta histórias sobre mulheres de uma forma que ninguém mais consegue.” — *BookPage*

Edição 85

HARLEQUIN
Special

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



DEBBIE MACOMBER

AUTORA BEST SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

Valerie

HISTÓRIA DE PRESENTE!
Encontro no Altar, de Jessica Hart!

“Macomber conta histórias sobre
mulheres de uma forma que ninguém
mais consegue.” — *BookPage*

Edição 85

H HARLEQUIN
Special

Querida leitora,

Como costuma acontecer, a inspiração deste enredo surgiu da minha vida. Meu pai quase faleceu em uma segunda cirurgia do coração, e a ideia de perdê-lo abalou toda a família. Ainda bem (diferente do pai desta história) que meu pai não acordou convencido de que podia prever o futuro. Mesmo que a premissa deste livro se baseie em algo sério, acredito que você terá muitas razões para sorrir enquanto lê as aventuras – e desventuras – das irmãs Bloomfield.

**Aproveite!
Debbie Macomber**

P.S. Adoro ouvir as opiniões dos meus leitores. Você pode entrar em contato comigo pelo meu site, www.debbiemacomber.com, ou escrever para P.O. Box 1458, Port Orchard, WA 98366.

Debbie Macomber

VALERIE

Tradução
Vera Vasconcellos



2014

SUMÁRIO

Valerie

Encontro no altar

Debbie Macomber

VALERIE

Tradução
Vera Vasconcellos

CAPÍTULO 1

– NORAH? É você? – A voz de Valerie Bloomfield se ergueu com a ansiedade. Havia uma hora tentava encontrar a irmã.

– Valerie, onde você está?

– Meu voo está fazendo uma escala em Chicago. – Ela olhou ao redor do setor de embarque, observando os outros passageiros. – Como está papai? – A irmã hesitou e, durante aquela pausa sutil, a preocupação de Valerie atingiu o status de pânico. – Norah... – começou.

– Reagindo bem, dentro do esperado.

– Disse que estou a caminho? – Valerie estava no meio de uma reunião de negócios em Nova York, quando recebera a mensagem. A irmã caçula havia telefonado para o escritório de Houston, e eles passaram a notícia sobre o enfarte do pai. Ela partira de imediato, pegando o primeiro voo disponível. Infelizmente aquilo significara ter de fazer escala em Oregon e Chicago.

– Papai sabe que está chegando.

– Consegui entrar em contato com Steff?

O suspiro que Norah deixou escapar deixava clara sua frustração.

– Sim, mas levou uma eternidade e exigiu todo o meu capenga italiano. Ela está planejando pegar qualquer voo que saia de Roma, mas antes tem de chegar lá. Steff está em algum lugarejo no momento. Talvez leve alguns dias para conseguir chegar aqui. A conexão estava

péssima e era difícil entender o que dizia. Pelo que consegui captar, está havendo algum tipo de greve dos transportes. Mas fará o possível... – Valerie não pôde evitar a compaixão por Stephanie, a irmã Bloomfield do meio. Ela devia estar histérica, presa a meio mundo de distância, tentando desesperadamente encontrar um modo de chegar em casa. – Quando chegará? – perguntou Norah, sem conseguir disfarçar a ansiedade.

– O voo está programado para chegar às 18h10.

– Quer que vá buscá-la? Eu poderia...

– Não – interrompeu Valerie. Não achava uma boa ideia Norah sair de perto do pai. – Já fiz a reserva de um carro. Depois que o avião aterrissar, não levarei mais de 40 minutos para chegar aí, portanto não se preocupe comigo.

– Mas o hospital fica a uma hora de carro do aeroporto. Não deveria tentar reduzir esse tempo.

Geralmente levava uma hora, mas Valerie estava determinada a chegar lá bem antes disso.

– Devo chegar ao hospital por volta das 19h – respondeu, evasiva.

– Até lá, então. – Norah soou resignada.

– Não se preocupe, criança, tudo vai ficar bem.

– Mas tome cuidado, sim? – suplicou a irmã. – Se sofrer um acidente de carro, não estará ajudando papai.

– Tomarei cuidado – prometeu Valerie, sorrindo ao ouvir as palavras da irmã. Era a cara de Norah aquela praticidade.

Após uma breve despedida, Valerie fechou o telefone celular e o guardou na bolsa.

Meia hora depois, estava a bordo do avião. Trouxera apenas uma frasqueira para não perder seu precioso tempo esperando que a bagagem fosse despachada. Fechando os olhos, inclinou a cabeça no encosto do assento, enquanto o avião taxiava na pista.

O pai estava morrendo. Seu querido pai... A vida dele estava por um fio e a necessidade ardente de alcançá-lo o mais breve possível a estimulava como nada que experimentara antes.

Estava exausta, mas dormir era inconcebível. Valerie se inclinou para erguer a bolsa e a vasculhou até encontrar suas pastilhas de antiácido. Colocou uma na boca e a mastigou com força. Tão logo engoliu a pastilha arenosa, pegou uma caixa de balas que sempre trazia consigo. Havia parado de fumar há quatro anos e chupar as balas a ajudara a passar pelos momentos críticos da abstinência de nicotina. Se havia um momento em que precisava de um cigarro, era aquele. Sentia os nervos à flor da pele. Por favor, Valerie começou a rezar, não leve meu pai também. Ela estava apenas começando a superar a morte da mãe. Grace Bloomfield morreria de câncer há quase quatro anos e a tristeza da perda abalara toda a organizada vida de Valerie. Acabara por enterrar a angústia no trabalho. Os maiores avanços em sua carreira na CHIPS, uma empresa de softwares de computador baseada no Texas, haviam sido conseguidos nos últimos anos.

Valerie escalara rapidamente a escada corporativa até se tornar a mais jovem executiva da equipe de gestores.

O pai tivera a mesma reação à morte de Grace. Trabalhava horas a fio, exigindo o máximo de si mesmo. Norah tentara colocá-la a par do que estava acontecendo, mas não dera importância ao fato. Deveria ter feito alguma coisa, qualquer coisa, para que o pai diminuísse o ritmo de trabalho, relaxasse e aproveitasse a vida. Ele deveria ter se aposentado há anos, poderia ter viajado, conhecido lugares exóticos, encontrado velhos amigos e feito novos.

Nos anos que se seguiram à morte da mãe, a única vez que Valerie conseguira convencer o pai a deixar Orchard

Valley fora para fazer uma viagem de duas semanas à Itália para visitar Steffie.

E agora ele lutava pela vida em um hospital.

Valerie não dissera nada ao pai porque... bem, porque os dois eram muito parecidos. David Bloomfield estava lidando com o sofrimento da mesma forma que ela. Não seria justo criticá-lo por agir assim.

Antes que se desse conta, havia consumido duas caixas de balas e outro antiácido.

Quando o avião aterrissou, Valerie foi a primeira a deixá-lo, correndo com a frasqueira em punho até o balcão da agência de aluguel de carros. Dentro de 15 minutos, estava na estrada que levava a Orchard Valley.

A caminho de casa.

NORAH TINHA razão. Valerie levou mais de 40 minutos para chegar ao Orchard Valley Hospital. Precisamente 45 minutos. Colocou o carro na primeira vaga disponível, sem se importar com o risco de o carro alugado ser rebocado. Sua única preocupação era ver o pai.

Ela se encontrava parada no saguão do hospital, quando transpôs as portas duplas de vidro. A irmã, parecendo abatida e pálida, não escondeu o alívio ao vê-la.

– Oh, Valerie – disse, cobrindo os lábios com uma das mãos. – Oh, Valerie... que bom que está aqui.

– E o papai? – A garganta de Valerie se fechou. Se seu pai turrão tivesse tido a audácia de morrer antes de sua chegada, nunca o perdoaria. O pensamento a fez perceber o quanto aquele calvário drenara as forças.

– Está descansando tranquilo... por ora.

Valerie abraçou a irmã. Norah parecia apavorada. O cabelo cortado em estilo moderno estava afastado do rosto, como se o tivesse colocado para trás das orelhas

centenas de vezes. Os olhos azuis, normalmente claros e brilhantes, estavam vermelhos pelo choro e pela falta de sono.

Valerie também não havia descansado, mas ainda se encontrava sob o efeito da descarga de adrenalina. Não se permitiria desmoronar até que tivesse a chance de ver o pai.

– O que aconteceu? – perguntou enquanto as duas disparavam na direção dos elevadores. Os sapatos produzindo um som agudo contra o assoalho de linóleo polido. Um som que fazia Valerie se recordar de visitas parecidas com aquela, alguns anos atrás, quando a mãe estava morrendo. Lembrava-se de caminhadas noturnas similares por aqueles corredores silenciosos. Não estivera naquele hospital desde então. As lembranças a oprimiam agora, abalando o aparente equilíbrio.

– Ontem à noite, após o jantar, papai saiu para a varanda – começou Norah, com voz trêmula. Até onde Valerie conseguia se lembrar, todos os dias após o jantar os pais se reuniam para tomar café na ampla varanda da imponente casa estilo colonial em que viviam. Os dois se sentavam nas antigas cadeiras de vime, às vezes de mãos dadas, sussurrando como adolescentes. Valerie não sabia ao certo o que os pais conversavam, mas desde cedo aprendera a não os interromper. Durante o inverno, eles se sentavam diante da lareira de basalto do escritório do pai, mas na primavera, no verão e no início do outono sempre escolhiam a varanda. – Eu deveria ter percebido que algo estava errado – continuou Norah. – Ele não se sentava na varanda desde que perdeu mamãe. Após o jantar, costuma ir direto para o escritório para fazer a contabilidade.

O sentimento de culpa que Valerie experimentou era esmagador. A irmã cansara de avisar que o pai estava trabalhando muito. Deveria ter dado ouvidos, ter exigido

que o pai contratasse um assistente, tirasse férias, *feito alguma coisa*. Como irmã mais velha, sentia-se responsável.

O coração do pai enfraquecera em consequência de uma febre reumática que tivera enquanto estava na casa dos 30 anos. Segundo disseram, corria o risco de morrer naquela ocasião, mas a devoção de uma jovem enfermeira o ajudou a sobreviver. A enfermeira chamava-se Grace Johnson, que se tornou a esposa de David e mãe de Valerie, Stephanie e Norah.

– Eu levei uma xícara de café – continuou a irmã. – E ele ergueu o olhar para mim, sorrindo. Parecia... parecia pensar que eu era mamãe.

– Ele estava sentindo muita dor?

Norah mordeu o lábio inferior.

– Sim, devia estar sentido. Parecia tão pálido... Mas o orgulho o impediu de admitir. Perguntei se algo estava errado, mas papai não respondeu. Ficava repetindo que estava preparado.

– Preparado para quê?

Norah desviou o olhar.

– Preparado para morrer.

– Morrer! – gritou Valerie. – Isso é ridículo! Se há alguém com motivos para viver, é o papai. Deus do céu! Ele trabalhou duro durante toda sua vida! Agora é hora de colher os frutos que plantou, aproveitar o convívio da família, viajar e...

– Não precisa me convencer – retrucou Norah em tom sereno, quando chegaram ao terceiro andar e saíram do elevador. O posto de enfermagem da Unidade Coronariana se encontrava diretamente em frente. Norah se aproximou do balcão.

– Betty, poderia dizer ao dr. Winston que minha irmã chegou?

– Agora mesmo – respondeu a outra mulher. A

enfermeira parecia gentil, compassiva... e experiente. Eficiente. Valerie reconhecia tais qualidades em Betty porque eram as mesmas de Norah. E da mãe...

Teve de suprimir um sorriso diante da lembrança da irmã caçula deitando as bonecas enfileiradas na cama e enfiando termômetros em suas bocas. Desmanchava-se em cuidados com os brinquedos como se fosse uma mãe cuidadosa, dando carinho e atenção.

Norah herdara aquele temperamento naturalmente, supunha Valerie, já que a mãe também o possuía. Embora tivesse aberto mão do trabalho no hospital quando se casara com David Bloomfield, Grace continuou a cuidar de todos a seu redor. Era seu dom. E o de Norah também.

– Quem é o dr. Winston? – perguntou Valerie. Nunca ouvira aquele nome antes. Devia ser alguma recente aquisição à equipe do hospital. Mas a última coisa que o pai precisava naquele momento era de algum clínico-geral caipira. Ele deveria estar em um hospital com mais recursos e o melhor cirurgião cardíaco disponível!

– O dr. Winston tem sido maravilhoso – comentou Norah, com um brilho momentâneo no olhar. – Se não fosse por Colby, teríamos perdido papai nas primeiras 12 horas.

– Colby? – Um médico batizado com nome de queijo? Aquilo não parecia muito promissor.

– Não sei o que teria feito sem ele – disse Norah. – Não sabia ao certo o que fazer a princípio. Percebi que papai estava sentindo muita dor, mas sabia que não aceitaria que eu chamasse uma ambulância. Discutiria comigo e isso pioraria ainda mais as coisas, caso se tratasse do coração, como suspeitava.

– Então telefonou para o dr. Winston?

– Sim. Por sorte, consegui contatá-lo, e ele foi até lá, fingindo ter aparecido por acaso. No instante em que

pousou o olhar em papai soube que se tratava de um enfarte. Imediatamente, deu duas aspirinas. Em seguida, sentou-se na varanda com uma xícara de café.

– Ele tomou café enquanto nosso pai *enfartava*? – Valerie não estava achando aquele médico muito competente.

– Acho que foi o que salvou a vida de papai – retrucou Norah, com os olhos faiscando em protesto. – O dr. Winston convenceu papai a ir para o hospital por livre e espontânea vontade. Só quando foi admitido é que sofreu o pior do enfarte. Se estivesse em casa discutindo, ninguém poderia ter feito nada para salvá-lo.

– Oh! – Aquilo enfraqueceu os argumentos de Valerie. Talvez estivesse procurando alguém a quem culpar em uma tentativa de aliviar o próprio peso na consciência por ter ignorado as preocupações de Norah sobre o pai.

A porta por onde Betty saíra voltou a se abrir. Um homem alto e de cabelo escuro se aproximou delas, com expressão séria. Valerie não pôde deixar de perceber o quanto era atraente. Na verdade, o homem tinha a beleza de um astro de cinema, mas uma beleza sem nada de suave ou insípido.

– Olá – disse em um tom de voz grave e ressonante. – Sou o dr. Winston. – O médico estendeu a mão.

– Valerie Bloomfield – respondeu de modo brusco, pousando a mão na dele. Sempre haviam ensinado que era indelicado varrer uma pessoa com o olhar, mas não conseguiu se conter. O médico do pai não parecia muito mais velho que ela, que estava na casa dos 30. – Desculpe – disse, sem arriscar um olhar à irmã, que talvez saltasse imediatamente em defesa do dr. Winston. – Não quero parecer rude, mas qual é a sua idade?

– Valerie – gemeu Norah baixinho.

– Quero apenas saber há quantos anos pratica a medicina. Deus do Céu, Norah, trata-se do nosso *pai*.

– Está tudo bem – disse o dr. Winston sorrindo para Norah. – Se David fosse meu pai, também teria algumas perguntas a fazer. Tenho 36 anos.

Valerie achou difícil de acreditar, mas não poderia insistir para ver a carteira de identidade ou a certidão de nascimento do médico. Além do mais, seus pensamentos se encontravam em um turbilhão e se sentia exausta. Aquela não era a hora de questionar as qualificações do dr. Winston.

– Como está meu pai? – Optou por perguntar.

– Ele está descansando.

– Quando poderei vê-lo?

– Acho melhor não entrar imediatamente.

– O que quer dizer com isto? – disparou Valerie. – Voei por metade do país para estar com meu pai. Ele precisa de mim! Por que não deveria ficar ao lado dele?

– Não é uma boa ideia no momento. Seu pai conseguiu dormir pela primeira vez em 24 horas e não quero que nada o incomode.

– Acho que deveria esperar – interveio Norah, como se temesse que ela estivesse a ponto de fazer uma cena.

Valerie suspirou. A irmã tinha razão.

– Claro que esperarei. É que estou muito ansiosa.

– Compreendo – disse o dr. Winston. Mas as palavras soaram destituídas de emoção. Ele as guiou até uma sala não muito distante do posto de enfermagem. Dois sofás desgastados haviam sido postados um de frente para o outro e várias revistas desatualizadas cobriam o tampo da mesa de centro entre os sofás. Havia uma garrafa térmica com café em um dos cantos, como creme em pó e um grande suprimento de xícaras descartáveis.

Norah foi a primeira a se sentar, levando as duas mãos à boca em uma tentativa de ocultar um bocejo.

– Há quanto tempo está aqui? – perguntou Valerie percebendo, antes de receber resposta, que Norah

passara a noite toda no hospital. Sua irmã caçula estava exausta. – Ouça, criança, vá para casa e durma um pouco. Assumirei o posto por ora.

Norah exibiu um sorriso tímido.

– Costumava odiar quando você me chamava de criança, agora, porém, não me importo mais.

– Por quê? – indagou Valerie com suavidade, resistindo ao impulso de afastar uma mecha de cabelo da irmã da testa. Não era do tipo maternal, mas sentia necessidade de proteger Norah, suavizar o fardo.

– Pode me chamar de criança sempre que quiser, porque é assim que me sinto, como uma criança cujo mundo foi virado de ponta a cabeça. Estou com medo, Val, muito medo. Quase o perdemos... ainda podemos perdê-lo.

Valerie anuiu e deu um breve abraço na irmã. Norah enfrentara um pesadelo medonho, sozinha, sem saber se o pai morreria ou sobreviveria.

– Valerie tem razão – concordou o dr. Winston. – Não há nada que possa fazer aqui. Vá para casa e descanse. Prometo telefonar se houver alguma mudança no quadro de seu pai.

– Está bem. – Norah esfregou os olhos. – Vou tomar um banho e tentar dormir por algumas horas. É tudo que preciso. Duas, talvez três horas.

Valerie imaginou se Norah não estaria muito cansada para dirigir. O dr. Winston parecia ter a mesma preocupação.

– Telefonaremos do posto de enfermagem para chamar um táxi. Não quero você dirigindo nesse estado. – O médico envolveu os ombros de Norah com um dos braços, ao que tudo indicava na intenção de acompanhá-la até o elevador. Enquanto caminhavam, ele se dirigiu a Valerie. – Estarei de volta em alguns minutos.

Na ausência do médico, Valerie se serviu de uma

xícara de café. A garrafa térmica deveria estar ali há horas e a bebida estava preta, encorpada e forte. Exatamente como ela precisava.

A necessidade de fumar um cigarro era quase sufocante. Portanto, quando o dr. Winston retornou à sala, ergueu o olhar e perguntou de maneira automática.

– Tem bala?

– Como?

– Bala de menta ou qualquer coisa parecida. – Valerie caminhava de um lado para o outro da sala, segurando a xícara de café com as duas mãos.

– Infelizmente, não. Quer que providencie?

Valerie dispensou o oferecimento com um gesto negativo de cabeça. Aquele homem era educado ao extremo. A primeira coisa que fizera fora insultá-lo, questionar a competência, e o dr. Winston suportara aquilo tudo com a maior tranquilidade.

– Por favor, conte sobre o meu pai.

Os dois se sentaram e durante 15 minutos, o médico explicou o que acontecera com o coração de David, esforçando-se ao máximo para descrever o quadro com termos que um leigo pudesse entender, mas muito do que dizia ia além da compreensão de Valerie. Ela nunca se sentira à vontade com questões médicas. A mãe e Norah sempre lidavam com esses assuntos. De sua parte, detestava tudo que se relacionava a hospitais e médicos. Odiava ficar doente e sabia que o pai sentia o mesmo.

– Porém, há um agravante que precisa ser solucionado.

– Sim? – perguntou Valerie, detestando o tom de voz que traía o medo. Qualquer demonstração de fraqueza a estressava. Se havia um momento em que precisava ser forte, era aquele, pelo bem de todos, inclusive o dela. Era a irmã mais velha e as outras tinham de se apoiar nela.

– Seu pai perdeu a vontade de viver.

– Isso é ridículo – rebateu, lutando contra a ânsia de discutir com aquele homem. – A vida do meu pai está transbordando, é produtiva. Ora, ele está...

– Perdido sem sua mãe. – O dr. Winston completou a frase com simplicidade.

Valerie se ergueu de um salto e retomou a caminhada de um lado para o outro da sala. O que o dr. Winston dissera era a mais pura verdade, tinha de admitir. O pai havia sido esmagado pelo sofrimento da perda e, enquanto Valerie e as duas irmãs lutavam para recuperar o equilíbrio, fora lentamente destruído pela dor.

– O que podemos fazer? – perguntou, tentando engolir os medos e a culpa em seco.

– Dar apoio e o seu amor. A única coisa que o mantém vivo é o desejo de ver as três filhas antes de morrer.

– Mas... Está bem, então não o deixe saber que estou aqui. – Aquela era a mais óbvia solução. E se isso fosse necessário para mantê-lo vivo, não se importava de brincar de esconde-esconde. Norah poderia inventar uma série de desculpas. Não, tinha de esquecer Norah, refletiu Valerie, desolada. A irmã caçula era incapaz de contar uma mentira sem corar. – Você mente bem? – questionou Valerie, raciocinando rápido.

O dr. Winston pestanejou várias vezes.

– Como?

– Não pode revelar a meu pai que cheguei. E isso significa mentir para ele.

– Sra. Bloomfield...

– Senhorita.

– O que seja – retrucou, soando impaciente pela primeira vez. – Não conseguiremos enganar seu pai. Norah conversou com ele pouco depois que você ligou de... onde era? Chicago? Ele sabe que você saiu de Nova

York em um avião. Ninguém o fará acreditar que tenha acontecido algo tão importante para adiar sua chegada.

– Steffie! – gritou Valerie. – Quando Norah conversou com ela, minha irmã disse que havia uma greve de transportes.

– Sim, mas essas são apenas medidas paliativas. Seu pai sente como se não houvesse mais motivos para viver. Fala constantemente de sua mãe, quase como se estivesse esperando para se juntar a ela. Precisamos de algo concreto que dê motivos para lutar, para se agarrar à vida.

Mais uma vez Valerie percebeu que o médico tinha razão, mas seu cérebro confuso tinha dificuldade de assimilar os detalhes mais básicos, o que dizer uma situação complexa como aquela.

– Ele é tudo que temos – sussurrou, desesperada. – Certamente meu pai sabe disso.

– Sim, mas ao mesmo tempo acredita que vocês têm umas às outras.

– Não temos nada em comum – argumentou Valerie. – Steffie é uma mulher alucinada que viaja pela Europa para estudar a Renascença Italiana e o único objetivo de Norah na vida é se tornar outra Clara Barton. Nem ao menos nos parecemos fisicamente. – Valerie estava se agarrando em desculpas esfarrapadas e sabia disso. Qualquer coisa que viesse à mente capaz de angariar a ajuda do dr. Winston para manter o pai vivo...

– Isso não tem nada a ver comigo, Valerie – disse em tom de voz suave. – No entanto, farei todo o possível para que recobre a saúde e viva até ficar bem velho.

Pestanejando para dispersar as lágrimas, Valerie anuiu, lembrando a si mesma mais uma vez que era a filha mais velha de David Bloomfield. Em uma crise todos os holofotes se virariam em sua direção. Era ela quem precisava manter a cabeça fria e resoluta, quem

não podia deixar que as emoções ditassem as reações. Mas dessa vez era diferente.

O homem deitado no leito do hospital, à beira da morte, era seu pai, a quem idolatrava e amava além da razão. Suas emoções estavam tão à flor da pele, que a intensidade delas a assustava.

– Eu gost... gostaria de vê-lo o mais rápido possível. Por favor. – Rastearia se fosse necessário. Tinha de ver o pai. – Prometo que não farei um ruído sequer. – Certamente não queria perturbar o descanso do pai. Porém, de alguma forma, tinha de se certificar por si mesma de que ainda estava vivo. Nunca antes estivera tão assustada.

O dr. Winston hesitou.

– Espere aqui, vou ver como está.

Minutos depois, o médico retornou.

– David está acordado e perguntando por você. – Valerie estava tão ansiosa que quase saiu voando da sala, mas o dr. Winston impediu o progresso. – Antes de vê-lo, vou prepará-la para o que vai encontrar. – Ele passou cinco minutos a deixando a par dos vários dispositivos médicos utilizados para monitorar o coração do paciente. Explicou como os pequenos eletrodos aplicados sobre o peito do pai detectavam os impulsos elétricos que sinalizavam a atividade cardíaca. Previu-a sobre as sondas que entravam e saíam do corpo do pai.

Porém, nada do que o médico dissera havia preparado Valerie para a cena que se descortinou diante dela. O pai estava conectado a número assustador de tubos, máquinas e dispositivos. O rosto se encontrava cinzento, tão pálido e inanimado que a pele parecia ter reflexos brilhosos. Os olhos, que sempre faiscaram de vitalidade, não revelavam qualquer emoção, apenas uma exaustão que vinha da alma.

– Oh, papai – sussurrou Valerie lutando contra as

lágrimas. Fechou os dedos em torno da mão flácida, tomando cuidado para não deslocar a agulha intravenosa.

– Valerie... estou muito satisfeito por você estar aqui... finalmente.

– Onde mais poderia estar? – perguntou, conseguindo conjurar um sorriso. Com o dorso da outra mão, limpou uma lágrima que escorreu pelo rosto.

– Ela está linda, não acha? – disse o pai, aparentemente se referindo ao dr. Winston, que se encontrava parado à porta. – Apenas... O que fez com seu cabelo?

– Gostou? – perguntou Valerie reanimada e surpresa pelo fato de o pai ter notado a mudança no estilo de seu corte de cabelo. – Eu o cortei. – Estava curto e desganhado.

– Ela teve coragem de pintar o cabelo de vermelho.

O pai estava se dirigindo mais uma vez a Colby Winston.

– Meu cabelo não está nem perto do tom vermelho – argumentou, irritada com o esforço que o médico fazia para não sorrir. – É castanho-avermelhado.

– Está parecendo que não os penteia há meses – resmungou o pai.

– Pai, fique sabendo que paguei caro por este corte.

– Nesse caso, deveria pedir reembolso. – A voz de David soava fraca e o ato de falar acabara com seus últimos resquícios de energia.

– Pai – disse Valerie, tentando disfarçar a preocupação. – Em vez criticar meu cabelo, deveria descansar. – David não respondeu. Limitou-se a fechar os olhos e deixar escapar um suspiro audível. – Eu o deixarei por algum tempo – disse Valerie. – Mas estarei ali fora. Portanto, se quiser me dizer o quanto gostou do meu novo corte de cabelo e suplicar meu perdão, tudo

que tem a fazer é chamar a enfermeira. – O dr. Winston dissera que teria permissão para visitar o pai por cinco minutos a cada hora, dependendo do estado em que se encontrasse. O sorriso de David era quase imperceptível. – Descanse agora. Estou aqui.

Valerie sentiu a mão do dr. Winston em seu cotovelo, guiando-a para fora do boxe envidraçado.

– Doutor? – A voz do pai parecia ter uma nota de ansiedade.

– O que é, David?

– Ela é aquela sobre a qual falei. Lembra-se do que disse, certo?

– Sim. Agora, não se preocupe com mais nada.

– Nem sempre o cabelo dela parece o de uma boneca de trapo.

– Papai! – Valerie não tinha a menor ideia do que estava se passando entre os dois homens, mas não ficaria de braços cruzados enquanto eles a insultavam.

– Por aqui – disse Colby Winston guiando-a para fora da Unidade Coronariana.

– O que aquilo significou? – perguntou Valerie no instante em que se encontravam fora do alcance de audição.

– Não sei ao certo se entendi a sua pergunta – respondeu, sem sustentar o olhar.

Valerie não era tola. Definitivamente, havia alguma coisa acontecendo e desejava saber. Estava no mundo empresarial por tempo suficiente para não permitir que comentários suspeitos escapassem sem questionamentos.

– O que meu pai quis dizer com “ela é aquela”?

O médico ainda se recusava a encará-la.

– Enquanto seu pai e eu conversávamos mais cedo, revelou algumas preocupações em relação às filhas.

– Sim? – disse Valerie. Esforçando-se para manter um semblante indiferente e relaxado, encaminhou-se à

garrafa de café, erguendo-a na direção dele em um oferecimento tácito. O dr. Winston negou com um gesto de cabeça, e ela se serviu de outra xícara de café. – Então, o que papai tinha a dizer sobre nós? – perguntou.

– Ele tem orgulho das três.

– Naturalmente. Somos as filhas dele. O que quero saber é o que ele quis dizer com “ela é aquela”.

– Sim, bem... – O dr. Winston se afastou dela e estacou diante da janela observando o céu da noite.

– Ora, vamos, dr. Winston, sou uma mulher madura, e ele é meu pai. Tenho certeza de que, se eu insistir, ele vai falar. – Ambos sabiam que coagir o pai estava fora de questão. No entanto, aquele se revelou um estratagema eficaz. O dr. Winston se encaminhou à garrafa térmica e encheu uma xícara de café, embora a tivesse recusado momentos antes.

– Parece que é com você que seu pai mais se preocupa.

– Comigo? – disparou Valerie. Das três filhas, era a que possuía a maior segurança financeira. Tinha uma carreira estável e se sustentava. Pelo amor de Deus! Era a única que possuía investimentos! – Isso não faz sentido nenhum.

– Sim, bem...

– Por que está preocupado comigo? E por que não conversou sobre isso comigo em vez de discutir o assunto com você?

– Há várias razões...

– Apenas diga o que ele falou – interrompeu Valerie impaciente.

– Parece que seu pai pensa...

– Sim? – estimulou.

– Que você deveria se casar.

Valerie não conseguiu conter a risada que transbordou da garganta como bolhas de uma garrafa de champanhe.

- Na verdade – continuou Colby, com expressão séria.
- Seu pai parece pensar que você deveria se casar comigo.

CAPÍTULO 2

— CASAR-ME COM você? – Valerie fez eco das palavras do médico. A risada fenecendo. Dr. Colby Winston! Ela nunca ouvira nada tão absurdo quanto aquilo. Não tinha a menor intenção de se casar com ninguém em um futuro próximo. Não havia nenhuma razão para ter um homem em sua vida. Não era romântica. Mesmo quando mais nova e na faculdade, não namorara muito. O pai sabia muito bem disso e nunca pareceu particularmente preocupado com seu estado civil. Aquela revelação a chocou tanto quanto o telefonema de Norah.

– Não vejo razão para ficar tão preocupada – disse Colby, a voz compassiva como se entendesse o quanto aquilo a desconcertara. Valerie costumava ser mais proficiente em controlar as próprias emoções. – Esse tipo de ilusão não é raro em pacientes com problemas cardíacos – prosseguiu. – Como disse, acho que não tem nada com que se preocupar.

– Está me dizendo que seus pacientes têm por costume tentar casá-lo?

– Não. – O médico afrouxou a gravata, como se precisasse ocupar as mãos. – Seu pai tem certeza de que vai morrer. É isso que deseja, mas se sentiria melhor em deixá-las, se ao menos uma de vocês estivesse casada. Eu e David somos amigos e acho que é natural que ele tente me unir a uma de suas filhas.

– Deveria ser com Norah. Ela parece mais o seu tipo.

Um breve sorriso curvou os lábios do médico.

– Talvez, mas é o seu nome que menciona repetidamente.

– Então, ao que parece, “sou aquela” – disse Valerie, não se dando conta do que estava falando até que as palavras escapassem dos lábios. – Quero dizer... – Ela se calou abruptamente.

– Entendi perfeitamente o que quer dizer – assegurou Colby. – Mas estou certo de que não devemos levar nada disso a sério.

– Oh, concordo. Seria uma bobagem sem cabimento.

– Talvez seu pai pense que deva se casar primeiro por ser a filha mais velha – arriscou Colby.

– Talvez – concordou. Mas algo em seu íntimo dizia que aquela não era a única razão. Valerie envolveu a cintura com os braços e inspirou profundamente, na esperança de inalar um pouco de calma e sabedoria.

– Não teria dito nada – disse o dr. Winston. – Mas pensei que era melhor esclarecer tudo. Se mencionar o casamento outra vez, penso que deveríamos concordar com ele, pelo menos por enquanto.

– Concordar com ele? Deve estar brincando.

Valerie mal conseguia acreditar nos próprios ouvidos. Colby deu de ombros.

– Conhece seu pai melhor que eu – resmungou. – David é muito cabeça-dura. Não minta, mas se puxar o assunto de... casamento, não se mostre resistente e tente canalizar a conversa para outra direção.

– Não darei falsas esperanças ao meu pai. Tampouco a você – acrescentou timidamente e foi recompensada quando o viu engolir em seco. Uma faísca de raiva se refletiu nos olhos escuros, mas logo a ocultou.

Valerie se sentou e começou a vasculhar a bolsa à procura de balas e de antiácidos. Sentia dor no estômago e a exaustão começava a atingir a medula dos ossos.

Colby a ignorou, embora não fizesse nenhuma menção de se retirar. A expressão preocupada estampada naquele belo rosto revelava que tinha algo mais a dizer, embora parecesse procurar as palavras.

Valerie considerou o que acabara de dizer. Se um dia decidisse se casar, seria com alguém que tivesse o mesmo dinamismo, a mesma vontade de vencer que ela. Um homem que soubesse o que queria e que pensasse grande. Não um médico provinciano bem-intencionado.

Poderia se casar com um homem como Rowdy Cassidy.

O nome invadiu a mente com uma rapidez que a chocou.

Até aquele instante, não tinha se dado conta do quanto admirava seu patrão. Rowdy fundara sua empresa de softwares para computador na garagem da casa do amigo, 15 anos atrás, e a transformara em uma das mais bem-sucedidas do país. Embora tivesse ganhado mais dinheiro do que seria capaz de gastar em toda sua vida, continuava a trabalhar de 10 a 12 horas por dia, exigindo tanto de sua equipe quanto de si mesmo.

– Talvez ajudasse se você estivesse envolvida com alguém – disse Colby em tom casual. Valerie achou aquele tom desinteressado um tanto exagerado.

– No momento, não estou em um relacionamento, mas talvez esteja em breve – disse. Valerie e Rowdy: um casal. Era estranho nunca ter pensado nele no âmbito romântico antes. O patrão seria o marido ideal para ela. Gostava de Rowdy e o respeitava como homem e como profissional. Ele a escolhera a dedo para fazer parte de sua equipe de gestores, porque acreditava em suas habilidades profissionais.

Em retrospectiva, Valerie se lembrou de que Rowdy procurara sua companhia em várias ocasiões. Porém,

estivera tão focada em se provar merecedora da confiança do patrão, que não levava em conta a possibilidade de Rowdy nutrir sentimentos pessoais por ela.

Durante meses estivera cega mesmo para o que estivesse diante de seu nariz. Não que fosse a única culpada. O patrão não era o tipo de galã de histórias de amor. Oh, era belo o suficiente com aquela aparência bruta de caubói, mas as maneiras rudes e diretas não encorajavam aspirações românticas. Até onde sabia, Rowdy nunca tivera um namoro sério, ao menos não durante os anos em que estava trabalhando com ele.

Aliás, Valerie não era nenhuma perita em se apaixonar, também. Tinha afastado de sua vida qualquer possibilidade de se envolver romanticamente. Aquilo combinava com as irmãs e as colegas de escola, mas não com ela. Sempre havia algo que ansiava em fazer, muito pelo que lutar, muito o que conseguir, antes de se envolver em um relacionamento duradouro.

– Acho que não entendi – disse Colby. Diante do olhar vazio de Valerie, continuou. – Disse que *ainda* não estava envolvida com ninguém, mas que estaria em breve. Talvez esteja sendo inconveniente, mas não a aconselharia a inventar um relacionamento falso. Seu pai perceberia no mesmo instante.

– Concordo. Nunca tentaria uma bobagem desse tipo. Mas há um homem com quem trabalho e, bem, parece natural que nós dois... possamos nos envolver.

O dr. Winston pareceu tão aliviado que a teria ofendido, caso Valerie não se encontrasse aquecida pela repentina esperança de um romance com Rowdy Cassidy.

– Vou prescrever algo que ajudará seu pai a descansar – disse Colby. – Ele dormirá durante toda a noite sem problemas, portanto se quiser ir para casa e fazer

companhia à sua irmã...

– Não – Valerie se apressou a interrompê-lo. – Não deixarei papai. Entendo que não posso vê-lo agora, mas quero estar aqui... caso algo aconteça. É importante para mim.

– Tudo bem.

Valerie se sentiu agradecida.

– Obrigada.

Colby anuiu e, em seguida, bocejou, revelando pela primeira vez a própria fadiga.

– Dei ordens para me contatarem imediatamente caso haja alguma mudança no estado de seu pai.

– Não tenho palavras para agradecer tudo que fez.

– Não há necessidade de agradecer. Falarei com você pela manhã.

Valerie sorriu e se sentou para folhear uma revista datada de seis meses atrás. Havia acabado de ler as cartas para o editor, quando uma enfermeira apareceu, carregando um travesseiro e um cobertor.

– O dr. Winston achou que talvez precise disto – disse pousando a trouxa ao lado de Valerie.

Aquela fora uma grande gentileza, pensou mais tarde, com a cabeça recostada ao travesseiro e com o cobertor fino em torno dos ombros. Sentiu uma pontada de culpa, principalmente pela decisão de chamar o melhor cirurgião cardíaco do país na manhã do dia seguinte. Ao meio-dia, seria pouco provável que o pai ainda fosse paciente do dr. Colby Winston.

GOSTARA DELA, percebeu Colby. Prepara-se para sentir o contrário. Valerie Bloomfield era tudo que o pai descrevera. Profissional, astuta e graciosa. Mas no que dizia respeito a relacionamentos, era o tipo de mulher que fazia questão de evitar.

Gostava de se relacionar com mulheres meigas e

femininas. Estava procurando por uma esposa e, de alguma forma, David Bloomfield intuía aquilo. Do contrário, não teria incluído a filha mais velha em todas as conversas que tiveram. Mas Colby não tinha uma executiva em mente. Precisava de uma esposa que o ajudasse, que entendesse as infindáveis demandas do trabalho de médico. Uma mulher que se mostrasse compreensiva com os longos plantões, com o estresse emocional, com as intrusões em sua vida privada.

Não precisava de uma executiva obcecada com a própria carreira. Talvez tivesse um pensamento antiquado. Reconhecia que uma mulher tinha todo o direito de seguir a própria profissão, escolher uma vocação na vida, mas Colby estava à procura de uma esposa que fizesse dele sua vocação. Bem, não apenas dele, mas dos dois. Do casamento de ambos, da família, do lar.

Tinha de admitir que parecia egoísta e egocêntrico esperar que uma esposa construísse a própria vida em torno dele. No entanto, era isso que Colby desejava.

Sua carreira o consumia por completo. O dia nunca tinha horas suficientes para fazer o que era necessário. À noite, quando chegava em casa, queria ter alguém à espera para recebê-lo, para oferecer conforto e serenidade.

Sherry Waterman se encaixava perfeitamente naquele papel. Durante quase um ano, os dois vinham saindo com mais ou menos frequência. Ultimamente, parecia que com menos frequência. Colby não sabia por que permitira que o relacionamento com Sherry esfriasse. Não falava com ela há quase duas semanas... talvez mais.

Porém, sabia que Sherry seria a esposa perfeita para ele. Assim como Norah Bloomfield. Ainda assim, não se via passando o resto da vida com nenhuma das duas.

Já que estava disposto a analisar a falta de interesse em Sherry e Norah, também deveria refletir sobre o que achava tão atraente em Valerie. Não fora a maleta de trabalho que carregava consigo como uma segunda bolsa. Certamente não era o modo como ingeria pastilhas de antiácido. Tampouco o terninho cinza nada sensual que ocultava todas as curvas femininas e a estrutura esbelta.

O que mais o atraía fora o contraste que sentira nela. No exterior, Valerie parecia calma e controlada, fazendo perguntas inteligentes com a tranquilidade de alguém que questionasse estatísticas banais em vez das chances de sobrevivência do pai.

Porém, aquela aparência não o iludira. Colby percebeu como mordida o lábio inferior enquanto o encarava com olhar firme. Valerie sofrera um grande abalo com a doença do pai. Havia emoções profundas naquela mulher, uma verdadeira capacidade de sentir que, pelo que parecia, costumava manter escondida.

Colby notou também o amor no olhar de Valerie quando a levou ao encontro do pai. Os dedos delicados tremiam quando procuraram a mão de David e um semblante terno se estampou em seu rosto. Havia um forte laço entre aqueles dois.

Não havia necessidade de reproduzir o comentário de David sobre um casamento entre eles, e Colby não sabia por que o fizera. Suspeitava que o motivo fora a curiosidade em saber se Valerie estava envolvida com alguém. Saber que estava envolvida ou ao menos na iminência de estar, deveria tê-lo tranquilizado, mas não fora isso que aconteceu. Ao contrário. Ficara ainda mais curioso.

A CHEGADA de Norah despertou Valerie logo cedo, na manhã seguinte. Não conseguira dormir muito. A

exaustão e o nervosismo a impediram de relaxar. Quase de madrugada, acabara se entregando ao sono, com cochilos intermitentes e agitados.

– Como está papai? – perguntou Norah entregando uma sacola branca em que trazia o café da manhã.

– Na mesma. Não estive lá, mas conversei com a equipe da Unidade Coronariana em vários momentos. – Valerie cruzara o corredor do hospital de um lado para o outro durante quase toda a noite e como resultado recebera vários relatos.

– Ele tem estado assim desde o início. Como se estivesse se equilibrando à beira de um abismo, onde poderia cair para ambos os lados.

– Ele sobreviverá – afirmou Valerie, como se a própria determinação fosse o suficiente para mantê-lo vivo.

– Espero que tenha razão.

– Tenho – retrucou Valerie injetando confiança na voz.

– Ah, antes que esqueça – disse Norah sentando-se de frente para ela. – Havia duas mensagens na secretária eletrônica quando cheguei em casa, ontem à noite. A primeira era do sr. Cassidy da CHIPS. É seu patrão, certo?

Valerie anuiu, abrindo a sacola que a irmã trouxera. De lá, retirou um *croissant* quente e uma copo de café fresco. Segundo se recordava, a última vez que comera fora no O'Hare e, embora a pizza parecesse decente, a preocupação sequestrara o apetite.

– O que Rowdy tinha a dizer?

– Apenas que teve notícia do enfarte de papai. Perguntou se havia alguma coisa que pudesse fazer.

Valerie sorriu em seu íntimo, satisfeita por Rowdy ter separado alguns minutos de sua agenda atribulada para telefonar. Aquilo parecia confirmar seus pensamentos da noite anterior. Estava cada vez mais convencida de que

o interesse do patrão extrapolava as fronteiras do profissionalismo.

– Quem mais telefonou? – perguntou afastando deliberadamente Rowdy da mente. Haveria muito tempo para refletir sobre sua recente descoberta.

– Steff.

– Como ela está? – perguntou Valerie antes de dar uma mordida na massa folhada do *croissant*.

– Temo que não muito bem. – Os ombros de Norah se curvaram levemente para a frente. – Parecia desesperada.

– Pelo que vejo, ainda não conseguiu sair da Itália.

– Não. Ao que parece, todo o país está paralisado. Como disse, Steff está presa naquele lugarejo a 160 quilômetros de Roma. Ela foi até lá passar alguns dias com a família de uma amiga.

– Por que não aluga um carro?

– Ao que parece, todos tiveram essa mesma ideia. Não há carros nas locadoras.

– E quanto aos amigos?

– Pelo que entendi, as pessoas com que está não têm carro. Ela e a amiga pegaram uma carona com alguém e todas as pessoas que Steff conhece estão no recesso de primavera. Ela está muito preocupada. Eu retornei a ligação dela, mas Steff havia saído, então deixei um recado. – Norah fez um movimento negativo com a cabeça, deixando clara sua frustração.

– O que disse a ela?

– Que você chegou. Que estou de licença no trabalho por quanto tempo for necessário. E que o estado de papai é estável. – Uma pequena mentira, porém necessária para a paz de espírito da irmã, concordou Valerie.

– Tentarei telefonar para Steffie mais tarde – disse, tomando um gole do café que esfriava rapidamente. Em

seguida, relanceou o olhar ao relógio de pulso e calculou a diferença de fuso horário entre o Oregon e o Texas. Se telefonasse agora, seria capaz de contatar Rowdy. Se estivesse no escritório, pediria para que o patrão localizasse o melhor cirurgião cardíaco do estado. Não. Da Costa Oeste.

Valerie sabia que havia restrições ao uso do telefone celular em hospitais, portanto se encaminhou ao telefone público no corredor, que não proporcionaria muita privacidade. Mas nada poderia fazer. Para seu alívio, foi imediatamente colocada em contato com Rowdy.

– Valerie – disse. A voz grave reverberando pela linha telefônica. – Que bom ter notícias suas. Como está seu pai?

– Ainda não sabemos. O desfecho é imprevisível.

– Sinto muito por isso. – Rowdy parecia genuinamente preocupado e mais uma vez o coração de Valerie se aqueceu com aquilo. – Se houver qualquer coisa que possa fazer, é só falar.

– Sim, há – retrucou Valeria baixando o tom de voz em um esforço para não ser ouvida. Olhou ao redor para se certificar de que os membros da equipe do hospital não estavam ao alcance da audição. – Preciso do nome e do telefone do melhor cirurgião cardíaco da Costa Oeste. O estado do meu pai é muito delicado para suportar uma transferência para outro hospital neste momento, mas este em que está internado em Orchard Valley é pequeno. Quero me certificar de que receba os melhores cuidados médicos.

– Claro, vou procurar me informar imediatamente. – Não pela primeira vez, Valerie experimentou uma pontada de dor na consciência. Colby Winston sentia afeição por seu paciente. Se ferisse o orgulho profissional, agindo pelas costas do médico, teria de se

desculpar. Por ora, no entanto, sua principal preocupação tinha de ser com o pai, e se isso significasse ofender um amigo da família, bem... só lamentava. Aquilo era algo que não poderia evitar. – Como posso entrar em contato com você no hospital? – perguntou Rowdy.

– É mais fácil ligar para você. Dentro de mais ou menos uma hora?

– Combinado.

– Fico muito grata – disse Valerie.

Minutos depois, entrou na sala de espera, onde deixara Norah. Colby se juntara à irmã e, pela segunda vez, Valerie pensou como a caçula seria perfeita para o médico.

Tal ideia deveria deixá-la satisfeita. Excitada. Porém, não sentia nada daquilo e não sabia dizer por quê.

Norah sorriu com algo que Colby disse, e ela percebeu, com uma leve pontada de dor, que a irmã mais nova estava a meio caminho de se apaixonar pelo médico. Se aquilo não escapou à percepção, também não devia ter escapado à do pai. Certamente estava confundido as duas em sua mente, ponderou Valerie, o que era compreensível, dadas as circunstâncias.

– Papai está na mesma – disse Norah quando percebeu a presença de Valerie. – Colby acabou de vê-lo.

– Bom dia – cumprimentou ele com um breve sorriso.

– Bom dia. – O sentimento de culpa a impediu de sustentar o olhar.

– Vocês podem se revezar visitando David, se quiserem, mas só poderão permanecer por apenas cinco minutos. E prefiro que deem um espaço de uma hora entre uma visita e outra.

– Está bem – murmurou Valerie. – Como estive com ele na noite passada, quer ir primeiro? – perguntou a Norah.

– Sim.

Valerie presumiu que o médico acompanharia a irmã, mas ficou para trás. De costas para ela, pegou uma xícara de café fresco da garrafa térmica que acabara de ser substituída.

– Seu pai precisará ser submetido a uma cirurgia de coração aberto – disse, no instante em que se virou para encará-la. – Neste momento, o coração de David está muito fraco para suportar o estresse adicional, mas estamos nos aproximando rapidamente de uma crise e você e suas irmãs têm de se preparar.

– Aqui? – desafiou Valerie. – E quem faria a cirurgia?

– Eu farei. *Sou* um cirurgião cardiovascular qualificado. E Orchard Valley tem uma das melhores unidades coronarianas do estado – respondeu Colby em tom tranquilizador.

– Eu não quero uma das melhores e sim a melhor! É do *meu* pai que estamos falando. – Valerie sabia que soava intolerante, até mesmo rude, mas a preocupação com o pai sobrepujava todas as demais considerações, incluindo a vergonha de ter subestimado o dr. Winston. Por que Norah não mencionou que o homem era um cirurgião cardiovascular? Ainda assim, não importava. O pai merecia o hospital melhor equipado e o especialista mais experiente das redondezas. – Se precisar de uma cirurgia, ele a fará, mas não aqui. Não quando há melhores hospitais e...

– Cirurgões mais experientes? – completou Colby.

Valerie enrijeceu o corpo, desejando evitar um confronto, mas sabendo que seria impossível.

– Exatamente.

– Fique à vontade para ouvir uma segunda opinião, Valerie. E também seria um prazer pô-la a par de minhas credenciais. – Valerie envolveu a cintura com os braços. O café da manhã parecia descansar como um peso morto

em seu estômago. E retomara a palavra. – Norah...

– Já mencionou a possibilidade da cirurgia de coração aberto para ela? – disparou Valerie, insatisfeita com o fato de ter conversado com a irmã primeiro.

Colby anuiu.

– Agora há pouco. Em sua ausência.

Aquilo feriu o orgulho. Afinal, era a irmã mais velha, a que deveria tomar as decisões, a mais forte.

– Se quiser falar com outro especialista, posso recomendar vários.

– Isso não será necessário – retrucou Valerie, tensa, sentindo-se como uma traidora. – Um amigo meu está providenciando o nome dos melhores cirurgiões cardíacos da Costa Oeste.

Um vácuo de silêncio seguiu aquelas palavras.

– Entendo.

Valerie relanceou o olhar na direção dele, surpresa por não captar nenhum ressentimento na voz do médico.

– Isso não significa que não apreciamos tudo que fez.

– Ela se apressou em explicar. – Norah me disse várias vezes que, se não fosse por você, teríamos perdido papai naquela primeira noite. Não pode imaginar como sou grata, mas quero que tudo esteja a favor de papai, e se isso significar trazer outro cirurgião até aqui, eu o farei.

As palavras fervorosas de Valerie foram correspondidas com um sorriso frio, mas não antipático.

– Se David fosse meu pai, faria o mesmo. Não se preocupe, não me ofendeu.

Valerie se descobriu tão aliviada que quase colapsou sobre o sofá.

– Diga o nome de quem quer trazer e será um prazer conversar com ele.

– Obrigada – sussurrou. – Papai e Norah têm razão – acrescentou quase para si mesma.

– Sobre o quê? – perguntou Colby a caminho da porta.

Valerie ergueu o olhar ao perceber que a escutara.

– Você é mesmo maravilhoso.

Os olhares dos dois se encontraram e, naqueles poucos segundos uma estranha compreensão se passou entre eles. Não era um olhar que amantes trocariam, pensou Valerie, mas que amigos íntimos compartilhariam.

Norah retornou de sua visita de cinco minutos, pálida e estressada. Sentou-se lentamente no sofá, com as mãos unidas.

– Papai não está passando bem esta manhã? – Valerie questionou.

Norah anuiu.

– Ele está tão fraco... falando sobre morrer e... – Ela fez uma pausa. Os olhos azuis, vítreos pelas lágrimas.

– Ele não vai morrer – afirmou Valerie com veemência, cerrando os punhos nas laterais do corpo. Recusava-se a deixar o pai morrer.

– Ele preferia que Steff e eu estivéssemos casadas, mas isso não pode ser providenciado agora – disse. Pediu perdão por não estar por perto para brincar com os netos, mas...

– Norah – Valerie a advertiu com brusquidão. – Você não deu ouvidos àquelas bobagens, certo? Não podemos permitir que fale isso.

– Ele parece achar que você deveria se casar com o dr. Winston.

Valerie franziu a testa.

– Foi o que ouvi dizer. Isso só serve para mostrar o quanto os pensamentos de papai estão confusos. Se alguém tivesse de se casar com Colby Winston, esse alguém seria você.

Norah baixou o olhar e uma graciosa tonalidade rosa coloriu as bochechas do rosto.

– Todas as funcionárias deste hospital estão apaixonadas pelo dr. Winston. Até mesmo as casadas

têm uma queda por ele. É um homem tão forte e, ainda assim, gentil e afetuoso. Eu... eu não sei o que teria feito nos últimos dias sem Colby.

– Você gosta mesmo dele, certo? – perguntou Valerie lutando contra um inesperado desapontamento.

– Não estou apaixonada por ele... não. Admiro Colby como todo o mundo. Se tivesse me convidado para sair, não pensaria duas vezes, mas isso jamais aconteceu.

Valerie tinha certeza de que a irmã teria aceitado. Começou a caminhar de um lado para o outro da sala, imaginando o que suscitara aquela repentina necessidade de se movimentar... se o aparente desejo de morrer do pai ou os sentimentos de Norah por Colby Winston.

– Estive tomando certas providências esta manhã – disse, sem sustentar o olhar da irmã. – Pedi a Rowdy Cassidy que conseguisse o nome do melhor cirurgião cardiovascular da Costa Oeste. Papai precisa do melhor tratamento...

A cabeça de Norah se ergueu com um movimento brusco.

– Você o quê?

– Ouça, se estiver preocupada se ofendi Colby, nós dois já conversamos sobre isso, e ele concorda que devemos ouvir uma segunda opinião.

– Mas Colby é professor da Portland University. É o melhor que existe!

– Para Orchard Valley. – Disso Valerie tinha certeza, mas havia um mundo inteiro do qual Norah nada ou pouco sabia. Todo o universo da irmã girava em torno de Orchard Valley e do pomar de maçãs de 500 acres da família a 16 quilômetros da cidade.

– Colby é um dos melhores cirurgiões cardiovasculares do estado. – Norah não se esforçou em disfarçar a irritação. – Tem noção do que fez? – perguntou. –

Acabou de insultar um dos maiores...

– Não o insultei – insistiu Valerie interrompendo o discurso da irmã. – Tenho certeza disso. Além do mais, você nem ao menos disse que era cirurgião cardiovascular... Pensei que Colby era apenas um médico de família. E mesmo que seja considerado bom aqui em Orchard Valley, papai precisa do melhor que estiver disponível em todo o país. Não deveria estar se preocupando com os problemas dele em vez de se incomodar em ofender seu namorado médico?

Os olhos de Norah se arregalaram pelo choque e a dor. Ela se ergueu do sofá sem dizer uma palavra e saiu da sala, deixando Valerie atolada em remorsos. Não quisera ser rude com a irmã, nem soar arrogante. Referir-se a Colby como namorado de Norah fora uma atitude infantil e mesquinha que provava o quanto seus nervos estavam em frangalhos.

Uma hora se passou e Valerie desceu apressada até o saguão para discar o número do telefone celular de Rowdy.

– É Valerie – disse ofegante quando o patrão atendeu a ligação.

– Ouça, você está com sorte. Há um extraordinário cirurgião cardiovascular trabalhando na Portland University. Ao que parece, desenvolveu uma técnica cirúrgica inovadora. Conversei com três dos mais renomados cardiologistas do país e todos o recomendaram com grande entusiasmo.

– Ótimo. – Valerie vasculhou a bolsa até encontrar uma caneta e um bloco, que posicionou contra a parede do saguão. – Pode dizer.

– O nome dele é dr. Colby Winston.

Valerie deixou pender o braço.

– Dr. Colby Winston – repetiu.

– Tenho o telefone dele aqui.

– Obrigada, Rowdy – disse. O orgulho e a vergonha apertando a garganta como duas garras. – Mas já tenho o número.

Estava fora de casa há apenas 24 horas e já conseguira se indispor com a irmã, insultar um amigo da família e ao mesmo tempo ofender um médico renomado.

– Que maravilha, Valerie! – resmungou para si mesma. – As coisas poderiam se tornar piores?

CAPÍTULO 3

— STEFFIE? – Os olhos de David Bloomfield adejaram até abrir e pousar em Valerie.

– Ela chegará o mais rápido que puder – garantiu. Estavam no fim da tarde e durante cada preciosa visita daquele dia, o pai estivera adormecido. A atividade cardíaca expressa no monitor.

Como a voz dele soava fraca!, pensou. Era como se a morte estivesse batendo à porta. O próprio coração de Valerie se encontrava agitado com a preocupação e o pavor. Queria gritar para ele lutar, resistir...

Mas Valerie sabia que aquilo não era tão fácil ou simples. Nos últimos dois dias, aprendera mais sobre o funcionamento do coração do que jamais imaginara. E de várias formas... Aprendera que o coração simbólico se expandia com as tristezas bem como com as alegrias do amor. E o coração físico estava sujeito às suas próprias tensões e riscos.

Colby se esforçara para fazer a explicação parecer menos complicada possível. Simplificando, o pai era vítima de uma falência cardíaca. O coração estava bombeando sangue com menos eficiência do que deveria. A perda de força muscular resultava em vasos sanguíneos distendidos, que deixavam vaziar sangue para os pulmões, o que interferia na respiração. A cada hora se tornava mais fraco e mais próximo da morte.

– Não... consigo aguentar tanto tempo.

– Claro que consegue – insistiu Valerie protestando contra o desânimo e a derrota. – Viverá por tempo suficiente para se tornar um fardo para suas filhas. Não foi isso que sempre disse? Ainda tem muitos anos pela frente. Anos felizes, com a casa repleta de crianças.

O pai conseguiu produzir um breve sorriso.

– Vá para casa, querida – sussurrou. – Ainda nem a visitou desde que chegou.

– Não há nada para mim naquele lugar sem você. – Valerie roçou o polegar contra o dorso da mão frágil, evitando a agulha intravenosa. – Fique bom, papai. Todas nós precisamos de você.

Os olhos de David adejaram até se fechar e aquela necessidade opressora de ceder à fraqueza das lágrimas quase a sufocou. Valerie piscou com força, esforçando-se para não chorar e conseguindo apesar do enorme bolo na garganta.

Quando Colby entrou no boxe, minutos depois, ficou satisfeita pelo semblante composto que estampara no rosto. Ele leu algo na prancheta pendurada na extremidade do leito, onde constava o progresso do pai e fez uma breve anotação.

– Agora dormirá – disse, guiando-a para fora do boxe.

– O que está acontecendo? – perguntou Valerie, assim que saíram da Unidade Coronariana. – Por que está mais fraco que antes? É como se estivéssemos vendo a vida dele se apagar. Você pode fazer alguma coisa? – Ela percebeu a nota de histeria na própria voz, mas não se importou. Talvez estivesse sendo egoísta desejando que o pai vivesse quando claramente não queria continuar neste mundo. Mas o amava desesperadamente. *Precisava dele*, assim como Steffie e Norah.

– Estamos fazendo todo o possível – assegurou Colby.

– Eu sei, mas não está sendo suficiente.

– Valerie, acredite, também amo aquele velho

excêntrico. Não quero perdê-lo. – Ele guiou o caminho até o elevador. – Venha, deixe-me lhe pagar um jantar. – Quando Valerie declinou, acrescentou: – Bem, ao menos uma xícara de café.

Embora tentada a lembrá-lo de que havia uma garrafa de café na sala de espera, hesitou. Colby tinha razão. Precisava de um descanso, mesmo que de dez minutos na cafeteria do hospital.

Os dois desceram pelo elevador até o andar térreo e penetraram no salão amplo e aberto, que se encontrava quase vazio no momento. Colby pegou uma bandeja e a deslizou pelo balcão, recolhendo uma salada verde, um sanduíche de peito de peru embrulhado em papel celofane e café. Valerie inspecionou a salada de queijo cottage com abacaxi, mas acabou por pegar uma garrafa de suco de cranberry. Não estava com nenhum apetite, embora não tivesse comido quase nada nos últimos dias.

Colby retirou a carteira do bolso e pagou a conta. Em seguida, carregou a bandeja até uma mesa nos fundos do salão, próxima à janela.

O fato de ter escolhido uma mesa distante das que estavam ocupadas fez o coração de Valerie bater com renovada ansiedade. Colby a trouxera ali para que encarasse o inevitável.

– Vou perder meu pai, certo? – perguntou sem rodeios, determinada a enfrentar a verdade de peito aberto.

Colby ergueu os olhos escuros repletos de surpresa.

– Não se puder evitar. O que a fez pensar assim?

Valerie se deixou pender para trás, contra o encosto da cadeira, tão aliviada que foi tudo que pôde fazer para não ceder a um pranto convulsivo.

– Pensei que me trouxe até aqui para isso... que era essa notícia que prendia dar. – Com as mãos trêmulas, pegou a garrafa de suco e removeu a tampa.

– Não o perderá. – Ele falava com tanta convicção que a fez perceber que estava tão determinado quanto ela a manter David vivo.

– Há quanto tempo conhece meu pai? – perguntou Valerie, inclinando-se para a frente e descansando os cotovelos sobre a mesa.

– Há alguns anos.

Valerie recordava vagamente ter ouvido o nome de Colby ser mencionado uma ou duas vezes, mas não conseguia se lembrar de quando ou por que razão. Com a atribulada agenda de trabalho, conseguia vir para casa apenas esporadicamente. Sua última visita fora há quase seis meses, embora telefonasse semanalmente.

– Nós nos conhecemos logo depois da morte de sua mãe – explicou Colby. – Seu pai fez uma generosa doação ao hospital em nome dela.

Valerie sabia que a contribuição de David fora generosa o suficiente para que o hospital pudesse iniciar as obras da nova ala. A ironia da situação a atingiu pela primeira vez e a fez inspirar profunda e dolorosamente. A nova ala compreendia a Unidade Coronariana.

– Por falar nisso – disse, sentindo-se obrigada a se desculpar ou ao menos reconhecer a reputação de Colby. – Percebo que estava, uh, enganada, mais cedo, sobre o que presumi sobre suas credenciais. Peço desculpas por isso.

– Não se preocupe. – Ele deu de ombros. – Isso acontece o tempo todo. Mas voltando ao assunto do seu pai... ele e eu jogamos xadrez uma vez por semana.

– Alguma vez conseguiu vencê-lo?

Colby sorriu.

– De vez em quando, mas não com muita frequência.

Valerie também sabia jogar xadrez muito bem, o que não era nenhuma surpresa já que fora o pai que a ensinara a jogar. Talvez um dia, quando tudo aquilo

estivesse terminado, desafiasse Colby para uma partida. Era estranho a facilidade com que presumia que os dois iriam continuar a se verem...

– Ele tem muito orgulho de você – disse Colby em tom casual, enquanto desembulhava o sanduíche.

Valerie suprimiu uma repentina vontade de soltar uma risadinha.

– Então... havia mencionado meu nome *antes* de ter o enfarte.

– A cada oportunidade que tinha. – Colby franziu a testa ao dizer aquilo. Estava, sem dúvida, constrangido com aquele assunto.

Valerie se recostou para trás e cruzou os braços se divertindo.

– Em outras palavras, a preocupação de papai em nos unir não é algo recente.

Colby fez uma pausa, desviando o olhar.

– Vamos colocar a coisa dessa forma: seu pai não era tão ostensivo quanto nos últimos dias.

– Deveria estar curioso sobre mim.

– Um pouco.

– E? – perguntou. – O que achou? – Colby ergueu os ombros, como se quisesse dizer que não o impressionara. Ou queria deixar claro que não o desapontara? – Isso não está me dizendo nada – protestou Valerie.

– Você é tudo que seu pai disse e mais alguma coisa – resmungou, esperando satisfazê-la e ao mesmo tempo colocar um ponto final naquela conversa.

Valerie sabia que era pura vaidade se sentir tão lisonjeada. Ainda assim, embora fosse possível que Colby tivesse feito o comentário com a intenção de elogiá-la, não conseguia captar nenhum traço de admiração naqueles olhos negros.

Se o dr. Colby Winston se sentia atraído, conseguia esconder muito bem. Detestava admitir o quanto aquilo

feria o orgulho. A verdade era que queria que Colby estivesse fascinado com ela. Desejava que se sentisse enfeitiçado, encantado, impressionado... assim como se sentia em relação àquele quase desconhecido. Porque, embora contra a vontade, apesar do início atabalhado que tiveram, a despeito da perspectiva de um relacionamento com Rowdy Cassidy, não conseguia tirar Colby de sua mente.

De uma forma estritamente objetiva, Valerie sabia que era elegante e atraente. Não importava o que o pai tivesse dito sobre seu cabelo, estava cortado em um estilo moderno, um exuberante entranhado de cachos avermelhados que evidenciavam os ossos malares e os incomuns olhos cinza-esverdeados. Aqueles olhos eram seu ponto alto no departamento da beleza, embora os lábios também costumassem chamar atenção.

Ser alta – tinha quase 1,76m – era um toque a mais. Norah tinha menos de 1,60m e o mundo inteiro parecia assomar acima da irmã. Quando Valerie usava sapatos de salto alto, não havia nenhum homem em seu círculo de conhecidos cujos olhos não ficassem no mesmo nível dos seus. O que ela considerava vantajoso.

– Não gosta de mim, certo? – perguntou, sem rodeios.

A pergunta o pegou de surpresa e Colby não respondeu de imediato.

– Não desgosto de você – retrucou, por fim.

– Eu o deixo nervoso?

– Não.

– Então o que é? – insistiu Valerie. – Não se preocupe. Não estou planejando me apaixonar por você. Como disse antes, há alguém no horizonte. Estou apenas... curiosa.

– Sobre o quê?

– Sobre o que acha de mim.

Colby comprimiu os lábios, e ela percebeu que aquele

homem não estava acostumado a mulheres diretas como ela. A maioria não estava. Valerie não era afeita a insinuações ou sutilezas. A menor distância entre dois pontos era uma linha reta. Aprendera isso nas aulas de geometria no colegial e levava isso para a própria vida.

– Acho que é muito boa no que faz.

Colby estava evitando sua pergunta e fazendo isso com relativa competência, mas não era tola.

– Que significa? – pressionou.

– Triunfar em um campo dominado pelos homens.

– Está querendo dizer que sacrifiquei minha feminilidade? – Valerie não pôde evitar uma pontada de sarcasmo.

Os lábios de Colby se comprimiram outra vez.

– Também é boa em colocar palavras na boca dos outros, certo?

– Às vezes – concordou. – Mas apenas quando serve aos meus propósitos.

– Sem dúvida.

– Não sabe ao certo como se sente em relação a mim, não é isso?

– Pelo contrário, soube no instante em que nos conhecemos.

Valerie ergueu uma das sobrancelhas, esperando que concluísse.

– E então? – perguntou quando Colby permaneceu calado.

– É brilhante e atraente.

– Obrigada. – Não era aquilo que Valerie esperava escutar. Colby não revelara nenhuma emoção em relação a ela. Jamais conhecera um homem que fosse tão... Procurou pela palavra certa. *Sério*, decidiu. *Estoico*. Ele parecia se fechar sempre que se encontrava perto dela, quase como se sentisse a necessidade de se proteger.

Valerie sabia que podia ser dominadora e obstinada, mas não era fria ou grosseira. Apenas direita.

Os dois eram semelhantes naquele aspecto, ambos profissionais sensatos e experientes. Um ponto em comum entre os dois, embora parecesse determinado a ignorar tais similaridades.

Colby fora gentil, lembrou a si mesma, mas tinha a impressão de que aquele médico teria agido da mesma maneira compassiva com qualquer outra pessoa. Ela entendia isso, até admirava.

Então, por que procurava algo que não existia?

Valerie se repreendeu mentalmente.

– Muito bem, dr. Winston – começou em tom de voz brusco. – Conte sobre meu pai.

NORAH ESTAVA adormecida sobre o sofá quando Valerie retornou da cafeteria. Estendeu o lençol sobre a irmã, imaginando por que não voltara para casa. A caçula se remexeu e abriu os olhos lentamente.

– Olá, Bela Adormecida – disse Valerie, com um sorriso terno.

– Onde você estava? – perguntou Norah, mudando para a posição sentada e afastando o cabelo desgrehado do rosto. E então Valerie percebeu que os olhos azuleiros estavam inchados, como se tivesse chorado recentemente.

– Na cafeteria, com Colby.

Norah piscou várias vezes, parecendo um pouco surpresa.

– Ele ainda não havia jantado e me convidou, para que pudéssemos conversar.

– Estou me sentindo mal sobre o que aconteceu esta manhã – disse Norah. – Estava chateada por causa de papai e zangada com você por agir pelas costas de Colby. Mas depois percebi que deveria tê-la colocado a

par das coisas... quero dizer, contar sobre as qualificações dele. – Deixou escapar um suspiro. – Fiquei chateada por você não ter falado comigo antes de agir.

– Se tivesse feito isso, talvez tivesse me poupado de um grande problema – concordou Valerie. – Não se preocupe com isso, irmã. Eu também ficaria aborrecida.

– Se há um momento em que temos de estar unidas, é este. Não podemos permitir que um pequeno desentendimento se interponha entre nós.

Valerie anuiu. Norah parecia tão pequena e perdida! Ela cruzou o aposento, sentou-se ao lado da irmã e envolveu os ombros com um braço.

– Gostaria que Steffie estivesse aqui – resmungou a caçula.

Valerie concordava, mas em alguns aspectos, era melhor que a outra irmã ainda não tivesse chegado. A ausência da terceira filha talvez fosse a única razão pela qual o pai se mantinha vivo.

– O que você e Colby conversaram? – perguntou Norah pousando a cabeça no ombro de Valerie.

– Sobre o papai e o que vai acontecer.

– Colby sabe?

– Não, mas parece que talvez não tenha a opção de esperar os pulmões de papai descongestionem para realizar a cirurgia de coração aberto.

– Mas as chances de sobrevivência dele serão quase nulas, se Colby fizer isso agora!

Valerie sentira o mesmo medo quando descrevera o procedimento. Colby desenhara um detalhado diagrama em um guardanapo de papel e respondera a uma enxurrada de perguntas que fizera. Embora fosse uma cirurgia de risco, parecia ser a única alternativa disponível. Valerie entendera e aceitara a argumentação de Colby, embora as chances do pai fossem mínimas. Rezara para que a cirurgia fosse adiada, mas a cada hora

aquilo parecia menos promissor. – As chances de sobrevivência de papai serão muito maiores com a operação – lembrou ela à irmã. – Ainda assim, disse que adiaría o máximo que pudesse.

– Sim, mas... Ah, Val, é tão assustador pensar em como seriam nossas vidas sem papai!

– Eu sei. – Valerie acariciou o cabelo da irmã, oferecendo tranquilidade e conforto.

– Colby não é maravilhoso? – perguntou Norah depois de algum tempo. Valerie sorriu em seu íntimo e, em seguida, anuiu. Ele faria a cirurgia e, apesar de todos os riscos, parecia a solução mais lógica. Pela primeira vez desde que chegara, sentia-se esperançosa em relação às chances do pai. Valerie se agarrou àquela minguada esperança com as duas mãos. Colby fora paciente, respondera a todas as suas perguntas, dando esperança e tranquilidade quando as havia perdido. – Agora pode entender por que todos gostam tanto dele? – perguntou a irmã com voz suave.

– Sim. – Valerie o atormentara deliberadamente, determinada a descobrir o que Colby sentia em relação a ela. Procurara por algum tipo de reação, algum sinal, mas ele não deixara transparecer nada.

Quanto mais reservado o dr. Winston se mostrava, mais desafiador se tornava para Valerie. Mesmo quando o pressionara, Colby não demonstrara qualquer emoção. Ainda assim, não conseguia afastar a convicção de que aquele era um homem de sentimentos profundos... e fortes paixões.

COLBY ESTAVA sorrindo. Estivera sorrindo desde que deixara o hospital. Não sabia dizer o que o fizera convidar Valerie a acompanhá-lo à cafeteria, mas suspeitava de que o motivo fosse... bem, porque gostava da companhia daquela mulher. Jamais conhecera

alguém tão disposto a falar sobre os próprios sentimentos. Era direta, sincera e, acima de tudo, interessante. Não que achasse Sherry e, até mesmo, Norah, entediantes. Gostava da companhia de Valerie em um sentido diverso.

Contudo, a filha mais velha de David o mantinha em alerta. Ela não se deixava enganar pelas aparências. Em vez disso, desafiava e confrontava até que estivesse satisfeita. Colby achava aquilo admirável. Na verdade a achava admirável. Mas aquilo não era tudo. Lá estava uma mulher pela qual corria o risco de se apaixonar.

Aquilo era um absurdo, disse a si mesmo. Estava trabalhando muitas horas sem um descanso de fato. Prestara mais atenção do que devia ao que David Bloomfield dizia. Nunca poderia haver nada entre ele e Valerie. Não era o tipo de mulher de que precisava. Não apenas isso. Ela nunca se contentaria em voltar a viver em Orchard Valley.

Sabia disso tão bem quanto Valerie.

NA MANHÃ seguinte, com Norah no hospital, Valerie se sentiu à vontade para sair dali pela primeira vez desde que chegara de Nova York. Precisava desesperadamente trocar de roupa. Ainda estava trajando o terninho de trabalho que usava quando recebera a mensagem de Norah há dois... não, há três dias.

Dirigiu até a casa da família, pela estrada de 1,5km que levava à casa estilo colonial. Deteve-se por um instante, relanceando o olhar às centenas de fileiras perfeitas de macieiras, todas em fragrante floração. Em seguida, levou a frasqueira até seu antigo quarto, no andar de cima, tomou um banho e vestiu um jeans e um suéter azul claro.

Quando retornou ao hospital se sentia centenas de vezes melhor. Norah ainda estava dormindo, enroscada

no sofá, com os joelhos encostados ao queixo. Era tão loira e delicada que Valerie não pôde evitar a lembrança quase sufocante da mãe. Ela estacou abruptamente. As palavras de saudação congelando na garganta enquanto girava na direção do corredor.

Em silêncio, lutou contra as lágrimas. Mal conseguira se recompor antes de avistar Colby, que caminhava determinado pelo corredor, vindo direto ao encontro dela.

– Tem um momento? – perguntou ele com semblante sério.

– Claro – respondeu Valerie, confusa com a óbvia tensão do médico. – Algo errado com papai?

– Não. Isto é entre mim e você. – Colby parecia de fato zangado. Até mesmo furioso, embora não tivesse elevado o tom de voz. Aquela era a maior emoção que percebera nele.

Colby se encaminhou com passos decididos na direção do elevador, com Valerie em seu encalço e, em seguida, seguiu por uma passagem estreita na entrada dos fundos do hospital que dava para o estacionamento dos funcionários.

Encontrava-se a vários metros de distância dela.

– Para onde estamos indo? – perguntou Valerie. As passadas de Colby eram muito rápidas para conseguir alcançá-lo.

– Lá para fora.

– Caso não tenha notado, já estamos aqui fora.

– Não quero que ninguém nos escute.

– Escute o quê? – Valerie praticamente guinchou, à medida que perdia a paciência.

Colby girou e a confrontou.

– Quero saber o que disse ao seu pai.

Valerie se viu ainda mais confusa.

– Sobre o quê?

– Nós. – Uma única palavra repleta de raiva, desdém e aversão.

Bem, bastava de achar que Colby Winston sentia alguma atração por ela.

– Nós? – repetiu. – Não seja ridículo. Não existe nenhum “nós”.

– É isso que quis dizer – rebateu Colby. – Talvez possa me dizer por que, de repente, seu pai está anunciando que você está se apaixonando por mim e que espera que eu tome alguma atitude nesse sentido.

– Ele o quê? – explodiu Valerie.

– Você me escutou. O que, em nome de Deus, disse a ele?

– Nada. – Exceto em um dos momentos em que o estivera visitando na noite anterior, enquanto ele dormia. Ao menos os olhos do pai estavam fechados e a respiração fraca, porém cadenciada.

– Ele sabia que conversamos na cafeteria – informou Colby em tom de voz frio.

– Sabia?

– Ele mesmo mencionou isso.

– Talvez Norah...

– Norah, coisa nenhuma. Ele recebeu essa informação direto da fonte. Isso é muito mais.

Valerie franziu a testa, baixando o olhar ao chão em um esforço para se lembrar.

– Valerie!

– Eu... achei que estivesse dormindo.

– O que você disse? – Colby exigiu saber pela segunda vez.

Agora ela se encontrava aturdida, o que raramente acontecia, e isso a enraiveceu ainda mais.

– Uh... apenas que conversamos outra noite e que eu...

– Continue – insistiu, com os músculos da mandíbula

contraídos.

– Eu... uh... tenho essa tendência de falar sem parar quando estou preocupada. Não me importo em confessar que a condição do meu pai está me deixando apavorada. Então, se papai estiver dormindo, como esteve quase todo o dia de hoje, sento-me ao lado dele e conto coisas em que estive pensando.

– Que me incluem?

Valerie anuiu, relutante. Não se lembrava de um momento em que se encontrasse tão envergonhada. As bochechas do rosto deviam estar escarlate.

– O que disse a ele? – perguntou Colby pela terceira vez. A voz estava calma e as feições, rígidas pela tensão.

Valerie fechou os olhos. Não conseguia se recordar de tudo que resmungara à cabeceira do pai, mas o que lembrava a fez se encolher. Tagarelara durante os cinco minutos da visita, dizendo tudo que vinha à mente e a maioria de seus pensamentos se relacionava a Colby. Nem por um segundo ocorrera que o pai estivesse acordado o suficiente para entender ao menos uma palavra do que dissera.

– Conteí o quanto estava impressionada com você – começou, hesitante. – Embora não o conheça bem, sinto uma força em você. Disse o quanto me sentia agradecida pelo que tem feito por ele, porque nos últimos dias tenho me sentido impotente. – Valerie arriscou um olhar na direção dele, mas a expressão de Colby era impassível. Sem saber o que fazer, prosseguiu. – Em todas as crises familiares há sempre uma pessoa que tem de se mostrar mais forte, na qual todos buscam suporte. Sou a filha mais velha e me sinto responsável pelas outras. Mas quando vi meu pai aquela primeira vez, eu simplesmente... não consegui suportar. É ainda mais difícil para Norah. Percebi que o mais forte em toda esta situação é você. Disse isso a papai... além de outras

coisas.

– Que outras coisas?

Aquilo não estava melhorando em nada.

– Que eu... me sentia atraída por você. Não fisicamente. – Valerie se apressou em esclarecer, ciente de que estava mentindo. – Estou atraída pelo equilíbrio emocional que sinto em você. Apenas não expliquei isso para papai, porque pensei que não estivesse me ouvindo. Isso foi tão grave assim? – perguntou, quando Colby permaneceu em silêncio.

– Não – admitiu por fim, com voz rouca.

– O que papai disse a você? – perguntou, curiosa.

O olhar de Colby tocou o dela e se desviou.

– Que você estava completamente apaixonada por mim. Com essas palavras.

– O quê? – perguntou Valerie incrédula. – Não é de se admirar que esteja tão aborrecido!

– Aborrecido não é a palavra certa. Estou preocupado em como isso afetará a recuperação de David, principalmente porque agora parece ter todos os tipos de expectativas... com as quais se desapontará. Um dia, perceberá que não quero me casar com uma mulher do seu tipo.

– Acredite, dr. Winston, não há nada com que se preocupar – murmurou Valerie, agora aborrecida. – Se *um dia* me apaixonasse, seria por um homem um pouco mais sensível ao meu orgulho.

– Peço desculpas – retrucou, dando de ombros em um gesto de indiferença. – Infelizmente, seu pai supervalorizou seus... comentários. Acho que terá de dizer alguma coisa a ele.

– Eu?

– Foi você quem causou tudo isso.

– Por que não deixamos o assunto morrer? Amanhã, terá esquecido tudo o que disse.

– É pouco provável – retrucou Colby em tom de voz severo. – Ele me pediu que levasse um padre à Unidade Coronariana para nos casar à beira de seu leito.

Valerie não conseguiu conter uma risada explosiva. Era como se tivesse se libertado de toda a tensão, toda a espera e frustração. Ela riu até que lágrimas escorressem pelo rosto e, ainda assim, não conseguiu parar. Com a mão sobre o peito, limpou a umidade do rosto.

– Colby, querido – disse entre risadinhas. – O que devo usar para a cerimônia? – Ao que parecia, não achara graça nenhuma. – Quero ter filhos, claro – contou, quando conseguiu parar de rir. – Nove ou dez e batizarei os pequenos queridos com seu nome. Serão como pequenos queijos correndo ao redor de nosso lar, doce lar: cheddar, parmesão e...

– Não tenho nenhuma intenção de me casar com você.

– Agora, mas tudo isso mudará. – Valerie se divertia o provocando e a risada era uma libertação bem-vinda após toda a tensão dos últimos dias.

– Não está falando sério, certo?

Valerie inspirou profundamente.

– Se quiser que eu diga alguma coisa a papai, então direi.

– Acho que seria melhor.

– Não sou assim tão ruim – Valerie se viu obrigada a esclarecer. Ficara desapontada com a reação de Colby, embora nunca fosse admitir aquilo. Não precisava viajar metade do país para fazer papel de boba diante de um homem!

– Não temos nada em comum e não deveríamos fingir que temos – disse.

– Bem, mas...

– É melhor pararmos por aqui.

A atitude de Colby a magoou.

– Está bem. Também não estou interessada em você –

resmungou. Sem dizer mais nada, Valerie girou e saiu pisando duro na direção do hospital.

Aquele homem era audacioso. Fizera um relacionamento entre os dois parecer tão atraente quanto um... porco espinho! Agia como se tivesse feito aquilo de propósito, o que a deixara ressentida.

Norah estava acordada quando retornou à sala de espera. A irmã mais nova ergueu o olhar e sorriu, enquanto Valerie entrava e começava a caminhar de um lado para o outro.

– O que houve de errado? – perguntou Norah servindo-se de uma xícara de café. Gesticulou na direção da garrafa, mas Valerie negou com um gesto de cabeça.

– Reparou no quanto Colby Winston pode ser obstinado e arrogante? – perguntou, ainda caminhando furiosa pela sala.

– O dr. Winston? – repetiu Norah. – Nem um pouco. Nunca o vi ser rude, mesmo quando alguém merece.

Em um gesto impaciente, Valerie arregaçou as mangas do suéter até acima dos cotovelos.

– Acho que nunca conheci um homem que me irritasse mais.

– Acho que gostou dele.

– Também pensei que sim – retrucou, com semblante fechado.

– Steffie telefonou – informou Norah, cortando a irritação de Valerie com tanta eficiência quanto se tivesse acionado o interruptor de luz. – Ela entrou em contato com o posto de enfermagem daqui, quando não conseguiu nos contatar em casa ou nos celulares.

– Onde ela está? – perguntou Valerie. – A greve de transportes acabou?

– Não – respondeu Norah. – Ainda está presa naquele lugarejo. Se estivesse em alguma das metrópoles, não teria tanta dificuldade. Perguntou sobre o estado de

papai e eu disse que tudo estava na mesma. Ela parecia estar quase chorando.

– Pobre Steffie!

– Ela disse que daria tudo que possui para encontrar um caminho de volta para casa. – Norah suspirou. – Acho que se aquela situação não mudar, Steff acabará transpondo os Alpes a pé.

A irmã seria capaz de fazer isso. Valerie não duvidava nem por um segundo.

– Estive com papai mais cedo – disse Norah mudando de assunto mais uma vez. – Está mais desperto que antes.

Valerie franziu a testa, ciente da razão. Seu pai querido e manipulador parecia achar que estava prestes a realizar seu desejo. Mal sabia que não tinha nenhuma intenção de se casar com o dr. Colby Winston. Ou que o médico em questão também não estava nem um pouco interessado nela.

CAPÍTULO 4

O ESTADO de David Bloomfield não sofreu nenhuma alteração durante o dia que se seguiu. Valerie teve vislumbres intermitentes de Colby. Ele passou a maior parte da tarde em cirurgia e, ainda trajado com o uniforme cirúrgico, apareceu no fim da tarde para verificar como estava David. Por acaso, Valerie estava ao lado do pai naquele momento e percebeu a fadiga estampada nos belos traços do rosto do cirurgião. Sem dizer nada ao pai, seguiu Colby para fora do boxe.

– Que tal uma xícara de café? – sugeriu Valerie e, quando ele hesitou, acrescentou em tom de voz leve. – Pensei que gostaria de saber como consegui evitar a vinda do padre.

Colby sorriu e esfregou o dorso de uma das mãos sobre os olhos.

– Está bem – disse, relanceando o olhar ao relógio de punho. – Espere 15 minutos e a encontrarei na cafeteria.

Valerie se encaminhou ao térreo, com a maleta de trabalho e o laptop. Naquela tarde, fizera com que sua assistente enviasse por e-mail o conteúdo de vários arquivos. Embora tivesse de se ausentar do escritório enquanto o pai estivesse doente, ainda havia questões que necessitavam de sua atenção. Passara uma boa parte da tarde respondendo e-mails. Trabalhar na sala de espera do hospital não era ideal, mas Valerie conseguira.

Encontrava-se sentada a uma das mesas da cafeteria,

lendo algumas anotações em seu laptop, quando Colby chegou. Enquanto ele puxava uma cadeira, ela empertigou a coluna, desligou o computador e o fechou.

Após uma saudação superficial, Colby esticou a mão para o açucareiro no centro da mesa e, de modo metódico, derramou uma colher de chá no café, mexendo-o vigorosamente.

– Quero pedir desculpas – começou.

As palavras a tomaram de assalto.

– Por quê?

– Passei dos limites, sendo grosseiro com você sobre a questão do casamento. Deveria ter percebido que seu pai estava exagerando o que você disse, seja o que for. Desforrei minha irritação em você.

Valerie dispensou o pedido de desculpas com um gesto de cabeça.

– É compreensível. No que me diz respeito, está tudo esquecido.

O olhar incrédulo de Colby encontrou o dela.

– Conversou com ele? – perguntou de modo abrupto.

Valerie anuiu, tentando esconder o próprio divertimento.

– Meu pobre pai ficou arrasado, ou pelo menos tentou me convencer de que estava. Mas... – Ela deixou escapar um suspiro teatral. – ... ele superará isso, assim como eu também. – Valerie adejou os cílios de modo melodramático.

Os olhos negros encontraram os dela e um sorriso lento curvou os lábios de Colby, enquanto relaxava um pouco.

– Ficou desapontada, certo?

– Oh, sim. Sempre sonhei com um casamento tradicional, vestida de branco... que combinasse com os lençóis do leito do hospital do meu pai. – Valerie sorriu e relaxou também, mais à vontade com ele agora. Ficara

furiosa, mas havia passado e tinha de admitir que de fato gostava daquele homem. Certamente o admirava.

Colby tomou um gole do café e mais uma vez ela notou as linhas de fadiga que vincavam as laterais dos olhos e da boca dele.

– Teve um dia difícil?

Colby anuiu.

– Perdi um paciente. Joanne Murphy. Ela morreu esta tarde, durante a cirurgia. Sabíamos que havia risco, mas... – Ele deu de ombros em um gesto pesaroso. – Não importa a frequência com que isso aconteça, nunca consegui me acostumar.

– Sinto muito. – A mão de Valerie cobriu a dele em um gesto amistoso e tranquilizador.

Os dedos longos se fecharam em torno dos dela, como se quisessem absorver o consolo oferecido. Diante da sensação daquela mão sobre a dela, Valerie experimentou um arrepio de felicidade e, o que era mais inexplicável, uma sensação de *perfeição*. Não tinha outra palavra para descrever aquilo. Ainda assim, quase que imediatamente, as dúvidas e incertezas inundaram sua mente. Eles eram amigos, nada mais, lembrou a si mesma. E amigos muito recentes, por sinal. Nenhum dos dois estava procurando nada além disso. Nenhum dos dois queria nada mais. No entanto, se aquele fosse de fato o caso, por que experimentava aquela pontada profunda de ansiedade? Por um momento impulsivo, Valerie desejou se atirar naqueles braços, recostar a cabeça ao ombro de Colby e imergir na força daquele homem, enquanto passava uma parte da sua para ele.

Por fim, decidiu que tinha que ignorar aquelas sensações incomuns. Retirou a mão, esperando que Colby não tivesse percebido o tremor.

– É melhor voltar antes que Norah fique imaginando onde estou – disse com firmeza. Valerie sabia que era o

tipo de mulher que precisava estar no controle, que analisava um problema por todos os ângulos e que trabalhava para encontrar a solução mais favorável. Porém, Colby Winston não era um problema a ser resolvido. Era um homem que a deixava vulnerável e confusa.

Valerie já estava de pé com a maleta em uma das mãos e o laptop na outra, quando Colby falou.

– Não vá... ainda. – A voz soou baixa e hesitante. Valerie o encarou, sem saber se ia ou ficava. – Oh, esqueça. – Colby fez um gesto negativo com a cabeça. Os olhos escuros de repente, reservados. – Na verdade, também tenho de ir. – Ele se ergueu, tomou vários goles do café e saiu da cafeteria, seguido de perto por Valerie.

– Colby. – Ela o fez estacar diante do elevador. – O que você não gosta em mim? – A pergunta escapou dos lábios antes que pudesse analisar a sensatez de fazê-la.

– Eu gosto de você – respondeu, franzindo a testa.

– Mas não gostaria de se casar com uma pessoa como eu?

– Não – concordou Colby com tranquilidade. – Não gostaria de me casar com uma pessoa como você.

– Por quê...? – Valerie não entendia por que continuava insistindo, por que era necessário entender os motivos de Colby. Tudo que reconhecia era um desejo premente em perguntar.

– Você tem um futuro brilhante pela frente – respondeu, sem sustentar o olhar. – Seu pai tem muito orgulho de suas conquistas e com razão. Admiro seu dinamismo, sua ambição e habilidade.

– Mas... – disse Valerie antes que o fizesse. Deveria haver um “mas” em algum lugar.

– Mas – repetiu Colby com a sombra de um sorriso – não estou interessado em me envolver com uma executiva promissora. Quando me comprometer com

uma mulher e com um relacionamento, quero que seja com alguém mais... tradicional. Alguém que considere fazer de nosso lar e filhos sua carreira.

– Entendo. – Colby era esperto o suficiente para saber que não era do tipo que iria se contentar em se sentar calmamente em frente a uma lareira e inventar uma história. Não, Valerie em breve descobriria como fazer dessa história uma superprodução, vendendo-a a um renomado estúdio de Hollywood. O mundo dos negócios estava em seu sangue, da mesma forma que a medicina corria nas veias de Colby.

– Não tenho intenção de ofendê-la – disse.

– Não me ofendeu – afirmou Valerie com sinceridade.

O elevador chegou, e ambos entraram. Ninguém disse nada, enquanto Colby acionava o botão do andar desejado. As portas se fecharam em silêncio.

Valerie desejou que não estivessem sozinhos. Parecia algo tão íntimo, tão particular, apenas os dois ali dentro.

– Ouça...

– Está tudo bem – disse, sorrindo. – Estou falando sério. Fui eu quem perguntou, certo? Sou assim. Foi sincero comigo e aprecio isso. É verdade que me sinto atraída por você, mas isso deve ser comum nas circunstâncias em que nos encontramos, já que você salvou a vida do meu pai e tudo mais. Estar atraída não significa que esteja apaixonada por você.

– Eu sei. É que... – Ele se calou, procurando o olhar de Valerie. – Oh, para o diabo! – murmurou. O tom de voz tão baixo que teve de apurar os ouvidos para escutá-lo. No segundo seguinte, as mãos longas seguravam os ombros com firmeza, e ele a puxava contra o corpo. Os lábios encontrando os dela sem intenção consciente. Valerie o correspondeu, sem o constrangimento que sentia com outros homens. O beijo era igual ao homem. Quente, deliberado, devastador.

Valerie ouviu um gemido emergir do fundo de sua garganta.

A cabeça de Colby girou, agitada, antes de a soltar. Ele baixou os braços, parecendo completamente chocado. Ela não sabia dizer o que mais o perturbava. Se o fato de tê-la beijado ou se de ter gostado.

– Valerie, eu... – O nome saiu em um sussurro.

Mas naquele instante, as portas do elevador se abriram e Colby lançou um olhar acusatório à enfermeira que entrou. Segurando a mão de Valerie, ele a puxou para fora do elevador, antes que as portas voltassem a se fechar.

– Esta não é a Unidade Coronariana – protestou, olhando ao redor. Deus do céu! Encontravam-se no andar da maternidade. Ao fim do corredor uma fileira de recém-nascidos estava exposta por trás de um painel de vidro.

Mas Colby não deu a chance de olhar de perto. Ainda segurando a mão, ele a guiou à escada. Segurou a porta e em seguida a soltou, disparando pelos degraus. No meio lance de escada, percebeu que não estava mais a seu lado e girou, impaciente.

– Colby – protestou Valerie. – Se você quiser fazer exercício na escada, tudo bem, mas está em melhor condição física que eu. Trabalho sentada na maior parte do dia, lembra?

– Não tive intenção de fazer isso.

– O quê? Subir a escada correndo?

– Não. De beijá-la!

– Foi ótimo para um beijo – retrucou, ofegante pelo esforço. – Mas não se preocupe. Não precisará se casar comigo por causa de um simples beijo. – A única forma que poderia lidar com aquela experiência era negando como aquele beijo a afetara, afastando aqueles sentimentos desconhecidos e indesejados. Valerie

suspeitava de que ele também se sentia da mesma forma.

– Nosso beijo pode ter sido muitas coisas, mas simples não foi uma delas – resmungou.

– Está se preocupando muito com algo que não tem tanta importância. – Os olhos escuros tinham uma expressão tão questionadora que a obrigou a prosseguir.

– Você está cansado e eu também – disse, inventando desculpas para os dois. – Estamos vivendo um momento de grande estresse. Você teve um dia longo e desencorajador, portanto baixou a guarda – prosseguiu. – O fato de eu o ter pressionado também não ajudou em nada. Você me beijou, mas isso não é o fim do mundo.

– Isso não vai se repetir – disse Colby com certeza. – O orgulho fez os ombros de Valerie enrijecerem. – Será melhor assim. – Colby tinha razão. Sua personalidade não se adequava a um homem como ele. O trabalho de um médico era desgastante tanto do ponto de vista emocional quanto físico. Não podia culpá-lo por estar procurando uma esposa capaz de fazer do lar um casulo aconchegante para recebê-lo. Uma casa repleta de conforto, amor e paz. Não seria justo criticá-lo por tal escolha. Desejava que tivesse sorte e estava determinada a varrer aquele beijo da mente.

NA TARDE seguinte, Valerie foi até o centro da cidade. As ruas de Orchard Valley a saudavam como amigos há muito perdidos. Sentiu-se animada com a visão das cestas repletas de flores que pendiam de cada poste de luz.

O relógio na parte externa do Wells Fargo Bank ainda estava dez minutos atrasado, mesmo depois de 30 anos. Quando estava com 13 anos, um relojoeiro de algum lugar do Oeste fora contratado para consertar o imponente e antigo relógio. O homem passara a maior

parte do dia trabalhando nele e declarou que solucionara o problema.

Dois dias depois que ele partiu, o relógio voltou a atrasar dez minutos e ninguém se deu o trabalho de consertá-lo outra vez, embora o reparo entrasse na pauta da agenda do conselho da cidade ao menos uma vez por ano.

O mastro vermelho e branco da barbearia, que girava incessantemente, proporcionava a mesma visão alegre de sempre. O sr. Stein, o barbeiro, sentado em uma de suas cadeiras de couro, lendo o *Orchard Valley Clarion*, aguardava o próximo cliente. Valerie passou em frente à loja e quando o homem olhou por sobre o jornal, sorriu e acenou. O barbeiro imitou os gestos.

A sensação de voltar para casa era pungente e elevava o espírito. Passou pela redação do jornal, duas portas depois da barbearia. Olhando pela janela, Valerie percebeu a atividade no interior, enquanto a equipe preparava a próxima edição do *Orchard Valley Clarion*. Alguns passos adiante, ouviu alguém a chamar.

Valerie girou para encontrar Charles Tomaselli, o editor do jornal, parado atrás dela.

– Olá. Estava imaginando quando iria encontrá-la. Com está seu pai?

– Na mesma – respondeu.

– Sinto muito por isso. – Charles enfiou as mãos nos bolsos da calça e se posicionou ao lado dela. – Ainda não vi Stephanie por aqui.

– Ela ainda está na Itália. – Embora Charles não deixasse transparecer seus sentimentos, Valerie sentiu a irritação em sua voz.

– Ela não é capaz de fazer o sacrifício de vir para casa nem quando o pai está doente? Pensei que desejasse estar ao lado dele.

– Ela está fazendo todo o possível – respondeu Valerie

defendendo a irmã. – Mas está presa em uma cidade pequena, a centenas de quilômetros de Roma, por causa de uma greve geral dos transportes. Mas se houver uma forma de escapar de lá, Steffie a encontrará.

Charles anuiu, e Valerie teve a estranha impressão que se arrependera de ter mencionado Steffie.

– Se tiver oportunidade pode dizer algo a seu pai por mim?

– Claro.

– Diga que o comissário O'Dell me telefonou após a publicação do artigo sobre a questão do trabalho agrícola. Isso o deixará animado.

– A questão do trabalho agrícola? – repetiu Valerie querendo se certificar de que entendera direito.

Charles exibiu um sorriso quase infantil. Os olhos escuros faiscando de satisfação.

– Isso mesmo. Não sei se está a par do problema, mas seu pai fez um excelente trabalho de repórter investigativo. Diga isso também. David saberá a que estou me referindo.

– Claro – concordou Valerie girando a cabeça outra vez na direção da redação do jornal.

– Foi bom revê-la. – Charles pareceu hesitar. – Quando encontrar Stephanie, diga alô por mim – disse por sobre o ombro.

– Claro, com todo o prazer. – Pensativa, Valerie o observou se afastar. Charles não apenas editava o *Clarion*, mas também escrevia uma coluna diária e a maior parte das reportagens, como a história sobre o trabalho agrícola que acabara de mencionar.

Considerando o talento e a vitalidade de Charles, era surpreendente que tivesse permanecido no jornal daquela cidade pequena. Há muito poderia estar trabalhando para um dos mais renomados periódicos do país. Mas também, atualmente, com a maioria dos

grandes jornais fechando, talvez tivesse sido mais esperto em ficar ali.

Era interessante o fato de ter perguntado por Steffie. Alguns anos atrás, Valerie suspeitara de que havia algum romance nascendo entre a irmã e o jornalista. Na época, Steffie ainda estava na faculdade e Charles acabara de se mudar para Orchard Valley. Lembrava-se de a irmã devorando cada artigo, cada coluna, exaltando a habilidade, o estilo e a inteligência de Charles. Para Valerie, aquilo soava como a promessa de um romance. Os comentários do repórter sobre Stephanie só serviram para sugerir que os sentimentos da irmã deviam ter sido correspondidos.

Porém, romance não era um assunto que Valerie conhecesse bem. Portanto, se *havia* algo entre Steffie e Charles, era problema deles e era melhor ficar fora disso. Sabia o suficiente sobre relacionamentos para torná-los um fiasco. Um bom exemplo disso era como conseguira estragar tudo com Colby.

Valerie experimentou uma pontada de tristeza. Desde que haviam se beijado, Colby passara a evitá-la. Ou ao menos era isso que parecia. Até então, ele fazia questão de aparecer e conversar com ela sempre que podia. As visitas sempre eram curtas, mas o tempo que passavam juntos quebrava a monotonia das longas horas de espera no hospital. Só percebera o quanto aqueles breves interlúdios significavam para ela quando cessaram.

Fora Norah quem a enviara em uma missão ao centro da cidade, com a frágil desculpa de buscar as fotos de um rolo de filme que o pai levava para revelar.

David era assumidamente antiquado no que se relacionava a câmeras fotográficas e fotografia. Valerie se oferecera para comprar uma câmera digital no último Natal, mas David insistira que preferia sua câmera de 40 anos, que servira muito bem durante todo aquele tempo.

Pedir que buscasse as fotos agora havia sido uma óbvia tentativa de tirá-la do hospital. Não que Valerie se importasse. Estava começando a se sentir desesperada por um pouco de ar fresco e sol.

Embora a maior parte dos pomares ficasse localizada a quilômetros do centro da cidade, Valerie podia jurar que quando inspirava profundamente, sentia o aroma das flores da macieira.

A primavera era sua estação preferida do ano. Embora viesse intermitentemente para casa na última década, as visitas não excediam mais que um dia ou dois e nunca durante os meses de abril e maio. Imaginou se estivera evitando Orchard Valley de modo inconsciente durante aqueles meses do ano, sabendo que o charme e o encanto de sua cidade natal estariam em seu apogeu. Talvez temesse não desejar deixá-la se viesse na estação das fragrantas flores brancas e rosas que enchiam toda a atmosfera.

Decidida a não esmiuçar tais pensamentos, Valerie continuou a caminhar pela rua, passando pela loja de ração de gado, pela cafeteria local até chegar ao seu destino. A Al's Pharmacy.

A Al's era a típica farmácia de cidade pequena, onde se podia comprar qualquer coisa, desde cartões-postais e presentes a aspirina e geleia de morango. Em uma das extremidades do estabelecimento, Al mantinha uma loja de bebidas e no canto oposto, uma pequena agência de correios. A lanchonete, abundante em milk-shakes, ficava na parte da frente. Estava lá desde os anos 1950. O tipo de coisa que raramente era vista fora de cidades pequenas. Valerie perdera a conta de quantas vezes viera até ali, depois da aula, com as amigas. Imaginou se “Ir ao Al's para tomar um milk-shake” ainda era tão popular entre as adolescentes da cidade atualmente, como fora durante seu tempo.

Suspeitava que sim.

– Valerie Bloomfield. – O velho farmacêutico a chamou de trás do balcão. – Eu a reconheci. Como está seu pai?

– Na mesma.

– Norah me telefonou e disse que você estava a caminho. Reservei as fotos para você e acabei de colocar na conta. Diga a seu pai que estou contando com sua companhia para pescar em julho e não aceitarei um “não” como resposta.

– Direi a ele – prometeu Valerie.

Pegou o envelope com as fotos e vagou por alguns minutos ao sair da loja. Porém, a curiosidade a venceu, fazendo-a estacar na calçada e abrir o envelope. Dentro, havia uma pilha de fotos que o pai tinha tirado naquela primavera.

O coração de Valerie se contraiu diante do número de fotos que tirara do túmulo onde estava a mãe. Em cada uma, havia uma profusão de flores adornando a lápide. Havia algumas fotos de Norah, também. A primeira mostrava a irmã sentada em uma cadeira, próxima à lareira, com um cobertor listrado em torno dos joelhos e um livro aberto sobre o colo. A segunda fora tirada do lado de fora da casa, provavelmente no fim de março. O vento fustigava o cabelo loiro de Norah afastando-os do rosto, e ela ria, banhada pelo sol. Em ambas as fotos a semelhança da irmã caçula com a mãe era incrível.

A dor e a saudade rasgaram o coração de Valerie, enquanto imaginava o pai tirando aquelas fotos. Ele ficara tão solitário e perdido sem sua Grace e aquelas fotografias deixavam isso claro, de uma maneira inconfundível e comovente.

Com aqueles pensamentos opressivos, Valerie caminhou sem destino por alguns minutos. Quando percebeu que estava perto do parque comunitário,

entrou, passou pela piscina, agora vazia, e seguiu o caminho de pedra que serpenteava os gramados bem-cuidados. Quando alcançou a área de recreação infantil, uma brisa repentina fez os balanços oscilarem para a frente e para trás.

Lembranças da própria infância inundaram a mente, e ela se sentou em um dos antigos balanços, quase desejando ser uma menina outra vez. Seria tão fácil fechar os olhos e fingir que tinha apenas 8 anos! Por um minuto se permitiu recordar as tardes de domingo que passara naquele mesmo parque, com David a balançando com uma pequena Stephanie e as segurando ao sopé do escorregador. Mas agora estava com 31 anos e o pai, a quem tanto adorava, estava em um leito de hospital, lutando para respirar.

Valerie se recusava a sequer considerar a possibilidade de perdê-lo. Estaria sendo egoísta? Não sabia dizer.

O pai afirmara que estava preparado para morrer, pronto para renunciar à vida.

Valerie esfregou a ponta do sapato no chão, diminuindo a velocidade do balanço até que estacasse. Quando chegasse a hora de deixar que o pai partisse, Valerie rezava para que pudesse fazê-lo com resignação e força. Quando a morte viesse ao encontro de David, queria que fosse como uma amiga, não como um inimigo que pedisse contas. *Mas não deixe que morra agora. Por favor, agora não.*

Enquanto retornava ao hospital, passou pelos centros comerciais que pontuavam a estrada e percebeu uma recente aquisição. Um cinema de seis salas. Era surpreendente que a pequena Orchard Valley pudesse ter seis salas de cinema funcionando todas ao mesmo tempo, principalmente na era dos DVDs e dos filmes que podiam ser baixados pela internet. Valerie supôs que em uma cidade pequena, ir ao cinema ainda era um grande

evento social. O cinema do centro da cidade, do qual se recordava de seu tempo de adolescente, ainda estava em funcionamento, mas apenas para uma plateia limitada. De acordo com Norah, os filmes não eram inéditos e geralmente de segunda categoria.

Orchard Valley também tinha sua cota de redes de lanchonetes famosas agora, a maioria delas situada ao longo da estrada. Mas na opinião de Valerie, os hambúrgueres não eram melhores que os do The Burger Shack, uma lanchonete local.

No verão em que estava com 16 anos, Valerie trabalhara lá como garçoneiro, servindo os clientes em troca de um salário mínimo e pensava que era a menina mais sortuda da cidade por ter conseguido aquele maravilhoso emprego. Como os tempos haviam mudado!

O quanto *ela* havia mudado.

Quando se aproximou do hospital, sentiu uma onda de relutância a invadir. Vivia dentro de uma Unidade Coronariana há quase uma semana, apenas com visitas breves à casa para tomar banho e trocar de roupa. Havia sido uma semana estranha. De alguma forma, fora do tempo normal. Durante quatro anos, quando a mãe esteve doente, experimentara algo similar. Mas naquela época, tinha o pai e as duas irmãs com quem dividir o fardo. Agora, havia apenas duas pessoas. Ela e Norah. E Colby...

Valerie entrou no estacionamento e encontrou uma vaga. Em seguida, caminhou na direção da entrada principal, lamentando ter de deixar o sol.

No minuto que penetrou no saguão, Norah se ergueu em um pulo do sofá onde estava sentada.

– Pensei que não voltaria mais – disse, ofegante. – O que a fez demorar tanto?

– Parei no parque. Qual é o problema?

– Steffie ligou de Roma. Ela está vindo para cá através

de uma escala em Tóquio. Sei que parece loucura, mas foi a conexão mais direta que conseguiu. Steffie espera chegar aqui amanhã à noite. Não tem certeza da hora, mas disse que nos informaria o mais breve possível.

– Como conseguiu chegar a Roma?

– Eu perguntei, mas não tinha tempo de explicar. Disse a papai que ela provavelmente chegará amanhã à noite.

Valerie se sentiu relaxar. Até aquele momento, não havia percebido como estava tensa com a situação de Steffie.

– Colby quer vê-la – informou Norah em seguida.

– Ele disse o motivo?

Norah negou com um gesto de cabeça, franzindo de leve a testa.

– Vocês dois não brigaram, certo?

– Não. O que a faz pensar assim?

Norah deu de ombros com um gesto suave.

– O semblante dele, quando perguntou por você.

– Como era...?

– Ah, não sei. – Norah estava arrependida pelo que dissera. – Era como se estivesse ansioso para vê-la, mas depois se mostrou aliviado quando falei que você precisara ir ao centro da cidade. Isso pode parecer absurdo, mas não vejo outra forma de descrever o que percebi.

– Eu o procurarei mais tarde. – Por alguma razão, Valerie ainda não estava preparada para encontrá-lo.

– Tenho certeza de que virá no fim da tarde.

– Como está papai? – perguntou Valerie se dirigindo ao elevador.

– Não muito bem. A respiração está mais dificultosa e o edema das extremidades não cedeu. Isso não é um bom sinal. Colby está fazendo tudo que pode para drenar os pulmões, mas nada parece dar resultado.

Enquanto isso, papai enfraquece mais a cada hora.

– Ele sente mais saudades de mamãe do que imaginávamos – sussurrou Valerie, pensando nas fotos que buscara na Al's Pharmacy. Imaginou com que frequência o pai visitava o túmulo de sua Grace. Quantas vezes girava para falar com a mulher ao lado de quem passara uma vida, lembrando tarde demais que ela não estava mais ali.

– O que faremos se alguma coisa acontecer a papai? – perguntou Norah em voz baixa.

Alguns dias atrás, Valerie teria rechaçado aquela possibilidade, afirmando veementemente que o pai não morreria. Recusara-se de maneira obstinada a considerar a morte do pai. Porém, agora não estava mais tão inflexível.

– Eu não sei – admitiu. – Mas conseguiremos sobreviver. Temos de conseguir.

As duas estavam sentadas na sala de espera quando Colby chegou. Valerie ergueu o olhar de uma revista de economia que estava lendo e no mesmo instante soube que algo estava errado. Muito errado. Os olhos escuros e transtornados encontraram os dela. Em um impulso inconsciente, ela se ergueu, deixando a revista escorregar para o chão.

– Colby? – O nome soou como uma súplica. – O que aconteceu?

Depois de se sentar no sofá, esticou a mão para segurar as de Valerie, apertando-as na dele. O olhar se alternou entre as duas irmãs.

– Seu pai sofreu um segundo enfarte.

– Não! – ofegou Norah.

– E? – O coração de Valerie também parecia à beira da falência. Batia como um tambor, enviando ondas de pavor por todo seu corpo.

– Não podemos mais adiar a cirurgia.

Norah estava de pé. As lágrimas banhando o rosto.

– Não pode fazer a cirurgia agora! As chances de sobrevivência de papai são quase nulas. Ambos sabemos disso.

– Ele não terá nenhuma chance se não for submetido à cirurgia. – Embora estivesse falando com Norah, era Valerie quem ele encarava. Era como se estivesse dizendo que teria feito qualquer coisa para poupá-la daquilo.

CAPÍTULO 5

COLBY ESTAVA com o pai na sala de cirurgia havia quase seis horas, mas para Valerie parecia seis anos.

Enquanto esperava, recordou os momentos felizes que tivera ao lado do pai e, principalmente quando entrou na adolescência, os não muito agradáveis. Seu temperamento sempre havia chocado contra o dele e os dois tinham uma discussão atrás da outra. Valerie descobrira que o pai era teimoso, arrogante e irracional. A mãe explicava repetidamente a Valerie que o motivo que os fazia brigar era o fato de serem muito parecidos. Na época, considerara o comentário da mãe um insulto. Além do mais, não fazia nenhum sentido. Se eram tão parecidos, deveriam ser amigos em vez de adversários.

Só quando a mãe adoeceu foi que Valerie se tornou mais próxima do pai. Pelo amor e a preocupação com Grace, deixaram suas diferenças de lado e nunca mais trocaram uma palavra agressiva.

Valerie não sabia dizer qual dos dois havia mudado, mas supunha que ambos fizeram progressos. Sua única certeza era que amava o pai com uma intensidade que a deixava aterrorizada toda vez que pensava em perdê-lo.

A passagem do tempo perdeu todo o significado enquanto caminhava de um lado para o outro da sala de espera. Não era a mesma com a qual estava tão familiarizada, já que o Centro Cirúrgico ficava localizado no andar térreo do hospital. Tratava-se de

uma pequena área de tijolos da altura da cintura que se projetava para fora das portas de vidro. De vez em quando, ela e Norah saíam para vagar do lado de fora e respirar um pouco de ar fresco, saboreando a tranquilidade da noite. Não havia nenhum outro paciente em cirurgia naquela noite e, portanto, nenhuma outra família esperando por notícias.

De alguma forma, a notícia do novo enfarte do pai transpôs as fronteiras do hospital. O pastor Wallen da Igreja Comunitária passou lá para rezar com Valerie e Norah. Charles Tomaselli ficou na sala de espera com as duas durante uma hora. Vários amigos, incluindo Al Russel, da farmácia, também vieram.

À meia-noite, uma Norah exausta se aninhou no sofá e imergiu em um sono agitado. Valerie invejou a capacidade da irmã de descansar, mas não encontrou nenhuma trégua em seus temores.

Caminhar de um lado para outro e chupar balas para aliviar o estresse foi a única forma que encontrou para lidar com a terrível tensão. Olhou além da janela, para a noite de luar, mas girou rapidamente quando ouviu leves passadas atrás dela. Colby estava parado lá, ainda trajado com o uniforme cirúrgico verde.

O olhar de Valerie voou na direção do dele, mas não conseguiu perceber nada.

– Ele conseguiu.

O alívio quase a fez desfalecer. Lágrimas fizeram arder os olhos, mas pestanejou para dispersá-las.

– Graças a Deus! – sussurrou, levando as duas mãos à boca.

– Em um determinado momento, quase o perdi – informou Colby, com voz rouca, fazendo um movimento negativo com a cabeça. Como parecia exausto, percebeu Valerie. – Pensei que não havia mais nada que pudéssemos fazer. Pareceu um milagre quando o

coração de David voltou a bater. De alguma forma, foi. Apenas parte do que acontece na mesa de cirurgia está em minhas mãos.

– Tenho certeza de que foi um milagre – sussurrou Valerie, mal conseguindo falar. Em seguida, caminhou sobre pernas bambas até o sofá e se inclinou para acordar Norah. A irmã despertou no mesmo instante, consequência de seu treinamento como enfermeira, sem dúvida. Valerie contou a novidade.

– Papai sobreviveu à cirurgia.

– Ele ainda não está fora de perigo – preveniu Colby. – Nem de longe. Gostaria de poder dizer o contrário, mas não posso. Se sobreviver a esta noite...

– Mas sobreviveu à cirurgia – disse Norah com a esperança elevando a voz uma oitava. – Pensei que não fosse possível. Certamente esse era o maior obstáculo?

– Sim – concordou Colby. – Mas o estado dele ainda é crítico.

– Eu sei – respondeu Norah, embora um brilho sutil começasse a iluminar o olhar. Pelo pouco que a irmã caçula dissera, Valerie concluiu que não esperava que o pai sobrevivesse àqueles ataques. Agora que conseguira, Norah se permitia o primeiro vislumbre de esperança.

– Estarei de volta dentro de alguns minutos – disse Colby esfregando os olhos em um estranho gesto de vulnerabilidade. Ele devia estar agindo sob o efeito de pura adrenalina, pensou Valerie. Mais cedo, operara uma paciente e a perdera. Temera perder mais um. E ainda poderia perdê-lo. Colby não precisava colocar aquilo em palavras para que soubesse. Ele não acreditava que seu pai sobreviveria até a manhã do dia seguinte.

– Gostaria que Steffie estivesse aqui – disse Norah, depois que Colby partiu.

Valerie anuiu.

– Eu também.

Minutos depois que Colby se retirou, um enfermeiro apareceu. Conhecia Norah e a cumprimentou com efusividade. Em seguida, disse que podiam ver o pai, mas apenas por um instante.

Valerie foi a primeira a entrar. Presumira que estava emocionalmente preparada, mas a visão do pai destruiu todo o autocontrole que supunha ter conseguido reunir. Vê-lo deitado ali, tão próximo da morte, a afetou de uma forma muito mais intensa do que esperara.

Valerie se apressou em girar e partir, sentindo dificuldade em respirar. Passou por Norah sem dizer uma palavra. Cambaleou na direção da sala de espera, com as duas mãos sobre o estômago, inspirando lentamente em um esforço inútil de se recompor.

As lágrimas, às quais conseguira resistir durante toda a noite, irromperam em uma inundação de medo e raiva. Aquilo era tão *injusto*. Muito injusto. Como poderia perder o pai logo depois que perdera a mãe?

Valerie não cedia ao pranto com facilidade, mas agora as lágrimas desciam em uma enxurrada. Soluços altos faziam estremecer o corpo. Baixou lentamente na direção do banco de concreto e, em seguida, balançou o corpo para a frente e para trás, enquanto lágrimas grossas e quentes continuavam a rolar por seu rosto.

A mão que tocou as costas era quente e confortadora.

– Vá em frente e liberte todo o seu sofrimento – sussurrou Colby.

Após se sentar ao seu lado, ele lhe envolveu os ombros com um dos braços e a puxou ao encontro do peito. Valerie não tinha forças nem vontade de resistir. Aninhando a cabeça ao paletó de Colby, soluçou alto. Ele roçou o rosto contra os cachos avermelhados, sussurrando palavras indistintas e confortadoras. Os braços que a envolviam eram fortes e seguros.

Necessitava desesperadamente de Colby, e ele estava lá.

Quando não havia mais lágrimas para derramar, um forte tremor sacudiu o corpo. Valerie empertigou a coluna e utilizou a manga da blusa para limpar o rosto úmido.

– Sente-se melhor? – perguntou Colby tocando-lhe o cabelo com uma das mãos. – Valerie fez um gesto afirmativo com a cabeça, envergonhada agora que a vira daquela forma.

– E Norah?

– Ela está conversando com Mark Collins. Um dos enfermeiros que me assistiu na cirurgia.

– Eu... pensei que estava preparada... não sabia que desmoronaria desta forma.

– Você passou por um grande estresse.

– Todos nós passamos. – Valerie recuou um pouco e, entendendo o movimento, deixou o braço pender. Ela ofereceu um sorriso trêmulo.

– Gostaria de garantir que seu pai vai superar isto – disse Colby em tom de voz angustiado. – Mas não posso.

– Eu sei. – Espontaneamente, como se obedecesse ao desejo de Colby, ergueu o olhar para encará-lo. As mãos fortes lhe apertaram os ombros, enquanto a puxavam ao encontro dele. Os lábios tentadores fazendo um movimento descendente na direção dos dela, estacando a milímetros de distância.

Valerie fechou os olhos. O hálito quente lhe acariciando a boca. Ela inspirou a fragrância pungente do sabonete cirúrgico e mais alguma coisa que pertencia a Colby.

– Não deveríamos fazer isto – sussurrou.

Aquilo era algo que Valerie não esperava ouvi-lo dizer.

– Eu... sei – retrucou, mas não estava ouvindo a voz do bom senso. Precisava de Colby, de seu calor,

conforto, toque. E não se negaria a tê-los.

– Por favor – sussurrou.

A força do beijo de Colby a fez entreabrir os lábios e ser arrastada em um redemoinho de sensações. As mãos o procuraram, deslizando pelo peito até se fecharem na base do pescoço largo.

Colby e ela gemeram. Não havia nenhuma resistência em Valerie. Entregou-se ao beijo, abandonando-se ao desejo de ambos.

Com o que parecia certa relutância, Colby interrompeu o contato inebriante e afastou os lábios.

Quando ele ergueu a cabeça, Valerie sentiu a frieza do ar substituir o calor da boca que fizera maravilhas com a dela. Descerrando as pálpebras, olhou ao redor da sala de visitas, satisfeita por encontrá-la vazia. Os dois estavam sozinhos, envoltos nas sombras projetadas pela parede baixa, mas alguns segundos antes, não importaria se estivessem parados no meio do setor de emergência.

– Não deveria ter permitido que isso acontecesse. Nós dois...

Valerie lhe pousou um dedo sobre os lábios, silenciando-o.

– Não diga isto. Por favor. – Em seguida, segurou o rosto de Colby com as duas mãos e o olhou nos olhos, negros agora pelo desejo. – Preciso de você. Certo ou errado, preciso de você. Apenas me abrace.

Um leve tremor trespassou o corpo, quando Colby a envolveu de novo nos braços. Fechando os olhos outra vez, Valerie se abandonou à força e segurança que sentia naquele abraço.

Colby depositou um beijo suave na testa. A respiração alterada, e ela sentiu prazer em saber que não era a única a ser afetada com aquele contato.

Como já dissera, não queria questionar o que era certo ou errado agora. Nenhum dos dois corria o risco de se

apaixonar. Colby explicara as razões pelas quais seria improvável uma relação entre os dois.

E concordara. Mas as palavras calmas e racionais que dissera não levaram em conta o que estava experimentando naquele momento. Aquela excitação, a leve sensação de libertação e desejo. Não queria que aquilo tivesse fim. Ao que parecia, Colby também não, pois não parecia querer soltá-la.

– Não deveria ser tão perfeita em meus braços – disse.

– Sinto muito. – Mas na realidade não sentia. Logo ambos se arrependeriam daquilo, mas deixaria todo o remorso para outro dia.

Enquanto estava envolta no abraço de Colby, não tinha de pensar no futuro. Não precisava se preocupar em enfrentar o mundo sem ninguém que a guiasse e desse apoio. Pela primeira vez desde que voltara para Orchard Valley, Valerie não se sentia inadequada ou solitária.

Sim, Norah estava a seu lado e Steffie chegaria em breve. As três podiam contar umas com as outras. Porém, Valerie não poderia escapar do papel da irmã mais velha. Era dela que as outras dependeriam para encorajá-las, guiar e dar forças. Mas não se sentia forte. Estava abalada e desequilibrada. Sentia-se impotente...

– Norah está procurando por você – disse Colby.

Valerie suspirou e, a contragosto, afastou-se do círculo seguro daqueles braços fortes. Afastou o olhar na direção da sala de espera e encontrou a irmã. Os olhos de Norah a encontraram ao mesmo tempo e não conseguiram disfarçar o choque.

Valerie se levantou e girou na direção de Colby.

– Obrigada.

Sentado no banco de concreto, ofereceu um sorriso repleto de significado íntimo.

Norah a encontrou à porta, os olhos alternando entre

ela e Colby.

– Está tudo bem?

Valerie anuiu.

– Papai está conseguindo se segurar firme até o momento.

– Não estava me referindo a papai e sim a você.

– Claro – respondeu Valerie, forçando um tom casual.

– Eu... apenas precisava de um bom choro e Colby me emprestou o ombro.

Norah lhe envolveu a cintura com um dos braços.

– Disse o ombro? – perguntou, com a insinuação clara de um sorriso. – Parece mais que isso.

NA NOITE seguinte, Valerie e Norah mais uma vez acampavam na sala de espera da Unidade Semi-intensiva.

Vários pequenos grupos de pessoas encontravam-se espalhados pelo recinto, em silêncio ou falando em tom de voz baixo.

– Papai está dormindo há quase 20 horas. – Valerie deu voz à própria preocupação para a irmã, que tinha muito mais conhecimento do que era ou não comum no pós-operatório daquele tipo de cirurgia. – Não é muito tempo? Sei que a anestesia tem muito a ver com isso, mas não consigo deixar de me preocupar.

– Ele acordou por breves períodos durante o dia – explicou Norah. – Papai está indo muito bem, levando em conta tudo que envolve o estado em que se encontra.

– O pai não era a única preocupação de Valerie. Passava das 21h e desde aquela manhã esperava notícias de Steffie, que deveria ter chegado em algum momento daquele dia. Porém, ninguém tivera notícias dela e aquilo só aumentava a ansiedade. – Ele tentou falar na última vez que fui vê-lo.

– E o que ele disse?

Norah deu de ombros.

– Não fez nenhum sentido. Ele olhou para mim, sorriu como se tivesse ouvido uma piada muito engraçada e disse: “seis crianças”.

– Seis crianças?

– Também não entendi – murmurou Norah. – Vou perguntar a Colby sobre isso quando o vir, mas temos nos desenganchado.

Valerie se sentou e começou a folhear uma revista feminina de dois anos atrás. Tratava-se de edição de verão dedicada a casas e jardins, o que só servia para provar o quanto estava desesperada para ler qualquer coisa que afastasse a mente dos temores.

Observou as fotos brilhantes de cozinhas e quartos “camponeses”, varandas mobiliadas com peças de vime e “miniaturas” de salas de estar. Todas atraentes, nenhuma verdadeiramente real. Tampouco se parecendo com um *lar*.

E de repente, soube com total clareza que seu lar era *ali*. Em Orchard Valley, na casa de sua família. Lar era se enroscar com um bom livro em frente à lareira, no escritório do pai. Era fazer as refeições ao redor de uma ampla mesa de carvalho na sala de jantar que a mãe tanto amara.

Aquilo era lar. *Morava* em seu apartamento em Houston, localizado em um bairro de luxo. Contratara um decorador para escolher a paleta de cores e selecionar a mobília por falta de tempo para desempenhar ambas as tarefas. Uma faxineira vinha duas vezes por semana limpar o apartamento. Um endereço onde podia receber a correspondência. Mas não era um lugar que guardava lembranças. E não era o seu lar.

Leu um artigo na mesma revista sobre hortas. Jardinagem sempre fora o hobby da mãe, mas de vez em

quando, Valerie a ajudava a plantar uma muda ou outra. Os momentos que passaram trabalhando no jardim estavam entre as melhores recordações que tinha da mãe.

Talvez, em uma tentativa de recapturar um pouco daquela simplicidade prazerosa, Valerie comprara várias plantas grandes para seu apartamento. Porém, quem as regava e fertilizava era a faxineira, já que viajava com muita frequência.

Em seu futuro não parecia haver lugar para uma casa, ao menos não como aquela em que havia sido criada, ou um jardim. Colby percebera aquilo desde o início. Melhor assim, embora isso não tivesse destruído a atração que existia entre os dois.

A mente de Valerie vagou para o diálogo que tiveram na noite anterior. O beijo sem dúvida fora um erro, embora compreensível e perdoável.

Ambos se encontravam emocionalmente esgotados. A resistência um ao outro quase inexistente. Ainda assim, Valerie não conseguia se arrepender do tempo que passara nos braços de Colby.

Sentia-se um pouco magoada por ele a evitar, porque aquilo deixava claro que Colby não compartilhava de seus sentimentos. Nos momentos em que estivera com ele, Valerie experimentara algo extraordinário. Sempre considerara o amor romântico como uma mercadoria supervalorizada. O dr. Colby Winston havia sido o primeiro homem que dera motivos para reavaliar aquele conceito, apesar de um relacionamento entre os dois não ter futuro possível.

Quando estava começando a pensar que Colby planejava não mais procurá-la, ele a surpreendeu. Norah fora conversar com a enfermeira designada a cuidar do pai e Valerie se encontrava sentada sozinha na sala de espera da Unidade Semi-intensiva, perdida em

pensamentos. Colby os ocupava naquele mesmo instante. Não que estivesse fora deles por sequer um instante.

Coincidiu de erguer o olhar no momento que entrou. Estava vestindo um terno cinza e pensou que nunca vira homem tão belo. Nem mesmo Rowdy Cassidy...

Os olhos dos dois se encontraram e se sustentaram.

– Olá – disse, com a voz ofegante. Durante sua trajetória profissional, Valerie fizera apresentações para enormes plateias e a voz nunca vacilara. Porém, com Colby se sentia como uma aluna do primeiro ano, diante da classe, confessando uma travessura.

– Valerie. – Ele se calou e limpou a garganta. Em seguida, recomeçou, soando afetado e formal. – Deixei tudo resolvido aqui e estou indo dirigir um seminário na universidade. No entanto, tenho tempo para uma refeição antes de sair. Gostaria de me fazer companhia?

– Seria um prazer – respondeu.

– Acho que poderíamos comer em outro lugar que não a cafeteria. – A voz de Colby soava mais relaxada agora.

– Há um restaurante italiano aqui perto que serve uma comida excelente.

– Ótimo. – Valerie pareceu se iluminar até perceber que ele não escolhera o restaurante por ser fã de espaguete. Colby queria conversar com ela longe do hospital, onde tivesse certeza de que nenhum de seus pares do hospital estivesse escutando.

Após deixar um recado para Norah, os dois partiram do hospital no carro de Colby, um sedan marrom último tipo. Sentada ao lado dele, observando as mãos fortes e bonitas segurando o volante, Valerie experimentou uma sensação de intimidade e um sentimento de familiaridade.

O restaurante, um estabelecimento novo em folha que nunca frequentara antes, era decorado nas nuances preta

e prata. A iluminação, frouxa e discreta, criava um ambiente intimista.

– Não precisa me pagar um jantar para se desculpar – disse Valerie, passando os olhos pelo cardápio. Decidiu-se com rapidez por uma tigela de sopa de minestrone e um *fettuccine* com aspargos frescos. Não pediu vinho, pois a bebida a deixaria sonolenta.

– Desculpar-me? – repetiu Colby.

Valerie baixou o cardápio e, cruzando os braços, inclinou-se para a frente.

– Não se desculpar exatamente. Trouxe-me aqui para me dizer que lamenta o que aconteceu ontem à noite, certo? Quero dizer, isso é óbvio, já que me evitou durante todo o dia. Mas não se preocupe com isso. – Ela se precipitou em dizer. – Eu entendo.

Colby franziu a testa e colocou o cardápio de lado.

– Às vezes, esqueço como você pode ser direta.

– Prefiro deixar as coisas às claras. Não há necessidade de se preocupar com... o que aconteceu. Eu... precisei de você e estava lá para me dar apoio.

Os vincos na testa de Colby se aprofundaram.

– Em outras palavras, qualquer homem serviria a seus propósitos?

– Não – respondeu Valerie. – Apenas você. O que compartilhamos foi muito... doce. Sempre serei agradecida a você por me deixar chorar.

– Não é o choro que me preocupa.

– O beijo também foi muito especial – acrescentou em tom suave.

– Sim, suponho que foi. Mas talvez seja melhor esquecer essa... uh... parte da noite em particular.

A garçonete se aproximou com um bloco e uma caneta em uma das mãos.

Os dois fizeram os pedidos e, em seguida, Valerie retomou o assunto.

– Talvez você consiga esquecer o beijo – disse em tom de voz suave. – Mas acho que não vai ser possível para mim.

Colby desviou o olhar.

– De minha parte, acho que também não serei capaz de esquecer. – Os dois silenciaram, mas um leve sorriso curvava os lábios de Valerie enquanto saboreava aquelas palavras. Colby tentara ignorar a atração que existia entre eles, mas não conseguira. Tampouco ela. – Isso não muda nada – disse com a voz calma e resoluta.

Colby fora sincero sobre o que dissera antes. E ela conseguia entender. Não podia mudar seu jeito de ser. Por mais fácil que fosse se apaixonar por aquele homem, sabia que nunca seria verdadeiramente feliz como dona de casa. Tinha muita ambição e muitos sonhos. Uma carreira profissional era tudo que desejava, era onde estavam suas habilidades. Não podia abrir mão daquilo, assim como Colby também não conseguiria abandonar a medicina.

– Seu pai está se recuperando muito bem – disse, em uma óbvia tentativa de mudar de assunto.

Valerie ficou extasiada. Norah relatara repetidas vezes o excelente progresso que o pai estava fazendo e era emocionante ter aquelas informações confirmadas.

– Ainda o classificaria como crítico neste momento – prosseguiu Colby. – Mas acho que pode surpreender a todos e viver até ser um centenário.

Valerie exibiu um sorriso radiante, mal conseguindo falar com o bolo que a emoção formara em sua garganta.

– Nós devemos muito a você, Colby.

Dispensando o agradecimento com um dar de ombros, pareceu feliz com o aparecimento da garçonete naquele momento para servir as entradas.

A sopa estava deliciosa, mas após algumas colheradas,

Valerie perdeu o apetite. Conseguiu apenas provar o *fettuccine*.

Colby a observou, franzindo a testa, quando ela empurrou o prato para o lado.

– Algo errado?

Valerie fez um gesto negativo com a cabeça.

– Não.

– Você mal tocou na refeição.

– Eu sei.

– O que há de errado? – insistiu.

Valerie baixou o olhar.

– Estava apenas tentando decidir como o deixar sem chorar. – Ela não pretendia soar tão séria e sim divertida.

As palavras o silenciaram. Os olhos encontraram os dela e quando falou, a voz revelava sinceridade.

– Seria muito fácil amar você.

– Mas... – Ela disse a temida palavra para Colby.

– Mas ambos sabemos que isso não ia dar certo.

– Tem razão – concordou Valerie em tom de voz convincente. Por que seu coração teimava em não escutar?

– VALERIE. – O pai esboçou um sorriso enfraquecido, quando entrou no boxe que ele ocupava na Unidade Semi-intensiva. A mão estendida para tocar a dela e levá-la aos lábios. – Estava imaginando quando iria vê-la.

– Saí... para jantar.

– Sozinha?

– Não. – Mas não revelou que estivera com Colby.

Além do mais, havia outras coisas a discutir com o pai. Norah contara a história mais inacreditável. Ao que parecia, enquanto Valerie estava jantando fora, o pai contara sobre uma visão que tivera. Uma visão? Ela não

sabia o que fazer com aquela informação. Tampouco a irmã caçula.

– O que significa aquilo que Norah me contou? – perguntou.

Mais uma vez, o pai sorriu. No entanto, dessa vez ainda mais radiante e havia um brilho em seus olhos cansados.

– Eu morri, sabia? Pergunte ao meu médico se não acredita em mim.

Valerie se lembrava vagamente de ouvir Colby dizer algo sobre o coração do pai ter parado e tornado a bater. E que considerara aquilo um milagre.

– Sei que somos muito afortunadas por tê-lo conosco.

– Mais afortunadas do que pensam. Ora, não quero que fique tão animada quanto sua irmã ficou, mas não acho que ficará. Tive o que as reportagens de televisão chamam de experiência de quase-morte.

– O túnel longo e escuro com a luz no final? – Valerie ouvira falar daquele fenômeno.

– Não – respondeu o pai, negando com a cabeça. – Estive em um jardim.

– O Jardim do Éden? – perguntou, em tom de voz leve.

– Pode ter sido. Não saberia dizer. – O pai não entendeu a brincadeira de Valerie. – Não reparei muito nas árvores, mas deveria haver uma maçã por lá. Mas o que notei bem foi a bela mulher que cuidava das rosas.

– Mamãe? – Valerie sussurrou a pergunta, não sabendo ao certo de onde viera tal questionamento.

– Eu e sua mãe tivemos uma longa e proveitosa conversa. Ela me convenceu de que não estava na hora de eu morrer, que ainda há muito para fazer aqui nesta Terra. Não fiquei muito feliz em ouvir isso porque faz algum tempo que tenho desejado me juntar a ela.

– Pai, eu não...

– Fique calada, porque tenho muito o que contar e estou ficando fraco.

– Está bem.

– Sua mãe a ama e está muito orgulhosa de tudo que você conquistou, mas disse que você deveria reservar um tempo para aproveitar a vida, antes que ela passe sem que perceba. – Aquilo soava como algo que a mãe diria. – Falou também que eu era um velho tolo por tentar empurrá-la para Colby.

– Mas... – Valerie fechou a boca abruptamente, não querendo revelar nada.

– Grace acha que é ridículo tentar forçá-los a se casarem. E disse que deveria me desculpar por isso. – Valerie permaneceu em silêncio. – E há mais – continuou David. – Muito mais. Grace queria se certificar de me dar motivos suficientes para voltar para este mundo.

– Estou muito feliz por tê-lo convencido.

Os olhos do pai adejaram até se fechar, mas voltou a abri-los com aparente esforço.

– Ela conversou comigo sobre Stephanie e Norah também.

– Que bom, papai – retrucou em tom de voz suave, dando palmadas leves na mão. – Pode me contar sobre isso outra hora.

– Quero explicar agora...

– Shh! Durma.

– Todas vocês se casarão. Sua mãe me garantiu que as três se casarão.

– Claro que sim. Um dia.

– Em breve. Muito... em breve.

– Fico feliz – sussurrou, embora não tivesse certeza de que o pai a escutava.

Então, passara pela experiência de quase-morte. Valerie não sabia quanto crédito poderia dar àquela

história. Casamento era a última coisa em sua mente no momento. Evidentemente, casar-se com Colby estava fora de questão. E, sem nem ao menos notar, havia perdido todo o interesse na ideia de um relacionamento com Rowdy Cassidy.

– Ela me deu 12 razões para viver – anunciou o pai sonolento. – Doze excelentes razões.

Valerie se lembrou de que Norah comentara algo sobre o número seis. Não conseguia imaginar por que o pai de repente começara a falar em números.

– Doze razões – repetiu, inclinando-se, em seguida, para a frente e depositando um beijo na face.

Os olhos do pai se abriram, e ele exibiu um sorriso infantil.

– Sim. Meus netos. Você me dará três. Todos dentro de alguns poucos anos.

CAPÍTULO 6

— QUAL FOI a última vez que falou com seu pai? — perguntou Colby a Valerie, quando chegou ao hospital, na manhã seguinte, carregando uma braçada de flores de macieira para colocar no posto de enfermagem. Ele parecia esperá-la e não estava muito paciente.

Valerie suspirou, percebendo o que acontecera.

— Vejo que papai contou sobre sua experiência no Jardim do Éden?

— Era o Jardim do Éden?

— De um modo figurativo, suponho.

— Então, já sabe — resmungou Colby, com leves vincos marcando a testa.

— Veja a coisa por esse ângulo: ao menos papai desistiu de nos casar. — Valerie esperava que ficasse feliz com isso, portanto a reação de Colby a surpreendeu.

Os vincos da testa se aprofundaram.

— Ele se desculpou por ter até mesmo feito tal sugestão.

— Está vendo? O que disse? — retrucou Valerie. Os lábios se curvando em um sorriso. — Estamos ambos livres desse sufoco.

Ao que parecia, aquilo não era o que Colby desejava escutar, também.

— Ele ainda alega que você se casará antes do final do verão e que o presenteará com três netos.

— Nos próximos anos. Ao que parece, estarei ocupada,

não acha? – Valerie não levava a revelação do pai a sério. Ele tivera algum tipo de alucinação agradável e, se aquilo o fazia se sentir melhor, se dava motivos para viver, tanto melhor. Entraria naquele devaneio, embora não pretendesse encorajá-lo.

Além do mais, era muito improvável que se casasse em um futuro próximo e, caso o fizesse, não tinha a menor intenção de se atirar no papel de mãe de imediato. O casamento em si já seria um desafio e tanto. Gostava de crianças e um dia pretendia formar uma família, mas não nos dois primeiros anos em que estivesse casada.

– Ele disse com *quem* deveria se casar?

– Não. Também não disse a Norah, embora parecesse se divertir em informar que minha irmã teria seis filhos. Três meninos e três meninas. Não levou a sério nada disso, certo?

Os lábios de Colby se retorceram em um sorriso cauteloso.

– Isso seria ridículo, apenas... esqueça.

– Não. Conte.

Colby deu de ombros, deixando claro que se arrependera do que dissera.

– Outra paciente minha, uma mulher idosa, teve uma experiência de quase-morte. Foi tudo muito... estranho.

– Ela voltou acreditando que sabia com quem seus filhos iriam casar e quantos netos teriam? – perguntou Valerie sarcástica.

– Não. – Colby relanceou um olhar irritado.

– Então, o que aconteceu? – Agora estava curiosa, incapaz de disfarçar o interesse.

– Essa paciente parecia saber certas coisas sobre o futuro. Ela... predizia, acho que é a palavra certa, alguns fatos políticos. Não tinha certeza de como sabia, apenas sabia.

– E do que se tratava?

Era óbvio que Colby não se sentia à vontade para revelar detalhes da experiência de sua paciente.

– Ela não possuía sequer o ensino fundamental completo e nunca teve muito interesse em história ou política. Mas após esse fenômeno de quase-morte, conseguia discutir intrincados problemas mundiais com genuína habilidade e sabedoria. Ela mesma não entendia o que estava acontecendo e eu não tinha nenhuma explicação médica para oferecer. A coisa toda era tão misteriosa para mim quanto para ela.

Até aquele momento, Valerie tinha de admitir, estivera achando a experiência do pai de alguma forma... divertida. Estava disposta a tolerar aquilo, já que parecia ter sido muito real para David, o que quer que tivesse acontecido. Esse “sonho” com a mãe dera um novo propósito para viver e se sentia agradecida por isso.

– O que está dizendo? – perguntou a Colby.

– Na verdade, não sei.

De repente, nada daquilo parecia mais engraçado.

– Papai insiste em que vou me casar antes do fim do verão.

– Ele me disse a mesma coisa – retrucou Colby. – Sobre você, quero dizer. – Ele fez uma pausa. – Isso é provável? Quero dizer, há alguém no Texas com quem esteja saindo regularmente? – Cruzou as mãos atrás das costas e começou a caminhar pelo corredor. – Alguém, além dessa pessoa com quem está pretendendo começar a namorar em breve?

Valerie inflou as bochechas, procurando uma forma de contar a ele sobre Rowdy Cassidy.

– Na verdade, não, mas...

– Continue – estimulou.

– Meu patrão, Rowdy Cassidy. – Valerie mudou o

buquê de flores de macieira de braço, ciente do aroma pungente que desprendiam no corredor que cheirava a antisséptico.

– O dono da CHIPS?

Valerie anuiu.

– Nunca tive um encontro amoroso com ele, embora até recentemente nos víssemos todos os dias. Viajamos juntos e comparecemos a jantares de negócios com frequência. Porém, só quando cheguei aqui e papai começou a dizer que nós deveríamos nos casar, foi que Rowdy me pareceu a escolha natural. Ele é dedicado à carreira, assim como eu, e... nos damos bem.

– Ele é um homem rico. Proeminente em seu ramo de negócios.

– Sim.

Colby contraiu os músculos da mandíbula como se desaprovasse.

– Sabe alguma coisa sobre Rowdy que não sei?

– Nunca o vi. Tudo que sei sobre ele é o que leio na internet ou nos jornais. Mas a julgar pelas aparências exteriores, vocês formariam um casal perfeito.

As palavras de Colby soaram indiferentes. Em seguida, sem dizer mais uma palavra, girou e se afastou dela.

– Colby! – Valerie chamou logo que se recuperou da surpresa inicial, correndo para alcançá-lo. – O que houve de errado? Está agindo como se alguma coisa o tivesse ofendido.

– Não estou aborrecido – retrucou em voz baixa. O olhar prendendo o dela com uma intensidade perturbadora.

– Lembro que ontem disse que estava imaginando como seria nossa despedida. Estava pensando a mesma coisa. Não serei capaz de ficar parado, olhando você se casar com outro homem.

Para Valerie a solução era simples. Colby poderia se

casar com ela. Mas... ambos já haviam acordado que não daria certo.

– E quanto a você? – precisava saber. – Há alguém especial com quem esteja saindo?

– Sim. – O coração de Valerie pareceu tombar em queda livre, colidindo com o estômago. O semblante devia ter traído o choque, porque Colby prosseguiu, explicando: – Sherry Waterman. Pensei que Norah a tivesse mencionado.

– Uma enfermeira? – arriscou.

Colby anuiu.

– Sherry é formada em enfermagem e também teve treinamento como parteira. É isso que tem feito nos últimos cinco anos. É ótima com crianças e gosta de tecelagem e jardinagem. – A voz de Colby soava brusca e destituída de emoção enquanto listava as qualificações de Sherry.

– Ela... parece perfeita para você. – A admissão dolorosa passou rasgando a garganta. Embora fosse triste pensar em Colby com outra mulher, sabia que Sherry Waterman era uma boa escolha para ele. Caseira, talentosa, perfeita em todos os aspectos que Valerie não era.

– Namoramos durante o último ano.

– Um ano – repetiu Valerie devagar, surpresa pelo fato de não a ter pedido em casamento antes. – Então não deve fazê-la esperar mais.

– Vivo repetindo isso para mim mesmo.

As palavras a magoaram, apesar de Valerie fingir o contrário.

– Fico feliz por você.

– Rowdy Cassidy também será um ótimo marido para você.

Os olhos escuros procuraram os dela.

Valerie sorriu, com um gesto afirmativo de cabeça.

Em seguida, os dois giraram e caminharam em direções opostas. E, embora tentada a fazê-lo, não olhou para trás.

O TELEFONE de Valerie vibrou, e ela atendeu no saguão do hospital.

– Valerie, é Rowdy. Pensei em telefonar para saber como estão as coisas com seu pai. Não temos notícias suas há algum tempo.

Quando fora a última vez que se comunicara com os escritórios da CHIPS? Dois dias antes, calculou. Dois dias inteiros!

Valerie achou difícil de acreditar. Até recentemente, o trabalho a absorvia por completo, contudo, agora não mais. Havia negligenciado por completo suas responsabilidades profissionais, esquecido tudo que um dia fora importante.

Parecia impossível que tivesse permitido passar tanto tempo sem dar notícias.

– Meu pai fez uma cirurgia de coração aberto.

– E como está agora?

– Muito bem. Sua recuperação nas últimas 24 horas foi extraordinária. – Valerie não revelou que muita daquela melhora resultara de uma mudança de atitude. Desde a “conversa no jardim” com Grace, a vontade de viver de David Bloomfield estava mais forte que nunca. Se havia algo para se preocupar agora, era o fato de Steffie ainda não ter chegado e ninguém ter notícias dela. Valerie passara uma parte da manhã telefonando para várias linhas áreas para descobrir em que voo a irmã se encontrava, sem lograr êxito.

– Estamos sentido sua falta aqui – disse Rowdy naquele seu tom de voz casual. Valerie podia visualizá-lo, sentado em seu escritório, inclinado para trás na cadeira de couro acolchoada, as botas de caubói

pousadas sobre o tampo da mesa de mogno. Não se lembrava de uma vez que tivesse visto Rowdy sem as botas e o chapéu. Sempre pensara nele como uma lenda da fronteira do Texas, o homem que abordava a vida com vigorosa energia, que não considerava nenhum problema insuperável. Trabalhava duro, jogava duro e tinha um estilo arrojado de vida.

– Também estou com saudades da CHIPS.

– Tem ideia de quando poderá retornar?

– Desculpe, não tenho, mas se está precisando de mim por causa do negócio com o Old West Bank...

– Não, não – interrompeu Rowdy. – De nossa parte, está tudo sob controle. Não se preocupe com nada. Apenas queria que soubesse que sinto sua falta.

O emprego do pronome pessoal não escapou à percepção de Valerie. Rowdy *estava* atraído por ela.

– Meu pai pediu que agradecesse as flores – disse. – Che... chegaram aqui, na manhã de ontem. – Valerie nem havia reparado, embora as enfermeiras tivessem elogiado com entusiasmo os lindos buquês. Agora estava se sentindo nervosa e agitada com o patrão, algo que nunca acontecera antes. O relacionamento entre os dois estava se transferindo para um novo terreno e Valerie sentia o solo instável e um pouco assustador sob seus pés.

– Na verdade as flores eram para você. Pensei que estivesse necessitando de algo que alegrasse seu dia.

– Foi muito gentil de sua parte.

– É o mínimo que posso fazer por minha executiva favorita. Volte logo, está ouvindo?

– Voltarei. E, Rowdy, obrigada por telefonar. – Valerie fechou o telefone e deixou escapar um profundo suspiro.

Norah já estava na sala de espera quando retornou.

– Era Rowdy Cassidy – explicou, desnecessariamente.

– Está apaixonada por ele? – perguntou Norah sem

rodeios. – Pensei que estivesse acontecendo algo entre você e o dr. Winston, mas...

– Colby está envolvido com Sherry Waterman. – Valerie manteve o tom de voz firme, lutando para parecer desinteressada.

Porém, bastou um olhar a Norah para saber que aquele esforço hercúleo fora em vão.

– Lembra-se de que nunca me dei o trabalho de mencionar Sherry? Pois há uma razão.

– Oh? – Valerie deu de ombros. – Imaginei... quero dizer, até mesmo Colby pareceu pensar que havia uma razão para você não a ter mencionado. – Queria perguntar à irmã, mas hesitou, quase preferindo não saber.

– Aqueles dois estão saindo juntos há um ano. Se Colby estivesse levando Sherry a sério já a teria pedido em casamento. Até mesmo Sherry já desistiu desse relacionamento, embora Colby pareça não ter percebido isso ainda. A última coisa que soube era que estava se encontrando com outro homem. E não a culpo por isso. – Norah se apressou a acrescentar. – Deve ser a coisa mais frustrante do mundo ser louca por um homem e vê-lo esfriar com você.

– Tenho certeza de que sim.

– Ainda não me respondeu – pressionou Norah. – E quanto a Rowdy? Está apaixonada?

Mais uma vez, Valerie deu de ombros, constrangida em falar sobre o patrão, insegura dos próprios sentimentos em relação a ele.

– Sim e não.

– Está começando a falar como Colby. Acho que ama tudo que Sherry representa. Ela é uma mulher carinhosa e de bom coração. Encaixa-se na imagem que Colby faz de uma esposa.

– Então o que o está impedindo?

Norah mordeu o lábio inferior por um instante.

– Meu palpite é que a acha enfadonha. Não me entenda mal, Sherry não é uma pessoa monótona. Na verdade, pensando bem, Sherry e eu somos muito parecidas. É caseira como eu, e as pequenas coisas têm grande importância para ela. Sherry não sente necessidade de uma vida social agitada ou de roupas de grife. Se pedissem que escolhesse entre um encontro amoroso em casa, assistindo a um filme alugado ou um jantar em um restaurante cinco estrelas, optaria pelo filme.

– Entendo.

– Você é muito mais adequada a Colby.

– Eu? – perguntou Valerie, a surpresa a fazendo erguer o tom de voz.

Norah não acabara de descrever a mulher dos sonhos de Colby? Alguém oposto a Valerie?

– Percebi os olhares que vocês dois trocam – continuou Norah pensativa. – Não sou cega. Posso sentir a atração que existe entre vocês. É mútua e intensa.

– É mesmo? – disse Valerie, de repente preocupada com um vinco na calça comprida de lã.

– Sim, é mesmo!

– Sim, bem, admito que estamos atraídos um pelo outro, mas isso não dará em nada. – Valerie consultou o relógio de pulso, desejando uma desculpa para escapar dali. – Vou ver papai.

Norah exibiu um sorriso sábio.

– Está bem.

David Bloomfield estava mais corado e um sorriso alegre curvou os lábios quando pousou o olhar na filha mais velha.

– Olá, papai – disse em tom de voz animado, enquanto se inclinava para depositar um beijo na bochecha do rosto.

– Valerie – sussurrou, esticando a mão na direção dela. – Ouça, querida, está passando muito tempo no hospital. Aproveite o dia e vá tomar um pouco de sol. Está começando a ficar pálida.

– Mas...

– Ficarei bem. E chega de dormir naquele sofá dilapidado da sala de espera.

Valerie havia dormido na própria cama, em seu quarto antigo na noite anterior. Pela manhã, ficara surpresa em se dar conta do quanto se encontrava descansada. Em seguida se permitira um banho demorado e quente, seguido de um lauto café da manhã feito por Norah.

Os funcionários do pomar estavam começando a pulverizar as macieiras sob o comando de Dale Howard, o administrador. Ela ouvira os sons familiares dos homens trabalhando nos pomares. Aquilo trouxe lembranças dos anos passados, quando corria pelas fileiras longas e planas, escalando pelos galhos baixos das árvores e lá se sentando, como uma princesa observando seu reino. Orchard Valley era *mágica*. Uma cidade ímpar.

Para Valerie, voltar para casa era como escapar para o passado. As pessoas eram simpáticas, os vizinhos, acolhedores, e os problemas eram divididos. Era como um pedaço do paraíso.

– Não dormi no hospital ontem à noite – disse, despertando daquelas reminiscências. Amava Orchard Valley mais que qualquer outro lugar da Terra, mas viver ali nunca a satisfizera. Não havia desafios suficientes para exercitar toda a capacidade de sua mente. Não, Houston era seu futuro e aceitava aquele fato, com apenas uma exceção: Colby.

– Foi o que me contaram – respondeu o pai. – Vi Colby mais cedo.

Valerie observou a expressão de David esperando por... o quê? Algum sinal, algo que traísse os pensamentos do pai. E de Colby...

Mas não houve nenhum.

– E então? O que o bom doutor tinha a dizer?

– Não muito.

– Ele mencionou meu nome? – Valerie não se conteve em perguntar.

– Não. Não posso dizer que tenha mencionado. Está desapontada com isso?

– Claro que não.

– Há alguma razão pela qual *deveria* tê-la mencionado?

Valerie se arrependeu de ter tocado no assunto.

– Não que eu saiba.

David parecia achar graça nas respostas de Valerie.

– Então você gosta do meu médico?

– Ele foi maravilhoso com você – respondeu, evasiva.

– Não estava me referindo a mim – retrucou David em tom de voz áspero. – E sim a *você*. Está se sentindo atraída por ele, certo? Nunca foi muito boa em disfarçar os sentimentos.

– Nunca conheci um homem que me atraísse tanto – respondeu Valerie, optando pela sinceridade. Era inútil tentar enganar o pai. Ele a conhecia muito bem e a entendia melhor que qualquer pessoa. Às vezes, melhor do que entendia a si mesma.

– Ele sente o mesmo? – A pergunta soou calma, como se David estivesse conversando com uma criança.

Valerie baixou olhar, antes de fazer um gesto negativo com a cabeça.

– Nunca daria certo e ambos sabemos disso – respondeu, esperando o pai argumentar. Até mesmo ansiando por aquilo.

Queria que ele dissesse que estava errada, que o amor

poderia fazer dar certo, quando duas pessoas estavam comprometidas uma com outra. Que não importava o quanto fossem diferentes, como vissem a vida sob ângulos opostos. Que nada importava, além do amor que compartilhavam...

Porém, o pai não respondeu.

Desencorajada, Valerie se despediu e retornou à sala de espera. No caminho, viu Norah conversando com outro médico no fim do corredor. Ficou feliz pelo fato de a irmã ter saído porque precisava de algum tempo sozinha para pensar.

Se necessitava de alguma evidência de que pessoas de personalidades opostas pudessem se apaixonar e fazer o relacionamento dar certo, não precisava ir mais além do que o casamento de seus pais. A história de como os dois haviam se conhecido e se apaixonado era como um conto de fadas. Um que, durante toda a infância, não se cansara de ouvir.

O pai cursara a universidade e se graduou em administração de empresas. Armado com os próprios sonhos, criara um império financeiro e se tornara um milionário dentro de poucos anos. E então, teve uma febre reumática que quase o fez perder a vida. Enquanto estava se recuperando no hospital, conhecera uma jovem enfermeira. David soube no momento em que viu Grace Johnson pela primeira vez que amaria aquela mulher. Nunca lhe ocorrera que ela recusaria sua proposta de casamento.

Após vários meses de perseguição implacável, conseguiu convencer Grace a se casar com ele. Apesar de estar apaixonada por David, a mãe temera aquela união. Era filha de um pastor que levava uma vida simples. David era um magnata dos negócios que levava a tecnologia de automação a novos patamares da indústria. Os temores de Grace em relação a um

casamento com David Bloomfield eram justificados.

Porém, com o passar dos anos, o amor provou que até os céticos mais empedernidos estavam errados e os dois viveram juntos e se amaram até a morte da mãe, alguns anos antes.

Seu romance não teria o mesmo final de um conto de fadas que o dos pais. David também sabia disso, do contrário seria o primeiro a encorajá-la.

No entanto, o pai não dissera nada.

VALERIE ESTAVA trabalhando no escritório do pai, em seu laptop, organizando os arquivos, quando viu um carro vermelho cruzar o caminho que levava à casa. Pensou, por um esperançoso segundo, que poderia ser Colby, mas logo se lembrou de que ele dirigia um carro marrom. Ainda assim se apressou em atender à porta.

Era Charles Tomaselli, parecendo cansado e frustrado.

– Teve notícias de Stephanie? – perguntou, sem nem ao menos a cumprimentar.

A ausência da irmã estivera assombrando a mente de Valerie também. Fizera tudo que estava a seu alcance. Ligara para a embaixada americana em Roma, sem obter nenhum resultado.

– Não tenho notícia nenhuma. Não tenho ideia do que possa ter acontecido a Steffie.

– O quanto está atrasada?

Valerie teve de pensar por um instante. Na última semana, parecera perder a noção do tempo.

– Norah foi a última pessoa que falou com ela – explicou. – Deixe-me ver... isso foi pouco antes de papai entrar para cirurgia. Steffie esperava chegar em casa dentro de 24 horas.

– Então isso foi há 48 horas.

Não era necessário lembrar, pensou Valerie, irritada.

– Ela vinha em um voo com conexão em Tóquio.

– Tóquio? Ela está vindo para Oregon, via Japão? – disparou Charles.

– Pelo que entendi, não tinha outra opção.

– Não acha que deveria estar fazendo algumas investigações?

– Eu fiz. Diga para quem mais ligar e ficarei feliz em fazê-lo.

Charles se sentou no último degrau da escada da varanda, descansando os cotovelos nos joelhos.

– Tenho de admitir que estou preocupado. Ela já deveria estar aqui a essa hora.

– Eu sei.

– Tenho alguns amigos, algumas conexões – disse Charles pensativo. – Entrei em contato com eles, mas não conseguiram descobrir nenhum rastro de Steffie nos voos programados para partir de Roma. Se não chegar até amanhã à tarde acho que não nos restará alternativa, senão acionar as autoridades.

Valerie engoliu em seco e, em seguida, anuiu. Seria capaz de esbofetear Steff por causar toda aquela preocupação.

– Ela está bem, Charles – afirmou Valerie, após um instante.

– O que a faz ter tanta certeza? – Ele girou para encará-la.

– Eu... não sei. Apenas tenho.

Charles se ergueu com agilidade, o olhar no caminho estreito e longo que levava à estrada.

– Espero que esteja certa. De fato, espero.

Valerie também esperava. E imaginou se toda aquela preocupação com Stephanie significava o que suspeitava.

NORAH VOLTOU do hospital meia hora depois, falante e animada.

– Não consigo acreditar no quanto papai melhorou em tão pouco tempo.

Valerie retirou do refrigerador uma salada de camarão que havia preparado para o jantar. Saladas eram sua especialidade. Além de dobrar guardanapos. Conseguia fazer as duas coisas sem nenhuma dificuldade.

Pela primeira vez desde que chegara, Valerie passara a maior parte do dia fora do hospital. Quando o pai sugerira que ela saísse de lá, ficara um tanto aborrecida.

Porém, quando revisitou a vida que um dia fora dela naquela comunidade tranquila, aceitou a sabedoria daquele conselho.

Estava precisando mesmo sair, inspirar a serenidade que encontrara em Orchard Valley e expirar o medo que a assolara desde o instante em que havia recebido a mensagem preocupada de Norah. E então, após caminhar, voltara para casa. Como nunca fora afeita à ociosidade, montara um centro de comunicações no escritório do pai.

– Voltarei ao trabalho a partir de amanhã – anunciou Norah entre garfadas de alface, camarão e fatias de ovos cozidos. – O hospital está deficitário em pessoal, mas também quando não esteve? E serei capaz de estar com papai, até com mais frequência que antes. Não se importa, certo?

– Claro que não. Faça o que achar melhor.

– Não está pretendendo partir de imediato, certo? – perguntou a irmã caçula falando rápido. – Não faria isso, se o hospital não estivesse precisando tanto de meus serviços.

– Entendo isso.

Norah colocou outra garfada de salada na boca e mastigou.

– Está calada esta noite. Algo errado?

– Na verdade, não. – Não queria preocupar Norah com

o sumiço de Steffie.

– Colby perguntou por você. – Valerie experimentou um frio na barriga diante das emoções contraditórias. Uma parte dela estava extasiada com o fato de ter perguntado por ela, mas ainda assim não pôde evitar a crescente pontada de apreensão. – Queria saber onde você estava.

– Disse a ele onde eu estava?

– Claro – respondeu Norah em tom alegre. – Ele disse que achava uma boa ideia você se afastar um pouco do hospital, já que estava quase morando lá desde que chegou. – Mastigou devagar outra garfada de salada. – Colby me perguntou se conhecia Rowdy Cassidy.

Valerie pousou o garfo. O apetite havia evaporado.

– O que você respondeu?

– A verdade. Que nunca o vi, mas que papai parecia pensar que era maravilhoso. Provavelmente você não sabe disso, mas papai tem seguido as notícias sobre a CHIPS desde que você começou a trabalhar lá. Ele considera Rowdy um gênio. Engraçado, mas tive a impressão de que não era isso que Colby queria ouvir.

– O camarão estava em promoção no Vern's Market – disse Valerie mudando de assunto. Não queria mais falar sobre Colby. Não agora, quando se sentia tão vulnerável, tão ciente da atração entre os dois. – Vern contou que o havia cozinhado esta manhã.

– Não quer conversar sobre Colby? – Valerie sorriu. A irmã não havia se graduado *magna cum laude* à toa. – Não vai sair esta noite, certo? – perguntou Norah em seguida.

– Pensei em ir de carro até o hospital visitar papai, mas além disso, não pretendo ir a nenhum lugar. Precisa de alguma coisa?

Norah deu de ombros.

– Posso estar enganada, mas acho que Colby queria

conversar com você. Tenho um pressentimento de que talvez telefone.

O vaticínio de Norah se provou certo.

Quando Valerie retornou da visita ao pai no hospital, a irmã havia deixado um bilhete grudado na porta de seu quarto.

“COLBY LIGOU. DISSE QUE QUER FALAR COM VOCÊ PELA MANHÃ.”

Valerie leu o recado com um misto de sentimentos. A excitação e o medo partiram para o segundo round da batalha, empatando outra vez. Estava determinada a esquecer tudo por aquela noite: o amor, Colby, o futuro. Logo viria a manhã, trazendo consigo todas as suas preocupações. Ansiava pelo esquecimento do sono, em escapar dos pensamentos e dos sentimentos.

Valerie presumiu que cairia no sono com a mesma facilidade da noite anterior. Durante uma hora, virou de um lado para o outro e socou o travesseiro em busca de uma posição confortável. Por fim, desistindo, acendeu o abajur no criado-mudo e leu até os olhos se fecharem e o jornal de negócios escorregar dos dedos.

Porém, o sono exausto de Valerie não trouxe o descanso e o esquecimento que desejava. Colby invadiu os sonhos como um convidado indesejado.

Estava lindo, vestido com o mesmo terno que usara no dia em que a levava para jantar no restaurante italiano.

– Não será capaz de me esquecer, será?

No sonho, Valerie nada respondeu, mas apenas por falta de argumentos. Limitou-se a encará-lo, adorando cada feição, cada movimento daquele homem.

Um barulho a distraiu, fazendo-a desviar o olhar. Irritada, Valerie olhou por sobre o ombro para ver de que se tratava e quando voltou a virar, Colby havia desaparecido. Ela gritou de frustração, o som da própria voz a acordando. Encontrava-se sentada na cama, com o

coração batendo furiosamente.

Precisou de mais um instante para perceber que havia uma comoção no andar térreo. Saltou da cama e pegou o robe.

No topo da escada, viu Norah, rindo e chorando ao mesmo tempo. Uma mala desgastada se encontrava pousada no chão, com uma capa de couro e um guarda-chuva.

– Steffie! – gritou Valerie, excitada, precipitando-se pela escada.

A irmã estava em casa.

CAPÍTULO 7

COLBY PEGOU a prancheta pendurada na extremidade do leito de David Bloomfield, observando as anotações que a enfermagem fizera durante a noite. Embora seus olhos estivessem baixados, não pôde evitar perceber o sorriso maroto do paciente.

– Deve estar se sentindo mais com antigamente esta manhã – observou, esperto.

O sorriso de David se alargou.

– Estou me sentindo mais bem disposto a cada dia que passa. Por quanto tempo pretende me manter prisioneiro aqui? Estou louco para voltar para casa.

– Mais uma semana – respondeu Colby repondo a prancheta no lugar. – Talvez menos, dependendo de como estará.

– Uma semana! – protestou David. – Tem certeza de que não está me detendo como uma desculpa para ver Valerie?

O cabelo da nuca de Colby se eriçou. Estava prestes a defender sua conduta médica quando percebeu que David o estava provocando e se divertindo com aquilo.

– Terei de transferi-lo da Unidade Semi-Intensiva esta manhã – continuou Colby. – Mas antes, quero que se levante e caminhe.

– Já me levantei.

Colby voltou a olhar para a prancheta, surpreso ao constatar que não havia nenhuma anotação que

indicasse alguma atividade do paciente.

– Apenas tomei cuidado para que ninguém visse. Senti-me um pouco zozinho, portanto só caminhei ao redor da cama. Não foi uma grande jornada, mas me exauriu.

– Está proibido de se levantar dessa cama de novo sem ninguém com você, entendeu? – Colby lançou mão de seu mais severo tom.

– Está bem, está bem – concordou David coçando o queixo e observando Colby. – Ela é tão linda que parece uma pintura, minha filha mais velha. Não acha, doutor?

Colby ignorou tanto o comentário quanto a pergunta.

– Pedirei que alguém da equipe de fisioterapia desça para avaliarmos seu desempenho nos exercícios. Presumo que esta tarde já esteja conseguindo chegar ao corredor.

– Pelo que ouvi dizer, aquele Rowdy Cassidy está telefonando para ela, duas a três vezes por dia.

Colby enrijeceu o corpo à menção do nome do outro homem. Tentara se convencer de que Valerie seria mais feliz ao lado de Cassidy. Ambos tinham a mesma postura, crenças e ambições na vida. Juntos, revolucionariam o mundo dos negócios. Rowdy era o tipo exato de personalidade dinâmica que ajudaria Valerie a atingir seus objetivos e alcançar seus sonhos. Ela nunca seria feliz como esposa de um médico, disse a si mesmo outra vez. No entanto, estava tendo dificuldade em aceitar o óbvio.

Nunca se imaginara como o tipo romântico. A carreira consumira a vida desde a época em que cursava o segundo ano do colegial. Seu amado avô morrera vítima de doença cardíaca e foi então que Colby decidira se tornar médico. Tudo mais ficara subordinado àquele objetivo. Apenas há mais ou menos um ano sentira a necessidade de se casar e formar uma família. Agira com

rigor metódico para colocar em prática aquela resolução, elaborando mentalmente uma lista de desejos e necessidades. Analisou as mulheres solteiras de Orchard Valley e decidiu namorar Sherry Waterman.

Se o relacionamento com Sherry não desse certo, Norah Bloomfield seria a próxima da lista, embora estivesse preocupado com a diferença de idade entre os dois.

O relacionamento com Sherry *dera* certo. Ao menos no início. Achara-a animada, sincera e engraçada. Contudo, as coisas começaram a azedar quando descobriu que era uma pessoa previsível. Se envolver com uma mulher que personificava todas as características que desejava em uma parceira de vida fora... entediante. Não tinha mais tanta certeza de que precisava de uma mulher tão tranquila e apegada ao lar.

De acordo com o cronograma que estabelecera para si mesmo, já deveria estar casado.

Mas não estava.

E para insuflar ainda mais sua irritação, a única mulher por quem estivera realmente atraído no último ano era Valerie Bloomfield e qualquer um com um mínimo de bom senso seria capaz de perceber que eram incompatíveis.

Durante meses, muito antes de seu enfarte, David Bloomfield sempre encontrara uma forma de introduzir o nome da filha mais velha para as conversas que tinham. Quando conheceu Valerie, Colby estava farto de ouvir falar dela. Não esperava sequer *simpatizar* com aquela mulher. Em vez disso, o coração e a cabeça pareceram sair de órbita desde o primeiro instante em que a vira.

Estava na hora de colocar um ponto final naquela loucura, antes que um dos dois acabasse levando aquela atração muito a sério.

– Cassidy seria um excelente par para uma mulher como Valerie – disse, injetando o máximo de indiferença na voz. A última coisa que desejava era que o pai de Valerie soubesse o quanto se sentia atraído por ela, embora suspeitasse de que já soubesse. O velho parecia ter um sexto sentido para essas coisas.

– Rowdy será, de um jeito ou de outro – retrucou David em tom de voz casual. – Eu deveria saber, também. – O sorriso maroto voltara a lhe curvar os lábios.

Colby sentiu um aperto no peito, a raiva borbulhando sob a superfície. David não se referira ao sonho que tivera ultimamente, aquele que denominara sua experiência de quase-morte. Porém, através de fragmentos de conversas, Colby sabia que David ainda vaticinava o casamento de Valerie. Fazia sentido que esperasse ver a filha unida a Rowdy Cassidy.

Melhor assim. Ele...

– Stephanie chegou em casa – disse David em tom de conversa, cortando os pensamentos de Colby. – Eu a vi por alguns instantes esta manhã. Que bela visão para estes olhos cansados!

Colby anuiu, com dificuldade em dispersar da mente a imagem de Valerie casada com o patrão. Bem, era melhor se acostumar com a ideia, porque era provável que aquilo acontecesse em breve. E porque se recusava a arruinar a própria vida se casando com a mulher errada.

Telefonaria para Sherry naquela tarde e a convidaria para jantar, decidiu com renovada determinação. Uma coisa era certa: pretendia esquecer Valerie Bloomfield, não importava o quanto fosse difícil.

Bastava de planos bem elaborados, refletiu Colby enquanto deixava a Unidade Semi-intensiva. Valerie estava parada no corredor, esperando por ele. Como sempre, quando a viu, sentiu o coração se alegrar. Uma

expressão fora de moda, talvez, mas não sabia como descrever o que sentia quando estava com ela.

Recordou o momento em que procurara por ela, após perder Joanna Murphy. O simples fato de estar em companhia de Valerie dispersara a dor que causara aquela morte inesperada e ajudara a lidar com a frustração, com a sensação de impotência.

Quando sugerira que tomassem café, seu primeiro impulso fora recusar, mas se descobriu incapaz de fazê-lo.

Dividir suas preocupações com Valerie o confortara.

Acreditava que aquela conversa também a ajudara a aceitar a doença do pai. Havia ajudado um ao outro. Pensando naqueles momentos que passaram juntos, podia entender por que não era capaz de rotular como simples atração sexual a fascinação que tinha por aquela mulher.

Claro que em parte era atração física, porém, mais que qualquer outra mulher que jamais conhecera, Valerie Bloomfield era seu equivalente. Em inteligência, força emocional e compromisso com aqueles a quem amava.

Desde então, todas as vezes em que estava ao lado dela, experimentava um entusiasmo, uma sensação de alegria que o deixava confuso. Desejando estar cada vez mais com ela. Ainda assim, sabia que não podia se dar o luxo de insistir em um relacionamento que não tinha nenhuma chance de perdurar.

– Quería me ver? – perguntou Valerie, com olhar ansioso.

Colby franziu a testa e negou com a cabeça.

– Não.

– Norah deixou um bilhete ontem à noite dizendo que você telefonou.

– Oh, isso. Não era nada. – Tinha vontade de chutar o próprio traseiro por ter dado aquele telefonema. Estivera

procurando uma desculpa para falar com ela. Tivera um dia longo e cansativo e, com as defesas baixas, inventara um motivo para ouvir o som da voz de Valerie. – Queria apenas dizer que vou transferir seu pai da Unidade Semi-Intensiva esta manhã. – Colby se apressou em prosseguir. – A recuperação dele tem sido excelente. Se continuar assim, terá alta do hospital dentro de uma semana.

Os olhos de Valerie se iluminaram com a sensação de alívio.

– Que notícia maravilhosa! Parece que tudo está acontecendo ao mesmo tempo. Não sei se ouviu falar, mas Steffie voltou para casa ontem à noite.

– Sim, foi o que entendi. – Colby a observou. Embora Valerie nada acrescentasse, percebeu que algo a perturbava. A testa vincara, embora apenas por alguns segundos, quando mencionou o nome da irmã. Colby suspeitava que ela nem percebeu sua expressão reveladora.

– Está acontecendo alguma coisa com sua irmã?

Os olhos de Valerie se arregalaram de surpresa.

– Sim, acabou de acontecer. Ela estava sentada na sala de espera, lendo um exemplar do Clarion, quando se ergueu de repente, perguntando se havia lido o jornal. Antes que eu dissesse qualquer coisa, disparou pela porta, levando o exemplar com ela. Não consigo me lembrar de um dia ter visto Steffie tão furiosa. Não sei ao certo o que deu nela, mas acho que tem algo a ver com Charles Tomaselli.

– Tenho certeza de que acabará contando.

– Sim, também acho, embora tenha a impressão que seja sobre um artigo que Charles escreveu com a ajuda de papai. Só não entendi o que achou de tão ofensivo. Eu li a reportagem e não vi problema nenhum. Aqueles dois parecem que não conseguem conviver um com o

outro. Nunca conseguiram. O que sempre me surpreendeu, porque Steffie parece tão interessada nele e estava começando a pensar que Charles sente o mesmo.

A tentação de permanecer ali, até mesmo sugerir que tomassem um café era sufocante, mas Colby resistiu. Era o que mais fazia em relação a Valerie. Resistir. Esperava apenas que aquela força de vontade se mantivesse até que ela voltasse para o Texas e para Cassidy, onde era seu lugar.

– VALERIE. – STEFFIE chamou parada à soleira da porta do quarto. – Tem um instante?

– Claro. – Valerie se encontrava sentada na cama, lendo, mas a mente não se concentrava na última tecnologia de informática que estava determinada a estudar. Com uma frequência irritante, os pensamentos teimavam em vagar de monitores de alta resolução para pousar em Colby. Ficou feliz com a visita da irmã, não só como uma distração.

Steffie cruzou o quarto e se sentou na beirada da cama.

– Fiz um tremendo papel de boba esta manhã – disse, baixando o olhar. Valerie aguardou a explicação, porém os detalhes estavam demorando a chegar. Sua curiosidade aumentava, mas não queria ser inconveniente. – Com Charles – continuou Steffie por fim, dobrando os joelhos e os erguendo para abraçá-los. – Não é a primeira vez. Ele é a única pessoa no mundo com quem jurei não mais falar e então, nas primeiras horas que chego em casa, volto a fazer papel de idiota diante dele.

Valerie pousou o jornal de negócios e ergueu os próprios joelhos.

– Ele esteve preocupado com você.

– Conversou com ele? Quando? O que ele disse?

A cabeça de Steffie se ergueu. O cabelo longo e escuro cascadeou até o meio das costas. Os olhos procurando os de Valerie. Embora a irmã estivesse com quase 27 anos, parecia não ter feito 18. Principalmente agora, quando se encontrava tão envergonhada.

– Charles perguntou por você pouco antes de sua chegada. Depois ficou preocupado porque você não chegou quando previu. Parece que fez algumas investigações, para tentar rastreá-la. Eu e Norah estávamos tão focadas no que estava acontecendo com papai que não nos preocupamos com seu atraso tanto quanto deveríamos. Porém, Charles parecia bastante ansioso.

– Estava apenas querendo que eu voltasse para casa a tempo de fazer papel de idiota, o que fiz.

Valerie achou aquilo injusto da parte da irmã.

– Charles tem sido maravilhoso – protestou, ainda imaginando o que Steffie teria feito.

– Para você e Norah. É comigo que ele não consegue viver. – Os ombros de Steffie se ergueram enquanto deixava escapar um profundo e melancólico suspiro.

– Como é possível saber quando se está amando de verdade? – perguntou, queixosa.

A mãe era quem deveria estar respondendo àquela pergunta. Não Valerie. Ainda não conseguira definir sua relação com Colby ou Rowdy. Desnorteada, fez um gesto negativo com a cabeça. Era capaz de derrotar a concorrência, consolidar alguns dos mais importantes acordos comerciais na indústria, mas não sabia reconhecer se estava apaixonada.

– Gostaria de ser capaz de responder a esta pergunta – disse Valerie com voz calma. – Não conheço quase nada sobre o amor. Esperava que *você* pudesse me esclarecer.

Steffie franziu a testa.

– Não me diga que teremos de perguntar a Norah.

– Não podemos – retrucou Valerie antes de soltar uma risada.

– O que há de tão engraçado? Ouça, este não é um momento para piadas, nem para se agarrar ao orgulho. Se Norah sabe mais sobre este assunto do que nós, devemos esquecer que é a caçula e ir lá agora mesmo, perguntar a ela.

– Não podemos questionar Norah sobre o amor, porque não está em casa – explicou Valerie. – Saiu para um encontro.

Steffie começou a rir também, não porque aquilo fosse engraçado, mas porque aquele era um raro momento de profunda intimidade entre as irmãs.

– Lendo nas entrelinhas de suas cartas, presumi que se apaixonou por seu patrão – disse Steffie em seguida. – Nunca disse isso com todas as letras, mas vocês dois parecem passar muito tempo juntos.

– Pensei que talvez estivesse me apaixonando por ele, até que conheci Colby.

– O médico do papai?

Valerie anuiu.

– Quando cheguei aqui, papai estava certo da morte. Na verdade, parecia desejá-la, o que estava preocupando a todos. Embora possa ter sido um pesadelo para você não conseguir chegar em casa, talvez tenha sido o motivo que o fez aguentar firme.

– Está se desviando do assunto. Conte sobre Colby.

– Tudo começou com os esforços de papai em nos unir, o que achei muito engraçado e Colby achou frustrante. Porém, quando nos conhecemos melhor, percebemos que havia uma chama entre nós. – Mais uma explosão do que uma simples chama, mas Valerie não admitiria aquilo.

– Se está apaixonada por Colby, então por que parece a ponto de cair em prantos?

– Por ambos sabemos que não vai dar certo. Ele é um médico de cidade pequena, que também leciona na Portland University. Embora possa exercer a medicina em qualquer lugar, deseja ficar aqui mesmo, em Orchard Valley.

– E você não?

– Acho que não poderia ser feliz aqui – disse Valerie arrasada. – Não mais. E há outros problemas também...

– Mas se vocês se amassem de verdade, seriam capazes de encontrar uma solução para essas diferenças.

– Aí é que está. Não sei se isso é amor e acho que Colby também não sabe. Tudo seria mais fácil se soubéssemos.

– Sim, mas se ele for a pessoa certa...

– Não sei. Sou atraída por ele. Penso em Colby constantemente, mas isso é o suficiente para esquecer todas as minhas ambições? Abrir mão de minha carreira? Não sei – repetiu Valerie. – E isso me mantém de pés e mãos atados. Como decidir? Se pedir demissão da CHIPS e encontrar outro emprego aqui, como saber se não me ressentirei com Colby daqui a cinco anos? Ou se ele iria acabar se ressentindo comigo por não ser o tipo de mulher mais tradicional, que tanto deseja? Além do mais, ainda que ame Colby, como posso ter certeza de que sente o mesmo por mim?

– Gostaria que mamãe estivesse aqui.

– Eu também – concordou Valerie com veemência. – Oh, Steffie, eu também!

VALERIE NÃO viu Colby por vários dias. Quatro, para ser mais exata. À medida que a saúde do pai melhorava, passava cada vez menos tempo no hospital, o que diminuía as chances de encontrá-lo por acaso. Estava trabalhando em casa e aquilo a ajudava. Estar em um lugar familiar, executando as tarefas com as quais estava

acostumada, dissipava os temores e abrandava as frustrações.

Sabia que deveria começar a pensar em retornar ao Texas. A crise passara e permanecendo em Orchard Valley estava criando outra, embora de outro tipo. A CHIPS, Inc. precisava dela. Rowdy Cassidy precisava dela. Havia perdido uma viagem de negócios importante, embora Rowdy a tivesse encorajado a ficar em Orchard Valley por quanto tempo fosse necessário. Mas também deixara claro que estava ansioso por seu retorno.

Valerie quase esgotara seu estoque de desculpas para permanecer em Oregon. O pai teria alta em tempo recorde e Valerie, com as duas irmãs, estavam planejando um jantar de comemoração que incluía Colby.

Ficara surpresa em saber que aceitara o convite. Surpresa e feliz. Estava faminta pela visão de Colby. Ele não saía dos pensamentos e Valerie imaginava se a recíproca era verdadeira.

Durante toda a tarde, sentira-se como uma colegial. Excitada e quase tonta com o retorno do pai à casa, principalmente porque Colby o traria de carro.

Norah havia passado a maior parte da tarde na cozinha, com Stephanie como sua assistente. Como os dotes culinários de Valerie eram limitados à preparação da salada e à dobra dos guardanapos, foi designada para as duas tarefas, além de colocar a mesa.

– Que horas são? – gritou Steffie da cozinha.

Valerie, que estava dispondo a melhor porcelana chinesa que possuíam sobre a mesa da sala de jantar, relanceou o olhar ao relógio que pertencera ao avô.

– Dezessete horas.

– Eles devem chegar dentro de meia hora.

– Será que captei uma nota de pânico no ar? –

provocou Valerie.

– O jantar ainda não está nem próximo de ficar pronto – informou Steffie. Elas haviam escolhido um cardápio que não incluía nenhum dos pratos favoritos do pai. David Bloomfield era um homem de bife com batatas, mas aquilo tudo iria mudar. Colby fora muito rígido quanto a isso. De agora em diante, David seria um homem de baixo colesterol e muita fibra.

– A mesa está posta – anunciou Valerie para as outras. Até onde sabia, aquela era a primeira vez que usavam a valiosa porcelana chinesa desde a morte da mãe. Mas o jantar de boas-vindas ao pai merecia o melhor.

Quinze minutos depois, Valerie olhou pela janela da sala de estar e viu o carro marrom de Colby cruzando o caminho que levava à casa.

– Eles chegaram! – gritou, correndo para a varanda da frente, mal conseguindo conter a excitação. Aquele momento parecia um milagre. Chegara a aceitar que perderia o pai e agora recebera uma segunda chance na vida. Aquilo era muito mais que ousara esperar.

Steffie e Norah se juntaram a ela na varanda. Colby foi o primeiro a saltar do carro e o contornou para ajudar David. Só aquilo a impediu de voar pelos degraus da escada para ajudá-lo pessoalmente. Embora o pai tivesse tido uma recuperação fenomenal em oito dias desde a cirurgia, ainda se encontrava muito mais pálido e magro que de costume. Contudo, os olhos brilhavam com óbvio orgulho e satisfação ao avistar as três filhas.

David girou na direção de Colby e disse algo que Valerie não conseguiu escutar. O que quer que fosse, fez os olhos escuros de Colby voarem na direção dela. Valerie sustentou o olhar, embora por um breve tempo, pois logo os dois desviaram os rostos, envergonhados por terem sido pegos se encarando.

– Sinto dizer que o jantar ainda não está pronto –

informou Norah enquanto Colby ajudava David a se sentar em sua cadeira reclinável em frente à lareira.

– Estou esperando há duas semanas por uma refeição decente – resmungou o pai. – Aquela comida do hospital não combina comigo. Espero que tenha se superado.

– Sem dúvida – prometeu Norah, sorrindo para Valerie. O pai não estava esperando salmão cozido com molho de endro, salada e arroz, mas em breve acabaria por se acostumar com hábitos alimentares mais saudáveis.

– Posso trazer alguma coisa, pai? – perguntou Valerie, presumindo que fosse pedir o jornal ou uma xícara de café.

– Vá até o pomar e veja se o rapaz Howard ainda está lá, sim, Val?

– Claro, mas acho que não deveria se preocupar com o pomar agora.

– Não estou preocupado. Quero apenas saber o que aconteceu enquanto estava deitado. Prometo que não vou me exceder. Colby não permitiria. Tentei morrer três vezes, mas ele sempre estava por perto para não deixar. Não acha que eu seria capaz de arruinar todo o trabalho que teve, acha?

Valerie sorriu.

– Está bem. Vou ver se o administrador ainda está por lá.

– Colby. – David chamou erguendo um despótico dedo indicador. – Acompanhe Valerie. Não quero que caminhe pelo pomar sozinha.

O pedido era uma desculpa deslavada para deixá-los a sós, mas nenhum dos dois objetou.

Colby a seguiu na direção da varanda da frente e pelos degraus da escada.

– Não precisa me acompanhar – disse, erguendo o olhar para encará-lo. – Caminho por estes pomares

desde que aprendi a andar. Jamais me perderia.

– Sei disso.

– Papai estava apenas inventando uma maneira de ficarmos a sós.

– Também sei disso. Ele me informou no trajeto para cá que pretendia fazer isso.

– Mas por quê?

– Não é óbvio?

– Sim, mas... – O pai insinuara mais do que uma vez que previa um casamento entre ela e Rowdy Cassidy em breve. Parecia ter abandonado a ideia de empurrar a filha mais velha para Colby. Então desejava que esclarecesse aquilo pessoalmente? David parecia extasiado com a perspectiva de ter Rowdy como genro. Falava do casamento de Valerie como se fosse algo predeterminado.

– Como tem passado? – perguntou Colby. Os dois caminhavam sob o sol de fim de tarde, na direção oeste do pomar, onde eram mantidos os equipamentos. Havia um pequeno escritório em um armazém, também. Se Howard ainda estivesse no pomar, aquele era o lugar mais provável de encontrá-lo.

– Bem. E você? – Valerie não poderia revelar seus verdadeiros sentimentos ou contar uma meia-verdade. Portanto, optou pela sinceridade. – Tenho sentido sua falta.

Colby uniu as mãos atrás das costas, como o vira fazer em outras ocasiões. Poderia não passar de uma ilusão, mas Valerie suspeitava de que fazia isso para se impedir de tocá-la.

– Soube que seu patrão está telefonando todos os dias – disse com voz tensa.

– Soube que você levou Sherry Waterman para jantar esta semana – retrucou Valerie.

– Não ajudou muito – murmurou Colby. – Durante

todo o tempo em que estivemos juntos, fiquei pensando que preferia estar com você. Era isso que estava esperando escutar?

Valerie baixou o olhar à terra sob seus pés.

– Não, mas admito que agradou.

– Isso não vai dar certo.

Como aquelas palavras soaram tensas! Era como se Colby estivesse se esforçando para não perder o controle, o que tornava cada segundo mais difícil.

– O que não dará certo?

– Você... estar aqui.

– Aqui? Não precisava ter vindo comigo! Já expliquei que sou capaz de encontrar o caminho...

– A cotação da CHIPS se elevou em 2 dólares por ação na semana passada. – Colby estava pulando de um assunto para outro.

– Isto é ótimo – disse, cautelosa. – Tenho certeza de que Rowdy está extasiado.

– Deveria estar, também.

– Como acionista, estou, mas o que isto tem a ver com qualquer coisa?

– Você pertence a Houston, ao lado de Rowdy Cassidy e todos os milhões que ele possui. – Rowdy estivera dizendo a mesma coisa para ela. Não naquelas palavras, mas a queria no Texas. Com ele. Não passava um dia que o patrão não deixasse claro o quanto sentia sua falta. Rowdy não era do tipo romântico. Palavras bonitas não eram o seu forte. Era um homem direto, assim como Valerie. O patrão dissera que sentia sua falta, do tempo que passavam juntos e das discussões que tinham. Rowdy não se dera conta até ela deixar o Texas. – Quando partirá? – perguntou Colby.

Valerie percebeu que aquele era o único propósito para estarem sozinhos. O motivo pelo qual Colby se submetera às maquinações do pai e a acompanhara até o

pomar. Ele a queria fora de Orchard Valley e de sua vida.

– Em breve – prometeu, com a voz embargada pela dor, cuja intensidade a pegou de surpresa. Envergonhada, Valerie apressou o passo a um meio trote, desejando escapar.

– Valerie. – A voz de Colby soou atrás dela.

– Não, por favor... Você tem razão. Eu vou... – Ela não conseguiu completar o pensamento. As mãos fortes seguraram-lhe os antebraços e a giraram de frente para ele, puxando-a para o calor do abraço de Colby.

Em seguida, segurou os punhos e os pousou em torno do pescoço como se Valerie fosse uma boneca de pano. Com os braços a cingiu pela cintura, puxando-a com firmeza contra o corpo. Antes que recuperasse o fôlego, os lábios firmes pressionavam os dela.

Valerie sentiu como se estivesse mergulhando em puro êxtase pelo fato de estar envolta naqueles braços outra vez. Não era para ser assim. Não devia parecer tão certo, tão bom. A boca de Colby se mostrava exigente, e ela se abriu para recebê-lo com a naturalidade do desabrochar de uma flor ao sol.

Ela se grudou ao corpo forte, mas de repente ergueu a cabeça. Pressionou o rosto ao ombro largo e estremeceu. Talvez tivesse sido capaz de esquecê-lo, de esquecer aqueles sentimentos se ao menos Colby não a tivesse beijado, se não a tivesse envolvido nos braços.

– Não percebe o que está acontecendo? – perguntou.

Valerie anuiu.

– Estou me apaixonando por você.

– Não podemos permitir que isto continue.

– Mas...

– Está disposta a arriscar tudo que lutamos para conseguir durante nossas vidas? Está disposta a mudar ou espera que eu o faça? A verdade é a seguinte: sabe

que *nenhum* de nós quer abrir mão de nada. Portanto, temos de pôr um fim nisto. Porque não temos nada em comum.

De repente, Valerie conseguia pensar em várias afinidades entre ambos, mas não as mencionou. Era inútil. Entendia o que Colby estava dizendo. Se continuassem assim, aquilo os levaria ao inevitável. Iriam se apaixonar a tal ponto que esqueceriam o abismo entre eles. Escolheriam ignorar que Valerie tinha uma carreira brilhante a esperando em Houston. Optariam por esquecer que Colby queria uma esposa dedicada ao lar.

Negligenciariam até as diferenças mais óbvias. Durante algum tempo, o amor seria o suficiente, mas não duraria, não por muito tempo.

– Está na hora de voltar – disse Colby a soltando.

– Papai não ficará preocupado.

– Não estou me referindo a seu pai e sim a você. Volte para o Texas – disse. Os olhos escuros fixos nos dela. – Antes que seja tarde demais. – Ele girou e se afastou. Era a segunda vez que Colby suplicava que partisse e desta vez a dor foi ainda maior.

CAPÍTULO 8

– COLBY SAIU com Sherry Waterman três noites seguidas – disse Norah em tom casual por sobre a borda da xícara, na manhã de sábado. – Desde que papai voltou para casa, eles estão saindo todas as noites. – Ela mordeu um pedaço de torrada, mas o olhar evitou o de Valerie, como se sentisse culpa por dar aquela informação.

– Presumo que tenha uma razão para querer que fique sabendo disso.

– Sim – murmurou Norah. – Sherry estava no hospital e tivemos chance de conversar. Ela me contou que não pode entender por que Colby a está convidando para sair com tanta frequência. Não há paixão entre eles. Apenas gostam da companhia um do outro, mas nunca serão mais que amigos. É como se Colby estivesse forçando transformar a relação dos dois em algo que não é.

– Talvez Sherry esteja vendo problemas onde não há. – Valerie não acreditava naquilo, mas se sentia compelida a dizê-lo. Sabia o que Colby estava fazendo: fugindo de um relacionamento entre os dois, temendo tudo que sentia por ela.

– Sherry sabe que Colby está apaixonado por alguém e também percebeu que ele está lutando contra esse sentimento. – As palavras de Norah faziam eco com os dela. – E é por você, certo? Colby está apaixonado por

você.

– Não posso falar por ele – insistiu Valerie mastigando, furiosa, um pedaço de torrada.

– Você o ama?

Valerie deu de ombros e respondeu à pergunta com outra, o que era sempre uma boa jogada.

– O que sei sobre o amor?

– O suficiente – contrapôs Norah. – Por favor, acabe com o desespero daquele homem.

– E como sugere que faça isso? – perguntou Valerie com genuína curiosidade. Também estava desesperada, mas ninguém parecia levar aquilo em consideração. Em outras circunstâncias, teria conversado com Steffie, mas era evidente que a irmã do meio estava tendo seus próprios problemas de relacionamento. Não que tivesse dado detalhes sobre o que estava passando.

– Pelo amor de Deus! – Norah se alterou. – Case-se com ele. Colby é louco por você. Qualquer tolo pode ver e você também está apaixonada por ele.

– Às vezes, o amor não é o suficiente.

– Sim, é – insistiu a irmã caçula.

Talvez para Norah, que era jovem e idealista. Mas havia muitas complicações que Valerie não poderia ignorar em seu relacionamento com Colby. Além do mais, ele deixara muito explícito o desejo de vê-la partir.

– Acho que deveria pedir demissão de seu emprego, voltar para casa e se casar com o dr. Winston.

– E fazer o quê? – perguntou Valerie. – Dedicar-me à política? Aprender a tricotar? Se tivesse *muita* sorte, talvez encontrasse algum emprego na cidade que não teria um décimo da graça daquele que tenho agora. Ouça, há oito anos sou uma mulher de negócios produtiva. Acha que ficaria feliz sentada em casa, tricotando suéteres pelo resto de minha vida?

– Por fim se acostumaria. Só teria de se ajustar um

pouco.

– Oh, Norah. – Valerie suspirou, com um sorriso compassivo à romântica irmã. – Você faz tudo parecer tão simples. Mas não é. Colby não está sofrendo por minha causa. Não se estiver passando todas as noites com Sherry. Se quisesse que eu permanecesse em Orchard Valley, teria me pedido.

– E se não pedir? Está disposta a atirar sua chance de felicidade pela janela por causa de seu orgulho exacerbado? Deveria dizer a ele que está disposta a ficar – sugeriu Norah em tom de voz exaltado. – Por que tudo tem de partir de Colby?

– Não tem, acredite. Mas é tarde demais.

– Para que é tarde demais? – perguntou o pai da soleira da porta da cozinha. Estava trajado com seu robe listrado, a faixa atada com força à cintura. Ele passou uma das mãos pelo cabelo desgrenhado, com a aparência de quem havia acabado de acordar. Norah se levantou em um gesto automático e o guiou até a cadeira. – O que vocês duas estão discutindo? Podia ouvi-las lá do quarto dos fundos.

O pai estava dormindo no andar térreo porque Colby ainda não o liberara para subir a escada. Embora não tivesse reclamado, Valerie sabia que David estava ansioso para voltar ao próprio quarto.

– Não estávamos discutindo – explicou Valerie, ignorando o olhar furioso da irmã.

– Eu as escutei – insistiu David, sorrindo para a filha caçula, que trouxe uma caneca de café. – Acho que ouvi Norah sugerir que se casasse com Colby. É isso que tenho dito há semanas. Assim como todos que têm um pinga de bom senso.

A garganta de Valerie pareceu se fechar.

– Ele tem de me pedir primeiro. E... e você agiu como se tivesse sentido que Rowdy e eu...

– Ora! Rowdy Cassidy é um bom homem, mas não serve para você. Se dei a entender que deveria se casar com Rowdy, foi apenas para que você e aquele médico cabeçudo pensassem bem no que poderia acontecer. Quanto a Colby não a ter pedido em casamento, peça você.

– Papai... – A lista de objeções de Valerie era muito longa para enumerá-la. A melhor coisa a fazer era ignorar tal sugestão.

– Nunca se intimidou em correr atrás do que queria – disse Norah. – Sempre a admirei por isso. Você o ama, certo? Portanto, peça-o em casamento... ou ao menos a chance de ter um relacionamento com você. Talvez tenha uma bela surpresa com a resposta.

– Isso não daria certo – afirmou Valerie tristonha. – Colby é um homem muito tradicional. Quando encontrar a mulher com quem deseja se casar, fará o pedido.

Nem Norah nem o pai argumentaram. Minutos depois, ela deixou a cozinha e se dirigiu ao próprio quarto para trocar de roupa. Mas não foi muito longe.

Sentada na extremidade da cama, fechou os olhos e tentou pensar. Estaria sendo desnecessariamente obstinada? Norah teria razão? Estaria permitindo que o orgulho a impedisse de ser feliz? Os questionamentos surgiam de todas as direções e não se via capaz de responder a nenhum deles.

Ao que tudo indicava, havia um único modo de saber o que precisava e aquilo significava confrontar Colby. Durante anos, estivera encontrando soluções para todos os tipos de situações desfavoráveis. Aquela era sua maior habilidade nos negócios. Porém, quando se tratava da vida pessoal, nada vinha à mente. Deveria haver uma solução que satisfizesse a ambos, mas não conseguia atinar qual era.

VALERIE ERA a última pessoa que Colby esperava ver quando atendeu a porta. Ela percebeu isso pela perplexidade nos olhos negros e se sentiu encorajada. Desejara pegá-lo de surpresa e conseguira.

– Olá – disse.

– Valerie... olá.

Ela se vestira com esmero, demorara para selecionar a roupa perfeita para seus propósitos. Algo que o lembrasse de que ela era uma mulher, mas não do tipo fácil. Escolhera um gracioso vestido suéter rosa claro que Steffie trouxera da Itália.

– Posso entrar por alguns minutos? – perguntou Valerie quando ele permaneceu parado, sem ação.

– Claro. Não tive intenção de ser grosseiro. Estava escrevendo.

– Escrevendo? – Ela o seguiu até a sala de estar, e quando Colby gesticulou na direção do sofá, sentou-se, esperando parecer fria e serena. Como se sua presença ali não passasse de uma visita social, quando na verdade toda sua vida dependia daquilo. Valerie era muito experiente em negociações para deixar transparecer os sentimentos, mas estava nervosa com aquele encontro, como nunca estivera em nenhum acordo comercial que realizara.

– Estou trabalhando em um artigo para o *American Journal of Medicine* – explicou. – Seis meses atrás, o editor me pediu que contribuísse com algum assunto e só estou conseguindo fazer isso agora.

Valerie sentiu uma onda de orgulho invadi-la. Colby tinha um futuro brilhante pela frente. O mundo seria um lugar melhor graças à sua dedicação e generosidade. Os olhares dos dois se encontraram, e ela desejou dizer o quanto o respeitava, como estava orgulhosa dele, mas não conseguiu. Não queria que nada que dissesse agora influenciasse a decisão de Colby mais tarde.

– Quero pedir uma coisa – disse Valerie erguendo-se de modo abrupto. Olhou ao redor e voltou a se sentar.

– Sim? – O olhar de Colby se fixou em suas mãos, e ela se deu conta de que as esfregava uma a outra. Parou no mesmo instante, envergonhada com aquela demonstração de nervosismo.

– A última vez que o vi – começou em tom de voz mais hesitante do que pretendia, pediu que eu deixasse Orchard Valley.

– Sim – retrucou Colby com voz áspera.

– Por quê?

– Sabe a resposta tão bem quanto eu. A recuperação de seu pai foi bem mais rápida do que imaginávamos. Você vai acabar voltando para o Texas, portanto não consigo ver nenhuma razão para prolongar esse... interlúdio. O Texas é o seu lugar.

– Em outras palavras, se um homem deve me abraçar e beijar, esse homem deve ser Rowdy Cassidy.

Uma faísca de raiva brilhou no olhar de Colby, mas tratou de disfarçá-la.

– Foi isso que quis dizer – respondeu com voz suave.

– Não posso deixar de fazer uma pergunta – disse Valerie com a voz cada vez mais fraca, apesar de seus esforços. – Minha partida é *realmente* o que deseja?

– O que quer dizer com isso?

– Eu poderia ficar em Orchard Valley. – O olhar de Valerie se fixou no dele, esperançoso, ansioso. – Aqui é minha casa. Foi aqui que nasci e me criei, onde frequentei a escola. Alguns dos meus amigos ainda vivem aqui e conheço quase todo mundo nesta cidade. – As palavras saíam em enxurrada, praticamente tropeçando umas nas outras.

Colby inspirou profundamente e pareceu prender o ar nos pulmões. Os punhos se cerrando nas laterais do corpo.

– Por que faria isso?

Valerie imaginara o que iria responder. Sabia o que queria ouvir: que Colby precisava dela em sua vida. Em vez disso, fizera com uma pergunta frívola.

– Por que ficaria? – repetiu, falando devagar. Os olhos ainda fixos nos dele. – Porque você está aqui.

As palavras foram recebidas com um silêncio breve e entremeado de tensão, como se sua franqueza o tivesse chocado. Em seguida, Colby desviou o olhar.

– Está dizendo que me ama? – perguntou como se não fosse aquilo que desejasse ouvir.

– Sim. – A voz de Valerie soou rouca e com algo próximo ao arrependimento. – Durante toda a manhã desejei ter namorado mais no meu tempo de escola e faculdade, porque dessa forma saberia o que dizer. Sempre fui muito... direta. Não consigo evitar. Faz parte da minha natureza. – Colby não respondeu, o que a fez se apressar em preencher o silêncio. – Este era o momento em que você devia confessar que também me ama – disse, em tom de voz ansioso. – Isto é, se você me ama... Posso não ter sido a rainha do colegial, mas sou mulher o suficiente para saber que você gosta de mim. O mínimo que pode fazer é admitir isso e salvar o pouco do orgulho que me resta.

– Amar você nunca foi o problema.

– Obrigada por isso – sussurrou Valerie.

– Mas o amor não é o suficiente.

– Como pode saber? – perguntou, embora tivesse repetido a mesma coisa há menos de duas horas. – Nem ao menos tentamos. Parece que ninguém jamais conseguiria nada neste mundo se decidisse desistir antes de começar.

– Você torna isso tão tentador.

– É mesmo? De verdade? – Aquelas palavras a encheram de excitação. O primeiro sinal de

encorajamento desde que chegara ali. – Estive pensando... há empresas no Noroeste Pacífico nas quais poderia trabalhar. Empresas que ficariam satisfeitas em me contratar.

Colby se ergueu e começou a andar pela sala. Sem saber o que fazer, ela o seguiu.

– Acho que deveria me beijar – sugeriu Valerie com voz rouca.

– Valerie... – Colby girou quando disse seu nome, não esperando se deparar com ela tão próxima, porque os dois quase bateram. As mãos fortes seguraram os ombros para equilibrá-la.

Aquilo era o que Valerie esperava que acontecesse.

Em um gesto automático, ela se colou ao corpo de Colby, envolveu-lhe a cintura com os braços e o puxou para perto. Ergueu o rosto, expectante, na direção do dele e não se desapontou.

Com um gemido, Colby capturou-lhe os lábios. As mãos se fechando no cabelo de Valerie para inclinar a cabeça para trás e beijá-la com uma avidez que a deixou ofegante e enfraquecida.

– Valerie... não. – Relutante, Colby recuou mantendo as mãos sobre seus ombros.

– Mas por quê? – suplicou.

Com extrema habilidade, ele se afastou ainda mais, colocando o máximo de distância entre os dois.

– O que há de errado com você? – perguntou, irritado.

– Errado? – repetiu Valerie, ainda cativa da excitação que aquele beijo tinha suscitado.

– Acha que vir até aqui e me seduzir significaria uma proposta de casamento? Isso não é muito original, Valerie. Eu a tinha em um conceito mais elevado.

– Seduzi-lo? – Um rubor intenso se espalhou pelo rosto de Valerie. – Eu não estava... não tive intenção de...

– Bem, foi assim que pareceu.

Se Colby estava tentando irritá-la, estava fazendo um ótimo trabalho. Ela se forçou a inspirar e expirar várias vezes.

– Não vim aqui para seduzi-lo. Tampouco permitirei que me provoque até começarmos uma discussão. Vim porque tinha de saber. Precisava descobrir por mim mesma se havia alguma chance para nós. Se não há, diga de uma vez e partirei. Transporei aquela porta e esqueceremos que estive aqui. – Valerie fez uma pausa. – É isso que você deseja? – Colby franziu a testa, com expressão feroz, mas não respondeu. – Diga – exigiu. – Diga que não me quer. Diga para sair de sua vida e sairei, sem nem ao menos olhar para trás – desafiou, permanecendo na extremidade da sala, paralisada pela tristeza. – Ainda assim, ele não respondeu. Não disse ao menos uma palavra. – Não precisa se preocupar com cenas desagradáveis. Farei minhas malas, partirei para o aeroporto e nunca mais terá notícias minhas. – A voz de Valerie permanecia firme apesar da rouquidão causada pela dor. Silêncio. – Apenas me diga! – gritou. – Diga-me para ir embora, se for isso que deseja. Mas se tivesse um pinga de bom senso diria para ficar aqui e me casar com você. Mas você não tem. Sei disso porque vai fazer o que acha que é nobre e me mandar embora. Bem, não facilitarei as coisas para você, Colby. Se me quer fora de sua vida, terá de dizer.

– Eu diria se tivesse a oportunidade de falar.

Valerie se engasgou com um soluço e engoliu a risada.

– Eu o amo! Isso não significa nada para você? – Mais uma vez as mãos de Colby se cerraram em punhos outra vez e seus lindos olhos negros não se desviaram dela. – Diga! – gritou Valerie mais uma vez. – Diga que não me quer. Melhor ainda, diga que está perdidamente apaixonado por mim e que está disposto a encontrar

uma maneira de fazer tudo dar certo entre nós. Diga isso. – Colby fechou os olhos. – Estou avisando. Se eu passar daquela porta, o que quer que exista entre nós estará acabado. Recuso-me a passar o resto da vida esperando por você. – Valerie limpou as lágrimas que escorriam pelo rosto.

– Você sempre será alguém especial em minha vida.

– Não é o suficiente. – Ela soluçou. – Diga-me para sair de sua vida. Deixe muito claro para que saiba que tomou uma decisão consciente, para não questionar isso mais tarde. Para que *você* não questione mais tarde.

– Você não pertence a este lugar.

– Assim está melhor. – Valerie engoliu em seco. – Mas ainda não é o suficiente. Nunca ouviu falar que às vezes é necessário ser cruel para ser gentil? Certifique-se de deixar claro o que deseja, porque essa é sua única chance. – A voz de Valerie falhou. – Não precisa nem sequer prometer que se casará comigo. Basta ficar.

– Não! – gritou Colby, como se algo tivesse explodido dentro dele. – Quer que seja cruel? Precisa chegar a isso? Você é uma mulher inteligente, ou assim suponho, mas isso... esse papel é ridículo. Não devo nada. Quer que diga para você partir? Então, parta. Não precisa da minha permissão. – Colby cruzou a sala com passos largos e abriu a porta para ela. – Volte para o Texas e se case com seu caubói.

Petrificada, Valerie temeu se mover por achar que as pernas não iriam sustentá-la. Em seguida, anuiu e caminhou na direção da porta, passando, trêmula, por ele.

– Adeus – sussurrou. Contudo, incapaz de resistir, roçou os dedos na lateral do rosto de Colby. Quando recordasse aquele momento, não queria ter arrependimentos. Oferecera tudo que possuía, e ele a estava mandando embora. Não havia nada mais que

pudesse fazer.

COLBY OLHOU para as próprias mãos, as mesmas que usava para salvar vidas, e viu que estavam trêmulas pela intensidade da emoção, e foi tudo que pôde fazer para não as arremessar contra a parede de concreto.

Quando Valerie partiu, estava furioso. Preferia que tivesse feito as malas e desaparecido sem dizer adeus. Fora aquilo que havia previsto. Não essa cena desagradável. Não que drenasse as emoções de ambos, prolongasse a dor.

Aquilo não deveria ter sido tão difícil. Tomara aquela decisão muito antes de beijá-la, tomá-la nos braços e confortá-la.

O telefone tocou, e ele se ergueu, agradecido por alguma coisa que distraísse os pensamentos.

– Alô – disparou, não pretendendo soar tão impaciente.

– Colby, estou ligando em uma hora inadequada?

– Sherry... claro que não. Estava apenas pensando... – Ele deixou o resto da frase morrer.

– Desculpe, mas não poderei comparecer em nosso jantar de hoje à noite.

Como soava doce!, refletiu Colby. Por que não conseguia sentir por Sherry o que sentia por Valerie Bloomfield? Deus sabia que tentara nos últimos dias. Fizera tudo que podia para ver se despertava paixão entre os dois, mas não conseguira.

– Minha tia Janice chegou e meus pais me pediram que a levasse até a casa do meu irmão – explicou Sherry.

– Espero que não seja um inconveniente para você.

– Sem problemas. – Colby percebeu algo mais na voz de Sherry, uma hesitação, um desapontamento, mas preferiu não a questionar.

– Colby?

– Sim? – A irritação havia voltado, mas não em relação a Sherry e sim consigo mesmo por não conseguir sentir nada por ela. Abraçara-a e beijara, mas todas as vezes que fazia isso era frio e insensível.

– Não quero parecer indelicada, mas acho que deveríamos parar de nos encontrar.

As palavras o pegaram de surpresa.

– Por quê?

– Não é em mim que está interessado e sim na irmã de Norah. Gosto de você, não me entenda mal, mas isso não está dando certo. Saímos juntos há um ano e se tivéssemos de nos apaixonar, isso já teria acontecido.

– Acho que não nos esforçamos para isso. – Colby não entendia por que estava argumentando, quando concordava com o que dissera. Sherry seria uma excelente esposa para algum homem. Algum *outro* homem.

– Você está me usando.

Colby se descobriu sem nada para dizer em defesa própria. Até aquele momento, não havia percebido isso, mas Sherry estava certa. Ele *a estivera* usando. Não de modo leviano ou para fazer ciúmes em Valerie, mas em um esforço para provar a si mesmo que poderia viver feliz sem ela.

Porém, aquele experimento fora como um tiro que saía pela culatra. Agora estava sozinho, imaginando como havia sido capaz de permitir que a única mulher que amara saísse de sua vida.

– QUE NEGÓCIO é esse que estou ouvindo de você voltar para o Texas? – perguntou David Bloomfield a Valerie quando ela veio lhe fazer companhia na varanda da frente, depois do jantar. Ela se sentou no último degrau da escada, com as costas pressionadas à coluna branca, enquanto o pai se balançava em sua velha cadeira.

Valerie observou o pomar de macieiras florido, inspirando a atmosfera perfumada pelas flores brancas e rosas. O ocaso lançava reflexos dourados no azul do céu.

Durante o jantar, Valerie não dissera uma só palavra sobre sua volta ao Texas e ficou surpresa pelo fato de o pai estar ciente de suas intenções. Sentara-se calada em seu lugar à mesa, revirando a comida no prato com o garfo e esperando que ninguém notasse que não estava comendo.

– Está na hora de voltar, pai.

– Isso dói, certo? – perguntou, com voz terna.

– Um pouco. – *Muito*, gritou o coração de Valerie, mas era um grito que vinha ignorando desde que deixara a casa de Colby. – Sua saúde está cada vez melhor – prosseguiu forçando um tom de voz animado. – Não precisa mais de mim por perto.

– Ah, mas preciso – retrucou o pai em tom de voz terno, continuando a se balançar. – Colby também precisa.

O nome a penetrou como a lâmina afiada de uma espada, fazendo-a prender a respiração diante da dor inesperada. O pai fora a razão de sua vinda, mas Colby era o motivo de sua partida.

– O amor é engraçado, não acha? – refletiu, abraçando os joelhos do modo como fazia quando era menina.

– Nós somos muito parecidos – retrucou o pai. – Sua mãe percebeu isso antes de mim, o que suponho ser natural. Tenho orgulho de você, Valerie, do que conseguiu conquistar em tão pouco tempo, de seu profissionalismo. Cassidy tem sorte em tê-la em sua equipe e sabe disso. Do contrário, não a teria promovido.

– Tenho um futuro brilhante na CHIPS – disse Valerie para lembrar a si mesma que sua vida tinha um propósito. Havia onde focar toda a energia que possuía.

Algo que a ajudaria a esquecer, que daria uma razão para seguir adiante.

– O romance entre mim e sua mãe também não foi fácil – começou o pai, balançando a cadeira devagar. – Grace era uma bela e jovem enfermeira e eu estava perdidamente apaixonado por ela. Em minha mente, achava que Grace tinha sorte por ter me encontrado. O problema era que ela parecia não concordar. Eu era um homem de negócios bem-sucedido, um milionário. Mas nada disso parecia impressioná-la. – O sorriso de David era ironicamente nostálgico. Os olhos pareciam fitar um mundo há muito perdido. – Convencer Grace a se casar comigo era de longe o maior desafio que encarava em anos.

– Ela não o amava? – Era impossível para Valerie compreender aquilo.

– Sim, ela me amava. Apenas achava que não seria a esposa ideal para mim. Eu era rico, proeminente na sociedade e, como sabe, sua mãe era a filha de um pastor do Oregon. Antes de ter a febre reumática, era um dos mais cobiçados solteiros da Califórnia, embora seja eu que esteja dizendo. Mas não havia conhecido nenhuma mulher com quem quisesse me casar até sua mãe ser minha enfermeira. – Como aquilo parecia dolorosamente familiar a Valerie. Estivera feliz com a própria vida, até conhecer Colby. Apaixonar-se era a última coisa que esperava quando voltara para casa. – Havia outros problemas também – continuou David. – Sua mãe parecia pensar que meu ritmo de trabalho iria me matar e não queria se casar comigo para assistir à minha morte depois.

– Mas você resolveu tudo.

– Por fim, sim – concordou o pai, com olhar saudosista. – Eu amei sua mãe desde o primeiro instante em que abri meus olhos e a vi parada ao lado do meu

leito, no hospital. Lembro-me de ter pensando que era um anjo e, em alguns aspectos, ela era. – O semblante de David tinha o brilho do amor eterno. – Sabia que, se concordasse em se casar comigo, teria de abrir mão de tudo aquilo que trabalhara duro para conseguir. Significaria vender minhas empresas e encontrar algo novo com que me ocupar.

– E fez isso.

– Não sem muito refletir. Eu já havia conseguido juntar mais dinheiro do que seria capaz de gastar, mas tinha certeza de que não seria feliz se me aposentasse antes dos 40 anos. Tinha de fazer alguma coisa. Levou alguns anos e muita ajuda de Grace para descobrir o que poderia ser.

Valerie anuiu.

– Penso assim, também. Nunca seria feliz, ficando ociosa em casa. Sou muito parecida com você. – A extensão do sacrifício do pai a abalou. – Como foi capaz de abrir mão de tudo que tinha construído durante todos aqueles anos?

– Sem sua mãe, minha vida seria vazia. Meu trabalho já não me importava mais. Grace era minha prioridade, assim como a vida que construiríamos juntos. Abri mão de um tipo de vida, mas ganhei outro. Um que achei muito mais pleno.

– Mas nunca se sentiu enfadado ou inquieto?

– Um pouco, mas não tanto quanto esperava. Depois de um ou dois anos de casamento, sua mãe percebeu que estava muito ocioso e começamos a procurar por alguma coisa que me ocupasse. Um novo interesse. Foi então que comprei o pomar e me mudei para cá. – Ele sorriu. – Meu próprio Jardim do Éden.

– Acho que nunca entendi o quanto você mudou a própria vida para se casar com mamãe.

– Foi um sacrifício e, na época, parecia um dos

grandes, mas à medida que os anos se passavam percebi que estava certa. Eu teria me matado se continuasse no mundo dos negócios. Grace trouxe o equilíbrio para a minha vida, da mesma forma que Colby fará com você.

Valerie deixou passar alguns instantes, antes de responder.

– Não me casarei com Colby. Gostaria de dizer o contrário, que iríamos procurar a mesma felicidade que encontrou com mamãe, mas isso não será possível.

Era como se Valerie nada tivesse dito.

– Você será perfeita para ele. Vocês se amam, mas o que sentem agora um pelo outro, nem se aproxima do amor que sentirão ao longo dos anos, principalmente depois que tiverem filhos.

– Pai, o senhor não está me escutando. – David parecia estar em um mundo de sonhos que o tirava da realidade. Precisava detê-lo, arrancá-lo daquela fantasia.

– Ele também precisa de você. Mais do que você precisa dele. Colby viveu sozinho por muitos anos. Apenas recentemente percebeu o quanto desejava uma mulher em sua vida.

– Ele não *me* quer.

O pai fechou os olhos e sorriu.

– Você não acredita nisso de fato, certo? Ele a deseja tanto que isso o está devorando vivo.

Faltavam forças a Valerie para argumentar com o pai, não depois do confronto com Colby mais cedo. Tampouco tinha energia para explicar o que acontecera entre eles. Em sua mente, aquilo estava acabado. Dissera a ele que não olharia para trás e estava falando sério. Engolira o próprio orgulho e o procurara, mas Colby a expulsara de sua vida.

Não o odiava por ter sido cruel. Ela havia pedido que fosse. Não tornara fácil para Colby rejeitá-la, mas, ainda assim, ele o fizera.

David tomou um gole do café e o sorriso estampado em seu rosto se alargou.

– Há muita felicidade esperando por você, minha filha. Esse problema com meu coração é um bom exemplo do mal vindo para o bem. Meu enfarte fez você voltar correndo para casa. Só Deus sabe quanto tempo levaria para que você conhecesse Colby se não fosse por este meu fraco coração.

Valerie esticou a mão para sua própria caneca de café e tomou um gole.

– Quer mais alguma coisa, antes de eu entrar?

– Tão cedo? Ainda nem escureceu.

– Tenho muitas coisas a fazer.

– Pensará no que disse?

Valerie detestava desapontar o pai, odiava desiludir um velho romântico, cuja capacidade de julgar se encontrava embotada pelos 30 anos que amou uma mulher.

– Pensarei sobre isso – mentiu. Pretendia varrer tudo da mente, cada lembrança de Colby de seus pensamentos. Aquela era a única forma de seguir em frente. Ergueu-se lentamente.

– Ótimo – anuiu David ainda sorrindo. – Fique comigo, então. Não há necessidade de entrar correndo.

Valerie hesitou. Aquela conversa estava se tornando incômoda. A despeito das ilusões do pai, tinha de encarar a realidade e seguir com a própria vida. Ficar lamentando a perda de Colby de nada adiantaria. E escutar o pai apenas tornaria aquilo ainda mais doloroso.

– Preciso fazer algumas coisas antes de partir. – A desculpa era fraca, mas foi tudo em que conseguiu pensar.

– Há muito tempo para isso. Sente-se junto comigo mais um pouco. Relaxe.

- Papai... por favor.
- Quero contar algo importante.
- O que é? – perguntou, com um suspiro.
- Tenho certeza de que se casará com Colby – começou David com um sorriso. Os olhos claros e brilhantes. – Sua mãe me garantiu.

CAPÍTULO 9

— PAPAÍ — DISSE Valerie suprimindo a vontade de argumentar com David. — Se isso tem a ver com seu sonho, acho que não...

— Foi mais que um sonho! Eu estava morto. Eu disse... Pergunte a Colby se não acredita em mim. Cruzei o vale das sombras. Sua mãe estava me esperando e nem um pouco satisfeita. Não, senhor. Estava mesmo brava comigo. Disse que ainda não estava na minha hora e que tinha voltado para casa muito cedo.

— Tenho certeza de que pareceu muito real para você...

— Foi real. — A voz de David aumentou uma oitava. — Agora, sente-se e me escute, porque o que vou contar aconteceu. Tão certo quanto eu estar vivo e respirando.

Sem ter como escapar, Valerie obedeceu ao pai, sentando-se mais uma vez no topo da escada.

— Está bem, papai, escutarei.

— Ótimo. — David sorriu, aparentemente tranquilizado.

— Sentia muita saudade de sua mãe e não queria continuar a viver neste mundo sem ela. Grace me disse que estava errado. Prometeu que os anos que me restam serão plenos de felicidade, sem nada parecido com a solidão que estive suportando desde que se foi.

— Claro que serão. — Valerie não levava muita fé naquela experiência de quase-morte, mas o pai acreditava piamente e aquilo era importante para ele.

– O problema era que não estava dando mais importância à vida neste mundo – prosseguiu ele, quase como se não tivesse escutado Valerie. – Estava com Grace e era isso que desejava. No que cabia a mim, não queria voltar. – Valerie estava acostumada à teimosia do pai. Ela herdara um pouco daquele traço. – Sua mãe me disse que havia uma razão para retornar. Para dizer a verdade, tinha decidido que não deixaria de me convencer a voltar. Grace era ótima em fazer isso. Conseguia me induzir a fazer as coisas mais bizarras e pensar que havia sido ideia minha. – O pai sorria enquanto falava e os olhos faiscavam com uma rara alegria. – Foi quando me contou sobre vocês. Sua mãe e eu estávamos parados à beira de um pequeno lago. – David franziu a testa, tentando remontar cada detalhe daquela experiência em sua mente. – Ela me pediu que olhasse para dentro da água. Achei um pedido estranho no meio da discussão que estávamos tendo.

– O que você viu? – perguntou Valerie, imaginando trutas e talvez algumas percas, sabendo que o pai gostava de se dedicar a uma relaxante pescaria nas tardes de verão.

– O futuro.

– O *futuro*? – Aquilo soava como algo tirado de uma história de ficção.

– Você me escutou – respondeu, irritado. – A água era como uma janela por onde podia antever os anos adiante. Vi você e suas irmãs. E sabe de uma coisa? Foi a mais bela cena que jamais poderia imaginar. Muita alegria, muito riso e amor. Não conseguia parar de olhar e sorrir. Lá estavam minhas preciosas meninas, todas tão felizes, todas tão abençoadas com o amor, da mesma forma que sua mãe e eu fomos.

– Isso parece muito agradável. – O pai havia passado por uma cirurgia traumática e quase não sobreviviera. Se

acreditava naquele sonho, se afirmava que falara com a esposa, então não poderia desiludi-lo. Tampouco queria discutir. Principalmente agora, quando suas emoções estavam tão mexidas.

– Lembro-me de cada momento daquele encontro com sua mãe. Não vi um único anjo. Não me importo de dizer que fiquei um pouco desapontado. Não havia ninguém tocando harpa. – Valerie suprimiu um sorriso. – Está entendendo o que estou falando, certo?

– Sobre os anjos?

– Não – retrucou o pai impaciente. – Sobre você e Colby. Foi ele que vi com você, com três belos filhos.

– Pai, por que está falando isso agora? – Diante do olhar questionador de David, explicou. – Por que está tentando me convencer a me casar com Colby? Depois da cirurgia, parecia ter abandonado a ideia. O que aconteceu que o fez mudar de ideia?

– Você me fez mudar de ideia.

– Eu?

– Vocês são tão cabeças-duras! Não havia contado com isso.

– Mas você se desculpou por insistir em nos empurrar um para o outro, lembra?

– Claro que sim. Desisti atendendo ao conselho de Grace, mas apenas porque pensei que vocês não precisavam da minha ajuda. Porém, logo descobri que estão precisando mais do que nunca. Por isso, insistia em mencionar Cassidy. Para fazê-la pensar sobre o que realmente desejava. E causar um pouco de ciúme em Colby. Encare os fatos, Val. Um dia você vai se casar com ele.

– Pai, por favor, sei que quer acreditar nisso, mas não vai acontecer. – Sem perceber o que estava fazendo, o próprio pai estava tornando tudo muito mais doloroso.

– Não entende, criança? Colby a ama e você também o

ama. Terão uma vida maravilhosa, juntos. Naturalmente haverá altos e baixos, mas isso existe em qualquer casamento.

– Não me casarei com Colby – afirmou Valerie entre dentes cerrados. – Pelo amor de Deus, conheço-o apenas há algumas semanas!

– Está achando que sou um velho com as ideias embaralhadas, mas está errada. – David exibiu um sorriso preguiçoso. – Sei o que vi. Tudo que peço é que seja paciente com Colby e consigo mesma. Apenas não faça nenhuma bobagem.

– Como o quê?

– Voltar para o Texas. Seu lugar é aqui em Orchard Valley agora. É onde criará seus filhos e onde Colby continuará a trabalhar.

– É tarde demais.

– Para quê?

Valerie se ergueu, com o peito doendo pelo esforço de respirar normalmente. Sentia-se tão vazia, tão sozinha. Mais que qualquer coisa, desejava acreditar no sonho do pai, mas não conseguia. Simplesmente não conseguia.

– Já fiz a reserva do voo. Meu avião partirá à tarde. – Valerie não esperou que o pai discordasse ou dissesse que terrível erro estava cometendo. Em vez disso, entrou correndo na casa e subiu a escada, só parando quando entrou no próprio quarto, e fechou a porta.

Valerie retirou a mala do closet. Não havia muito o que levar e todo o processo levou apenas cinco minutos. Não chorou por não haver mais lágrimas para derramar.

Quando retornasse ao Texas, seria mais atenta ao amor. Aquele sentimento cruzara sua vida uma vez. Talvez voltasse a cruzar. Quando chegasse a hora certa. Quando seu coração estivesse curado. Quando estivesse preparada.

Com aquele pensamento em mente, esticou a mão

para o telefone no criado-mudo e o pousou sobre o colo, fitando as teclas sem as ver. Após um interminável momento, digitou o número de longa distância.

– Alô. – A voz masculina grave soou apressada e impaciente.

– Olá, Rowdy – disse em tom calmo.

– Valerie! – O patrão parecia muito feliz em falar com ela. – Que bom ouvi-la! Telefonei mais cedo, no entanto sua irmã me disse que você havia saído. Ela deu o recado?

– Não. Era algo importante? – Devia ter sido Norah que atendera, já que Steffie passara a maior parte do dia fora de casa. A romântica Norah, que desejava desesperadamente que se casasse com Colby e vivesse feliz para sempre.

– Não era nada urgente. Queria apenas saber se você voltará logo para a CHIPS. Há um enorme buraco aqui desde que partiu.

– Estou vendo que minha ausência criou um inconveniente...

– Não seja boba. Não estava me referindo à carga de trabalho e sim a você. Como já disse, eu me acostumei a tê-la por perto – confessou com voz tensa, como se não estivesse acostumado a dizer aquelas coisas. – Não parece certo sem você aqui. É uma parte importante da minha equipe. Tanto que estou dando um aumento salarial de 10 por cento, para que saiba o quanto aprecio seu trabalho.

Valerie ofegou.

– Isso não é necessário.

– Claro que é. Agora me diga quando vai voltar para casa? – Casa. O Texas não era sua casa. Na verdade, nunca fora, mas Rowdy não entenderia isso. – Valerie?

– Ah, desculpe. Na verdade, este é o motivo do meu telefonema. Marquei meu voo para amanhã à tarde.

Chegarei no início da noite e estarei no escritório na manhã de segunda-feira. Valerie forçou um pouco de entusiasmo na voz.

– Que ótima notícia! Era o que esperava ouvir. Vamos comemorar. O que acha de pegá-la no aeroporto e levá-la para jantar?

O convite a surpreendeu, embora não devesse.

– Ah... – Valerie não sabia o que dizer. Prometera a si mesma que não iria passar o resto da vida lamentando por Colby Winston. Ainda assim, quando estava surgindo a oportunidade de colocar o passado para trás e começar uma nova vida, hesitava. – Acho que não – disse, lamentando. – Ainda não. Precisarei de algum tempo para me ajustar após ficar fora por tanto tempo. – Havia sido menos de três semanas, mas parecia uma eternidade.

– Ficou fora por *muito* tempo. – A voz do patrão soou baixa e ressonante do outro lado da linha. – Senti sua falta. Não fiz segredo disso. Quando voltar, acho que devemos sentar e conversar.

Uma onda de pânico repentino a invadiu. Não era aquilo que desejava ouvir.

– Eu... eu não sei se seria uma boa ideia. Não quero ser...

– Sei o que está pensando. – Rowdy a cortou. – E tenho de admitir que tenho a mesma preocupação. Um romance no trabalho pode nos causar problemas. É por isso que acho que devemos conversar. Esclarecer as coisas, antes de nos envolvermos.

Era óbvio que não passava pela cabeça de Rowdy que pudesse não estar interessada. Mas há pouco tempo, a perspectiva de um relacionamento com o patrão a teria deixado cheia de entusiasmo.

COLBY NÃO se lembrava de ter passado uma noite tão

difícil. Não conseguira dormir e, por fim, desistiu. Desceu para o andar térreo para ler. Outra hora se arrastou e, ainda assim, a mente se recusava a relaxar. Sentindo-se ainda mais agitado, pousou o romance de lado.

Teria ajudado se Sherry não tivesse cancelado o jantar, mas o fizera. E não apenas isso, deixara claro que não queria continuar se encontrando com ele. Estava certa em ter feito aquilo, pensou Colby. O que não melhorou em nada seu estado de humor.

No que concernia a relacionamentos com mulheres, não estava chegando a lugar nenhum. Muito bem, estava atrasado em seu cronograma. Subestimara a dificuldade em encontrar o tipo de mulher que lhe agradava.

Seus requisitos eram muito específicos, por isso decidira conduzir a procura de maneira metódica e organizada. Não que não tivesse conseguido encontrar nenhuma moça “antiquada” no mercado, mas infelizmente nenhuma delas o atraíu.

Aquilo só serviu para confundi-lo ainda mais. Era óbvio que houve uma falha em seu plano. De uma coisa tinha certeza: Sherry estava fora de questão. Aliás, Valerie também.

Valerie.

Aquele nome parecia estar tatuado em sua mente, mas por pura força de vontade, Colby conseguiu conduzir os pensamentos em outra direção.

Levantou-se e foi imprimir o artigo no qual trabalhara mais cedo. Embora tivesse minimizado a importância daquilo quando conversara com Valerie, sabia que o convite para publicá-lo era uma grande honra. Havia feito uma pesquisa exaustiva e considerara cuidadosamente cada palavra que escrevera.

Mas naquele momento, percebeu que aquilo não significava nada. Absolutamente nada. Com uma

explosão de raiva, amassou as folhas de papel e as atirou na cesta de lixo.

Colby raramente agia movido pela raiva. Quase nunca se permitia deixar transparecer a emoção. Disciplinara-se muito bem. Fora necessário. Lidava frequentemente com a morte, com o medo, com a dor. Manter os próprios sentimentos estritamente reservados se tornara crucial, uma questão de sobrevivência emocional. Ao longo dos anos, aquilo se transformara em uma segunda natureza. Pela primeira vez, desde que conseguia se lembrar, lamentava sua inexperiência em expressar emoções.

Não tinha dificuldades em reconhecer que a incapacidade de dormir, a falta de interesse em um bom romance e o descontentamento com o artigo que havia escrito eram consequência do que acontecera entre ele e Valerie naquela manhã.

Fizera o que fora preciso. Não tinha sido fácil para nenhum dos dois, mas necessário. Ela o irritara ao exigir que fosse cruel. Valerie não teria se conformado com menos. Quando partiu, ficara furioso. Valerie incitara, pressionara e o empurrara contra a parede até que não tivesse outra escolha.

Cada palavra agressiva que havia dito tivera efeito bumerangue, atingindo-o de volta. Valerie insistira repetidamente para que ele pedisse que saísse de sua vida. E ele o fizera.

Estava acabado, era o que desejava.

Valerie voltaria para o Texas, e ele continuaria a viver em Orchard Valley.

Aqueles tristes olhos cinza o atormentariam. Passara a tarde toda tentando esquecer a sensação das pontas dos dedos de Valerie lhe roçando o rosto.

A intenção fora mandá-la embora, magoá-la se fosse necessário, para que o término fosse definitivo. Não

havia percebido o quanto aquilo custaria.

Vinte horas depois ainda estava irritado. Ainda sentia uma dor profunda. Retornando à sala de estar às 2h, Colby se deixou afundar na cadeira de reclinador e esticou a mão para o controle remoto da televisão. Certamente haveria algum filme que prenderia a atenção por uma ou duas horas.

Mas estava enganado. Tudo que encontrou além de comerciais e insípidos talk-shows foi um romance de 1950, filmado nos nostálgicos preto e branco. A última coisa que estava disposto a assistir era um romance sentimental com final feliz. Desligou a televisão e se levantou.

Há três dias não visitava os Bloomfield. Embora David estivesse em casa e tivesse uma consulta marcada em seu consultório na semana seguinte, não seria má ideia passar por lá para ver se estava se recuperando bem. Eram amigos e isso era o mínimo que podia fazer por uma amizade de tantos anos.

Com a decisão tomada, descobriu-se bocejando alto. A fadiga o saudou como um velho camarada e, naquele momento, Colby soube que conseguiria dormir.

VALÉRIE ESTAVA vestida e com a mala pronta. Detivera-se em seu quarto por mais tempo que o necessário. O voo não sairia antes das 13h, dali a quatro horas. Portanto, tinha muito tempo disponível. Ainda assim, sentia uma necessidade premente de partir. Porém, outro sentimento fervilhava ainda mais profundo e forte: temia deixar Orchard Valley.

– Valerie?

Ao girar, ela se deparou com Steffie parada à soleira da porta do quarto, com a testa franzida enquanto observava a mala pousada no chão.

– Tem certeza de que está fazendo a coisa certa?

Valerie exibiu um sorriso largo e artificial.

– Tenho.

– Como consegue sorrir?

– A manhã está linda, como poderia *não* sorrir? Papai está se recuperando muito bem em casa e Norah está no sétimo céu porque tem alguém para quem cozinhar.

Steffie sorriu.

– Sim, eu sei. Mas não posso evitar a sensação de que você não deveria partir.

– Minha vida é no Texas agora.

Steffie vagou pelo quarto e foi se sentar na beirada da cama.

– Se está fugindo, saiba que está cometendo um erro. Também o cometi há três anos. Fiz papel de tola na frente de Charles Tomaselli. Por ficar mortificada com isso e não conseguir encará-lo, decidi estudar na Europa.

– Teve uma excelente oportunidade de viajar. Arrepende-se sinceramente disso?

– Sim. Oh, não da viagem e da experiência, mas partir foi um erro. Na época não percebi isso, mas agora sei que foi. Decidi me esconder. Sei que isso soa melodramático, no entanto, é a mais pura verdade. Na ocasião, pareceu a única alternativa, mas agora vejo que deveria ter engolido o orgulho em vez de fugir de tudo que amo.

– Às vezes, não temos outra escolha.

– E às vezes, temos – contrapôs Steffie. – Não repita o erro que cometi. Não fuja, porque em algum ponto da estrada, vai se arrepender, assim como eu.

O olhar da irmã era penetrante. Uma súplica silenciosa para que Valerie reconsiderasse. Se não tivesse ido à casa de Colby no dia anterior, talvez hesitasse, mas não havia nenhuma razão para ficar. Ou esperar que mudasse de ideia.

– Alguém está chegando – disse Steffie caminhando

até a janela do quarto.

Valerie afastou as cortinas para espiar. A irmã tinha razão. Um carro marrom cruzava o longo caminho que levava à casa.

Colby.

Uma onda de excitação a invadiu. Ele viera dizer que mudara de ideia e pedir para que não partisse.

Segundos antes, estava tão certa de que não havia mais esperança e agora ela a energizava como uma corrente de eletricidade passando por um cabo de alta tensão. Por mais que tentasse, não conseguia silenciá-la.

– É Colby – disse Valerie quando conseguiu encontrar a própria voz.

Steffie deu um grito de felicidade.

– Eu sabia! Sabia que não a deixaria partir. Todo mundo sabe o que vocês sentem um pelo outro. Colby seria um tolo se a deixasse voltar para o Texas.

– Ele não sabe que partirei hoje – avisou Valerie em tom de voz calmo, embora Colby talvez tivesse concluído por si mesmo. Devia saber que ela não ficaria por mais tempo que o necessário em Orchard Valley.

– Vou descobrir o que quer – disse Steffie, com a voz repleta de excitação. – Sejamos frias, certo? Você fica aqui em cima e quando perguntar por você me retirarei casualmente para chamá-la.

– Steffie...

– Valerie, pelo amor de Deus! Seja romântica ao menos *uma vez* na vida.

– Ele pode estar aqui por muitas outras razões.

– Vai fazê-lo sofrer ou perdoá-lo? Particularmente, acho que deveria sofrer... mas só um pouco.

Valerie não conseguia controlar as batidas descompassadas do coração, mas se recusava a entrar naquele jogo tolo de “esperar para ver”. Esticou a mão para a mala e se dirigiu, resoluta, à escada, como

pretendia desde o início.

Encontrava-se no topo quando ouviu Colby perguntar por seu pai. *Pelo pai, não por ela.* Se aquilo não doesse tanto, seria capaz de rir da cara da irmã, que se encontrava perplexa. Steffie encarava Colby com a boca entreaberta e a mão congelada na maçaneta da porta, bloqueando a entrada.

– Está aqui para ver papai?

– Ele é meu paciente.

– Eu sei, mas...

Algun leve som devia ter alertado Colby de que Valerie estava parada no topo da escada, porque ergueu o olhar para encontrar o dela, antes de baixá-lo à mala. Ela captou um leve franzir de testa, como se aquilo o tivesse pego de surpresa.

– Valerie está de partida para o aeroporto esta manhã – anunciou Steffie em voz alta e ansiosa, insinuando que era melhor tomar uma atitude. E rápido.

O que Steffie não percebeu foi que Colby não queria fazer nada, além de desejar uma boa viagem.

– Deveria dizer a papai que o dr. Winston está aqui – sugeriu Valerie, com voz suave. – É provável que esteja na cozinha.

Steffie se retirou e Valerie desceu lentamente a escada.

– Parece que está de malas prontas e preparada para partir – disse em tom de conversa.

Valerie anuiu.

– Meu voo está marcado para as 13h.

– Tão cedo?

– Não cedo o suficiente, não acha?

Colby ignorou a pergunta, e Valerie se arrependeu da infantilidade de fazê-la. Ele estacou diante dela com expressão ilegível. A chegada do pai agradou a ela, porque não tinha um décimo da capacidade de Colby em

disfarçar as emoções. Temia que ele fosse capaz de perceber o turbilhão emocional.

– Colby, meu garoto, que bom vê-lo! Tem andado sumido nos últimos dias. – David guiou Colby na direção da cozinha, relanceando o olhar para trás e franzindo a testa para a mala que Valerie segurava. – Você ainda tem muito tempo, Val. Venha tomar uma xícara de café, antes de partir.

Para satisfazer a vontade do pai, resistiu ao impulso de argumentar. Dando de ombros, pousou a mala e, obediente, seguiu Colby e David até a ampla cozinha da família.

Os dois homens se sentaram à mesa, enquanto Norah servia o café. Valerie não se sentou com os outros. Puxou um banco diante da bancada da cozinha e se empoleirou nele.

– Pensei em vir até aqui para saber como está passando – dizia Colby.

– Nunca me senti melhor – respondeu David.

Valerie percebeu como Colby evitava olhar em sua direção. Estava incomodado com a presença dela na cozinha. As costas estavam aprumadas e os ombros, rígidos de tensão. Talvez esperasse que já tivesse partido.

Ela tomou um gole do próprio café e, por um breve instante, fechou os olhos desejando saborear aqueles últimos momentos com a família. Norah, com um avental atado à cintura, estava ocupada colocando roscas de canela do forno. Artesanais, da receita que a mãe sempre fizera. O aroma de fermento e especiarias preencheu a atmosfera da cozinha e era como recuar no tempo. A cozinha dos Bloomfield sempre fora um ponto de encontro, um lugar aquecido pelas risadas e confidências trocadas.

Steffie não parecia capaz de parar. Andava de um lado

para o outro, como se debatesse o que devia fazer em seguida.

Valerie achava encantador o modo como a irmã se preocupava tanto com o que acontecesse entre ela e Colby, principalmente quando o romance de Steffie era tão problemático.

Tinha a impressão de que as coisas não iam bem entre ela e Charles Tomaselli, mas não se encontrava em posição de oferecer conselhos.

Steffie estacou, os olhos ansiosos cravados em Valerie. Parecia suplicar que ficasse em Orchard Valley. Para ouvir o próprio coração...

Logo Valerie não conseguiu mais sustentar o olhar da irmã e o desviou deliberadamente.

A conversa prosseguia, mas não conseguia se concentrar no que estava sendo dito ou quem estava dizendo. A repentina necessidade de partir era muito opressora para ser ignorada. Se não fizesse isso em breve, talvez nunca conseguisse. Escorregando do banco, depositou a caneca cheia pela metade na pia.

– As roscas ficarão prontas a qualquer momento – disse Norah, parecendo ansiosa. A caçula também queria que Valerie ficasse.

– Não se preocupe, comerei algo no aeroporto.

– Já está indo? – perguntou o pai, como se aquilo fosse novidade. – Ainda tem muito tempo.

Valerie inventou a primeira desculpa que veio à mente.

– Tenho de devolver o carro que aluguei à locadora.

– Tem certeza de que quer ir? – perguntou Steffie, desconsolada, caminhando na direção de Valerie.

– Tenho – respondeu em voz suave, envolvendo Steffie em um abraço afetuoso. – Não é uma despedida para sempre, certo?

– Não demore três anos, como eu – sussurrou Steffie

ao ouvido. – Não consigo deixar de pensar que está cometendo um erro.

– Estou fazendo o que é melhor – afirmou Valerie.

Norah se encontrava parada atrás de Steffie, esperando a vez de abraçar Valerie. Os belos olhos azuis tão tristes quanto os de Steffie.

– Não consigo acreditar que está partindo. Adorei tê-la aqui em casa.

– Foi ótimo, não acha, papai? – perguntou Valerie tentando tornar a atmosfera mais leve. – Gostaria de sugerir outra reunião familiar, mas da próxima vez temos de planejar as coisas de um modo um pouco diferente. Se tiver de tirar três semanas de férias da CHIPS, vou querer ver mais do que a sala de visitas de um hospital.

David Bloomfield se levantou, o olhar fixo no da filha mais velha. Parecia pedir que ficasse um pouco mais, porém Valerie negou com um movimento vigoroso de cabeça. Cada minuto que passava ali era como uma tortura. Não ousava olhar na direção de Colby. Dessa forma, era mais fácil fingir que não estava lá.

– Tenho uma ótima ideia para nossa reunião familiar – disse Steffie ansiosa. – Por que não fazemos uma viagem ao Egito? Sempre quis andar de camelo e conhecer as pirâmides.

– Ao Egito? – repetiu Norah. – O que há de errado com um acampamento? Costumávamos fazer isso anos atrás e era muito divertido. Lembro-me de nós sentados em torno da fogueira, cantando e tostando marshmallows.

– Um acampamento! – gritou Steffie. – Não pode estar falando sério. Isso me lembra mosquitos do tamanho do Alabama.

– Mas nós nos divertíamos – lembrou Norah.

– Talvez você se divertisse, mas não me incluía nisso –

disse Valerie com uma breve risada. – Minha versão de um local rústico limita-se à falta de serviço de quarto. – Ela alternou o olhar entre as duas irmãs, amando-as tanto que temeu começar a chorar. Pestanejando rapidamente, deu um passo atrás e envolveu o pescoço do pai com os dois braços.

– Cuide-se – sussurrou.

– O sonho – retrucou, com os olhos brilhantes e intensos. – Eu tinha tanta certeza...

Valerie não precisava ser lembrada do sonho do pai.

– Talvez um dia aconteça. – Mas Valerie não acreditava naquilo, da mesma forma que não acreditava que os mortos pudessem voltar à vida.

– Vai se despedir de Colby, certo? – sugeriu o pai.

Valerie quisera evitar aquilo, mas sabia que seria impossível partir sem dizer nada a Colby, que era médico e convidado de David.

O pai a soltou, e ela viu que Colby estava de pé e se movia em sua direção. Talvez conseguisse salvar o próprio orgulho se captasse algum traço de tristeza nele, mas, pelo que tudo indicava, não passava de uma simples conhecida para Colby. Era como se nunca a tivesse segurado nos braços e a beijado.

– Adeus – disse com o máximo de entusiasmo que conseguiu conjurar. – Obrigada por tudo que fez por papai... e por todos nós. Você foi... maravilhoso. – Valerie estendeu a mão, e ele a tomou. Os dedos apertando os dela com uma força que quase os fez doer.

– Adeus – respondeu, após um instante. Como antes, era impossível ler a expressão daquele belo rosto masculino. – Tenha uma boa viagem.

Valerie anuiu e virou-se, temendo que se não partisse em breve, acabaria por fazer alguma tolice, como cair em prantos.

Todos a seguiram até a varanda da frente. Ansiosa por

sair dali o mais rápido possível, Valerie desceu, apressada, a escada. Sem se incomodar em abrir o portamalas, atirou a bagagem no banco traseiro.

– Telefone de vez em quando, está bem? – gritou Steffie da varanda.

Valerie anuiu.

– Tomem conta de papai, vocês duas.

– Adeus, Val. – Norah pressionou os dedos aos lábios e soprou um beijo.

Em vez de suportar outra rodada de despedidas, Valerie escorregou para o banco do motorista e fechou a porta. Não voltou a olhar para a varanda por temer encontrar os olhos de Colby.

Escapar era tudo que importava. Sair correndo dali, antes que fizesse papel de tola pela segunda vez diante de um homem que não a queria.

Valerie ligou o motor do carro, ergueu a mão em um breve aceno e o colocou em movimento. O aperto que sentia no peito era tão doloroso que quase a impedia de respirar. Por um instante, não soube se seria capaz de prosseguir. O pensamento de que precisaria de um médico foi que dispersou a terrível dor, fazendo-a se desfazer em um ataque de riso histérico.

Sim, precisava de um médico, de um *cardiologista*. Com o som da risada ainda ecoando nos ouvidos, Valerie olhou para trás pela última vez, o olhar procurando o de Colby.

Por mais difícil que fosse, conseguiu conjurar um sorriso lento, de gratidão pelo que os dois compartilharam.

Em seguida, aumentou a velocidade do carro e não olhou mais para trás.

Nem ao menos uma vez.

CAPÍTULO 10

LONGOS MINUTOS se passaram, sem que ninguém dissesse uma palavra. Colby permanecia paralisado na varanda dos Bloomfield. Os olhos seguindo o carro alugado de Valerie ao longo do caminho que levava à estrada. Os punhos cerrados nas laterais do corpo. O peito latejando com a emoção contida.

A hora de sua visita não poderia ter sido pior. Não tinha ideia de que Valerie partiria naquela manhã e, como um tolo, caíra de paraquedas naquela cena de despedida. Praguejou contra si mesmo em silêncio por não ter tido a ideia de telefonar antes.

Não tinha certeza do que estava pensando quando decidira ir ali naquela manhã. Não, isso era mentira. Visitar David fora uma desculpa. Viera para ver Valerie.

Talvez esperando encontrar algum momento em que pudesse conversar em particular com ela. Mas podia jurar pela própria vida que não sabia o que pretendia dizer. Certamente não mudara de ideia. Não pretendia varrer tudo para debaixo do proverbial tapete e fingir que o amor tudo resolveria. Deixaria tal idealismo para o mundo dos românticos. Não era um deles. Era um médico e lidava com a realidade. Não tinha nenhuma intenção de se iludir, acreditando que ele e Valerie tivessem alguma chance juntos, mesmo que pensasse assim.

– Não posso acreditar nisto! – gritou Stephanie, com

os olhos cheios de lágrimas e furiosos fixados em Colby. Ele sempre considerara mulheres chorosas motivo de alarme. Nunca sabia o que dizer a elas.

Mas houve aquele momento com Valerie, na noite da cirurgia de David, quando soluçara para desabafar a própria dor. Com qualquer outra pessoa, Colby teria procurado outro membro da família para oferecer consolo àquele que estivesse chorando. Porém, não procurara por Norah naquela noite. Em vez disso, fora ele a consolá-la. Colby sentira sua própria perda. Não tinha esperanças na recuperação de David, não quando tudo indicava que talvez não sobrevivesse àquela noite. E então se sentara naquele banco de concreto ao lado dela, envolvendo-lhe os ombros com o braço.

Valerie enterrara o rosto em seu peito. A onda de amor que experimentara naquele momento era diferente de tudo que já sentira. Acariciando-lhe o cabelo, saboreara a sensação de tê-la nos braços.

– Ela voltará – disse David interrompendo os pensamentos de Colby.

– Não – retrucou Stephanie com voz trêmula. – Ela não voltará. Não por um longo tempo.

– Valerie não é assim – disse Norah. – Ela nos visitará outra vez. Em breve.

– Por que deveria, quando tudo aqui a faz sofrer? É muito fácil se manter distante, inventar desculpas e se satisfazer com um telefonema de vez em quando. – Suspeitando que falava por experiência própria, Colby a estudou. Stephanie devia ter sentido seu escrutínio, porque de repente girou, com a raiva indisfarçável fazendo faiscar o olhar. – Talvez seja um excelente cirurgião – disse, com os olhos empedernidos. – Mas é um dos maiores idiotas que conheço.

Colby pestanejou, surpreso, mas antes que pudesse responder, Stephanie entrou correndo na casa. Chocado

com o ataque verbal, dirigiu o olhar a Norah. Os dois trabalharam juntos por vários meses, e sempre a admirara.

– Não poderia concordar mais com minha irmã – disse Norah com um incomum arroubo de raiva. – Você é um idiota.

Dizendo isso, entrou com passos firmes na casa.

David soltou uma risada abafada e Colby relaxou. Ao menos um membro da família era capaz de apreciar sua sabedoria e sacrifício. Stephanie e Norah agiam como se devesse ser preso pelo que fez. As duas pareciam pensar que fora fácil para ele deixar Valerie partir, embora nada estivesse mais distante da verdade. Até mesmo naquele momento, precisava agarrar a grade da varanda para se impedir de correr atrás dela.

Se ao menos Valerie não tivesse virado no último instante e olhado diretamente em seus olhos. E sorrindo. O mais doce e belo sorriso que já vira. Um sorriso que o assombraria até sua última morada.

– Eu a amo – sussurrou Colby, os olhos fixos no caminho que levava à estrada, embora o carro de Valerie há muito tivesse desaparecido de vista. Naquele momento, devia estar a uns dois quilômetros de distância.

– Eu sei – afirmou David.

O tom o fez encarar o homem mais velho. A inflexão parecera sugerir que por mais que a amasse, não era o suficiente. Mas a amava! Tanto e com tanta intensidade que a expulsara de sua vida. Parecia que ninguém, nem mesmo David Bloomfield, conseguia reconhecer a profundidade de seu sacrifício.

– Rowdy Cassidy será um marido muito mais adequado para ela – afirmou Colby, armando-se contra a dor que aquelas palavras provocaram.

– Talvez, mas duvido muito – retrucou David

caminhando na direção da cadeira de balanço de vime e acomodando-se nela. – Acho que não percebeu, mas Valerie e eu somos muito parecidos.

Colby sorriu. A semelhança entre os dois não escapara à percepção. Ali estavam duas pessoas que possuíam uma veia de obstinação mais larga que o Mississipi. Ambos eram inteligentes, intuitivos e ambiciosos. Trabalhavam duro e eram sinceros.

– Ela nunca seria feliz vivendo aqui em Orchard Valley – disse Colby voltando mais uma vez o olhar ao caminho que levava à estrada. Não conseguia desviá-lo. Era como se a estrada fosse sua única conexão com Valerie.

– Tem razão, claro. Valerie nunca seria feliz em uma cidade pequena outra vez. Não depois de viver em Houston.

Aquela afirmação devia ter o poder de aliviar a dor que Colby sentia no coração, mas não conseguiu. Ele disse a si mesmo que não havia razão para permanecer ali por mais tempo. Manter uma conversa educada estava além de suas forças no momento, porém parecia não ter energia suficiente para partir.

– Alguma vez contei como conheci Grace?

– Acho que sim. – Valerie devia estar a uns cinco ou seis quilômetros de distância na estrada agora, estimou Colby.

– Nossa paquera foi um tanto incomum. Não é todo dia que um homem consegue cortejar uma mulher deitado em um leito de hospital. – Colby anuiu. Logo Valerie se aproximaria da estrada interestadual e então seria impossível alcançá-la. Não que pretendesse ir atrás dela. – A ideia de se casar comigo não atraiu Grace, por uma série de razões. Todas sensatas, devo acrescentar. Ela me amava, isso eu sabia, mas na opinião dela, o amor não era o suficiente. – As palavras de David

desviaram a atenção de Colby da estrada. Ele voltou o olhar ao amigo, que se balançava tranquilamente como se estivesse discutindo algo tão corriqueiro quanto a melhor isca para pescar as trutas locais. – Grace tinha razão. Às vezes, o amor não é o suficiente – acrescentou David.

– No seu caso, estava errada – resmungou Colby descontente.

Finalmente, entendeu aonde aquela conversa queria chegar. O pai de Valerie iria forçá-lo a admitir que fora o grande idiota que Stephanie e Norah o chamaram, embora estivesse sendo um pouco mais sutil.

– Não. Eu sabia que precisaria fazer grandes mudanças para que Grace concordasse em se casar comigo, mas estava disposto a fazê-las, porque sabia algo que minha esposa não sabia.

– E o que era?

O saudosismo nublou o olhar de David.

– No fundo da minha alma, sabia que nunca amaria outra mulher como amava Grace. Em meu âmago percebia que era minha única chance de ser feliz nesta vida. Eu poderia ter sido nobre e a deixado se casar com algum outro bom rapaz. Havia muitos que teriam agradecido a oportunidade.

– Entendo.

– Mas tenho de confessar que aquela foi a mais difícil decisão que tomei na vida. Casar com Grace foi o maior risco que corri, no entanto nunca me arrependi. Nem ao menos uma vez.

Colby anuiu. David estava dizendo o que desejava ouvir. Ele também tomara sua decisão: deixara Valerie livre para encontrar toda a felicidade que fosse capaz. Rowdy Cassidy estava esperando, ansioso para substituí-lo. Ávido por ajudá-la a esquecer.

A imagem de Sherry Waterman veio à mente. Gostava

dela e de sua companhia. Assim como gostava de Norah. Porém, era Valerie que acendera a chama em seu coração. Quem o desafiava e de quem necessitava.

De mais ninguém. Apenas de Valerie.

– Não se preocupe com ela – continuou David. – Valerie ficará bem. Dentro de algum tempo, ela se reestruturará e será uma pessoa melhor por ter experimentado o amor, mesmo que por um curto espaço de tempo. Quanto a se casar com Rowdy Cassidy, acho que não precisa se preocupar com isso, também.

– Por que não?

– Porque conheço minha filha. Sei o que teria feito se Grace não tivesse concordado em se casar comigo. Teria voltado para o meu mundo, trabalhado duro e construído uma vida decente. Entretanto nunca mais teria me apaixonado. Não teria permitido que isso acontecesse.

Colby não disse nada. Naquele momento, Valerie já havia alcançado a estrada interestadual. Era tarde demais. Mesmo que corresse atrás dela, não conseguiriam estacionar. Não em uma estrada de alta velocidade. Seria imprudente, perigoso e estúpido sair em perseguição de Valerie agora. Além do mais, o que teria a dizer que ainda não havia sido dito?

David se levantou.

– Quer outra xícara de café?

– Não, obrigado. Tenho de ir.

– Estarei em seu consultório na manhã de terça-feira, então.

Colby anuiu. Estava na hora de voltar para sua vida. A que possuía antes de conhecer Valerie Bloomfield.

VALERIE SE recusava a chorar. Nunca fora inclinada às lágrimas, exceto em algumas poucas ocasiões, sempre conseguia dispersá-las. Mesmo quando criança,

detestava chorar. Não gostava de sentir as lágrimas salgadas em seu rosto.

O que a deixava perplexa era como doía tentar retê-las. Era como se uma garra se fechasse em torno de sua garganta e esperasse que respirasse normalmente.

Em um esforço para colocar de lado a dor de deixar Colby, focou os pensamentos em tudo de bom que trouxera para sua vida. Sem ele, teria perdido o pai. Fora isso que Norah dissera naquela primeira noite. Havia sido Colby quem convencera o pai a ir para o hospital. Quem fizera a cirurgia que lhe salvara a vida.

Devia por aquilo mais que qualquer pessoa era capaz de pagar.

Mas não fora a única coisa que Colby dera. Ele a ensinara sobre si mesma, sobre o amor e o sacrifício. Por essa razão, ela o amaria para sempre. Agora tinha de ensinar a si mesma a deixá-lo. Encontrar o amor e renunciar a ele poderia se provar algo complicado. Nunca entregara o coração a nenhum outro homem antes. Amar Colby fora a parte mais fácil. Era como se sempre o tivesse conhecido e amado, como se aquele homem sempre tivesse feito parte de sua vida. Parecia impossível que tivessem se conhecido há apenas algumas semanas.

Deixá-lo era a coisa mais difícil que já fizera. As dúvidas se alternavam em sua mente em uma maré crescente, acabando por atirá-la em uma vazante de tristeza e medo.

Inspirando profundamente, Valerie lutou contra o impulso de virar o volante do carro e fazer o caminho de volta. Retornar a Orchard Valley. Voltar para casa.

Para Colby.

Em vez disso, expirou e tentou relaxar, dizer a si mesma que tudo melhoraria quando chegasse ao Texas. Seria capaz de afogar a dor no trabalho.

Quando retomasse seu lugar na CHIPS, poderia começar a esquecer Colby e ao mesmo tempo acalentar as lembranças que restaram.

Valerie não se deu conta de que seus olhos estavam cheios de lágrimas até que a estrada enevoasse à sua frente. Esperando se distrair, ligou o rádio do carro e começou a cantarolar acompanhando uma canção country que falava de um amor perdido.

– Pare com isto! – resmungou para si mesma, chorando ainda mais. Irritada, desligou o rádio e limpou as lágrimas com o dorso da mão, lembrando a si mesma que era muito forte e independente para se permitir tal fraqueza emocional.

Só quando estava mudando de faixa na estrada foi que viu um sedan marrom atrás dela, aproximando-se rapidamente, ultrapassando os carros e excedendo o limite de velocidade.

– Colby? Não era possível.

Certamente era um carro parecido com o dele. Não poderia ser Colby. Ele nunca viria atrás dela. Aquilo não fazia seu estilo. Não. Se tivesse de mudar de ideia, algo em que não acreditava, levaria semanas, até meses. Colby não era um homem impulsivo.

O sedan marrom diminuiu a velocidade e se posicionou atrás do carro alugado de Valerie por algum tempo, antes de colocar a seta para sinalizar que iria ultrapassá-la. Se não fosse pelas lágrimas que embaçavam o olhar, teria sido capaz de divisar as feições do motorista.

A buzina do carro soou. *Tinha* de ser Colby. Mas não esperava que fosse capaz de parar em plena estrada, certo? Não seria seguro.

Havia uma rampa de saída a alguns quilômetros adiante e Valerie se dirigiu para lá. Saiu da estrada aproveitando uma brecha no trânsito e estacionou. Por

sorte o tráfego estava tranquilo e, naquele ponto, os acostamentos da estrada eram largos o suficiente para que pudesse parar o carro em segurança. Quando o fez, Colby parou atrás dela. Valerie mal teve tempo de retirar o cinto de segurança antes de abrir a porta do carro alugado.

– O que está fazendo aqui? – perguntou.

– O que parece? Eu a estou perseguindo.

Com as pernas trêmulas, Valerie saltou do carro e se recostou à carroceria.

– Acho melhor ter um bom motivo, Winston. Tenho que pegar um avião.

– Você esteve chorando.

– Algo entrou no meu olho.

– Ao que parece, nos dois olhos.

– Está bem, nos dois olhos. – Valerie não entendia que tipo de jogo idiota Colby pensava estar jogando, mas não tinha paciência para aquilo. – Por que está aqui? Certamente há uma razão para estar me caçando?

– Há uma razão.

– Ótimo. – Valerie cruzou os braços e mudou o peso de um pé para o outro. Começou a andar de um lado para o outro em frente ao carro, com os punhos cerrados.

– Isto é ainda mais difícil do que esperava – admitiu Colby por fim. Sem ousar alimentar esperanças, Valerie permaneceu calada. – Não posso acreditar a confusão que fiz com isso. Ouça. – Ele girou para encará-la, com a mesma expressão reservada de sempre. – Quero que volte para Orchard Valley.

– Por quê?

– Porque a amo e gostaria que conversássemos sobre tudo isto. Você também me ama. Acho que não me dei conta do quanto até agora há pouco. Deve ter sido muito difícil ir até minha casa, desnudar seu coração e ser

rejeitada por mim. Eu...

– Não precisa se desculpar. – Valerie interrompeu.

– Preciso.

Valerie não tinha a menor ideia da direção que aquela conversa iria tomar. Tentando se acalmar, inspirou profundamente.

– Está bem. Já se desculpou.

– Você voltará?

– Se quer conversar, podemos fazer isso no aeroporto.

– Aquela parecia uma sugestão justa.

– Quero fazer mais do que conversar – retrucou. – Quero que mostre como faremos para este casamento dar certo. Não temos nada trabalhando a nosso favor. Absolutamente nada.

– Então, por que se dar o trabalho de tentar?

– Porque se você partir agora, vou me arrepender disto para o resto da vida. Tenho certeza de que pensarei neste momento pelos próximos 50 anos, desejando não a ter deixado partir. O problema é que não sei ao certo o que fazer agora. Você me deixou tão confuso que não consigo raciocinar com lógica.

– Não é de se admirar que não esteja parecendo muito feliz.

– Tem razão, não estou feliz. Estou furioso.

Valerie sorriu.

– O amor é um tanto assustador, não acha?

Colby também sorriu, pela primeira vez desde que chegara ali.

– Mas sabe de uma coisa? É viver sem você, sem o seu amor que me aterroriza.

– Ah, Colby...

– Digamos que nos casemos – começou. O cascalho sob os pés de Colby sendo esmagado à medida que caminhava de um lado para o outro.

– Muito bem, digamos que sim.

– Vai querer trabalhar fora.

– Sim, vou.

– E quanto a ter filhos?

– Oh, sim, pelo menos dois. – Valerie achava um tanto excêntrico discutir algo tão pessoal parada em um acostamento de estrada.

– Como pretende ser mãe e executiva ao mesmo tempo?

– Como pretende ser pai e cirurgião ao mesmo tempo? Você também tem uma carreira.

– Você não pode ter tudo!

– Tampouco você! Além do mais, não há necessidade de se escolher entre isso ou aquilo. Metade das mulheres americanas mantém uma carreira e uma família, mas tem de haver comprometimento. Você tem razão, não serei capaz de dar conta de tudo. Não poderia nem tentar.

– Não gosto da ideia de deixar a criação de nossos filhos a cargo de estranhos.

– Francamente, eu também não. Porém, há sempre formas de nos adaptarmos às situações. Modos de encontrar uma solução aceitável para ambos. Para começar, poderia montar um escritório em casa. Isso é muito comum hoje, com o advento do e-mail, das teleconferências e tudo mais. Rowdy estará disposto a colocar uma filial da empresa da Costa Oeste e acho que poderia persuadi-lo a escolher Oregon. Principalmente depois que sua executiva esforçada decidisse viver lá. – Colby anuiu e enfiou as mãos nos bolsos da calça. – Sei que não sou seu sonho de esposa, que preferia que fosse o tipo de mulher que se contentasse em ficar em casa, tricotando e fazendo compotas. Mas não sou assim e não posso mudar. Daria qualquer coisa para ser o tipo de mulher que você deseja, mas se não permanecesse fiel a mim mesma, este casamento estaria fadado ao fracasso.

– Acho que não deveríamos nos preocupar com uma imagem fictícia que inventei. E quanto ao homem que você deseja?

Valerie sorriu e desviou o olhar.

– Você é o único homem que já desejei.

Colby a puxou contra o corpo, envolvendo-a em um abraço apertado e depositando um beijo suave na lateral do pescoço. Um forte tremor varou o corpo de Colby enquanto suspirava.

– Meu amor por você nunca terá fim.

– Isso é tão terrível assim? – perguntou em um sussurro, sentindo um nó na garganta.

– Não, é a maior bênção da minha vida. – Os olhos escuros refletiam calor e paixão quando as mãos fortes pousaram nos ombros de Valerie. – Fui arrogante, egoísta. Quase destruí nossas vidas por me recusar a aceitar o presente que estava oferecendo.

– Ah, Colby!

– Não haverá nenhuma garantia.

– Se quisesse garantias, estaria comprando um carro zero quilômetro. Tudo na vida é um risco, mas nunca estive tão disposta a me arriscar quanto estou com você.

– Ela sorriu. – Tenho certeza dos meus sentimentos por você, embora tenham crescido tão repentinamente.

– É como se tivessem nascido já amadurecidos – acrescentou.

– O mais excitante é que temos uma vida inteira pela frente para conhecer tudo um do outro.

– Eu diria que estamos começando uma aventura.

– Sim, mas será a maior aventura de todas.

Os braços de Valerie lhe envolveram o pescoço, e ele inclinou a cabeça para capturar os lábios. Um único beijo foi suficiente para dispersar a dor e o tormento dos últimos dias. Colby devia ter compartilhado daquela sensação, porque a beijou repetidas vezes. O desejo de

ambos, insaciável. A felicidade, ilimitada.

Um carro passou pelos dois, buzinando alto e os perturbando.

Relutante, interrompeu o beijo.

– Deveria ter escolhido um lugar mais discreto, dr. Winston.

– Podemos tentar isto outra vez, mais tarde, com champanhe e um anel de diamantes?

Valerie anuiu porque proferir qualquer palavra quando seu coração se encontrava tão pleno seria impossível.

O PAI estava sentado na varanda, quando os dois estacionaram o carro em frente à casa, no fim daquela mesma tarde.

– Contou a papai que iria atrás de mim?

– Nem eu mesmo sabia até sair daqui. Antes que percebesse o que fazia, estava na estrada, correndo atrás de você com um louco. Não tinha a menor ideia do que iria dizer quando a encontrasse.

Valerie lhe segurou a mão e pressionou a lateral do rosto contra o ombro largo.

– Você parecia querer arrancar minha cabeça fora.

– Eu parecia um homem que estava se odiando.

– Por ir atrás de mim?

– Não – retrucou em tom de voz calmo. – Por deixá-la escapar.

Valerie o recompensou com um beijo de agradecimento em um dos cantos dos lábios.

Colby soltou um gemido suave.

– Não quero um noivado longo. Quanto mais apressarmos o casamento, melhor.

– Não poderia concordar mais.

Colby depositou um beijo suave nos lábios.

– Tenho a leve impressão de que seu pai não saiu do

lugar desde que você partiu para o aeroporto.

Os dois ficaram ausentes por horas, devolvendo o carro de Valerie à locadora em Portland e depois parando para um elegante almoço em um não menos elegante restaurante. Antes de deixar a cidade, visitaram uma joalheria famosa, onde Valerie escolheu um anel de noivado com um diamante solitário.

O mesmo que adornava o dedo anular da mão direita agora. Era como se sempre o tivesse usado.

– Já estava na hora de retornarem – disse o pai, quando Colby a ajudou a sair do carro. – Estava começando a ficar preocupado.

– Como sabia que estávamos vindo para cá? – perguntou Colby.

– Sabia, antes de você partir, que retornaria com Valerie, antes do fim do dia.

– Papai, você não poderia saber. – Ela esperou que David protestasse, mas ele não o fez. O pai se reclinou para trás na cadeira de balanço e sorriu, satisfeito.

– Oh, sei mais que isso em relação ao futuro de vocês.

– Ele vai falar do sonho outra vez – murmurou Valerie envolvendo a cintura do noivo com um dos braços e erguendo o rosto para sorrir.

– O amor os surpreendeu – disse David agitando um dedo na direção deles. – No entanto há mais surpresas reservadas para os dois. Esperem para ver o que vai acontecer quando meus netos gêmeos nascerem.

– Gêmeos? – repetiu Colby incrédulo.

– Vocês os batizarão com os nomes dos dois avôs. O loiro se chamará David e será a minha imagem perfeita.

– Gêmeos – Colby voltou a dizer.

– Não sei – disse Valerie soltando uma risada. – Acho que poderia me acostumar com algumas surpresas de vez em quando, principalmente se estiver a seu lado.

Colby baixou o olhar para encará-la e percebeu que o

pai tinha razão. O amor pegara a ambos de surpresa, mas fora a melhor surpresa que jamais poderiam imaginar.

Jessica Hart

ENCONTRO NO ALTAR

Tradução
Fernanda Lizardo

CAPÍTULO 1

LUCY ESTAVA inclinada na cerca e observava Kevin, empoleirado na outra extremidade do curral, esperando sua vez de montar o cavalo xucro no rodeio. Com seu chapéu australiano típico, camisa xadrez e botas empoeiradas, ele era a encarnação do homem rústico. Forte, calado, rosto magro, olhos tranquilos... Ele fazia todos os namorados anteriores dela parecerem garotos bobocas.

Kevin não era exatamente seu namorado, ainda que ela desejasse muito que fosse. Mas Lucy estava loucamente apaixonada por ele, e Kevin a havia beijado na noite anterior. As coisas só poderiam melhorar.

Ela suspirou, alegre. Em Londres estaria frio e cinza neste momento, mas Lucy estava no coração da Austrália, com sua luz brilhante acobreada e seu calor ardente. Fechando os olhos num arrepio feliz, Lucy virou o rosto em direção ao sol e aspirou o cheiro da poeira e dos cavalos.

Estou feliz, ela pensou.

– Bem, vejam se não é a Cinderela!

A voz divertida ao ouvido dela congelou seu sorriso, e os olhos se abriram num átimo. Ela não precisou girar a cabeça para saber quem estava ao lado. Só havia uma pessoa ali com aquele sotaque.

Guy Dangerfield.

Lucy ficara contentíssima naquela manhã ao se flagrar

espremida em um caminhão junto a Kevin e aos outros peões da fazenda quando deixaram a Wirrindago. Não havia sinal nem de seu chefe intimidador, Hal Granger, ou de seu primo britânico profundamente irritante, Guy Dangerfield, o que significava que eles poderiam relaxar e se divertir no rodeio. Mas agora lá estava Guy, afinal, parecendo irritantemente lindo e sofisticado, e totalmente deslocado naquela roça.

– Ah – disse ela, sem se incomodar em disfarçar a falta de entusiasmo. – É você.

– Sim – concordou Guy.

Lucy odiava o jeito como ele conseguia dizer algo perfeitamente trivial como aquilo com um rosto impassível e ainda assim fazer soar como se ele estivesse rindo dela.

Qual é a graça?, ela queria gritar com ele, mas tinha a sensação desagradável de que a resposta seria ela. Ninguém mais na Wirrindago parecia considerá-lo irritante. Todos o achavam ótimo.

Lucy não conseguia entender isso.

– Por que você sempre me chama de Cinderela? – perguntou ela zangada.

– Porque você é muito bonita e nunca parece ter permissão para sair da cozinha – disse Guy.

– Sou cozinheira – lembrou ela com um toque de sarcasmo. – Providenciar três refeições por dia para oito homens e para visitantes ocasionais como você tende a significar passar muito tempo na cozinha.

Ela ficou muito satisfeita com o modo sutil com que conduziu o assunto, descartando-o como um “visitante ocasional”. Lucy se sentia melhor ao se lembrar de que ele estava apenas de passagem, enquanto ela possuía todas as intenções de ficar para sempre.

– Você parece mesmo trabalhar muito – concordou Guy. – Eu diria que um dia de folga é o mínimo que

você merece. Eu gosto bastante da ideia de ter um rodeio local; é o equivalente rural a ir a um baile, não acha? – comentou com um daqueles sorrisos que, Lucy tinha certeza, eram feitos para fazê-la desmaiar de satisfação. – Hals parece ser a fada madrinha que diz que você pode ir, o caminhão dos peões é a abóbora que trouxe você até aqui... Agora tudo que precisa é de um príncipe encantado!

– Eu já encontrei meu príncipe encantado – afirmou Lucy, e olhou intencionalmente para o outro lado da arena onde Kevin observava um garanhão resfolegante ser adulado na rampa.

Guy apenas riu, e ela bufou, demonstrando irritação. O homem era inacreditavelmente presunçoso. Sim, ele era notavelmente belo, nem mesmo Lucy poderia negar tal fato, mas aquele visual suave loiro de olhos azuis não fazia o tipo dela. Preferia homens mais rústicos.

Como Kevin, na verdade.

Ela estava tendo momentos tão adoráveis na Wirrindago. Trabalhando como cozinheira e governanta, ficara impressionada pelo isolamento e pelo fato de os homens ainda considerarem cavalos o melhor meio de transporte para se locomover pelo país selvagem. Era tudo tão diferente do jeito como foi criada na Inglaterra, e Lucy fora levada pelo romance da situação toda.

Até Guy aparecer.

Lucy não estava acostumada a desgostar das pessoas, mas, no momento em que Guy passeou pela cozinha alguns dias atrás e se apresentou com aquele sorriso, aquele que parecia presumir que qualquer mulher que o recebesse iria desmaiar instantaneamente a seus pés, a natureza em geral alegre de Lucy a abandonou. Havia alguma coisa nele que a estimulava do jeito errado, deixando-a irritada e impaciente.

Guy podia ser o primo de Hal Granger, no entanto era

difícil imaginar alguém mais diferente ou mais deslocado naquela região rural.

– Eu passei muitas férias na Wirrindago quando era criança – dizia ele, aparentemente ignorando o mal-estar dela. – Eu me lembro de vir a rodeios como este com Hal. As crianças costumavam montar em ovelhas ou brincar de pegar porquinhos ensebados. Nós nos divertíamos. Eu me recordo de querer ser como aqueles sujeitos ali – continuou ele fazendo sinal com a cabeça em direção ao cercado onde os peões aguardavam a entrada no rodeio, esperando por todo mundo como figurantes em um filme clássico de faroeste. – Eu disse aos meus pais que queria ser um peão quando terminasse o colégio.

Lucy o encarou.

– Um peão de rodeio? Você?

Ainda inclinado na cerca, Guy deu uma olhada para ela com outro daqueles sorrisos de estrela de cinema.

– Engraçado, foi exatamente o que o meu pai disse... E ele usou exatamente esse tom de voz também!

Lucy desejava que ele parasse de sorrir daquele jeito. Era demais. Ele era demais. Vibrante demais. Bonito demais. Charmoso demais. Tudo demais. Ela desviou o olhar, incomodada por descobrir que o sorriso parecia ter sido impresso na visão dela, de modo que ficava vívido até mesmo quando não estava olhando para ele.

– Fico surpresa por você não estar tentando sê-lo hoje, já que era tão perspicaz.

– Estou mais esperto agora – declarou Guy. – Deixo as coisas complicadas para os especialistas como o príncipe encantado ali. – Fez sinal com a cabeça para o outro lado da arena, onde Kevin estava sentando nos cercados, parecendo tranquilamente confiante quando mais um cavalo selvagem bateu as patas no piso da rampa, impaciente para se libertar rumo à arena. – É preciso ser

duro para montar cavalos xucros sem sela.

– Eu sei. – Lucy decidiu ignorar a zombaria de príncipe encantado. – Kevin diz que é o desafio máximo do rodeio. – Ela foi incapaz de resistir a acrescentar aquilo.

– Kevin disse alguma coisa? Quando? Eu não sabia que ele conseguia falar!

– Muito engraçado – disse Lucy friamente.

– Você tem de admitir que ele não é exatamente um sujeito falante. Eu mal o ouvi dizer uma palavra durante as refeições desde que cheguei. Quero dizer, todos nós conhecemos os tipos fortes e calados, mas aquilo é ridículo!

– Não há nada de ridículo em Kevin – replicou Lucy. – Ele apenas não fala alguma coisa se não valer a pena falar. É uma das coisas que o torna homem de verdade... Ao contrário de alguns – completou ela de propósito.

Guy se inclinou de novo contra a cerca e cruzou os braços, mas Lucy tinha certeza de que os olhos dele estavam revirando por trás daqueles óculos escuros estúpidos.

– Então você acha que um homem de verdade é incapaz de desenvolver uma conversa?

– Não, ele apenas não perde tempo declamando asneiras, dando apelidos bobos às pessoas, por exemplo.

– Cinderela, por acaso você está sugerindo que não acha que eu seja homem de verdade? – Guy fez um esgar. – Estou magoado.

Se Lucy tivesse acreditado por um instante que ele havia realmente se ofendido, teria ficado constrangida, mas, por assim dizer, ela apenas ergueu o queixo.

– Você não é como Kevin – afirmou ela.

– Se não considerarmos o fato de que eu posso enfileirar mais de três palavras ao mesmo tempo, qual é a diferença real entre nós?

– Kevin é tenaz – continuou Lucy. – Ele é firme, sensível e trabalha duro.

Tardamente, ela percebeu que não o havia feito soar muito divertido, e esperou que Guy apontasse a questão, mas ele apenas sorriu.

– Como você sabe que não poderia dizer o mesmo ao meu respeito?

– Você não parece levar nada muito a sério – disse ela, por fim. – Você ao menos tem um emprego?

– É claro que tenho! – Ele fingiu soar insultado. – Sou do ramo de investimentos bancários.

– Como você entrou no ramo?

Guy sorriu de forma torta.

– Tenho de admitir que é uma empresa familiar.

Exatamente como Lucy imaginara. Sem dúvida ele ganhara um emprego simbólico em um escritório confortável enquanto todos os outros faziam todo o trabalho, concluiu Lucy. Ele provavelmente chegava às 10h e passava a maior parte do dia no almoço, batendo papo com os companheiros da sua rede de contatos.

– Eu não acho que você possa comparar o que Kevin faz com o trabalho em um banco – disse ela resolutamente indiferente. – Você não precisa dos mesmos tipos de habilidades.

– Talvez – disse Guy –, mas o que Kevin consegue fazer que eu não consigo?

– Bem... Ele é um cavaleiro brilhante.

Na verdade, Lucy nunca tinha visto Kevin sobre um cavalo. Como Guy havia apontado, ela normalmente estava na cozinha enquanto os peões trabalhavam, mas Lucy já os havia escutado comentando o quanto Kevin era bom com frequência suficiente.

– Eu consigo cavalgar.

– Estou falando de habilidade de verdade para lidar com cavalos, trabalhar com o cavalo, ser capaz de

controlá-lo completamente do jeito que Kevin consegue. Domar um cavalo selvagem ou derrubar uma vaca sem machucá-la... Todas essas coisas que ele faz todos os dias.

– Admito, não passo muito tempo sobre um cavalo lá no banco, mas isso não significa que eu não poderia ser um peão caso quisesse. Será que Kevin conseguiria dirigir um banco de investimentos?

Lucy olhou com suspeita para ele.

– Você está realmente dizendo que consegue cavalgar como Kevin?

– Não estou dizendo que sou bom, apenas que poderia ser um homem de verdade se quisesse.

Como sempre, o rosto dele estava impassível, mas a voz sustentava aquela tendência ao divertimento que tanto irritava Lucy. Ela não acreditava em uma palavra. Ele estava apenas provocando, provavelmente ofendido porque ela pensava que Kevin era mais homem.

– Prove – provocou ela.

– Provar que consigo cavalgar? – Guy esfregou o maxilar, um sorriso surgindo com esforço no canto da boca.

– Estamos em um rodeio – observou ela docemente. – Há muitos cavalos ali. – Fez sinal com a cabeça em direção aos currais da fazenda atrás da arena provisória.

– Você poderia entrar em uma das competições.

– Você viu aqueles cavalos? – Guy fez uma careta engraçada. – Metade deles é completamente selvagem!

Lucy deu de ombros.

– Você disse que conseguia cavalgar – ela o lembrou.

– Bem, há cavalgar e cavalgar, se é que você me entende.

– Foi você quem disse que podia cavalgar como Kevin. Eu não acho que seria fácil, mas um homem de verdade gostaria de um desafio. Você obviamente não gosta –

finalizou ela com indiferença, e então se arrependeu porque Guy se endireitou e de repente pareceu muito rijo e muito perto.

Por um instante ela pensou que tinha ido longe demais, mas então ele sorriu. Tirando os óculos escuros, ele olhou direto nos olhos hostis de Lucy.

– Eu não diria isso, Cinderela – retrucou ele suave.

Lucy teve a impressão mais estranha de todas de que os barulhos e cheiros do rodeio se esvaíram em torno deles no momento em que os olhos azuis dele sustentaram o olhar dela. Os olhos dela eram azuis como um céu de verão, enquanto os de Guy eram mais escuros, um oceano azul profundo onde a risada espreitava como a luz do sol cintilando sobre a água, e, assim que o encarou, deixou-se prender pelos oceanos reluzentes contra a vontade; de repente ficou intensamente ciente da presença dele.

Desde que a chegada de Guy, Lucy o havia rejeitado por considerá-lo um playboy, bonito além da conta, charmoso demais para ser verdade, mas agora, de uma só vez, ela o enxergava como homem. Um homem com pele cálida morena com um toque de dourado, com um semblante forte, um nariz levemente arqueado e linhas de expressão vincando aqueles olhos muito azuis, e algo se revirou dentro dela diante da percepção de que ele não era apenas um homem de verdade, mas que também estava perto demais.

– Na verdade, eu diria que gosto de um desafio tanto quanto qualquer sujeito, ou até mais.

Engolindo em seco, Lucy teve sucesso em desvencilhar o olhar para longe do dele, enfim, e deu um passo atrás.

– Vai participar, então? – disse ela um pouco insegura.

– Você sabe que seria muito mais fácil se apenas acreditasse em mim.

– Vou acreditar quando você entrar na próxima

rodada. A próxima prova é de laço de bezerro, então eles vão lhe dar um cavalo adequado.

– Laço de bezerro? Você não podia escolher algo um pouquinho mais difícil? – brincou Guy cheio de humor.

– Isso significa que não só terei de permanecer sobre o cavalo como pegar um bezerro no laço.

– Vai ser um desafio – concordou Lucy. – E, de acordo com o que você mesmo disse, você gosta de desafios assim!

– Ah, bem, se é necessário para convencê-la, acho que seria melhor eu... – Ele parou de falar quando um “Ohhh” veio da multidão ao redor da arena. – Aquele não é Kevin?

– Kevin? – Lucy se virou rapidamente para ver Kevin se afastar dos cascos do cavalo, rolando sob uma pequena nuvem de poeira.

Entretanto ele estava sorrindo abertamente quando se levantou, e ajudou os homens a capturarem o cavalo, que ainda se empinava furiosamente às margens da arena. As pessoas aplaudiam também, então decerto ele havia ficado sobre o cavalo por mais tempo que os outros.

Ela perdera o momento de glória dele. Lucy ficou aborrecida... ou melhor, furiosa com Guy por distraí-la. Quando Kevin cruzou a arena em sua direção, ela deu um sorriso encantador que excluiu Guy propositalmente.

– Você foi brilhante – disse ela confiando que ele estivesse ocupado demais se agarrando sobre o cavalo para notar que ela estivera conversando com Guy em vez de observá-lo.

– Não foi mal – disse Kevin lacônico.

– Parabéns – Guy se intrometeu onde não era bem-vindo, como sempre.

Qualquer pessoa dotada de sensibilidade teria

murmurado um pretexto e escapulido a fim de deixá-la a sós com Kevin, mas Guy não! Não, ele estava ali, apertando a mão de Kevin, sendo amigável e interessado, e perguntando a ele sobre as habilidades necessárias para ficar sobre a sela por tanto tempo, até Kevin ficar positivamente tagarela.

– Você já não está atrasado para se arrumar para o torneio de laço de bezerro, Guy? – interveio Lucy quando um megafone crepitou com um anúncio a respeito da competição seguinte. – Não quer perder a chance de tentar, não é?

– Você vai participar, Guy? – perguntou Kevin, e Lucy não pôde evitar notar que ele parecia mais interessado naquilo do que em qualquer coisa que ela teria para dizer.

– Parece que sim – disse ele sorrindo. – Lucy propôs um desafio que não posso recusar, embora eu não tenha certeza de que serei capaz de participar. Eu não culparia os organizadores no caso de eles não quererem amadores atrapalhando a competição.

Kevin pareceu confuso quando Guy saiu tranquilamente.

– Eu não imaginava que ele sabia usar um laço.

– E não sabe, Kevin – respondeu Lucy com desdém. – Guy só está me desafiando para provar que pode. Espere só, ele vai voltar em um instante com algum pretexto para explicar por que não participará.

Mas Guy não retornou. Lucy deveria ter ficado perfeitamente feliz agora que estava a sós com Kevin, mas a atenção dela acabou sendo distraída pela risada vinda de onde os competidores estavam reunidos. Sempre que ela dava uma olhadela, podia ver Guy agindo feito um palhaço, fingindo laçar um cavalo do lado errado, pegando um chapéu emprestado, fazendo todo mundo rir.

Que exibido ele era! Lucy voltou o olhar determinadamente para o belo perfil rústico de Kevin, contudo, foi difícil se concentrar com Guy brincando daquele jeito com a multidão.

Quanto mais cedo acabasse a farsa, melhor, concluiu ela, e ficou aliviada quando pareceu chegar a vez de Guy. Eles encontraram um cavalo para ele. Alguém daria um impulso nele sela acima, e Guy poderia se segurar por tempo suficiente para dar uma volta na arena, e ela supôs que teria de lhe dar crédito por ter tentado quando...

Oh...

Esperando que ele fracassasse totalmente montando o cavalo, Lucy ficou surpresa quando Guy subiu com facilidade sobre a sela em um movimento fluido. Perplexa, ela o observou manobrar o cavalo atrás do obstáculo e esperar enquanto o bezerro era solto pela rampa e eram dados os dez segundos para início da prova.

Lucy observava, os olhos azuis se estreitando de indignação enquanto ele cavalgava com uma graça sem esforço, desembaraçando o laço e testando seu peso na mão tão facilmente como se tivesse passado a vida toda sobre uma montaria.

Eu sei cavalgar. Ele tinha dito, mas não acreditara nele. Guy sabia que ela não ia acreditar, e então a deixou pensar que ele estava brincando. E agora lá estava ele, rodopiando a corda para experimentá-la antes de mandá-la serpenteando no ar para pousar habilmente sobre os chifres do bezerro.

Houve uma explosão de aplausos na arena, e Guy entrou instantaneamente no modo homem-espetáculo outra vez, sorrindo e abanando o chapéu para agradecer pelos cumprimentos.

– Nada mal para um britânico – comentou Kevin.

– Não – resmungou Lucy. Logicamente ela sabia que Guy não poderia ter armado para fazê-la passar por idiota, mas era como se sentia. – Venha – disse ela abruptamente, tendo experimentado o suficiente de Guy Dangerfield para uma única tarde. – Vamos encontrar os outros.

– É melhor descarregarmos nossa bagagem também, Lucy. Deve ter algum espaço na enseada. É onde costumamos dormir.

– Dormir?

– Sempre há uma festa depois do rodeio – disse ele como se todos soubessem. – Bebemos umas cervejas, e tem um baile. Ninguém quer dirigir para casa depois disso.

– Mas... Eu não percebi que você iria ficar – observou Lucy com desalento. – Prometi a Hal que voltaria esta noite. – Ela tentou explicar. – O sobrinho e a sobrinha dele estão vindo amanhã, e eu disse que o ajudaria a se certificar de que estava tudo pronto.

Kevin não conseguia enxergar o problema.

– Hal sabe que você está com a gente. Ele não vai esperar que você volte até amanhã.

Ela mordeu o lábio.

– Você trouxe um saco de dormir para mim?

– Claro que sim. – Kevin sorriu com seu jeito lento, aquele que normalmente fazia o coração dela saltitar.

Pela primeira vez Lucy ficou atordoada demais para responder. Ela havia esperado e esperado para passar mais tempo com Kevin, e agora, finalmente, quando ele parecia demonstrar um pouco mais de interesse, ela não ia poder aproveitar. Era tão injusto.

Se Lucy ao menos pudesse ficar. Adorava uma boa festa, e hoje à noite provavelmente seria muito divertido. Haveria churrasco e dança no galpão de tosquia, e mais tarde, talvez, ela e Kevin poderiam

escapulir para a enseada sob a luz das estrelas... Seria a noite romântica perfeita.

Como poderia ser perfeita, no entanto, quando ela havia prometido a Hal que retornaria? Passaria o restante do tempo sentindo-se culpada.

Seu chefe não era o mais fácil dos sujeitos e, verdade seja dita, Lucy se sentia um pouco intimidada por ele. Contudo, foi Hal quem lhe deu o emprego e uma chance de trabalhar na zona rural. Se não fosse por ele, Lucy nunca teria conhecido Kevin. E Hal tinha deixado claro que a prioridade dela seria cuidar dos filhos de sua irmã durante sua estada na Wirrindago. Lucy assinara um contrato preciso naquele sentido, mas, mesmo que não o tivesse feito, não queria deixá-lo na mão. Devia muito a ele.

Mas como poderia insistir para Kevin levá-la de volta de carro esta noite? Os outros peões precisariam ir também, já que eles só tinham um caminhão, e todos iriam perder a festa. Eles tinham poucas ocasiões sociais pela qual esperar com ansiedade, Lucy sabia. Não seria justo com eles.

– Não sei o que fazer, Kevin – disse ela pesarosa. – Adoraria ficar, honestamente, mas eu disse que iria voltar esta noite. Se eu soubesse...

Foi naquele momento que Guy apareceu, imaculado como sempre. Parecia que mal havia suado uma gota naquele cavalo sob o calor excruciante. Lucy o encarou com ressentimento profundo. Ele podia pelo menos ter tido a decência de cair. Pelo menos assim pareceria sujo e normal como as outras pessoas.

– Satisfeita, Cinderela? – perguntou ele com um sorriso brilhante.

Lucy rangeu os dentes.

– Sim – afirmou sucinta.

– Você se saiu bem – disse Kevin. – Vai participar de

mais alguma coisa?

Guy meneou a cabeça.

– Já fui desafiado o suficiente – disse ele com uma olhadela divertida para Lucy. – Pensei em retornar à Wirrindago agora. Hal precisa de um pouco de apoio. Para um homem que pode administrar mil cabeças de gado sem piscar, ele parece nervoso perante a ideia de ter duas crianças presentes. Mas eu não posso dizer que o culpo por isto!

– Talvez Guy pudesse lhe dar uma carona de volta, Lucy – sugeriu Kevin, e Guy ergueu uma sobrancelha diante da surpresa dela.

– Você não vai ficar para o baile, Cinderela?

– Não é um baile. – Kevin ficou confuso. – É só uma festa.

Lucy estava desapontada demais para explicar. Ela sabia que Kevin só estava tentando ajudar, mas ele não havia nem mesmo tentado persuadi-la a ficar, e agora, dentre tantas pessoas para escolher, ele iria descarregá-la justamente sobre Guy Dangerfield!

– Eu disse a Hal que estaria de volta esta noite – admitiu ela para Guy, quase engasgando com as palavras. – Não percebi que todos os outros iriam ficar.

– Tenho certeza de que Hal entenderia se você quisesse ir à festa. – Guy parecia poder ler a expressão dela sem dificuldade. – Não é como se você fosse virar gata borralheira se ficasse aqui depois da meia-noite! Vou contar a ele o que aconteceu, e Kevin poderá levá-la de volta com os outros amanhã de manhã.

– Está tudo bem, obrigada – agradeceu Lucy friamente educada.

Ela não tinha a intenção de aproveitar uma noite romântica concedida por Guy, mesmo que tivesse obtido a certeza de que Kevin pensaria em levá-la até a enseada sob a luz das estrelas. Ele na certa não parecia fazer

nenhum esforço para persuadi-la a ficar, pensou, taciturna. Talvez ele não gostasse dela tanto quando Lucy esperava.

– Eu prometi – disse ela –, e vou manter a promessa.

– Boa garota – assentiu Guy. – Eu não posso dizer que acharia ruim ter companhia durante meu retorno. É um longo caminho para seguir sozinho. A carruagem de abóbora estará pronta assim que você estiver, Cinderela.

Lucy deu um longo olhar repleto de anseio para o galpão de tosquia. Esta noite ele estaria pulsando com música e gargalhadas, e o velho chão de madeira iria reverberar com os pés dançantes. O cheiro de cerveja se misturaria ao da fumaça de churrasco, e a luz iria se espalhar portas afora rumo à noite vasta e silenciosa da roça. Seria o tipo de festa com a qual ela sempre sonhara.

E Lucy não estaria lá. Kevin dançaria com uma boa garota australiana que poderia conversar com ele sobre cavalos, e ela estaria presa com o único britânico da região por centenas de quilômetros. Lucy podia ter chorado de decepção, mas dera sua palavra a Hal, e não havia nada que pudesse ser feito agora.

Lucy suspirou.

– Já estou pronta.

CAPÍTULO 2

FOI UM passeio silencioso no começo. Para o alívio de Lucy, Guy não tentou conversar. Se ela já não tivesse concluído que ele era insuportavelmente arrogante e presunçoso, poderia ter pensado que estava sendo sensível a despeito da decepção dela. Guy não a provocou sobre não ir ao baile, conforme Lucy havia esperado que fizesse, mas a deixou livre para olhar tristemente pela janela e pensar em Kevin e em todas as outras garotas com quem ele poderia dançar no galpão de tosquia naquela noite.

Com um suspiro, Lucy tirou o chapéu e correu os dedos pelo cabelo liso de modo que ele caiu, loiro, e agora desordenado, por sobre os ombros. Espiando Guy, Lucy viu que ele a observava com uma expressão ilegível e, por algum motivo, ela se flagrou enrubescendo.

– Você sabe que podia ter ficado – disse ele. – Hal teria entendido.

– Eu sei, mas dei minha palavra. – Ciente de que estava sendo autoindulgente, Lucy fez um esforço para se recompor.

Nada daquilo realmente era culpa de Guy, ela percebeu, e ele era o primo de seu patrão. Podia ser um pouco tarde para começar a ser educada, mas ela sempre poderia tentar.

– Sinto muito, Guy. Não estou sendo boa companhia – disse Lucy, e reuniu forças para dar um sorriso. –

Normalmente não sou tão melancólica assim.

– Eu sei. Tenho ficado tocado pela pessoa extraordinariamente feliz que você é. Muitas garotas da sua idade iriam resmungar se tivessem de ficar presas o dia todo numa fazenda isolada, sem nada para fazer além de cozinhar e limpar para um bando de homens taciturnos e sem lugares para sair à noite, mas você parece amar isto.

– Eu de fato amo. É tudo tão romântico! Exatamente como eu sempre imaginei que a zona rural australiana seria! Não consigo acreditar no quanto sou sortuda por estar aqui.

– É só porque você passa a impressão de ser uma garota que gosta de se divertir – afirmou ele, os olhos fixos no caminho sujo que corria estreito através da poeira vermelha no horizonte. – Eu pude ver o quanto você ficou desapontada por não poder ir à festa esta noite.

– Adoro uma festa, é verdade, mas eu não me importo com o isolamento.

Ela não se importava com nada, contanto que Kevin estivesse lá. Caso ele estivesse ao seu lado, em vez de Guy, ela não teria dado um pio por causa da festa.

– Talvez viver tão tranquilamente faça você apreciar mais os eventos sociais – considerou ela. – Estou feliz porque não precisei fazer todos os homens retornarem comigo. Eles não saem muito e vão se divertir bastante. Não vai fazer diferença para eles se estiver ou não lá.

Guy lançou um olhar de relance, evidentemente nem um pouco ludibriado pelo sorriso reluzente dela.

– Kevin não vai ficar com mais ninguém esta noite, se é isso o que a está preocupando.

– Como você pode saber?

– Ei, o príncipe encantado nunca sossega por ninguém que não seja a Cinderela, certo?

Lucy não estava segura disso.

– Pode haver alguém mais adequado lá. – Ela girou o chapéu ansiosamente nas mãos.

– Kevin pode não ser o sujeito mais falante no mundo, mas ele é um homem, e você é uma garota muito bonita. Tenho certeza de que você já sabe disso. Ele não vai ficar interessado no adequado quando já tem você.

– Espero que esteja certo – comentou ela, roendo, ansiosa, os cantinhos do polegar. – É difícil dizer quando se trata de Kevin – continuou em uma explosão de confidências, mesmo apesar de parte dela estar admirada por aquela conversa.

Guy, dentre tantas pessoas no mundo, e daquele jeito!

Devia ter algo a ver com o fato de estarem calados, juntos, no banco da frente de um caminhão, ela concluiu. A cabine era um ambiente estranhamente íntimo, ainda mais quando se estava dirigindo através de uma região rural e não havia nada para distrair e mais ninguém num raio de quilômetros. Não tinha muito mais a se fazer senão conversar.

– Eu simplesmente não sei o que ele sente por mim. – Ela suspirou. – Estou apaixonada por Kevin. Por que eu deveria esconder isso?

– Não há motivos para esconder – disse Guy suavemente.

– Minha irmã Meredith acha que temos de guardar tudo para nós mesmos. Mas se você ama alguém, por que não dizer? Por que você deveria se envergonhar de seus sentimentos?

– Você não deveria, mas algumas vezes vale a pena guardá-los para si até estar absolutamente certa de que é o que sente.

– Eu tenho certeza do que sinto por Kevin. Por que não teria?

Guy deu de ombros.

– Você não precisa se justificar para mim – avisou ele.
– Kevin parece um sujeito bom o suficiente, mesmo que não tenha muito a dizer. Eu só imagino o quanto você se divertiria com ele. Quero dizer, sobre o que vocês conversam quando estão juntos?

Lucy não queria admitir que raramente ficava a sós com Kevin. A fazenda Wurrindago podia ser isolada em meio a milhões de acres de terra, mas surpreendentemente havia muito pouca privacidade. Os peões trabalhavam juntos, faziam as refeições juntos e então se recolhiam aos seus quartos comunitários. Era difícil encontrar uma oportunidade de escapar sozinho, ou mais ainda com alguém, contudo, se é que era possível, aquilo só fazia Lucy desejar Kevin ainda mais.

– Quando você está realmente apaixonado, nada mais importa – declarou ela soberbamente. – Não tem a ver com conversar. Tem a ver com estar juntos e amar um ao outro.

– Se você diz... – concordou Guy, claramente hesitante.

– Você sonhou ser um peão de rodeio – disse ela. – Bem, este é o meu sonho.

Lucy balançou o cabelo num gesto de desafio, e Guy a fitou de soslaio.

– Eu amadureci para além dessa fantasia em particular – apontou ele. – Há... hum... uns 18 anos.

– E você nunca teve uma fantasia desde então? Um sonho? Não vai me dizer que não sonha mais, não é?

– Não.

– Então com o que você sonha agora, se não é ser peão de rodeio? – Ela quis saber.

O sorriso de Guy se tornou mais largo.

– Eu não acho que a conheço bem o suficiente para contar isso, Lucy. Concordo com sua irmã nesse ponto, tenho de admitir. Algumas fantasias são melhores se

forem guardadas.

LUCY COLOCOU a língua entre os dentes quando lambuzou o topo do bolo com a cobertura de chocolate. Aparentemente era para o lanche da tarde, mas na verdade ela o fizera para Kevin. Bolo de chocolate era o favorito dele, então ela fazia sempre que podia.

Ela estava se sentindo feliz hoje. Kevin de fato lhe dissera que sentira falta dela na festa depois do rodeio, e Lucy abraçou a lembrança do comentário lacônico do peão como se tivesse sido a declaração de amor mais apaixonada. Um homem como Kevin não iria se apressar, ela se lembrava frequentemente, presumindo que o fato de ele ter sentido falta dela já era um grande passo.

Era um começo, afinal.

Ainda melhor, Guy Dangerfield estava indo embora, até que enfim. A mãe dele iria fazer uma cirurgia no quadril, fora a explicação dada, e ele precisava voar de volta a Londres no dia seguinte; assim poderia ficar por perto para ajudá-la no pós-cirúrgico.

Lucy ficaria aliviada por vê-lo ir. Ela queria não ter contado tanto a ele sobre si, embora Guy nunca tivesse mencionado a conversa deles outra vez.

No dia seguinte, ela iria poder relaxar finalmente, sem a distração constante da presença de Guy, e talvez houvesse uma chance de passar mais tempo com Kevin.

Não que houvesse tempo para se gastar construindo um relacionamento de qualidade naquele instante. A irmã de Hal havia trazido as crianças, Emma e Mickey, para ficar com ele antes de viajar com o marido em uma viagem de negócios de dois meses, e eles estavam tendo dificuldade para se adaptar.

Agora os dois estavam na varanda da frente, jogando algo no computador, mas ela iria lá para sugerir que

jogassem algo com cartas ou coisa parecida, assim que acabasse de limpar a cozinha.

Esfregando o cacau em pó da calça jeans, Lucy olhou para o relógio da cozinha. Hal voltaria em breve. Ele tinha ido até o Whyman's Creek mais cedo naquela manhã, e ela entregara ao patrão uma lista enorme de ingredientes a serem comprados no armazém.

– Tio Hal está aqui!

O grito de Emma da varanda fez Lucy se iluminar diante do pretexto perfeito para evitar lidar com a bagunça durante algum tempo. Limpando as mãos em uma toalha, ela se apressou pelo corredor para ajudar Hal a descarregar.

Ela viu sua figura esguia primeiro, e então percebeu com surpresa que ele havia trazido alguém consigo. Ele não tinha dito nada sobre ter um visitante quando saiu naquela manhã.

A irmã dela, tão ternamente familiar e ainda assim totalmente inesperada, estava lá fora, tanto que, por um longo, longo instante Lucy só conseguia encará-la.

Meredith?

Meredith olhou para ela.

– Oi, Lucy.

Era ela! O coração de Lucy inflou com uma satisfação surpresa. Lucy não tinha percebido o quanto havia sentido falta de sua eficiente irmã até agora. Correndo pelos degraus, ela envolveu Meredith em um abraço.

– Não posso acreditar que é você mesma! – berrou ela muito excitada. – É tão bom te ver! – Então Lucy recuou para olhar o rosto da irmã. – Mas o que diabos você está fazendo aqui?!

– SUA IRMÃ? – Guy ergueu a sobrancelha. Ele ficara fora o dia todo e tinha acabado de voltar apenas para descobrir que Hal havia trazido uma visitante inesperada. – Ela

veio visitá-la?

– Não exatamente. – Lucy estava distraída enquanto colocava as batatas na gordura quente. – Meredith quer que eu vá para casa com ela. Um amigo nosso esteve envolvido em um acidente. Ele está em coma, e eles acham que minha voz pode ajudá-lo a voltar a si.

– Que notícia chata.

Lucy suspirou, aborrecida demais até para se ressentir da presença de Guy.

– Eu sei.

– O que você vai fazer?

– Acho que vou ter de ir para lá. Isso significaria romper meu contrato. Você sabe o quanto Hal foi insistente para eu estar aqui para cuidar de Emma e Mickey, mas Meredith está conversando com ele agora e esperamos que concorde que ela tome meu lugar enquanto eu volto a Londres para ver Richard.

Guy franziu de leve a testa.

– Vai fazer tanta diferença assim se você estiver lá?

– Meredith acha que sim. – Lucy colocou as batatas de volta no forno e se aprumou, tirando alguns fios de cabelo desgarrados da testa com as costas do braço. – Para ser honesta, eu não quero ir, mas devo muita coisa a Meredith, e se isso é o que ela quer, então vou fazer o que puder. Eu conversei com a mãe de Richard ao telefone também. Ela soava desesperada, como se eles tivessem colocado todas as esperanças no meu retorno. Como posso recusar quando significa tanto para eles?

Guy hesitou.

– E Kevin?

– Ele vai aguardar por mim, assim espero. Mesmo que Hal não concorde em manter a vaga aberta para mim caso Meredith fique, então vou voltar para cá de algum outro jeito. Não vou simplesmente desistir do meu sonho.

No entanto Hal acabou concordando, Meredith comunicou a Lucy quando entrou na cozinha um pouco depois e foi apresentada a Guy.

– Agora só precisamos fazer você chegar a Darwin – disse ela a Lucy.

– Eu posso ajudá-la – declarou Guy. – Por coincidência, seu cronograma não poderia ser melhor. – Ele contou a Meredith sobre a cirurgia da mãe. – Eu preciso estar lá – comentou –, não que minha mãe vá apreciar! Ela provavelmente vai apenas dizer que estou atrapalhando, mas fretei um avião para me pegar na pista de pouso daqui, de qualquer forma. O piloto vai me levar direto a Darwin, e posso pegar o voo para Londres de lá. Vai dar na mesma se Lucy vier comigo.

Lucy ficara escutando-o com um desalento crescente, mas o rosto de Meredith se iluminou.

– Seria ótimo – disse ela, muito agradecida. – Isto significa que minha irmã poderá chegar em casa bem mais cedo.

– Tenho certeza de que posso conseguir um voo local – Lucy a interrompeu. – Não precisamos dar trabalho a Guy.

– Não é trabalho – afirmou Guy. – Há lugar para outra pessoa no avião e, como eu o fretei, não vai ter custo extra.

Lucy dificilmente poderia insistir para Hal fazer todo o esforço de levá-la de carro até a cidade diante da possibilidade remota de ela conseguir um assento no voo seguinte quando Meredith já precisara de todo seu poder persuasivo para fazê-lo concordar em deixá-la ir embora.

Odiando interiormente as artimanhas do destino, Lucy atirou suas coisas na mochila na manhã seguinte. Tinha ficado tão ansiosa para Guy ir embora, e para passar algum tempo a sós com Kevin – bem, sem o sorriso de Guy espreitando ao fundo de modo a distraí-la, afinal –,

e agora lá estava ela, indo embora com ele em vez de acenar um adeus com um sorriso reluzente. Passar uma hora e meia com Guy na estrada na volta do rodeio já havia sido ruim o suficiente. Agora como iria administrar o trajeto inteiro rumo a Darwin?

Pelo menos iria ter de tolerá-lo apenas até chegarem a Darwin, Lucy se consolou.

Mas, ao chegar propriamente a Darwin, houve um novo choque:

– Você reservou um lugar para mim na primeira classe? – Lucy ergueu a voz em um guincho de assombro intimidado.

– É um voo longo – avisou Guy. – É bom você estar confortável.

– Meredith me falou que os pais de Richard queriam comprar para mim a passagem de volta para casa, mas estou bastante certa de que eles não pretendiam me colocar na primeira classe! – Lucy estava consternada. – Eu sei que o pai de Richard é um executivo de sucesso, mas ele não é tão bem-sucedido a ponto de poder gastar com passagens de avião de primeira classe.

– Nesse caso, é sorte que eu seja – brincou Guy colocando uma das mãos firmes sob o cotovelo dela e guiando-a em direção ao balcão de check-in da primeira classe.

Lucy empacou quando percebeu o que ele estava dizendo e, um tanto tardiamente, desvencilhou o braço do aperto dele.

– Você comprou minha passagem para Londres?

– Não posso ficar com todo o crédito por isto. Minha assistente pessoal fez todo o trabalho.

– Mas eu não posso deixar você pagar para mim. Eu mal o conheço!

– Ah, eu não diria isto – retrucou Guy pegando o cotovelo dela outra vez e induzindo-a com firmeza para

a frente. – Estivemos morando na mesma casa na última semana. Você sabe que gosto de geleia de laranja na minha torrada, e eu sei que você não fica no melhor do seu humor de manhã. Sei o que você sente por Kevin, e você sabe que eu já quis ser uma estrela dos rodeios. Poucas pessoas sabem isso a meu respeito, Cinderela – disse ele com um sorriso radiante. – Não podemos ser estranhos quando você conhece meu segredo embaraçoso!

– Mas é tão caro! – ponderou Lucy recuando.

– Lucy, eu sou um homem rico. Isso não é nem um pontinho na minha conta bancária.

E de algum modo Lucy se flagrou entregando o passaporte quando Guy fez o check-in de ambos. As reservas haviam sido realizadas eletronicamente e em poucos instantes ela estava no avião, sem nenhuma daquelas filas arrastadas às quais estava acostumada e instalada em um assento luxuoso à janela. Não havia como negar que todo o processo de embarque era bem menos estressante na primeira classe.

– Uau! – Lucy inclinou o assento e brincou com todos os botões, esquecendo-se por um instante que de estava entrelaçada a Guy.

– Gostaria de uma taça de champanhe, srta. West? – perguntou a comissária de bordo.

Srta. West! Champanhe! Quem um dia iria imaginar que ela, Lucy West, iria estar sentada na primeira classe, bebendo champanhe?

Ela deu uma olhadinha para Guy, que obviamente tinha todo aquele luxo garantido. Ele ergueu a taça para ela com um daqueles sorrisos que sempre a faziam se sentir levemente eriçada.

– Aos sonhos – brindou ele.

Lucy pensou em Kevin, lá na Wirrindago. “Vejo você então”, ele dissera quando ela se foi. Mas os homens do

campo não estavam acostumados a expressar suas emoções, Lucy lembrou a si. Não significava que seu sonho não se tornaria realidade.

Kevin, tão tranquilo, tão estável. Você sempre sabia onde estava se metendo com Kevin. Poderia não ser exatamente onde gostaria de estar, mas havia algo de sossegado em ser capaz de adorá-lo sem esperar muito retorno.

Guy, por outro lado, não tinha nada de sossegado. Lucy se esforçava ao máximo para ignorá-lo, mas era impossível.

Ele estava absorto na leitura do *Financial Times*, o que significava que ela podia analisá-lo secretamente enquanto bebericava seu champanhe, e Lucy sentiu que nunca havia olhado com o devido cuidado para ele antes.

Guy virou a página do jornal, endireitando-o, e os olhos de Lucy foram capturados pelo antebraço dele e, por alguma razão, o ar secou na garganta dela. Era ridículo. Era só um braço adornado por um relógio sem dúvida obscenamente caro, com pulsos largos e mãos angulosas; porém de repente ela foi consumida pela necessidade inexplicável de correr a mão pelo antebraço dele para sentir a força dos músculos, sentir os ralos pelos dourados sob a palma, a tepidez da pele dele...

O calor a atingiu diante daquele pensamento, e ela esvaziou a taça numa espécie de desespero. Os dedos dela estavam se contraindo de fato, ela percebeu, muito ansiosa.

– Mais champanhe?

Feliz por causa da distração, Lucy estendeu a taça para ser reabastecida.

– Parece completamente errado estar bebendo champanhe neste luxo todo enquanto só estou aqui porque Richard está muito mal – disse ela a Guy, que

baixou o jornal com um pouco de relutância.

– Ele vai sarar mais rápido se você beber água? – Guy quis saber, numa pergunta obviamente retórica.

– Não... Mas... Você sabe o que quero dizer. Eu não deveria estar me divertindo.

– Este sujeito que está voltando para ver... Richard? Presumivelmente todo mundo quer que você esteja lá porque eles sabem que ele se importa com você, é isso?

– Sim – admitiu ela com alguma resistência.

Lucy não estava confortável de jeito algum com a ideia de que Richard ainda era apaixonado por ela, embora Meredith insistisse que era verdade.

– Então estou preparado para apostar que o que ele mais aprecia em você é sua habilidade de se divertir onde quer que esteja – disse Guy. – É isso que a faz especial, Cinderela, não é seu cabelo loiro e seus olhos azuis, embora eles sejam adoráveis.

– Eu gostaria que você não me chamasse de Cinderela – murmurou ela, sem saber o que mais dizer. – É bobo.

– Esse Richard não vai querer que você mude só porque ele está doente – continuou Guy ignorando a interrupção dela. – É suficiente você estar indo para casa quando não queria ir de fato. Não precisa se sentir culpada também.

– Mas eu me sinto. Parece que é minha culpa Richard estar nessa situação tão ruim.

Guy não revirou os olhos na verdade, mas houve uma exasperação exagerada no modo como ele dobrou o jornal.

– Quer dizer que você dirigia o carro que acidentou para deixar Richard em coma?

– Não, é claro que não. Mas eu sei que Meredith acha que ele sofreu o acidente porque não estava se concentrando, e ele não estava se concentrando porque estava triste por minha causa. – Ela deu um gole

melancólico no champanhe. – Ela não disse nada, mas eu sei que me culpa por ir embora.

– Ah – disse Guy. – Então você e Richard eram mais que apenas amigos?

Lucy assentiu.

– Não muito mais – ela se apressou em afirmar. – Nós saímos por um tempo, no entanto isso é tudo. Não era grande coisa. Ele era um amigo de Meredith e eu não percebi, até ser tarde demais, que ela era apaixonada por ele, mas que não tinha deixado ninguém descobrir o que sentia. Então Richard não fazia ideia, nem eu. Nunca teria saído com ele se soubesse.

Guy se virou sutilmente no assento a fim de escutá-la.

– Quando você percebeu o que Meredith sentia por ele?

– Um mês depois. Se ao menos ela tivesse me contado! Mas aquilo era típico de Meredith. – Suspirou. – Ela mantém tudo para si. Eu só descobri por acidente. Aconteceu de eu ver o rosto dela no espelho quando estava falando de Richard e de repente ficou tão óbvio. Eu não conseguia acreditar que não havia adivinhado antes.

– Deve ter sido uma situação desagradável – comentou Guy.

– Eu me senti terrível. – Era um alívio poder conversar com Guy a respeito, Lucy percebeu. – Meredith é minha irmã mais velha e ela fez tudo por mim. A última coisa que eu queria era magoá-la. Nunca teria me envolvido Richard se soubesse como minha irmã se sentia.

– Então o que aconteceu?

– A pura verdade é que Richard e eu não iríamos a lugar algum. Ele é adorável, mas um pouco sério para mim, e nós realmente não tínhamos muito em comum, não como ele e Meredith tinham. Pensei que Richard tinha a mesma sensação, e que a melhor coisa a se fazer

seria eu ir embora. Se eu estivesse fora do caminho, tinha certeza de que eles ficariam juntos e que tudo ficaria bem.

– Foi egoísta da sua parte, Lucy.

Lucy teve a dignidade de corar um pouco.

– Não estou dizendo que não foi adequado para mim. O fato é que eu estava aborrecida com meu emprego e me sentindo inquieta de qualquer forma. Sempre amei a ideia de viver no campo, e pareceu a oportunidade perfeita de conseguir um visto de trabalho e ir. Foi assim que acabei na Wirrindago, e eu estava me sentindo tão feliz lá – disse ela com um sorriso saudosos. – Meredith ficou furiosa por eu ir, no entanto. Ela falou que eu tinha magoado Richard e que estava sendo egoísta, e as coisas estavam bem tensas quando fui embora. Eu não achava honestamente que Richard estivesse tão chateado, mas ela me disse ontem que ele ficou arrasado. Ao que tudo indica ele andou fazendo confidências a ela. Meredith diz que ele ainda me ama e que é por isso que todos querem que eu volte agora, porém, para ser sincera, me sinto pior em relação a magoar Meredith. Ela era conhecida como a sensível, e eu era a garota festeira que nunca sossegava com nada. Perdemos nossa mãe quando éramos pequenas, e foi Meredith quem sempre cuidou de mim.

– Para mim parece que ela ainda está fazendo isso – disse Guy. – E você permite.

Lucy parou com a taça de champanhe a meio caminho dos lábios.

– O que você quer dizer?

– Quem providenciou tudo com Hal para que você pudesse voltar? – perguntou ele desdobrando o jornal mais uma vez. – E se Meredith não está por perto, aposto que sempre há mais alguém, como eu nesta ocasião, que vai ajeitar as coisas para você.

– Isso não é justo – disse ela, mas a voz não sustentou convicção suficiente.

Guy olhou de soslaio para o rosto dela antes de retornar ao *Financial Times*, não sem antes indagar:

– Não é?

CAPÍTULO 3

ERA AQUILO que Guy pensava dela? Era uma pirralha preguiçosa que deixava os outros organizarem sua vida? Lucy se movimentou incomodamente no assento. A questão era que Meredith era tão competente que sempre parecia mais fácil deixá-la fazer as coisas do seu jeito. Mas aquilo não significava que Lucy era mimada, concluiu ela, na defensiva.

Era?

Um pouco amuada, Lucy pegou uma revista de bordo e começou a folheá-la, descuidadamente. A verdade era que não gostava da ideia de Guy pensar que ela era mimada, ainda mais quando ele havia sido dispensado ao primeiro contato por ela o ter considerado um criança esnobe. Aquilo era irônico.

Só quando eles começaram a se preparar para o pouso em Heathrow, descendo através das nuvens rumo ao amanhecer sombrio de Londres, é que o mau humor dela começou a decair no mesmo ritmo do avião. Logo seria hora de encarar a realidade novamente. Lucy teria de ir ver Richard no hospital, mas e se ele não saísse do coma? Ela não podia ficar à toa indefinidamente. Não tinha dinheiro, e embora Meredith lhe tivesse dito que ela poderia morar na...

– Ah! – A mão de Lucy foi à boca em um gesto involuntário quando ela lembrou.

– O que foi? – Guy parou no meio de uma longa

espreguiçada e olhou preocupado para a expressão consternada dela.

– Foi tanta correria antes de sairmos que Meredith se esqueceu de me dar as chaves da casa dela!

– Ou talvez você tenha se esquecido de pedi-las – sugeriu ele gentilmente.

Lucy abriu a boca para fazer uma réplica afiada, mas se deteve a tempo. Fechando os lábios outra vez, ela se obrigou a contar até dez.

– Sim – concordou entre os dentes após um instante –, você está certo, é claro. Eu me esqueci de lembrá-la sobre as chaves. – Suspirou. – Vou ter de sair telefonando para alguns amigos para ver se alguém pode me hospedar. – Os ombros dela se curvaram bruscamente. – Eu estava morrendo por um banho também!

– Está um pouco cedo para sair ligando à procura de uma casa, não é? – disse Guy, olhando para o relógio de pulso. – Não são nem 6h ainda. Não consigo imaginá-la recebendo convites calorosos para aparecer de repente a esta hora da manhã. Por que não volta comigo? Há um carro me esperando, e o apartamento tem alguns quartos sobrando. Você poderia tomar um banho e ligar de lá para o hospital e para seus amigos.

– É muito gentil da sua parte, mas acho que você tem feito mais que o suficiente. – Lucy não havia se esquecido da insinuação de que ela era incapaz de cuidar de si. Assim, mostraria a Guy que poderia se virar perfeitamente bem sozinha. – Eu vou ficar bem.

Mas quando eles chegaram à área de coleta de bagagens ela descobriu que o celular estava sem bateria. Lucy suspirou. Por que esse tipo de coisa continuava acontecendo a ela? Poderia passar a manhã inteira no aeroporto de Heathrow tentando contatar os amigos usando um orelhão.

Ou poderia engolir o orgulho e perguntar a Guy se ela, afinal, poderia aceitar a oferta.

Lucy nunca fora muito orgulhosa mesmo.

O QUEIXO dela de fato caiu quando Lucy viu o apartamento de Guy. Depois da primeira classe e do luxo de entrar em uma limusine lustrosa que havia surgido do lado de fora do terminal, ela pensara que poderia estar ficando indiferente àquilo tudo, mas o quarteirão do prédio, no coração do bairro de Docklands, era um mundo diferente de modo geral.

“Lar” era um termo aconchegante demais para a cobertura de Guy, bem no topo da torre elevada, com uma vista de 360 graus de Londres digna de fazer o coração parar. Ele tinha acesso a um bar fabuloso, uma academia de ginástica, um SPA e até mesmo a um cinema particular com poltronas reclináveis de couro onde ele poderia apreciar o filme mais recente com alguns amigos no maior conforto.

– Nossa... – Foi tudo o que ela conseguiu dizer quando Guy mostrou as dependências do imóvel.

Era como entrar em um ambiente de uma revista de decoração. A parede em linhas curvas da enorme sala de estar era totalmente feita de vidro, introduzindo a uma varanda com uma vista espetacular da grande curva do rio Tâmesa lá embaixo. O piso era de carvalho encerado, e o apartamento inteiro era decorado em creme e tons neutros que criavam uma sensação de luz e tranquilidade.

A cozinha era toda em aço inoxidável e granito, com painéis de controle eletrônicos.

Guy levou Lucy até um quarto com janela panorâmica com vista para o rio e para o vibrante centro comercial que havia se desenvolvido nas velhas docas de Londres.

A vista era impressionante o suficiente, mas Lucy

engasgou de fato quando viu o banheiro.

– Isto é fabuloso! – disse ela. – Nunca vou ter a ousadia de utilizá-lo!

– Pensei que você estivesse desesperada por um banho...

– Eu estou, mas, uma vez que eu entre aqui, posso não querer sair nunca mais. É melhor eu ligar para a mãe de Richard primeiro, afinal – disse ela, se lembrando cheia de culpa do motivo pelo qual estava ali. – Posso usar seu telefone até a bateria do meu celular carregar?

Guy foi tomar um banho enquanto ela conversava com a mãe de Richard, e, quando ele saiu do cômodo um pouco depois, viu Lucy colocar o fone no gancho com uma careta sutil.

– Más notícias?

– Não exatamente. Richard está na mesma, creio. Poderei vê-lo esta tarde.

O cabelo de Guy estava molhado por causa do banho, e ele abotoava a camisa. A atitude parecia extraordinariamente íntima, e Lucy desviou o olhar, de repente consciente.

– Temo que a mãe dele esteja esperando por milagres, no entanto. Ellen parece convicta de que Richard vai acordar assim que eu abrir a boca. – Ela hesitou. – Espero que eles não estejam criando uma ideia equivocada.

Guy lutava contra a máquina de café, que, tal como todo o restante dos objetos no apartamento, era de tecnologia de ponta.

– Algumas vezes sinto falta de café solúvel – confessou ele com um grunhido de frustração. – Pelo menos não era necessária uma graduação em ciência da computação toda vez que se queria uma caneca de café.

– Deixe comigo. – Lucy deslizou no banco e tirou-o do caminho. – Aí está – disse ela presunçosamente e, como

que por mágica, a máquina resfolegou para a vida.

– Como você fez isso? – Guy a encarou, impressionado.

– Trabalhei em um café durante algum tempo – contou ela se inclinando para trás no banquinho. – Posso não ser capaz de laçar um bezerro, mas sei fazer café.

– O que é, tenho de dizer, bem mais útil aqui em Canary Wharf. – Guy abriu a geladeira para pegar leite e suco de laranja. – Então, qual é a ideia errada que os pais de Richard estão tendo?

– Ellen parece estar com a impressão de que eu só me apressei a voltar para vê-lo quando soube que ele estava mal porque ainda o amo – esclareceu Lucy de modo taciturno. – Ela estava falando como se Richard e eu fôssemos noivar no instante em que ele acordar.

Guy encontrou alguns copos e serviu dois com suco.

– Conte-lhes sobre Kevin – aconselhou ele. – Se eles souberem que você está apaixonada por outro, não perderão tempo esperando que vá ficar tudo bem quando Richard voltar a si.

Lucy se iluminou.

– Sim, acho que eu poderia mencionar Kevin se isso começar a ficar esquisito. É uma boa ideia. – Ela bocejou. – Desculpe, isso tudo está me absorvendo.

– Você poderia tirar uma soneca, já que não precisa ir ao hospital até esta tarde.

Pela primeira vez ela registrou o que ele estava vestindo.

– Você vai trabalhar? – perguntou ela surpresa.

– É claro. Estamos de volta à vida, agora – disse Guy, assumindo um ar de importância. – Vou deixar com você os códigos do alarme da porta, assim poderá ir e vir quando quiser.

O APARTAMENTO estava vazio quando Lucy retornou do

hospital naquela tarde. Ela franziu a testa, olhando para o relógio. Será que Guy ainda estava no escritório? Ele não tinha dito que ficaria até tão tarde.

Lucy olhou para a mobília moderna e a decoração minimalista em volta. Não, aquele não era o apartamento para o qual você voltava em busca de noites aconchegantes, para desabar no sofá após um dia difícil no trabalho e assistir à televisão com uma embalagem de comida pronta. Era o tipo de lugar para o qual você levava namoradas lindas e sofisticadas e as seduzia com as luzes de Londres aos seus pés.

Talvez Guy estivesse com essa linda namorada naquele exato momento. Ele poderia estar no meio de uma reunião apaixonada, lamentando o fato de não poder levar a namorada ao apartamento porque estava ocupado por alguém que não era sofisticada nem de longe.

Lucy pegou uma maçã da fruteira e caminhou em torno da enorme sala de estar. Havia algumas poucas fotos ali, todas em porta-retratos modernos, e ela os pegou a fim de analisá-las curiosamente. Reconheceu uma na Wirrindago, de Guy ainda menino ao lado de um Hal bem mais jovem. Havia um casal que ela presumiu serem os pais dele, e aquelas fotografias casuais de amigos velejando ou esquiando, mas definitivamente nenhuma foto de casal.

Hum...

Ela segurava uma foto de Guy juvenzinho, bronzeado e de cabelo desgrehado sobre uma prancha de surfe, quando o som da porta se abrindo a fez dar um pulo. Rapidamente, colocou o porta-retratos no lugar e se virou para ver Guy em pessoa. Ele trouxe uma explosão de energia ao ambiente, e o apartamento, que parecia tão frio e vazio um instante atrás, ficou vivo de repente.

– Olá – ele a cumprimentou.

– Oi. – Lucy ficou intimidada ao ouvir a própria voz sair como um guincho. Ela pigarreou e tentou outra vez: – Foi um dia longo no escritório depois de um voo vindo da Austrália. Você deve estar cansado.

– Ah, eu não estava no escritório esse tempo todo – disse Guy, puxando a gravata para afrouxá-la.

– Eu imaginei se você estava de papo com alguém especial – comentou Lucy, ultracasual.

– E estava, na verdade – confessou ele. – Muito especial.

– Ah... – Era exatamente o que ela havia imaginado então.

– Minha mãe. Ela vai passar pela cirurgia em três dias e está nervosa com isso, mas, sendo mamãe, não vai admitir. O temperamento dela não é exatamente doce mesmo nas situações ideais, e a dor no quadril a está deixando pior, então ela me deu umas duas patadas antes mesmo de eu passar pela porta! Fiquei feliz por ter você como pretexto para vir embora um pouco mais cedo, tenho de admitir.

– Ah... – repetiu Lucy, um pouco aborrecida por ter se sentido tão aliviada.

E pelo que exatamente você está aliviada, Lucy?, uma vozinha lhe perguntou na cabeça. *Porque isso seria um péssimo sinal, dado que assuntos sobre o amor da vida dele não são absolutamente da sua conta.*

Ah, e porque você está apaixonada por Kevin... lembra-se disso?

Guy se atirou numa poltrona e esticou os braços por sobre a cabeça.

– Como foram as coisas no hospital?

– Eles dizem que Richard está melhorando, mas ele parecia horrível para mim. – Feliz por causa da mudança de assunto, Lucy sentou em um dos sofás de pelúcia cor de creme, na direção oposta a Guy. – Ele estava só

deitado lá, cheio de fios daquelas máquinas. Seus pais estão num estado terrível. Eles praticamente pularam no meu pescoço quando cheguei. – Ela suspirou diante da lembrança. – Sentei e conversei com Richard enquanto eles descansavam um pouco. Pareceu esquisito no começo conversar com alguém que não poderia responder, então acabei falando a primeira coisa que veio à minha cabeça.

Sem saber sobre o que mais conversar, ela começara descrevendo a Wirrindago e sua vida lá, mas de algum modo findou contando a um Richard silencioso sobre o voo de volta com Guy e como ele a fazia se sentir inquieta.

– Foram apenas asneiras – disse ela, as bochechas perdendo a cor. – Não me surpreendo que ele não tenha acordado! Os pais ficaram cruelmente decepcionados, no entanto, então eu disse que voltaria e tentaria de novo no dia seguinte. É claro que aquilo só pareceu confirmar para eles que eu tinha reatado com Richard.

– Você mencionou Kevin?

– Não exatamente... – Lucy cutucou a franja de uma almofada e evitou os olhos de Guy. – Eu disse que tinha um namorado, mas não tinha certeza de que eles se convenceriam se soubessem que ele ainda estava na Austrália, então pensei que seria mais convincente se mentisse que voltei para Londres com ele. – Pigarreou. – Na verdade – confessou ela –, eu disse que era você.

Guy estava confortavelmente estirado na poltrona, mas diante daquilo ele baixou os braços com vigor e se sentou, aprumado.

– Você disse que eu era seu namorado?

– Bem, eu disse que o nome do meu namorado era Guy e que eu estava me hospedando na casa dele. – Constrangida, Lucy sabia que poderia ter ido longe demais. – Eu não achei que você fosse se importar.

Quero dizer, não faz diferença para você, faz? Não é como se você tivesse de fazer alguma coisa.

A expressão de Guy era um tanto ilegível, e Lucy o observou repleta de dúvida. Parecera uma boa ideia na ocasião; ela não raciocinara de fato quando contara aos pais de Richard a respeito dele, mas talvez tivesse sido um pouco imprudente.

– Sinto muito – disse ela um tanto insegura. – Você obviamente se importa de fato.

O olhar impenetrável nos olhos azuis se dissolveu de repente, e ele estava sorrindo mais uma vez.

– É claro que não – afirmou ele. – Estou lisonjeado por você ao menos ter pensado em mim! Estamos loucamente apaixonados?

Lucy corou.

– Eu dei a entender que estávamos morando juntos – admitiu ela.

– Ahá! Bem a caminho do compromisso, então! Isso significa que terei o prazer de desfrutar da sua companhia por mais tempo?

– Não... Deus, não – respondeu ela apressadamente. – Eu liguei para minha amiga Meg e posso ficar com ela amanhã. Meg ficará fora esta tarde, ou eu estaria lá agora.

– Quer dizer que vai passar a noite aqui?

– Se você não se importar – disse ela um pouco desconfortavelmente, ouvindo o eco na voz dele: “Sempre há alguém... que vai ajeitar as coisas para você.”

– É claro que não me importo. Estamos apaixonados, não estamos? – Guy ficou de pé e se espreguiçou. – Estou morto de fome. Vamos sair e comer alguma coisa.

O estômago de Lucy roncou diante do pensamento, mas ela podia imaginar os tipos de restaurantes que Guy frequentava.

– Não estou com roupa adequada para sair. – Ela gesticulou para si mesma. – Eu não trouxe nada mais elegante comigo.

– Você não vai precisar de lantejoulas ou de uma tiara de brilhantes no lugar para onde estamos indo – ele prometeu a ela. – Você está absolutamente ótima.

Lucy ficou de pé, ainda hesitante.

– Para se honesta com você, Guy, não estou com muito dinheiro – confessou ela, por fim, corando de constrangimento. – Meredith me deu o dinheiro que tinha, mas não era muito, e vou precisar conseguir um emprego temporário para me virar até poder voltar para a Austrália. Até lá, não acho que possa me dar o luxo de sair.

– O jantar é por minha conta – disse Guy e completou quando ele a viu prestes a protestar: – Ei, sou seu namorado, não sou? Não quero você dizendo aos pais de Richard que sou mesquinho demais para levá-la para sair!

Guy a levou a um pequeno e despretensioso restaurante italiano pelo qual Lucy teria passado direto sem notar, caso Guy não tivesse parado e empurrado a porta. Eles foram envolvidos no mesmo instante por um bafejo de boas-vindas calorosas e barulho. À primeira vista, o restaurante parecia completamente cheio, mas os garçons e os outros funcionários cumprimentaram Guy como um irmão há muito desaparecido e, antes que se dessem conta, uma mesa para dois surgira como que por encanto e estava sendo oferecida com um floreio, enquanto os garçons rivalizavam para fazer Lucy rir com seus galanteios extravagantes.

– Ei, já basta! – Guy fingiu olhar feio para eles. – Ela está comigo!

Depois de conviver com o estilo lacônico de Kevin, aquilo foi inebriante. Kevin era forte e calado, nada

engraçado e galanteador, e, embora aquilo fosse simplesmente absurdo, o espírito de Lucy se animou em resposta.

Bebendo um gole do vinho, ela colocou o copo de lado e apoiou os cotovelos na mesa com um suspiro feliz.

– Este lugar é ótimo – disse ela a Guy, sorrindo.

– Fico feliz que tenha gostado – afirmou ele, os olhos sobre o rosto reluzente dela.

– É engraçado pensar que estávamos no campo há apenas dois dias, não é? Parece que fomos transportados para um universo diferente. A Wirrindago é tão linda. É tão tranquila, tão estável e grande. – Com uma olhadela no relógio, ela tentou calcular a diferença de fuso, o nariz enrugando pelo esforço de concentração. – Eles devem estar fazendo o lanche do meio da manhã agora – elaborou, e os olhos azuis ficaram momentaneamente saudosos.

– Você sente falta de Kevin?

– Não tive tempo de sentir saudade dele ainda. – Lucy pegou o vinho e evitou o olhar de Guy.

Kevin já parecia remoto, ela pensava, cheia de culpa, como alguém que Lucy conheceria em outra vida.

Apenas Guy era real. Sentado do outro lado da pequena mesa, ele parecia extraordinariamente vívido, como se tudo nele de repente fosse mais intenso e esclarecedor de um jeito que deixava Lucy se sentindo inquieta. O prazer confortável que ela captara no restaurante havia evaporado, e em seu lugar surgira uma bolha de tensão que destacava a mesa deles de todas as outras.

– Vou sentir falta dele, no entanto – disse ela a Guy, quase como que tentando convencer a si mesma. – Vou sentir muita saudade dele.

– É claro que vai sentir – concordou ele com uma voz neutra.

Lucy ficou muito feliz quando Joe, o proprietário do estabelecimento, chegou cheio de sorrisos para pegar o pedido deles.

– O que vai querer, *bella*?

– Ah, eu não sei... – Lucy consultou o cardápio, apressada. – Tudo parece tão bom... Eu gostaria de experimentar tudo! O que você recomenda?

– Para você, o prato do dia... Linguine com siri e só um pouco de pimenta... Leve, delicioso, só um toque de fogo... – Ele beijou os dedos em um gesto extravagantemente italiano. – É belo, como você.

Guy revirou os olhos perante o sotaque e se inclinou para fazer uma confidência:

– Fique sabendo que ele consegue falar nossa língua perfeitamente bem, não consegue, Joe? Ele só está se exibindo para impressioná-la.

Joe bateu a mão no peito.

– Você só está com ciúme porque é um almofadinha e não tem palavras para dizer a Lucy o quanto ela é linda!

Lucy gargalhou, satisfeita pelo modo como a atmosfera estranhamente tensa havia se dissolvido em humor.

– O linguine parece fabuloso, Joe – disse ela. – Vou querer, por favor.

Joe sorriu de modo malicioso para ela e se voltou para Guy.

– O de sempre então, não é? – perguntou ele, mudando consistentemente de italiano romântico para um convencido suburbano londrino, e Lucy ainda estava estourando de rir quando ele desapareceu em direção à cozinha.

– Não preciso perguntar se você vem muito aqui!

– Mais do que vou à minha cozinha – admitiu ele.

– Irá precisar encontrar uma garota legal que possa cozinhar para você. – Lucy passava manteiga

profusamente sobre uma fatia de pão.

– É uma lástima, mas a maioria das mulheres que eu conheço está em dieta permanente.

Ao ouvi-lo, Lucy pausou, cheia de culpa, por um instante entre o pão e a manteiga, antes de concluir que estava com fome demais para ligar para a aparência.

– Elas cozinham até menos que eu. – Ele olhou para o outro lado da mesa, avistando Lucy com a boca cheia de pão. – Temo que você seja a única garota legal que conheço que saiba cozinhar.

Quando os olhares de ambos se encontraram, o coração de Lucy começou com aquele ressoar doloroso outra vez, batendo lentamente contra as costelas de um jeito que dificultava a respiração. Incomodamente, o olhar dela deslizou para longe do dele, e ela engoliu o pão com alguma dificuldade.

– Eu já tenho um trabalho na Wirrindago – ressaltou ela quando conseguiu falar.

– Tem mesmo. – O sorriso de Guy foi triste. – Eu sempre me esqueço.

Houve uma pausa. Lucy empurrou algumas migalhas em torno do prato, por algum motivo incapaz de olhar para ele. O apetite dela de repente se esvaíra. Enquanto o silêncio se prolongava, Lucy pressionava as migalhas com o dedo e os lambia.

– Coma mais pão – disse ele oferecendo a cesta.

A voz de Guy era muito seca e, quando ela arriscou uma olhadela rápida, percebeu que ele a observava com uma expressão imperscrutável.

– Obrigada. – Lucy pegou um pedaço, mais para ter algo para fazer com as mãos do que por realmente por querer o pão. – Foi gentil da sua parte me convidar para jantar – completou ela formal. – Eu estava com fome.

– Bem, você sabe o que dizem, Cinderela. Não existe almoço grátis... Ou jantar, neste caso. Eu tenho um

motivo oculto.

– Não me diga. – Lucy parou, a respiração presa a meio caminho dos lábios, como se todas as cenas se embaralhassem no cérebro dela, cada uma mais inverossímil que a outra.

– Tenho um favor para lhe pedir.

– Não me diga – disse ela outra vez, fracamente.

– Eu estava pensando se você poderia visitar minha mãe um dia.

Lucy se endireitou na cadeira.

– Sua mãe? – Era a última coisa que ela estava esperando.

– O fato é que eu acho que ela se daria bem com alguma distração – explicou Guy. – Eu sei que minha mãe gostaria de conversar com você sobre a Wirrindago. Ela cresceu lá, e, embora tenha se casado com um britânico e se alojado aqui, ainda é uma garota do campo, eu acho. Ela pode ser um pouco... ríspida – completou ele escolhendo as palavras com todo o cuidado –, mas ela tem mesmo passado por coisas difíceis, e de fato mais late do que morde. De qualquer forma, tenho muita certeza de que ela iria gostar de você. – Fitou Lucy de soslaio. – Você se importaria?

– É claro que não – disse ela.

Considerando que Guy pagou pelo voo dela, ofereceu um quarto por uma noite e arcou com as despesas do jantar, parecia o mínimo que ela poderia fazer para retribuir. E era um alívio tão grande sentir aquela tensão terrível se dissipar outra vez que ela teria concordado com qualquer coisa.

– Eu gostaria de conhecê-la.

– Mesmo? Que ótimo! – Guy pareceu genuinamente aliviado. – Talvez possamos marcar algo quando minha mãe estiver em casa, depois da cirurgia.

– Tenho certeza de que será muito bom.

– Mamãe ficará satisfeita – garantiu ele servindo mais vinho para Lucy. – Creio que parte do problema dela agora é porque está entediada. Ela sempre foi tão ativa, no entanto a artrite a tem impedido de sair mais, de uns tempos par cá. Tudo o que minha mãe tem para fazer é ficar sentada em casa e reclamar de mim.

– Nossa, o que ela tanto critica ao seu respeito?

Guy se reclinou na cadeira e sorriu.

– Bem, depende do humor dela. Minha juventude desperdiçada é um dos assuntos favoritos; ou pode ser algo que estou vestindo e ela não aprova. No momento, minha falha em me casar, sossegar e lhe dar netos é o domínio nas conversas. – Ele fez uma careta, mas Lucy não achou que parecia particularmente chateado. – Eu me separei da minha namorada antes de ir para a Austrália, então é um tema inflamado.

Ah... Lucy estivera imaginando por que não havia sinal de uma namorada e, já que ele mesmo trouxera o assunto à tona, ela não viu motivos para não ser intrometida e perguntar:

– O que aconteceu?

– Nada dramático. Só não havia química nenhuma entre nós... E eu acho que um relacionamento precisa de um pouco de faísca e de encanto, não acha? – perguntou ele, os olhos brilhando, e Lucy teve a sensação desagradável de que Guy estava pensando no relacionamento dela com Kevin.

Não existira chance alguma de haver alguma faísca e encanto com Kevin, ela pensou, mas não viu razão para dizer aquilo a Guy.

– Sim, acho. Em minha opinião, a atração física é uma parte imensamente importante de um relacionamento.

– Bem, era o que estava faltando entre mim e Anna. Não que ela não seja atraente, pois ela é, mas não fazíamos o coração um do outro bater mais rápido.

Desconfortavelmente ciente de que o próprio coração estava batendo bem mais depressa que o normal, Lucy pegou mais pão e desejou que Joe se apressasse com o linguine.

– Então foi uma decisão mútua?

– Sim, mas você nunca escutaria minha mãe aceitando isso – disse Guy. – Ela não gostava da minha namorada anterior, dizia que era magra demais, e quando Cassie voltou para o antigo namorado mamãe ficou bastante aliviada. Então conheci Anna, e mamãe a achou ótima. Ficou convencida de que Anna me largou porque eu não a pedi em casamento com rapidez suficiente, e agora ela está colocando a culpa por tudo que dá errado, incluindo a cirurgia no quadril, naquilo que chama de meu “medo mórbido de compromisso”!

O tom dele era leve, mas Lucy imaginava se Guy se importava mais com aquilo do que estava preparado para admitir.

– Você tem medo de compromisso? – Ela quis saber.

– Não. Tenho 33 anos e cheguei ao patamar no qual não me importaria em encontrar a garota com quem quero passar o restante da minha vida, mas não vou deixar minha mãe me pressionar rumo ao casamento só porque ela quer netos. Eu disse a ela que vou me casar quando tiver encontrado a garota certa.

– E você não encontrou ainda?

Olhos azuis encararam olhos azuis.

– Não – disse ele lentamente, quase como se não tivesse tanta certeza. – Ainda não.

CAPÍTULO 4

HOUVE OUTRO daqueles silêncios, quando todo o ar pareceu escoar dos pulmões de Lucy e ela pôde se sentir formigando de atenção. Ela ficou intensamente feliz quando Joe reapareceu ao lado deles, ostentando dois pratos fumegantes.

– *Buon appetito!* – disse ele usando seu italiano máximo, e acenou para um garçom.

No instante em que eles já terminavam de servir a pimenta, o parmesão e de encher as taças, o momento esquisito tinha passado.

O linguine estava delicioso conforme Joe prometera, mas era complicado comer graciosamente.

– Que sorte que não estamos em um encontro – brincou Lucy enquanto sugava um fio perdido de massa.

– Se eu fosse seu namorado, ou estivesse com esperança de vir a do ser, iria gostar do jeito como você come. Você faz do jeito que faz todas as outras coisas: com prazer.

– Meredith diz que sou entusiasmada demais. – De maneira inexperiente, Lucy enrolou outro bocado de macarrão em torno do garfo. – Ela diz que eu deveria aprender a pensar antes de agir.

– Você acha que isso é verdade?

– Bem... Algumas vezes eu entro em determinadas situações e percebo que elas não são bem o que imaginei – admitiu ela –, mas as coisas normalmente funcionam...

E nem sempre porque Meredith me salva – completou antes que ele pudesse fazer tal sugestão.

– Que tipo de situações? – perguntou ele intrigado.

– Situações românticas de vez em quando, mas também ligadas a trabalho. Não tenho o currículo mais impressionante do mundo.

– Esse é um modo de dizer que você começou em muitos empregos e nunca permaneceu em nenhum?

Lucy o fitou com uma pitada de indignação.

– Prefiro pensar que tenho uma experiência ampla. Eu fui garçonne, secretária, cozinheira... O que mais? Ah, sim. Tive algumas tarefas restritas como relações-públicas em um evento beneficente, trabalhei em telemarketing, que foi terrível, e em uma loja, que foi bem divertido. Certa vez fui guia turística e até vendi casas por um período antes de ir para a Austrália, embora não fosse muito boa nisso.

– Você obviamente não sofre de falta de habilidade. Já pensou em ter um emprego de verdade?

– Depende do que você quer dizer com um emprego de verdade – respondeu Lucy levemente na defensiva, como sempre que o assunto dizia respeito à carreira dela, ou à falta de uma.

– Um trabalho que realmente exija esforço e a estimule – explicou ele. – Um trabalho que lhe permita alcançar todo seu potencial. É isso que chamo de emprego de verdade.

– O quê? Algo como trabalhar num banco da família? O quão exigente isso pode ser?

– Você ficaria surpresa. – Guy não se intimidou com o sarcasmo dela. – Passei a maior parte dos meus 20 e poucos anos farreando como você. Não foi fácil sossegar e aprender a levar o trabalho a sério, mas aprendi muita coisa.

– Nem todos queremos ficar presos a um horário

rígido de trabalho. Alguns somos espíritos livres – disse ela de forma imponente. – Eu escolhi de propósito serviços temporários que me permitem ir aonde quero, quando quero. Isso se chama ser independente.

– Ou será que se chama escolher sempre a opção mais fácil? Afinal, ninguém espera que um trabalho temporário ofereça muita dificuldade, não é?

Os olhos azuis de Lucy se estreitaram em sinal de perigo.

– Está insinuando que eu sou preguiçosa?

– Você é?

– Não, e eu me ofendo com a insinuação de que eu seja! Trabalhei muito duro na Wirrindago.

– Isso é verdade – ele teve de admitir. – Mas não era difícil. Você não tentou fazer nada que não tenha feito antes. É uma boa cozinheira, mas preparar assados e bolos não é exatamente um desafio para você, é? Duvido que tenha aprendido mais sobre si e sobre sua capacidade na Wirrindago.

Lucy arqueou um dos ombros.

– Por que eu precisaria aprender mais sobre mim? Eu sei quem sou.

– Sabe? – Guy não se preocupou em esconder o ceticismo. – Você foi muito rápida em propor desafios no rodeio, Cinderela, mas já pensou em desafiar a si mesma?

– Ah, por favor! – Ela revirou os olhos de maneira extravagante. – Você fala como a Meredith!

Ele apontou o garfo para ela.

– Ou a verdade é que você evita situações desafiadoras porque tem medo?

– O que eu deveria temer?

– Você deveria ter medo de essa coisa de ser um espírito livre e escolher ser independente de fato ter a ver com fuga da responsabilidade. Talvez você tema não

poder fazer nada além de farrear.

– Que asneira! – disse Lucy, sem dúvida furiosa. – Não tenho medo de nada!

Guy analisou o rosto dela por um instante, e então ele baixou o garfo dando um sorriso fraco enquanto se inclinava sobre a mesa em direção a ela.

– Prove – instigou ele.

Prove. Lucy o encarou, ouvindo o eco das próprias palavras no rodeio. Prove, ela dissera a Guy quando estavam à beira da cerca, rodeados pelo calor, pelo barulho e pelo cheiro de poeira e de cavalos; e ele provará.

– Eu não posso simplesmente embarcar em uma carreira apenas para provar a você que não tenho medo de responsabilidades. Vou voltar para a Austrália assim que puder, então o único trabalho com o qual poderei me comprometer será temporário. E não vou precisar de um currículo elaborado para conseguir um. Posso arranjar um serviço onde e quando eu quiser – declarou ela e estalou os dedos entre eles. – Assim, num instante!

– Ok, então vamos fazer um desafio diferente. – Guy esfregou o queixo, bem devagar. – Vejamos, hoje é quinta-feira... Se você se empenhasse, poderia conseguir um trabalho amanhã e começar na segunda-feira. E eu não me refiro a pedir a seus amigos para conseguirem algo para você – alertou ele quando Lucy abriu a boca. – Terá de fazer isso sozinha e tentar algo que nunca fez, em uma empresa bem conceituada. Nada de roupas excêntricas ou cafés fora do circuito. Quero que prove para mim que pode conseguir um emprego e levá-lo a sério.

– Mesmo que seja apenas um emprego temporário?

– Sim. Quanto tempo acha que vai ficar aqui... um mês? É mais que suficiente para provar que você não tem medo de se esforçar um pouco mais.

Lucy mordeu o lábio.

– Você sabe que iria ser bem mais fácil se apenas acreditasse em mim – citou ela, e Guy sorriu, reconhecendo as próprias palavras.

– Mas aí não seria um desafio, seria, Cinderela? – O olhar azul sustentou o dela. – Bem? Vai ser fiel ao que conhece ou irá me mostrar do que você é feita?

– Farei se você prometer nunca me chamar de Cinderela de novo – disse ela de forma mal-humorada.

Guy estalou a língua em um suave arremedo de reprovação.

– Sou eu quem está decidindo os termos do desafio aqui. Você teve sua oportunidade, e não me lembro de ter tido nenhuma chance de negociar!

– Ah, muito bem. – Lucy ergueu o queixo. – Vou aceitar seu desafio. Preciso conseguir um emprego, afinal, para poder me manter aqui até eu saber o que está acontecendo com Richard. Eu posso conseguir até segunda-feira. – Esvaziando a taça, encarou-o honestamente. – Eu topo!

LUCY SE sentiu bem em aceitar o desafio de Guy, mas como exatamente iria cumpri-lo?, ela se perguntava enquanto eles retornavam ao apartamento dele.

Apesar da confiança, ela sabia que empregos sérios, mesmo os temporários, não eram fáceis de se conseguir quando tudo o que você possuía de fato era seu carisma. No entanto, encontraria alguma coisa, Lucy jurou para si mesma.

Bem, iria mostrar a ele. Conseguiria um trabalho na Dangerfield & Dunn. Esta deveria ser uma empresa renomada o suficiente para Guy. O nome do banco da família estava proclamado em blocos de notas, canetas e cartões por todo o apartamento dele. Não seria difícil encontrar o endereço deles na internet, e então tudo de

que ela precisaria seria persuadir alguém lá a lhe dar o emprego.

Começando na segunda-feira.

De algum jeito Lucy iria conseguir um emprego na Dangerfield & Dunn, prometeu a si, e não só aquilo: ela seria a melhor funcionária que eles já tiveram. Guy ficaria de joelhos implorando para ela permanecer quando chegasse a hora de ir embora.

Eles estavam caminhando pelos velhos cais das docas de Londres, agora ornados por quarteirões de apartamentos agressivamente modernos.

Lucy tremeu e puxou o casaco para mais perto do corpo.

– Com frio?

– Aqui não é o campo, não é? – disse ela como resposta. Pausando sob um dos postes de amarração dos navios, olhou por sobre o rio. – Na Wirrindago as estrelas são incríveis. Tantas, e tão nítidas... – Suspirou de leve, lembrando. – Não se consegue ver as estrelas de jeito nenhum aqui.

– Isso não significa que elas não estejam lá – disse Guy. – Mas você está certa, uma noite londrina sempre parece um pouco sombria em relação à Wirrindago. Eu entendo por que você ama tanto aquele lugar. Eu também amo.

– Mas você pode ir sempre que quiser. Sua mãe é australiana, portanto você não teria nenhum problema em conseguir um visto – completou ela, cheia de inveja. – Poderia morar lá se quisesse.

– Poderia, mas minha vida é aqui. Minha casa, meu trabalho, amigos, minha mãe... E, é claro, minha nova namorada.

Nova namorada? Lucy ficou alarmada pelo jeito como seu coração saiu do prumo diante de tal pensamento.

– Não sabia que tinha uma nova namorada –

comentou ela tão casualmente quanto pôde.

– Ah, sim, ela é muito bonita. – O olhar dele reluziu na escuridão. – Um pouco teimosa às vezes, mas tem os olhos no azul mais brilhante, e o cabelo dela é lindo.

Esticando a mão, ele enroscou um cacho isolado do cabelo de Lucy no dedo, e ela não conseguiu evitar um calafrio traiçoeiro diante do roçar tépido da mão dele contra seu pescoço.

– Algumas pessoas poderiam apenas dizer que é loiro – continuou ele, a voz profunda e reverberando um riso –, no entanto, é muito mais que isso. É salpicado de prata e ouro, com âmbar, mel e luz do sol, e parece tão sedoso que tudo que você quer fazer é soltá-lo e enroscar seus dedos nele.

Meio hipnotizada pela voz dele, pelo seu sorriso e proximidade, Lucy levou um instante para se dar conta de que ela poderia se afastar muito facilmente.

– Não sou sua namorada – afirmou ela amedrontada pelo tanto que soava ofegante.

– Bem, não é o que você estava dizendo aos pais de Richard mais cedo nesta tarde!

– Sabe muito bem que eu não me referia a você – retrucou ela virando-se para caminhar mais uma vez. – Eu disse a eles que meu namorado se chamava Guy, contudo isso é tudo o que vocês têm em comum. Ele não se parece nada com você!

– Que pena. – Guy consentiu em caminhar ao lado dela. – Então, como ele é?

– Meu namorado, Guy? Bem, vejamos. – Lucy inclinou a cabeça e refletiu: por que só Guy deveria se divertir? – Ele é completamente lindo, claro.

– Ele é?

– É gentil, doce e cavalheiro, e me adora completamente. Está sempre trazendo presentinhos e dizendo o quanto me ama.

– Ele soa um pouco repugnante para mim. – Guy fez uma careta.

– Ele não é repugnante. É adorável.

– Suponho que seja um homem de verdade também.

– É evidente. Guy é estável, inteligente e muito responsável. Ele nunca faz piadas bobocas ou dá apelidos bobos às pessoas.

Guy suspirou e tomou a mão dela para enganchá-la em seu braço.

– Não acho que ele seja o homem certo para você, Cinderela.

– Ele é perfeito para mim.

– O perfeito é monótono. Em minha opinião, você precisa de alguém um pouco mais divertido. Alguém que nem sempre siga as regras.

– Que regras?

– As regras que dizem que não se beija uma garota que você reconhece estar apaixonada por outra pessoa – falou Guy, parando, de modo que Lucy, com a mão ainda no braço dele, acabou parando também e, antes que ela percebesse o que estava acontecendo, ele a girou para fazê-la encará-lo. – As regras que dizem que você deveria apenas levá-la para casa e dizer boa noite. As regras que dizem que você não deveria mantê-la do lado de fora, no frio e no escuro, para poder fazer isso...

Tudo pareceu acontecer em câmera lenta. Todos os sentidos no corpo de Lucy pareciam tremer, embora ela não pudesse ter tanta certeza se era por medo ou expectativa. Quando a boca de Guy baixou sobre a dela, o chão certamente pareceu ceder, e o coração dela deu um grande solavanco que só podia ser de choque, porém, em vez de se afastar, do jeito que ela sabia que poderia ter feito, uma mensagem diferente foi abrindo seus lábios, vibrando diante do sabor da boca dele e incitando-a a se inclinar em direção à segurança e ao

calor do toque dele.

Lucy havia sido beijada muitas vezes, mas nunca, nunca daquele jeito.

Dentro dela a excitação estava se desenrolando, ziguezagueando até Lucy perder o controle, e ela estava tão enredada naquilo que não sabia onde estava ou o que fazia. Apenas sabia que queria mais...

E foi então que Guy lentamente, relutantemente, ergueu a cabeça. Por um longo instante ele apenas observou o rosto dela com um sorriso de canto de boa.

– Desculpe – disse ele. – Eu não deveria ter feito isto. Simplesmente não consegui resistir.

– Pa... para que foi aquilo? – gaguejou ela.

– Para que serve um beijo? – indagou Guy, e então franziu a testa diante da expressão confusa nos olhos dela. – Você está bem? – perguntou, tocando de leve com os dedos o rosto adorável.

Não!, Lucy queria gritar. *Não estou bem!* Ela estava trêmula e confusa por causa do retorno abrupto à realidade, chocada pela força da própria reação ao beijo dele e assustada pelo impulso de se atirar de volta aos braços de Guy.

Horrorizada por quão facilmente havia sucumbido ao beijo.

Não tinha feito nem mesmo um protesto simbólico, Lucy percebeu, queimando de humilhação.

– Estou bem. – Com um esforço enorme, ela se recompôs. – Absolutamente bem.

– Tem certeza? – indagou Guy preocupado.

– Eu já fui beijada antes. Não é grande coisa.

– Que bom – disse ele –, porque realmente sinto muito. Eu não deveria ter beijado você agora.

Colocando a mão sob o cotovelo dela, Guy se virou e começou a caminhar como se nada tivesse acontecido.

– Em geral eu me prendo às regras – disse ele de

forma estranha. – Culpo aquele namorado que você inventou. Ele claramente é o tipo de homem que toma certas liberdades!

– Espero que ele não esteja esperando tomar mais nenhuma esta noite – avisou Lucy, que havia se recuperado um pouco, embora ainda estivesse mais abalada do que queria admitir.

– De jeito nenhum – afirmou Guy. – Foi apenas um beijo, afinal.

Certo. Apenas um beijo.

ELA DISSERA a Guy que não era grande coisa, e não era, Lucy dizia a si repetidamente naquela noite. O fuso horário era o único motivo por ela não conseguir dormir. Isso era mais do que óbvio.

Lucy suspirava, se revirava e golpeava o travesseiro, mas não conseguia ficar confortável. Estava sendo buzizada pela lembrança do jeito como ele a beijara, e exatamente quando ela pensava que havia enfiado tal pensamento em uma caixinha carimbada pela frase “Não é grande coisa” no fundo da mente, aquilo vinha explodindo de novo em detalhes desconcertantes.

– Aaargh... – resmungou Lucy e enterrou o rosto no travesseiro.

Como fora capaz? Ela tivera muitas oportunidades de empurrar Guy com desprezo, então por que não o fizera? Afinal, nem mesmo gostava dele!

Suspirando, ela se posicionou de costas outra vez e encarou o teto melindrosamente. Que noite ótima! Havia sido acusada de preguiça e covardia, e então humilhada com um beijo estúpido. Bem, ela iria mostrar a Guy que era preciso mais que aquilo para derrubá-la! No dia seguinte conseguiria um trabalho, e ele iria ver então quem estaria humilhado.

LUCY PAROU do lado de fora da Dangerfield & Dunn e olhou para a impressionante fachada, o vidro refletindo o céu azul de primavera. Não tinha nada a ver com a ideia que ela possuía de um banco de investimentos.

Ela mal conseguia acreditar que havia se convencido a arranjar um emprego num lugar daqueles, mas até mesmo o poder e a riqueza notórios de bancos de investimentos não eram imunes às confusões diárias. Uma das recepcionistas, uma atriz que de repente conseguira um papel, fora embora naquela última sexta-feira sem aviso prévio, e no momento em que Lucy apareceu para saber se poderia persuadi-los a marcar uma entrevista com o departamento de Recursos Humanos, a recepcionista sobrevivente estava lutando para lidar com uma fila de pessoas querendo informação, enquanto os telefones tocavam sem cessar.

Vendo que a outra estava sobrecarregada, Lucy deu a volta no balcão e começou a atender ao telefone. Era uma simples questão de explicar que a recepcionista estava indisponível e se oferecer para pegar o recado, e a quantidade de pessoas que simplesmente disse que ligaria mais tarde foi surpreendente.

Imogen, a recepcionista destruída, olhou para ela muito agradecida quando o burburinho findou.

– O que você veio fazer aqui? – perguntou ela depois de agradecer.

– Estou procurando por um trabalho temporário.

Imogen sorriu.

– Está contratada. Quando pode começar?

Então lá estava Lucy na manhã de segunda-feira. Em volta dela, homens e mulheres muitíssimo bem-vestidos, todos se apressando em passos largos intencionais, e, apesar da própria personalidade, ela foi fisgada pelo burburinho da cidade. Talvez esse trabalho não fosse se mostrar tão ruim.

Evidente que ela não era uma executiva poderosa com milhões com os quais pudesse brincar antes do almoço, e a função de recepcionista poderia não ter sido a primeira escolha profissional dela, porém era perfeito por enquanto. Guy teria de passar por ela todos os dias, e Lucy mal podia esperar para ver o rosto dele quando a visse sentada atrás da mesa da recepção.

Quando ela acordou na manhã seguinte à visita deles ao restaurante Giovanni's, Guy já havia saído fazia muito tempo. Lucy ficara aliviada por não ter de encará-lo enquanto a lembrança daquele beijo perturbador ainda formigava em suas veias, entretanto um pequeno pedaço dela ficou um pouco ofendido por ele não ter se dado o trabalho de se despedir antes de ela se mudar para ficar com Meg.

Lucy deixara o número do celular com um rabisco de agradecimento. Não parecia apropriado sair sem dizer uma palavra, mesmo que Guy não tivesse tomado a mesma atitude. Além disso, de que outro jeito ele poderia entrar em contato com ela para resolver o assunto da visita à sua mãe? Lucy justificara para si que só estava pensando naquilo quando escrevera o bilhete. Não tinha nada a ver com se certificar de que ele não teria desculpas para não contatá-la.

Lucy se mantinha ocupada lidando com uma corrente estável de visitantes e telefonemas enquanto Imogen, que parecia ser uma autoridade na Dangerfield & Dunn, a enchia de informações a respeito dos bastidores do banco. O nome que mais surgia na conversa era o de Guy.

– Ele é apenas uma figura representativa, certo? – perguntou Lucy, enfim, e Imogen pareceu chocada.

– Ele é presidente e diretor-executivo.

– Bem, sim, mas é um banco da família, não é? Quem faz todo o trabalho de fato?

– Ele faz – disse Imogen de modo repreensivo. – Guy é a pessoa que toma as decisões. Ele só tem 33 anos, mas Guy Dangerfield já é um nome de peso no mundo das finanças – finalizou ela, cheia de orgulho, e suspirou. – E é tão lindo também. Bem, você deve tê-lo visto. É o suficiente para fazer uma garota desejar não ser bem casada – continuou, sem esperar pela resposta de Lucy. – Não que ele fosse me notar, mesmo que eu fosse solteira. Guy sempre tem namoradas incrivelmente deslumbrantes.

– Você é deslumbrante – afirmou Lucy, e falou para si que não ligava de modo algum que Guy tivesse uma queda por mulheres deslumbrantes e sofisticadas, o oposto, por assim dizer, de um espírito livre que vestia jeans e camiseta.

– Não como Cassandra Wolfe – comentou Imogen.

– Quem?

– Você sabe! A supermodelo!

Então aquela era, ao que tudo indicava, a tal Cassie que Guy tinha mencionado tão casualmente no Giovanni's. Lembrando-se de já ter visto Cassandra Wolfe, Lucy não ficava surpresa pelo fato de a mãe de Guy tê-la considerado magra demais.

Imogen, ao que parecia, era uma fonte interminável de informações sobre Guy.

– Ela e Guy se separaram há uns meses, e agora Cassandra voltou para o ex-namorado. Eu ficaria grudada a ele se fosse ela.

– Guy ficou muito triste quando ela o deixou? – Lucy não conseguiu evitar perguntar.

– Não que você pudesse dizer – admitiu Imogen. – Ele sempre parece estar de bom humor quando o vejo, e tem um sorriso adorável.

Lucy sabia qual era o sorriso a que ela se referia.

– Ele saiu com uma garota com um título de nobreza

depois de Cassandra, mas nós nunca a víamos aqui – continuou Imogen. – Eu não tive notícias dela por um tempo, mas Guy esteve fora, na Austrália. – Os olhos dela se iluminaram. – Talvez ele esteja disponível de novo. Espero que sim.

Lucy a encarou com um olhar severo de zombaria.

– Pensei que você fosse bem casada.

– Eu sou. – Imogen sorriu. – Mas você não é, é? Poderia ter uma chance!

– Com Guy Dangerfield? Acho que não. Ele não faz meu tipo – disse Lucy casualmente, apesar das lembranças muito desconfortáveis pululando e insistindo que ele fora exatamente o tipo dela quando a beijara. – Guy é um pouco previsível para mim.

Imogen a olhou como se Lucy fosse louca, mas Lucy se apressou em mudar de assunto. Não conseguia evitar pensar que elas haviam falado o suficiente sobre Guy. Qualquer pessoa iria pensar que ela estava interessada nele.

– Aí está ele! – sibilou Imogen se ajeitando na cadeira.

Lucy estava olhando para as portas onde uma limusine encostara, mas ainda não havia sinal de Guy.

– Onde...? – começou ela, voltando-se para Imogen e seguindo o olhar dela em direção aos elevadores, de onde três homens evidentemente acabavam de sair.

Guy estava falando, e os outros dois o escutavam com muito respeito. Todos os três estavam imaculadamente vestidos em ternos, mas de algum modo Lucy enxergava apenas Guy. Ele estava de costas para ela, e o coração de Lucy saltou diante do reconhecimento instantâneo do contorno dos ombros dele, da parte de trás de sua cabeça e do ar de energia suprimida que ele exalava.

Eles estavam apertando as mãos agora, e seus dois acompanhantes desapareciam rumo aos elevadores.

– Bom dia, Imogen! – cumprimentou Guy assim que

passou.

– Bom dia! – Imogen sorriu de forma afetada.

Evidentemente registrando que havia mais alguém sentado ao lado dela, o sorriso de Guy se ampliou apenas para depois congelar assim que ele deu uma satisfatória freada diante da visão de Lucy, reservada no terminho xadrez que havia pego emprestado de Meg.

– Lucy? – disse ele mortificado, e Lucy sentiu Imogen se virar para encará-la.

Saboreando o choque na expressão dele, Lucy sorriu de maneira graciosa.

– Bom dia, sr. Dangerfield – cumprimentou ela com doçura.

Recuperando-se de imediato, Guy foi até o balcão.

– É Guy – corrigiu ele. – Nós todos nos chamamos pelo primeiro nome aqui, não é, Imogen?

Imogen assentiu, ansiosa.

O sorriso de Guy se expandiu assim que ele se virou para observar Lucy, que estava revirando os olhos diante da expressão da mais pura veneração de Imogen.

– Meus parabéns. Você me surpreendeu, Cinderela. Tenho de admitir que eu não esperava que fosse conseguir um emprego até esta manhã, muito menos aqui. Por que ninguém me disse que você estaria trabalhando aqui?

– Tenho certeza de que você é ocupado demais para ser incomodado com detalhes triviais como a recepcionista temporária – disse Lucy, deliberadamente fria.

– Nunca estou ocupado demais para me interessar por minha equipe, Lucy.

– Era exatamente o que eu estava dizendo a ela – interrompeu Imogen fielmente, e Guy sorriu para ela.

– Como obviamente já deve ter concluído, Lucy e eu já nos conhecemos – afirmou ele.

– Na Austrália. – Lucy interrompeu rápido, antes que Guy pudesse revelar mais. – Na verdade nós não nos conhecemos bem, não é, Guy? As coisas são diferentes agora que estamos de volta a Londres.

– São, de fato – disse Guy, e de algum modo ela soube que ele estava pensando no modo como haviam se beijado no cais. – Muito diferentes.

CAPÍTULO 5

GUY ESTAVA de saída para uma reunião, ele disse, então não poderia ficar.

– Mas ficarei ansioso para saber as novidades depois, Lucy. Vai ser interessante ter você aqui!

Acenando um adeus, ele seguiu em direção às portas enquanto Lucy, cautelosa, procurava não encarar Imogen.

– Há alguma coisa que eu deveria saber? – perguntou Imogen, um tanto brava, quando a limusine que esperava Guy se afastou.

– Não. Honestamente – insistiu ela quando Imogen pareceu cética. – Ele era um hóspede no rancho onde eu trabalhava, e aconteceu de voltarmos juntos para Londres no mesmo voo. É isso. Nós mal nos conhecemos.

O que por um lado era um tanto verdadeiro. Ela não conhecia Guy. Tudo o que sabia dele era que tinha um sorriso no olhar, a segurança de seu arremesso de laço e a facilidade com que podia sacolejar sobre uma sela.

E o jeito como ele beijava. Ela conhecia o sabor dos lábios dele e o toque de suas mãos, o deleite inebriante de se grudar a ele e retribuir o beijo.

– Somos conhecidos, no máximo.

GUY RETORNOU por volta das 15h, mas, embora tivesse erguido uma das mãos em saudação quando seguiu para os elevadores, não se aproximou para conversar com

elas. Por que deveria, afinal? Ela era apenas uma recepcionista em um terno emprestado. Lucy disse a si mesma que não se importava, e que esperava que ele ficasse no seu escritório na cobertura dali em diante. Ela havia encarado o desafio dele, e agora seria bem mais fácil se não tivesse mais contato com Guy.

Mas era difícil não erguer o olhar todas as vezes que as portas dos elevadores se abriam, difícil conter o pequeno mergulho traiçoeiro que o coração dela dava a cada vez que não era ele.

Ao fim do dia, Lucy estava exausta pelo esforço de se concentrar em todas as novas informações, e ficou feliz quando Imogen anunciou que ambas podiam ir para casa.

Imogen havia vestido o casaco e estava se apressando para encontrar o marido. Lucy acenou e pegou suas coisas, andando muito cuidadosamente sobre os pés doloridos, e se juntou ao êxodo. As pessoas saíam em bandos dos elevadores e seguiam em fluxos em direção à saída, todas tão ansiosas para ir para casa quanto ela, mas se movimentando bem mais rápido. Lucy havia acabado de chegar à porta quando uma voz familiar lhe falou ao pé do ouvido:

– Sabe, acho que nunca vi suas pernas antes – disse Guy, como se fosse perfeitamente normal começar uma conversa casual. – É uma pena mantê-las escondidas atrás daquele balcão da recepção, ainda mais quando você está usando sapatos tão espetaculares.

– Eu os peguei emprestados da amiga com quem estou morando. – Lucy se sentiu bem satisfeita pelo quanto ela soou normal, considerando que seu coração estava sapateando contra as costelas. – Para minha sorte, usamos o mesmo tamanho. Meg adora saltos altos, mas eu ainda não estou acostumada a andar com eles.

– Dá para ver que você precisa de um bom senso de

equilíbrio – comentou Guy. – Espero que não tenha de caminhar para muito longe.

– Quilômetros. – Lucy suspirou sem querer.

– Venha, vou lhe dar uma carona. – Guy a pegou pelo braço. – O carro está bem ali fora.

– Ah, sério, não é...

Ignorando as tentativas ineficazes de protesto dela, e os olhares curiosos daqueles que claramente estavam imaginando o que o diretor-executivo fazia com a nova recepcionista, Guy a impulsionou porta afora.

– Você não quer ter de esperar anos por um ônibus ou duelar com o metrô nesses sapatos, quer?

Não, ela não queria, Lucy tinha de admitir. Parecia mais fácil simplesmente ceder e subir no banco da limusine. Ela não pôde evitar um suspiro de alívio quando afundou no couro luxuoso e retirou os calçados.

– Onde você está hospedada? – Guy perguntou assim que se sentou ao lado dela e o carro se afastou do meio-fio.

– Em Bethnal Green – disse Lucy a ele –, mas na verdade estou indo ver Richard agora – completou depressa, vendo-o se inclinar para falar com o chofer. – Se você pudesse me deixar perto do hospital, seria ótimo.

Guy murmurou a mudança de rumo para o motorista e então se recostou ao lado dela. Imediatamente, pareceu que o espaço interno do carro havia encolhido.

– Eu soube como você conseguiu o emprego – comentou Guy. – Estou impressionado.

– Eu lhe disse que poderia conseguir um trabalho até segunda-feira. – Lucy ergueu o queixo. – Espero que considere a Dangerfield & Dunn uma empresa “bem-sucedida”.

– Ah, sim, estou bem preparado para admitir que você encarou a primeira parte do desafio.

– A primeira parte?

– Terá de se esforçar, Cinderela. Você se saiu bem ao conseguir o emprego, mas agora eu quero ver se poderá fazê-lo render.

– Há um limite no que se pode alcançar como recepcionista – resmungou Lucy.

– Essa é a atitude errada. Vamos apenas ver o que você pode fazer.

Lucy suspirou e olhou pela janela. O vidro era escuro, então eles podiam ver os transeuntes correndo pelas calçadas, mas ninguém podia vê-los.

– Onde você esteve durante todo o fim de semana? – perguntou Guy após um instante. – Senti sua falta quando voltei ao apartamento na sexta e você havia partido!

– Fui embora para ficar com minha amiga, Meg. – Lucy não relutou em desviar a conversa dos desafios que aparentemente ainda precisava enfrentar. – Ela tem um quartinho vago que eu poderei usar por uns meses. Não é muito maior que um armário, mas não tenho muita coisa, então está bom para mim, e eu certamente não poderia arcar com um aluguel decente.

– Meg é amiga de longa data?

Ela assentiu.

– Estudamos juntas. Ela conseguiu um bom emprego em um escritório de advocacia agora, e tem montes de ternos e sapatos que eu posso usar, o que é uma sorte, porque não vou ter dinheiro até o dia do pagamento.

– Tenho certeza de que seria possível conseguir um adiantamento se você precisasse – afirmou Guy com a voz neutra.

– Ah, eu vou ficar bem. Meg disse que vai me emprestar algum dinheiro se eu precisar.

Ou aquilo apenas significava que Lucy estava deixando Meg cuidar dela do mesmo jeito que Meredith

normalmente fazia?

Lucy afastou o pensamento incômodo.

– Meg é divertida. Em geral não há muitas mulheres na Wirrindago, e eu não tinha percebido o quanto sentira falta de sentar para fofocar.

– Sentiu falta o suficiente para mudar de ideia sobre voltar para lá?

– Não. É claro que voltarei. Isso não significa que não posso tirar o máximo proveito daqui.

– Eu ficaria decepcionado se você não o fizesse, Cinderela. Tirar o máximo proveito de um momento é o que você faz de melhor.

Por que aquelas conversas com Guy sempre terminavam rondando um território desconfortável?, Lucy se perguntava. Ela nunca sabia bem como encarar comentários daquele tipo.

– Tenho notícias melhores de Richard – ofereceu ela em uma tentativa de mudar de assunto... de novo! – Tenho ido ao hospital todos os dias e ele saiu do coma.

– Então Meredith estava certa, afinal. Sua voz realmente fez diferença.

– Não temos como saber disso. Tenho certeza de que é só coincidência – afirmou Lucy. – Ele ainda está muito mal e não pode conversar muito, mas obviamente é um progresso.

– Bem, são boas notícias. Os pais dele devem estar aliviados.

– Estão satisfeitos, é claro...

– Mas?

Ela fez uma careta.

– É muito complicado. Eles já estão me tratando como uma nora. Eu não sei se é só porque eles realmente não me escutam quando menciono meu namorado, ou se não acreditam em mim, mas está ficando realmente constrangedor.

– Você pode não estar falando o suficiente de mim.

A voz de Guy estava repleta de divertimento, e Lucy amaldiçoou o instante em que dissera aos pais de Richard que seu namorado fictício se chamava Guy. Por que não escolhera Paul, Jack ou... Ethelbald? Qualquer coisa, menos Guy!

– Eu não falo de você de jeito nenhum – disse ela com um olhar dominador. – Tento mencionar meu amante de mentira tanto quanto posso, mas não parece surtir muito efeito. Foi estúpido ter começado essa história toda – murmurou, se virando para olhar pela janela e desejando que o rubor do rosto desaparecesse. – Eu não devia ter dito nada.

– Bem, está feito agora. Você poderia dizer aos pais do Richard que inventou a coisa toda, mas isso provavelmente seria embaraçoso para eles, assim como para você.

– Eu sei. Tenho pensado nisso, mas eles já têm problemas suficientes para enfrentar no momento. – Ela suspirou. – Eu só vou ter de aprender a pensar antes de abrir minha boca grande.

O tráfego da hora do rush estava se movendo lentamente, e o carro ainda parou em frente a outro sinal vermelho. Lucy olhou para o relógio de pulso.

– Como foi a cirurgia da sua mãe, Guy?

– Os médicos acham que foi muito bem. Eles já a estão fazendo andar. Ela teve de fazer uma substituição dupla de pinos, então foi uma cirurgia bem grande, mas até onde posso dizer ela tem assumido o controle de toda a enfermaria, e a equipe médica está nitidamente ansiosa pelo momento em que ela vai estar pronta para receber alta!

– Quando vai ser?

– Em algum momento da semana que vem, acho. A terapeuta ocupacional tem ido à casa da minha mãe, e

eu tenho uma lista de coisas para organizar para tornar tudo mais fácil quando ela vier do hospital. Coloquei um segundo corrimão nas escadas, comprei uma poltrona nova e uma cama mais alta, mas estou certo de que descobrirei que comprei todas as coisas erradas.

A voz dele era leve, no entanto Lucy não riu.

– Eu teria pensado que alguém como você seria a menina dos olhos da mãe – comentou ela.

Guy ergueu uma sobrancelha.

– Alguém como eu?

– Tenho certeza de que você é perfeitamente ciente do quanto é bonito – disse Lucy com um toque de graça. – Você pode ser muito charmoso, quando não está sendo realmente irritante, e sem dúvida é atencioso. Posso não ser sua fã, mas garanto que a maioria das mães adoraria ter um filho como você. Algumas mulheres ficam gratas quando seus filhos telefonam para elas uma vez por mês, no máximo as visitam no hospital todos os dias.

Guy tinha rido do comentário dela sobre ele ser irritante, mas ficou sério perante o que viera depois.

– Eu acho que minha mãe é grata – disse ele baixinho.

– E ela me ama, eu sei que ama. Ela só não consegue demonstrar isso com facilidade. Lembre-se de que ela cresceu no campo. É uma vida dura, e eles não eram encorajados a passar muito tempo falando de emoções, pelo menos não naquela época. Ela passou por dificuldades também. Quando é ríspida, é só o jeito dela de lidar com o fato de que perdeu as duas pessoas que mais amava no mundo.

– Seu pai? – perguntou Lucy imaginando por que Guy não era a pessoa que a mãe dele mais tinha amado no mundo.

– E Michael. – A voz de Guy soou inexpressiva. – Meu irmão. Ele, sim, era a menina dos olhos da minha mãe. Do meu pai também. Michael era tudo o que eles

queriam em um filho. Ele trabalhava duro, era monitor na escola, era estável e responsável, e nunca, nem por um instante, reclamou de seu destino de tomar conta da Dangerfield & Dunn quando meu pai se aposentou. Eu costumava perguntar a Michael se ele não queria fazer outra coisa da vida, se divertir, mas ele jamais gostava de arriscar. Entrou na empresa assim que terminou a faculdade e parecia perfeitamente feliz em ir para o escritório todos os dias. Irônico, na verdade.

– Por quê?

– Porque foi a ida ao escritório que o matou. Foi um acidente com omissão de socorro. Michael tinha ficado trabalhando até mais tarde, é claro, e estava escuro, mas ele estava usando colete fluorescente, porque Michael sempre fazia a coisa certa. Não foi culpa dele o fato de os motoristas nem sempre pararem antes da faixa de pedestres, ou o fato de ele ter atravessado quando eles viraram a esquina. – Guy suspirou e meneou a cabeça. – Michael morreu na hora.

– Sinto muito. – Sem pensar, Lucy pousou a mão sobre a dele, que estava descansando na coxa, e a virou de modo que as palmas se encontraram e os dedos se entrelaçaram.

– Meus pais nunca foram os mesmos depois disso. Meu pai teve um enfarte poucos meses depois e deixou minha mãe sozinha. Eles tinham um casamento muito forte, e mamãe tem estado desolada desde então. Ela se retraiu na concha e, sempre que age de forma difícil, eu procuro me lembrar de que ela ainda está sofrendo.

O bom humor indolente era tão presente em Guy que foi quase um choque perceber que havia uma tragédia dentre as experiências dele. Estava nitidamente longe da imagem do playboy que Lucy rejeitara na Austrália. Só fora necessário um dia na Dangerfield & Dunn para se dar conta de que a equipe ali o respeitava.

Talvez ela tivesse de mudar algumas de suas suposições sobre ele, Lucy conjecturou.

– E você? – perguntou ela pensando que ele havia perdido tanto quanto a mãe. – Você e Michael eram próximos?

Guy meneou a cabeça.

– Michael era quase dez anos mais velho. Eu o procurava, mas era uma diferença grande demais para nós sermos realmente próximos. Ainda assim, ele era meu irmão.

Guy ficou em silêncio por um instante, e Lucy se perguntou se ele estava ciente de que estavam de mãos dadas.

– Dez anos é um intervalo grande – comentou ela, sem ter certeza do que mais poderia dizer, e Guy a olhou de soslaio.

– Acho que eu fui um “erro” – comentou ele, e ela ficou aliviada por ver o sorriso reluzente ressurgir. – Michael era gentil demais para confirmar isso, mas descobri por conta própria. Mesmo quando ainda era um garotinho eu podia ver que ele era tudo de que meus pais precisavam. Michael estava destinado à empresa da família, e não havia nada que eu pudesse fazer senão ser complicado. Não que eu tivesse ciúme dele, pelo menos não acho que tinha – completou com uma honestidade hesitante. – Eu não queria a mesma vida que Michael no banco. Desejava aventura, emoção, algo diferente.

– Por isso a ideia do rodeio?

– Sim, aquela foi uma ambição inicial, mas a queda de alguns cavalos na Wirrindago logo me fez tirar a ideia da cabeça! Eu fiquei conformado o suficiente para ir para a universidade, mas então larguei e saí vagando pelo mundo por um tempo, surfando, velejando, esquiando, fazendo rafting... Fazendo tudo que caía nas minhas graças. Eu era um espírito livre, assim como

você!

– Isso não deve ter caído muito bem para seus pais – disse Lucy, ardentemente ciente do calor e da força dos dedos dele entrelaçados aos dela.

– Eles ficaram horrorizados com o desperdício da minha educação caríssima, e não os culpo. Não conseguiram entender por que eu não era mais como Michael, uma vez que tinha recebido todas as mesmas vantagens que ele, mas eu só queria me divertir, e fiz isso. Não posso dizer que me arrependo de maneira alguma, embora suspeite que magoei meus pais mais do que pensei. Eu fui bem egoísta.

– E então Michael morreu?

– E então Michael morreu – concordou ele, a voz cuidadosamente inexpressiva. – E na sequência meu pai, e aí lá estava eu sozinho para tomar conta de tudo.

– Deve ter sido difícil – murmurou ela.

– Eu senti piedade o suficiente de mim naquela época. A última coisa que queria era sossegar e passar a vida sendo o segundo melhor, mas teria parecido que estava decepcionando meu pai e Michael, caso eu não parasse, então aposentei a prancha e voltei para casa para trabalhar com afinco e fazer o que pudesse pela minha mãe. E você nunca vai adivinhar o que aconteceu...

– O quê?

– Descobri que adorava aquilo! Não é como pegar uma onda, mas lidar com um banco de investimentos tem totalmente a ver com arriscar, e fazer dinheiro é excitante por si só. A última coisa que eu esperava era me divertir, mas devo ter herdado mais do meu velho do que imaginava. Não que tivesse sido totalmente fácil – continuou ele. – Eu tive de lutar com alguns dos membros antigos da bancada de diretores, que estavam acostumados a pensar em mim como o sujeito jovem e irresponsável. Já faz mais de quatro anos que assumi, e

só agora eles estão começando a me aceitar. É do mesmo jeito com mamãe em muitos aspectos. Na cabeça dela, ainda sou o rebelde.

– Assim como Meredith ainda é a sensível, e eu sou a irresponsável. Você acha que um dia poderemos mudar o modo como nossas famílias nos veem?

– Duvido muito, mas podemos mudar o jeito como enxergamos a nós mesmos. – Olhando para baixo, Guy pareceu perceber de repente que as mãos de ambos ainda estavam unidas e soltou os dedos dela com um sorriso fraco. – Podemos tentar, afinal.

– Meu desafio tem a ver com isso? – indagou ela de um jeito lento, e Guy virou o rosto a fim de encará-la.

– Se você quiser que tenha – disse ele.

AS PRIMEIRAS semanas de Lucy na Dangerfield & Dunn passaram tão rápido que ela ficou bem surpresa ao se flagrar em um bar lotado da cidade em uma sexta-feira à noite, comemorando o fim de uma quinzena no emprego. Sempre invejosa das viagens de Lucy, Meg tinha sido muito solidária ao fato de Lucy ter de se adaptar à vida de escritório.

– Não pode ser muito divertido depois de se trabalhar em um rancho – comentou ela falando alto para ser ouvida enquanto elas lutavam para chegar à mesa.

Meg levava a garrafa enquanto Lucy carregava as taças, ambas erguendo-as para evitar entornar enquanto forçavam a passagem pela multidão.

– Você não está entediada?

– O engraçado é que não estou – disse Lucy lentamente, colocando as taças sobre a mesa. – Pensei que ser recepcionista seria muito entediante. Achei que seria apenas ficar sentada detrás de uma mesa o dia todo, lixando as unhas, no entanto há muito mais para se fazer além disso.

Lucy hesitou quando percebeu o olhar acusador de Meg.

– O quê?

– Você soa como se estivesse adorando isso!

Lucy não seguia a rotina como o restante dos amigos. Ela era a amiga na qual eles confiavam para trabalhar em empresas malucas, aquela que estava preparada para arrumar as malas e se mudar, aquela que lembrava a eles que ainda era possível desistir de tudo caso eles ousassem. O fato de Lucy aceitar trabalhar em um banco, ainda que temporariamente, era quase uma traição a Meg.

– Bem... – Lucy estava bem consciente do quão distintivamente estava se comportando naquele momento, e correu o dedo pela borda do copo, um pouco inquieta. – Acho que gosto de lidar com pessoas, e há muito mais espaço do que eu pensava para utilizar minha iniciativa. A Dangerfield & Dunn também é um lugar tão amigável de se trabalhar... Parece que todo mundo tem um papel a executar... Até mesmo as recepcionistas!

– Parece que Guy Dangerfield tem uma ideia melhor de como gerir uma empresa do que meus chefes! Aliás, como está o belo Guy?

Lucy havia contado a ela os elementos essenciais a respeito do retorno a Londres com Guy e da noite que ela passara no apartamento dele, mas Meg a conhecia muito bem e era adepta da leitura das entrelinhas. Ela não precisou de muito tempo para arrancar de Lucy toda a história.

– Eu mal o tenho visto – afirmou Lucy.

Era verdade. Ela havia captado olhares rápidos de Guy ao sair ou entrar nos elevadores. Ele nunca deixava de sorrir e de cumprimentar Lucy e Imogen, mas jamais se aproximou para conversar com elas outra vez, mesmo

nas raras ocasiões em que estava sozinho.

Meg a observava enquanto bebericava o vinho, distraída.

– Ele a beijou de novo?

Lucy corou. E desejou não ter contado a Meg sobre aquilo. Pelo menos tinha dado um jeito de ser razoavelmente casual a respeito, e Meg não fazia ideia do quanto o beijo de Guy a havia afetado.

– Não; até onde diz respeito a ele, sou apenas a nova recepcionista agora – disse ela tão suavemente quanto conseguiu.

– Deve ser um pouco entranho, não? Ter beijado seu chefe?

– Ele não era meu chefe quando eu o beijei, e de qualquer forma Guy me beijou primeiro. Por que eu deveria me sentir estranha?

– Talvez Guy se sinta. Ele pode estar constrangido demais para falar com você agora.

Lucy deu uma gargalhada curta.

– Guy? Não consigo imaginá-lo ficando constrangido com nada!

– Talvez ele tenha conhecido outra pessoa – sugeriu Meg.

O pensamento ocorrera a Lucy também, mais de uma vez. Imogen, fonte de todas as informações sobre Guy, não havia mencionado coisa alguma sobre uma nova namorada, mas tecnicamente ela não sabia de tudo.

– Não até onde eu sei – respondeu Lucy. – De qualquer modo, isso não importa para mim – disse com um toque de provocação. – Só estou lá para realizar o meu trabalho. Guy pode fazer o que ele quiser.

Ainda assim, era difícil se concentrar nas tarefas quando o coração dela dava aquelas cambalhotas ridículas todas as vezes que olhava para Guy caminhando pelo saguão, todas as vezes que ele virava a

cabeça e mandava aquele sorriso para elas, todas as vezes que ele soltava uma risada.

Lucy entendia por que os empregados da Dangerfield & Dunn o admiravam, mas quando ela olhava para ele agora, não via apenas o banqueiro bem-sucedido com uma abordagem abrangente e sempre dotado de uma palavra gentil ao seu empregado de cargo mais baixo. Ela via a criança solitária juntamente ao irmão mais velho, que parecia dar aos pais tudo de que precisavam. Ela via o garoto sonhando em ser um peão de rodeio, o jovem chutando as convenções sociais, o surfista na crista da onda, com o vento no cabelo e o sol em seus olhos. O homem que havia aberto mão de sua liberdade porque não queria decepcionar o pai.

O homem que passava por ela agora como se ela nunca o tivesse beijado nas docas, como se nunca tivesse segurado a mão dele na escuridão do carro.

– Provavelmente nunca vou ouvir coisa alguma dele de novo – disse ela a Meg. – De qualquer modo, é sexta-feira. Por que você não pega outra garrafa?

CAPÍTULO 6

GUY LIGOU no dia seguinte.

– Peguei você numa hora ruim? – perguntou ele.

– Bem... Não... Só estou comprando sapatos. – Lucy atendera ao telefone sem pensar, presumindo que seria Meg combinando onde elas se encontrariam para almoçar, e o som da voz dele fez seu coração saltar no peito feito louco. Os joelhos de repente também ficaram ridiculamente fracos, e ela se deixou desabar no banco mais próximo, ignorando a presença dos outros compradores em volta.

– Nenhum sapatinho de cristal, por acaso?

– Não. – Lucy olhou para os sapatos em seus pés. – Algo sensato para usar para trabalhar.

– Sensato? Isso não se parece com você, Cinderela.

– Você me desafiou a mudar – apontou ela. – Talvez eu tenha mudado o suficiente para investir em sapatos confortáveis.

– Saberei quando vir esses sapatinhos – brincou Guy.

Lucy tomou fôlego e se obrigou a soar alegre:

– O que posso fazer por você?

– Minha mãe está em casa e sob necessidade urgente de distração – disse ele indo direto ao assunto. – Você falou uma vez que estaria pronta para conversar com ela sobre a Warrindago algum dia.

– Eu me lembro. – Não era muita coisa passar algumas horas distraindo uma mulher mais velha da dor, pensou

Lucy. – Você arranhou um tempo para eu dar uma passadinha lá?

– Será que você poderia fazê-lo amanhã à tarde? – indagou Guy esperançoso.

– Eu prometi que iria ver Richard no fim da tarde, mas por volta das 17h estaria bom para mim.

Meg ficou encantada ao ouvir que Guy tinha insistido em buscar Lucy.

– Mal posso esperar para conhecê-lo – comentou ela, toda excitada. – O que você vai vestir?

– Isso não é um encontro, Meg. Só vou tomar chá com a mãe dele.

– Sim, e quantos caras, se você me permite o jogo de palavras, apresentam você à mãe deles a menos que estejam interessados? Você poderia usar seus sapatos novos.

Mas Lucy estava determinada a não fazer um esforço. Aquilo poderia sugerir que ela estava feliz da vida diante da ideia de encontrar Guy novamente e tratando a situação como um encontro, quando ela era apenas uma cozinheira da Wirrindago indo beber chá com a mãe dele. Então optou pelo velho jeans e uma camiseta.

GUY ESTAVA ao volante desta vez e apareceu em um Porsche – no que mais seria? – que fez os olhos de Meg saltarem quando ela espiou pela janela da frente.

– Oh, ele deve ser muitíssimo rico para ter um desses. – Meg assobiou, impressionada. – Se você não o quiser, Lucy, posso ficar com ele? – Ela se apressou em direção à porta. – Vou deixá-lo entrar.

Então Guy apareceu à entrada e instantaneamente todas as partículas de oxigênio foram sugadas do ar, e pareceu a Lucy que o coração dela tinha realmente parado de bater por um instante.

Com certo desespero, Lucy forçou os pulmões a

voltarem a funcionar. *Inspire, expire. Lembra?*

– Olá – disse ela.

Felizmente Guy não pareceu notar que a voz dela estava embargada.

– Mostre-me seus sapatos novos – pediu ele. – Quero ver o quanto você mudou.

Ele os observou com interesse quando Lucy reapareceu usando os calçados.

– O que você acha? – perguntou ela apontando para os pés.

– Muito bom. – Guy a olhou de soslaio e sorriu, e o coração de Lucy executou uma patética cambalhota esbaforida.

– Tenho pegado emprestados os sapatos de Meg, mas todos têm saltos tão altos que eu mal conseguia andar ao fim da semana. Eu pensei que deveria comprar os meus, então aceitei seu conselho e pedi um pequeno adiantamento do meu salário.

Por algum motivo pareceu importante deixá-lo saber que ela não estava se fiando na amiga além do necessário. Lucy não havia se esquecido do comentário dele sobre o jeito como deixava todo mundo tomar conta dela, cuidando de seu bem-estar.

Ela já havia até separado algum dinheiro para pagar a Meg o aluguel pelo quarto, embora soubesse que a amiga iria insistir que aquilo não era necessário.

– Eu só podia arcar com um par, então tive de comprar sapatos que combinavam com tudo. Preto não é tão divertido quanto outras cores, no entanto é mais prático. Eu acho.

– Você se saiu bem, Cinderela. Deu um jeito de comprar sapatos sensatos e sensuais ao mesmo tempo. – Ele olhou de volta para Lucy. – Eu diria que estes sapatos ainda têm muito de você, no entanto. Aquele lado sensato é novo, mas o restante ainda é você

definitivamente. Você mudou, mas não muito. Isso é bom.

Um rubor passou pelas bochechas de Lucy, e ela se sentou abruptamente, baixando a cabeça para esconder o rosto enquanto fazia um longo ritual para tirar os sapatos e enfiar os pés em seus fiéis tênis. Esperando que a cor normal tivesse retornado às faces àquela altura, ela ficou de pé.

– É melhor nós irmos.

– ENTÃO, COMO está indo seu desafio? – perguntou Guy enquanto manobrava o carro para fora da vaga apertada. – Soube que a recepção é um lugar bem diferente desde que você tem estado trabalhando lá.

Aquilo era bom ou ruim?, Lucy gostaria de saber.

– Eu aprecio o meu trabalho. Mais do que achei que fosse gostar. E todos são muito amigáveis.

Ele a olhava de soslaio enquanto esperava para virar até a pista principal.

– É o que dizem sobre você também.

– Eu? – disse ela um tanto confusa.

– Eu soube que você abriu um serviço de aconselhamento na recepção.

Lucy corou de leve.

– Ah, foi só para uma pessoa que parecia muito chateada quando chegou. O namorado dela tinha lhe dado o fora, do nada, e ela obviamente estava abalada. Telefonamos para o departamento para dizer que ela havia se atrasado um pouco, fizemos um café e a deixamos desabafar até que se acalmasse... Mas foi por apenas alguns minutos – ela informou a Guy, para o caso ele achar que ela estava desperdiçando tempo da empresa. – E Imogen ficou à mesa da recepção o tempo todo.

– Não estou bravo com você... Longe disso – garantiu

ele. – Ela não teria sido capaz de se concentrar se tivesse passado o dia contendo seus sentimentos e, conforme esperado, ela conduziu uma reunião comigo e com o diretor do departamento. E me disse mais tarde que você realmente a ajudou.

– Eu não fiz nada – disse Lucy constrangida. – Só a escutei.

– Algumas vezes essa é toda a ajuda de que alguém precisa – afirmou Guy. – Algumas vezes tudo o que se quer é um sorriso amigável quando se entra, ou alguém que consegue ver o que precisa ser feito e que toma a iniciativa sem esperar ser comandado. Você está fazendo um bom trabalho.

Lucy, dessa vez, ficou roxa.

– Não achei que você realmente reparasse em nós na recepção.

– Eu sempre reparo em você, Cinderela.

BRIDGET DANGERFIELD morava em uma casa enorme com uma fachada de estuque branco na Belgravia, distrito central de Londres.

– É grande demais para ela – dizia Guy enquanto trancava o carro. – Tenho tentado persuadi-la a se mudar, mas minha mãe não vai dar ouvidos a isso.

Ele seguiu para a imponente porta da frente, gritando um “alô” para anunciar a chegada deles, e guiou Lucy pelos degraus que levavam ao primeiro andar. Bridget estava esperando, apoiada em duas muletas. Era uma mulher vistosa, alta e com olhos astutos, e as mãos enormes estavam adornadas por espetaculares anéis de diamantes.

– Você não deveria ter se levantado, mãe – disse Guy beijando-a no rosto.

– É claro que preciso me levantar – rebateu ela. – Eu nunca recebi um convidado sentada, e não é agora que

vou começar a fazer isso. Além do mais, eu deveria estar praticando me sentar e me levantar da cadeira.

Ela voltou a atenção para Lucy, observando-a e avaliando-a, enquanto Guy fazia as apresentações.

– Então você é Lucy? – Bridget balançou a cabeça. – Hum... Guy estava certo. Você é muito bonita.

– Desculpe, eu ouvi direito? – Guy sorriu para a mãe, fingindo surpresa. – “Guy estava certo”? Eu nunca ouvi você dizer essa frase antes! Está mesmo se sentindo bem, mamãe?

– É que não tenho muitos motivos para dizer isso com frequência – replicou ela de maneira mordaz, mas Lucy achou que havia um indício de sorriso no rosto dela. – É melhor você entrar.

Movimentando-se lentamente e com todo o cuidado sobre as muletas, Bridget seguiu até um cômodo lindamente mobiliado, cuja extensão abrangia todo o comprimento da casa.

– Você gostaria de um pouco de chá? – ofereceu ela a Lucy.

– Seria adorável – disse Lucy. – Posso ajudar?

– Por que eu não pego o chá? – Guy se prontificou, mas Bridget decidiu atacá-lo:

– Não estou gagá! – afirmou irritada. – Meus quadris foram substituídos, não meu cérebro ou minhas mãos!

– Eu sei, mamãe. – Guy sorriu afetuosamente para a mãe. – Vá fazer o chá, então, mas nada de contar a Lucy alguma história constrangedora sobre a época em que eu treinava para usar o peniquinho, combinado?!

Ele se acomodou confortavelmente no sofá enquanto Bridget bufava e balançava a cabeça.

– Ele vai exagerar – disse ela a Lucy enquanto elas faziam a diligência rumo à cozinha. – E Guy está sempre interferindo. Ele andou virando tudo de cabeça para baixo enquanto eu estava no hospital! Poltrona nova,

cama nova, corrimões novos em tudo que é lugar – resmungou. – E então, como se não bastasse, resolveu contratar uma enfermeira! Logo, logo eu me livrei dela.

Pigarreando, Bridget indicou que Lucy deveria encher a chaleira.

– Tenho certeza de que Guy apenas quer que você esteja confortável. – Lucy começava a achar que ele tinha reservas de paciência muito maiores do que ela havia suposto.

Apesar de sua insistência no contrário, estava claro que a mãe de Guy não conseguiria fazer o chá e se apoiar nas muletas sem um enorme grau de dificuldade, e ao fim foi Lucy quem arrumou as xícaras nos pires, encontrou o leite e os biscoitos e aqueceu a chaleira, tudo sob o olhar de águia de Bridget.

– Suponho que ele também tenha dito a você que este lugar é grande demais para mim – afirmou Bridget com um esgar rabugento.

– Posso ver por que Guy pode pensar que você ficaria melhor em algum outro lugar um pouco mais... prático – disse Lucy, cautelosamente, pensando em todas as escadas da casa.

– Eu morei aqui durante toda minha vida de casada. Não vou me mudar. Deixei Guy colocar esta cozinha aqui, assim eu não teria de subir e descer escadas o tempo todo. No entanto, isso é o suficiente e você pode informá-lo a esse respeito.

– Você sabe que eu e Guy não somos... – começou ela de maneira desajeitada.

– Sim, sim, ele me disse. Ele falou que você estava praticamente noiva de um peão na Wirrindago. A vida como esposa de peão é difícil, Lucy. Você ficaria muito melhor com Guy.

– Ah, eu não... Realmente não há dúvida... – Lucy gaguejou, temerosa de ter, de algum modo, passado a

impressão errada.

– Dá para o gasto – disse Bridget, ignorando-a por completo. – Não estou dizendo que ele não pode ser um pouco bobo às vezes, mas não mais que outros homens. Guy não teve uma infância fácil. – Bridget deu uma rápida olhadela de soslaio para Lucy. – Guy foi um daqueles garotos que sempre pareciam estar bem e felizes; mas você nunca sabia o que realmente estava se passando na cabeça dele. Ainda assim, Guy é um homem bom, e ele seria um bom pai. Meu filho precisa de alguém para cuidar dele de verdade, e então talvez ele se levasse mais a sério. E quem sabe o que Guy conseguiria conquistar então?

– Ele já conquistou muita coisa. Os empregados da Dangerfield & Dunn o acham maravilhoso.

Bridget a encarou com um sorrisinho curioso.

– E você?

Lucy arrumou os biscoitos no prato, incapaz de encarar aquela senhora sagaz por algum motivo.

– Eu sou apenas uma funcionária temporária.

Ao fim, o chá foi muito mais descontraído do que Lucy havia imaginado. Eles conversaram principalmente sobre a Wirrindago, um lugar que os três amavam. Guy e Lucy podiam ter estado lá mais recentemente, no entanto era Bridget quem conhecia melhor aquela área rural, e Lucy gostou de ouvir as histórias dela, embora durante todo o tempo estivesse consciente da presença de Guy se espreguiçando ao lado, de seu sorriso indolente e do humor resplandecente nos olhos dele.

Um tanto relaxado com a rispidez da mãe, ele a provocou afetuosamente e a fez se dobrar de tanto rir vez ou outra. Observando a cena com atenção, Lucy percebeu que os olhos de Bridget se suavizaram quando ela os pousou sobre Guy num instante em que pensou que ninguém mais estivesse olhando. Bridget, ela

suspeitava, escondia seus sentimentos reais por trás da rispidez, assim como o filho dela fazia com o senso de humor.

– Então nem sinal de que Hal irá se casar? – ela quis saber, meneando a cabeça. – Ele é tão ruim quanto você, Guy. Quantos anos ele tem agora, 34? Trinta e cinco? Já passou da hora de aquele cabeça-dura achar uma boa esposa.

– Não é fácil encontrar esposas no campo, mamãe.

– Isso não é desculpa para você – contrapôs Bridget. – Há muitas garotas em Londres!

– É verdade, mas é difícil encontrar a certa – disse Guy.

– Deve ter muitas moças boas por aí. Veja Lucy aqui!

– Infelizmente, Lucy está reservada – brincou ele tranquilamente. E sorriu para Lucy.

– Eu só quero que você seja feliz – resmungou Bridget.

– Eu sei que quer, mamãe. – A voz de Guy era muito gentil. – Mas eu quero o que você e papai tiveram. Você não desejaria de fato que eu sossegasse por menos que isso, não é?

O coração de Lucy se contorceu quando ela viu os olhos de Bridget se encherem de lágrimas.

– Não – murmurou ela, e a mão que erguia a xícara tremeu um pouco quando Bridget tentou piscar com força para afastar os sinais de sua fraqueza.

Houve uma breve pausa.

– Eu tenho de ir – informou Lucy, com discernimento, e deixou de lado a xícara e o pires. – Muito obrigada pelo chá. Eu realmente me diverti.

– Foi adorável tê-la aqui. – Bridget insistiu em se levantar da cadeira e se apoiar nas muletas para vê-los do alto dos degraus da entrada. – Obrigada por ter vindo me visitar, Lucy. Espero que Guy a traga novamente... Ou venha sozinha!

– Eu gostaria muito – respondeu Lucy com sinceridade e, num impulso, deu um beijo no rosto de Bridget.

– Muito obrigado, Lucy – agradeceu Guy enquanto fechava a porta detrás deles, dando um suspiro aliviado.

– Você foi maravilhosa. Mamãe realmente gostou de você.

– Eu gostei dela também. Bridget é uma figura e tanto, não é?

– E sinto muito por todo o comportamento de casamenteira. Ela não costuma tentar me casar com as convidadas na primeira visita.

– Eu deveria me sentir honrada, então.

– Deveria mesmo. – Ele sorria para ela enquanto destrancava o carro. – Entre, vou levá-la ao hospital.

– Eu posso pegar um ônibus, sem problema algum... – começou Lucy, mas foi um esforço um tanto débil, e ela se flagrou adentrando o carro humildemente.

– É o mínimo que posso fazer depois de hoje. Não sou corajoso o suficiente para dizer à minha mãe que deixei você ir de ônibus e, além disso, minha alternativa é ficar e ouvir um discurso de como eu deveria persuadi-la a se casar comigo de imediato. – Ele meneava a cabeça enquanto o motor dava o primeiro ronco. – Eu amo minha mãe do fundo do coração, mas algumas vezes... Bem, digamos que ela pode ser um pouco difícil!

– Tenho certeza de que ela pode ser difícil. Mas você tem sorte por tê-la. Eu queria ter mãe, mesmo uma mãe difícil.

– Sinto muito. – Guy a fitou com carinho. – Quando ela morreu?

– Eu só tinha 3 anos. Não me lembro dela realmente de jeito nenhum, mas queria tê-la conhecido. Nas fotos que temos, mamãe sempre parece divertida.

– E seu pai?

– Ele se casou de novo alguns anos depois. Nossa

madrasta é perfeitamente boa, mas foi Meredith quem me criou, na verdade, embora ela seja apenas dois anos mais velha que eu. Ela foi presença constante na minha vida. Papai foi transferido para fora do país quando eu tinha apenas 7 anos, e tivemos de ir para um internato, mas Meredith sempre estava lá quando eu precisava dela.

– E é por Meredith que você está visitando Richard tão fielmente. Você está fazendo isso por ela.

– Sim. – Lucy assentiu, embora não tivesse sido uma pergunta. – Ele está melhorando, graças a Deus, e pelo menos eu tenho tido boas notícias para mandar para minha irmã. Richard não pode conversar por muito tempo, mas ele definitivamente está se restabelecendo. O fato é... eu acho que Meredith está errada. Richard sempre parece feliz por me ver, mas, se ele de fato me amou antes do acidente, acho que se esqueceu disso agora. Quero dizer, você sabe quando alguém o ama, não sabe?

– Você sabe? – A voz de Guy foi muito estável.

– Bem, eu não acho que Richard me ame. Sinto um pouco de alívio, para ser honesta. Eu não creio que ele vá ficar magoado quando descobrir que estou indo embora de novo. Só queria que ele melhorasse o suficiente para eu dizer isso aos pais dele. De uns tempos para cá eles têm feito alguns comentários sobre o quanto meu namorado é ilusório, e eu suspeito que estejam esperando que a relação desmorone, o que vai me deixar livre para fazer Richard feliz.

– Vai ter de dizer a eles que você e Guy ainda estão loucamente apaixonados – disse Guy, encostando o carro bem à entrada do hospital.

– Eu tentei, acredite. – Lucy soltou o cinto de segurança e se virou para ele. – Obrigada pela carona – agradeceu ela com um sorriso, desesperada para não

deixá-lo notar o quanto toda aquela conversa sobre amor a deixara inquieta. – Vou dizer a eles que Guy me trouxe esta noite. Talvez isso pareça mais convincente.

– Você sabe o que seria mais convincente, não sabe, Lucy?

– O quê?

– Acho que seria muito mais convincente se você entrasse parecendo que tinha sido inteiramente beijada por seu amante – disse Guy, a voz reverberando profunda e baixa, e ele esticou a mão e traçou a linha do lábio dela com o polegar, um toque tão torturante que Lucy fechou os olhos por puro instinto, para ir contra o turbilhão agudo de resposta que surgiu dentro dela. – O que você acha?

– Eu... Eu não... – Como esperava pensar quando a outra mão dele estava deslizando sob o cabelo dela, puxando a nuca gentilmente para levá-la em direção a ele?

Então o espaço entre os dois diminuiu, as bocas estavam juntas e as sensações explodiram dentro dela, quebrando a última tentativa medíocre de ser sensata e libertando um prazer adocicado que a fazia murmurar de prazer e agarrar o queixo dele...

Com muita relutância, Guy levantou a cabeça e sorriu para Lucy, garantindo:

– Assim é melhor. Você parece uma garota apaixonada agora.

Era apenas um jogo para Guy. Aquele beijo adorável, a tepidez e a doçura não significavam nada para ele. Estivera apenas provocando-a, brincando com ela. *Veja os olhos dele, tremulando com a gargalhada. Ele pensa que isso é engraçado.*

– Vamos esperar que isso engane, então. – Lucy queria soar tranquila, mas a voz não estava tão segura assim. Ela bateu o trinco da porta. – Seria uma pena se tudo

isto fosse à toa, não seria?

– Lucy... – começou Guy, mas ela já estava pegando a bolsa e saltando do carro, batendo a porta atrás de si quando finalmente deu um jeito de se desemaranhar da confusão.

E então Lucy estava caminhando a passos largos em direção à entrada do hospital, tão cega pelo misto de fúria, decepção e frustração que não percebeu o sujeito enfiando um celular no bolso do casaco até trombar nele.

– Eu sinto muito... – ela se desculpou, muito esbaforida, e então parou: – Frank? O que você faz aqui fora? Está tudo bem?

– Sim, eu só saí para fazer umas ligações. Você sabe que eles não nos deixam usar os celulares no hospital. – Ele observou o rosto corado e os olhos tempestuosos mais de perto. – Você está bem, Lucy?

Ela abriu a boca para dizer que não, que não estava bem. Ela havia acabado de ser beijada por alguém de forma tão sofrivelmente presunçosa, afetada, condescendente e exasperadora que ele realmente tinha achado que era engraçado fazê-la de gato e sapato e então rir dela.

Mas eles foram interrompidos antes que Lucy pudesse começar:

– Lucy! Você esqueceu seu... – Guy estava saindo do carro com o celular dela na mão, gritando para chamar sua atenção antes de ter tempo de registrar que ela estava conversando com um conhecido. – ...celular – finalizou ele. – Deve ter caído da sua bolsa.

– Oh... – Teria sido ótimo poder dizer a ele exatamente onde poderia enfiar o telefone, mas, infelizmente, ela precisava do aparelho. – Obrigada – agradeceu ela com certa cerimônia, esticando a mão quando Guy se aproximou.

Para surpresa dela, Lucy viu Frank olhando de Guy para ela e então de volta para Guy, com uma expressão muito curiosa no rosto. Não parecia haver muita escolha senão apresentar os dois homens e, já que Guy estava ali, ele poderia também se tornar útil. Na certa apresentá-lo em carne e osso convenceria Frank e Ellen de que ele era de verdade, afinal, e seria muito mais eficiente que um beijo!

– Frank, este é Guy Dangerfield – disse ela, um pouco confusa por causa da surpresa no rosto de Frank.

– Guy? – ecoou ele. – O seu Guy?

– Bem... sim. Guy, como você já deve ter deduzido, este é o pai de Richard, Frank Pollard.

Guy estendeu a mão a Frank.

– Sinto muito pelo acidente de seu filho – disse ele. – Mas eu já soube que ele está indo rumo à recuperação, agora.

– Está, obrigado... Sim... – gaguejou Frank. – Meu Deus – disse ele desarmado. – Que prazer conhecê-lo! É um pouco surpreendente, devo dizer. Não me admira que Lucy tenha sido tão discreta em relação a você. – Frank se virou para Lucy e meneou um dedo alegre para ela. – Você nunca nos contou que estava envolvida com Guy Dangerfield!

– Conte! – Lucy estava completamente confusa com a reação dele. – Eu estava sempre falando dele!

– Você só disse Guy. Nós não poderíamos imaginar que se referia a Guy Dangerfield.

A expressão levemente rija de Guy relaxou quando ele olhou para Lucy, que não tinha a menor ideia do que Frank estava falando.

– Vocês já se conhecem?

– Não, de forma alguma! Eu só li sobre o Guy – disse Frank apressadamente. – Ele é uma figura muito respeitada na comunidade dos negócios... Famoso, na

verdade. Mas você deve saber disso, Lucy.

Guy colocou um braço em torno de Lucy.

– Lucy não é muito interessada no caderno de economia e negócios, não é, docinho?

– Ainda assim, você deve ter imaginado que nós já tínhamos ouvido sobre Guy – comentou Frank, por sorte sem perceber que Lucy estava fuzilando Guy com o olhar naquele instante. – Ora, ora, ora! E você estava aqui o tempo todo, indo de encontro a Guy Dangerfield e nunca disse uma palavra!

– É porque para mim ele é só Guy. – Lucy até mesmo esboçou um sorriso afetado enquanto se aconchegava e borboleteava os cílios para ele, mas apenas Guy conseguia ver que atrás da pose doce os olhos azuis brilhavam em desafio.

Obviamente ele era bem mais famoso do que ela havia suposto. Lucy reconhecera o respeito que o circundava na Dangerfield & Dunn, porém não tinha compreendido como a influência de Guy era ainda mais ampla.

– Não parecia certo falar sobre o quanto nós estávamos felizes quando Richard estava tão doente – continuou ela, sentindo que tinha contas a acertar com Guy.

Ele havia alegado que aquele beijo acontecera só para convencer Frank e Ellen de que ela realmente possuía um amante. Bem, ela tornaria as coisas ainda mais convincentes, e veria o que ele achava daquilo!

– Mas é claro que agora que ele está melhorando nós não precisamos guardar segredo por mais tempo.

O braço de Guy em volta dela era como ferro, e Lucy o sentiu enrijecer, como se pudesse sentir até onde ela o estava levando.

– Eu posso contar para Frank, não posso, querido? Acabamos de chegar da casa da mãe de Guy – continuou ela, sem esperar pela resposta dele. – Queríamos que ela

fosse a primeira a saber.

– Você quer dizer... – Frank olhou de um para o outro.

– Sim. – O olhar semicerrado e o sorriso acanhado dela estavam perfeitos. – Nós vamos nos casar!

CAPÍTULO 7

LUCY OUVIU Guy tomar fôlego, mas ela o ignorou deliberadamente.

– Íamos manter isso entre a família por enquanto – disse ela a Frank –, mas como é você... Não se importa se os Pollard souberem, se importa, Guy?

– É claro que não – respondeu Guy após a menor das pausas. – Mas, como Lucy diz, não queremos tornar isto público ainda. Tenho certeza de que você entende – completou ele com delicadeza.

– Ah, sim, sim, é claro. Segredo mantido. – Frank estava claramente incerto sobre como receber aquela revelação inesperada. Espantado não seria uma palavra forte o suficiente para descrever seu comportamento. – Isto tudo é um pouco surpreendente.

– Não é? – concordou Guy, uma certa rigidez no sorriso enquanto Lucy se aconchegava mais ainda, satisfeita com a reação dele.

Deixe que ele seja a vítima da piada para variar!

– Não posso dizer que não tínhamos esperado que Lucy e Richard fossem... Mas é claro que estamos felizes por você, minha querida. – Frank a beijou cordialmente no rosto. – Eu sei que Ellen também vai ficar feliz. Richard pode ficar um pouco decepcionado, mas... Bem, contanto que você esteja feliz...

No fundo, Lucy estava convencida de que Richard não ligaria tanto quanto seus pais pareciam pensar, porém

não havia razão para dizer aquilo a Frank.

– Obrigada, Frank. É muito gentil da sua parte – disse ela retribuindo o beijo.

Frank se voltou para Guy e lhe apertou a mão.

– Parabéns! Você é um homem de sorte!

– Eu sei. Eu mesmo mal posso acreditar nisso. – A voz de Guy veio carregada de uma ironia que apenas Lucy parecia capaz de discernir.

– Venha conhecer Richard e Ellen – Frank estava instigando, mas felizmente Guy deu um jeito de apresentar uma recusa educada.

– Não posso deixar o carro onde está, Frank. Só vim mesmo para deixar Lucy.

– Ah, que pena. Outra hora, talvez. No entanto, você virá, Lucy?

– É claro. – Concluindo que provavelmente já havia encurralado Guy o suficiente, Lucy optou por uma retirada estratégica. Ela o beijou no canto da boca. – Até mais, querido! – disse, muito alegre, e abanou os dedos em sinal de despedida. – Vejo você amanhã!

E, enganchando a mão no braço de Frank, caminhou com afetação ao lado dele, deixando Guy olhando para ela com um sorriso torto.

– NÃO POSSO acreditar! – gritou a mãe de Richard quando Frank deu a notícia. – Você e Guy Dangerfield?!

Lucy aceitou o abraço de Ellen, incomodamente ciente da enfermeira loira baixinha chamada Mairi que estava ao lado da cama de Richard, medindo sua pulsação. Ela estava sempre ali, segurando o pulso dele e franzindo os lábios enquanto checava o relógio preso ao uniforme. Lucy se sentia fútil ao lado dela, e nunca conseguia dispersar o sentimento de que Mairi a desaprovava, mas não era capaz de enxergar por que a enfermeira estaria interessada em seu suposto noivado.

– Sim, é verdade, mas queremos manter em segredo por enquanto – disse ela com firmeza. Ocorreu-lhe que talvez eles quisessem um motivo para saber por que ela e Guy não estavam alardeando seu amor do alto dos arranha-céus. – Estamos esperando até Meredith retornar da Austrália.

– Tomara que seja em breve – disse Richard enquanto Mairi reposicionava seu braço. – Sinto falta dela, e você vai querer se casar assim que puder, imagino. – Ele sorriu debilmente. – Estou mesmo feliz por você, Lucy.

Apesar da evidente decepção porque ela e Richard não iriam reatar, Ellen e Frank insistiram em celebrar o suposto noivado, e a levaram para jantar fora depois que eles se despediram de Richard. A gentileza deles fez Lucy se sentir terrível.

Agora ela experimentava a sensação vertiginosa de que as coisas estavam saindo do controle. Os Pollard se mostravam alarmantemente impressionados pela ideia de ela conhecer Guy Dangerfield, e quanto mais eles falavam com excitação sobre a reputação dele nos negócios, seu status de celebridade e sua fortuna, mais o coração de Lucy se apertava. Por que ninguém dissera a ela que Guy era tão famoso?

Por que ela não escutara Imogen com mais atenção? Ou se dera o trabalho de ler um jornal?

Porque sempre espera que alguém virá para ajeitar as coisas para você.

Não era um pensamento confortável. Lucy ficou acordada naquela noite e pensou sobre as vezes em que tinha se metido em enrascadas sem de fato refletir, e, embora nunca tivesse se fiado conscientemente em alguém para arrumar a bagunça, talvez aquilo de fato tivesse acontecido. Os empregos nos quais entrara e dos quais saíra... Ela se entusiasmava intensamente por projetos cujo interesse nunca duravam. Com que

frequência levou a termo algo que havia começado?

E os relacionamentos? Vezes sem conta, ela se apaixonara loucamente, apenas para descobrir que o relacionamento tinha se transformado em algo muito menos romântico do que esperara. Sempre era bom no começo, mas então Lucy recapitulou e percebeu que ela sempre havia sido a pessoa responsável por determinar o ritmo. Ela era cheia de sonhos e romance, e os homens em questão não iriam dispensar uma garota com a sua aparência, mas quantos a haviam amado pelo que ela era?, perguntava-se agora.

E o quanto, de verdade, ela os amara?, Lucy se indagou num discernimento repentino. Será que ela não se apaixonara por uma imagem tanto quanto eles tinham feito? Veja só Kevin. Ela ficara tão tomada pela ideia de romance no campo que se apaixonara por um homem que se encaixava no papel à perfeição, mas sem na realidade ter prestado muita atenção ao que ele realmente era.

E agora Meredith estava presa na roça porque ela, Lucy, insistira que aquele romance era real. Meredith odiaria cada instante, mas ela havia ficado lá pela irmã. Lucy mordeu o lábio diante do próprio egoísmo. Ela teria de retornar assim que pudesse e resgatar Meredith, para variar um pouco.

Mas primeiro precisaria arrumar essa última confusão na qual havia se metido. Lucy não estava muito certa de como fazer isso, exceto se desculpando com Guy, e, uma vez que decidira isso, deu um jeito de se convencer de que a situação não era tão ruim. Sim, fora uma coisa estúpida dizer que eles estavam noivos, contudo, não havia motivo para acreditar que aquilo iria mais longe. Apenas os Pollard sabiam sobre o suposto noivado deles, e ela esperava tê-los convencido em relação à necessidade de sigilo.

Ainda assim, a ideia de encarar Guy no dia seguinte a fazia se sentir e um pouco mais do que nervosa, e ela resolveu chegar cedo ao trabalho. Guy, no entanto, tinha chegado mais cedo ainda. Lucy havia acabado de pendurar o casaco e se sentar à mesa quando o telefone tocou.

Era a assistente pessoal de Guy, Sheila, dizendo que Guy gostaria de ver Lucy assim que ela estivesse disponível.

Sentindo como se tivesse sido convocada ao gabinete do diretor do colégio, Lucy tomou um dos espetaculares elevadores de vidro rumo ao andar da cobertura. Ela nunca havia estado lá, e normalmente teria ficado interessada em ver como era, mas agora sentia-se nervosa demais para perceber muita coisa quando saiu do elevador.

– Entre. – Sheila sorriu. – Ele está esperando por você.

Dando um longo suspiro, Lucy empurrou a porta do escritório de Guy apenas para se deter mortificada quando entrou. Uma parede inteira era feita de vidro e oferecia uma vista tão espetacular da catedral de St. Paul que Lucy de fato engasgou.

– É uma bela vista, não? – Guy se levantou de trás da mesa, e foi em direção a ela.

– Você mandou me chamar? – A frase saiu mais agressivamente do que tinha intencionado.

Guy ergueu uma sobrancelha, gesticulando para um dos sofás.

– Eu poderia ter ido até você, sei disso, mas não achei que você iria querer discutir nosso suposto noivado no meio da recepção. E acho que nós precisamos mesmo discutir isso, não acha?

– Olhe, desculpe, está bem? Eu não deveria ter dito aquilo para Frank.

– Parece que eu me lembro de você prometendo

pensar antes de abrir a boca.

– Eu poderia ter me lembrado disso se não tivesse sido provocada – replicou ela de um jeito mordaz.

– Provocada?

– Você sabe o que quero dizer – afirmou ela de mau humor. – Você me beijou.

– Você está certa – disse Guy após um instante. – Eu não deveria ter feito aquilo. Acho que ambos nos comportamos muito mal ontem. A questão é: o que faremos a respeito daqui em diante?

– Precisamos fazer alguma coisa? Foi algo estúpido de se dizer, mas ninguém sabe a respeito, exceto os Pollard.

Lucy se perguntou brevemente se deveria mencionar a enfermeira de Richard. Mas por que Mairi estaria interessada em seu suposto noivado? O que dizer então correr para os jornais para dar a notícia?

– Eles não são do tipo que fazem fofoca para os tabloides, se é isso que o preocupa.

– Passou pela minha cabeça que seria estranho se a notícia vazasse.

– Sei que Frank acha que você é algum tipo de celebridade, mas, para ser honesta, eu nunca tinha ouvido falar a seu respeito, e não consigo ver o restante do mundo se dando a esse trabalho também. Quem liga se você está se casando ou não?

– Minha mãe? – sugeriu Guy. – Meus amigos, minha bancada de diretores... E isso é só o começo.

– Posso entender sua mãe querendo saber, mas por que sua diretoria ligaria?

– Acontece que estamos em um estágio delicado de negociação com outro banco, com uma possível fusão em vista – explicou ele, escolhendo as palavras cuidadosamente. – É um acordo que poderia transformar o modo como realizamos negócios, mas depende da decisão do presidente do conselho deles, Bill Sheldon.

Personalidade e confiança representam muito nesse tipo de negociação e, embora ele pense estar tomando uma decisão profissional, ainda vai ser influenciado pelo que pensa de mim. Eu preferiria que Sheldon não me associasse a irresponsabilidades ou imprevisibilidades de nenhum modo.

– Ora, bobagem, por que você não deveria ficar noivo caso quisesse?

Ele suspirou.

– O fato é que eu não quero.

– Esse tal Bill não sabe disso, no entanto, sabe? Você poderia ser um tipo muito romântico que se apaixonou loucamente por mim à primeira vista e caiu a meus pés.

– Essa é exatamente a impressão que não quero passar – disse Guy secamente. – Eu quero que Bill pense em mim como um sujeito estável e responsável, não um romântico impulsivo.

– Ele não vai saber nada sobre nosso noivado – disse Lucy, levantando-se do sofá. – Os Pollard não vão contar a ninguém, você não vai contar a ninguém e eu não vou contar a ninguém. Não será um problema.

Guy olhou para ela, o divertimento guerreando com a exasperação nos olhos azuis dele.

– Espero que você esteja certa.

LUCY NÃO estava tão confiante quanto soara, mas após dois dias terem se passado sem uma única alusão acerca do rumor, começou a relaxar e a acreditar que nada mais seria ouvido a respeito. Ela iria deixar passar mais ou menos uma semana e então diria aos Pollard que seu noivado com Guy estava acabado.

Aquele seria um problema resolvido, afinal, ela pensou com alívio. Agora só precisava provar para Guy que era capaz de ser responsável e de trazer Meredith da Wirrindago. Lucy admitira para si mesma que não estava

tão desesperada para voltar para lá ainda.

Antes, ela sempre estivera procurando razões para ir embora, mas dessa vez era diferente. Ela gostava de ser mais uma na multidão indo trabalhar. Gostava do jeito como os transeuntes oscilavam nas ruas da cidade tal como a maré.

A única coisa da qual ela não gostava era do jeito como Guy parecia ignorá-la outra vez. Ela não o vira nos últimos dois dias e imaginava se ele estava mais zangado com ela por causa do suposto noivado do que deixara transparecer. Ela até mesmo sentia falta do jeito irritante com que ele a chamava de Cinderela.

O telefone estava tocando quando Lucy chegou à Dangerfield & Dunn, e ela o pegou do outro lado do balcão da recepção, antes mesmo de tirar o casaco.

Era Sheila, assistente pessoal de Guy, ligando do País de Gales. Seu pai idoso havia caído no início da noite anterior, contara a Lucy, e ela estava a caminho do hospital para vê-lo. Sheila não conseguira contatar Guy ainda, dissera.

– O fato é que ele tem uma série de reuniões realmente importantes e vai precisar de algumas informações que ainda estão no meu computador. E há um evento na empresa hoje... Alguém precisa contatar os fornecedores do bufê...

Lucy retirou o casaco e procurou uma caneta.

– Diga o que precisa ser feito, Sheila, e eu vou providenciar.

Não havia mais ninguém por perto quando Lucy seguiu em direção ao escritório de Sheila. Estava muito quieto ali em cima. Com um pequeno suspiro, Lucy ligou o computador e digitou a senha que Sheila lhe dera.

Ainda não havia sinal de Guy no momento em que ela cuidava da lista de instruções de Sheila e imprimia tudo, então vistoriou alguns armários até encontrar um

arquivo, e continuou a deixar as informações sobre a mesa dele.

O enorme escritório ficava vazio sem Guy. Hipnotizada pela vista espetacular da catedral, Lucy foi até a parede de vidro e ficou olhando para a cidade, a pasta apertada junto ao peito.

– Aí está você.

A voz detrás dela fez Lucy dar um pulo, e ela se virou, o coração batendo loucamente, embora ela não pudesse dizer se era pelo susto ou pela visão dele.

– Eu... Sheila me pediu para imprimir isto para você.

– E Lucy colocou o arquivo apressadamente sobre a mesa. – O pai dela está no hospital, então Sheila teve de ir vê-lo. Ela me deu a senha e me disse onde eu encontraria os arquivos.

– Sim, ela me explicou que falou com você. No fim, ela conseguiu me encontrar no celular, mas parece que terá de ficar no País de Gales pelo menos por uns dias.

Guy pegou o arquivo e folheou-o.

– Obrigado. – Os olhos azuis sustentavam uma expressão controlada enquanto ele analisava os papéis. – Isto é exatamente o que eu precisava.

– Só fiz o que Sheila me disse para fazer.

– Ela explicou o que lhe pediu que fizesse, mas não posso dizer que esperava que você agisse tão rápido.

– Mandeí aqueles e-mails que ela mencionou também

– garantiu Lucy –, no entanto está cedo demais para contatar os fornecedores sobre a recepção esta noite. Vou fazer isso mais tarde. – Ela consultou o relógio. – Deve haver alguém no departamento de Recursos Humanos agora. Sheila sugeriu entrar em contato com eles para conseguir alguém temporário para cobri-la enquanto ela estiver fora. Gostaria que eu fizesse isso ou prefere você mesmo ligar para eles?

– Por que você não cobre a ausência dela? – sugeriu

Guy, colocando o arquivo de volta à mesa.

– Eu?

– Por que não? É óbvio que você sabe usar um computador.

– Sim, bem, mas...

– E também atender a um telefone.

– Sim, é claro, mas eu...

– E você tem bom senso... Embora isso nem sempre seja óbvio, devo admitir – completou ele com um daqueles olhares reluzentes. – O mais importante de tudo é que você está aqui e sabe a senha de Sheila, o que significa que pode começar direto e eu não preciso esperar pelos Recursos Humanos para recrutar pessoas ou contratar alguém de uma agência. Isso a torna a melhor candidata da minha lista.

Lucy engoliu em seco.

– Eu não estou qualificada para ser uma assistente pessoal desse nível.

– Isso não significa que você não pode fazê-lo – disse Guy.

– Mas eu nunca tive um emprego assim antes!

Será que ele não receava que ela fizesse uma enorme confusão com tudo?

– Bem, eis sua chance de tentar, Cinderela. Ou você tem medo de não dar conta do recado?

Aquilo a fez erguer o queixo no mesmo instante.

– Eu não tenho medo.

– Bom, porque não deveria ter. – Empoleirando-se na beira da mesa, Guy colocou as mãos nos bolsos e analisou Lucy com todo o cuidado. – Acho que você é capaz de muito mais do que pensa, Cinderela.

– Eu não sei... – Lucy mordeu o lábio, ansiosa. Podia não estar com medo, mas aquilo não significava que não estava nervosa. Muito. – Acho que evito situações nas quais posso ser solicitada a fazer coisas que eu não sei.

Talvez tenha algo a ver com ser a caçula da família. Sempre há alguém para cuidar de você, por isso ninguém cria grandes expectativas a seu respeito.

– Ou é você que não tem grandes expectativas sobre si? Sou o caçula também, e eu sei como é isso. Passei muito tempo vagueando, sem querer fazer nada além de me divertir, mas... Estava faltando alguma coisa. Eu sempre procurava por algo mais, por uma nova emoção. Arranjei desafios físicos, e nunca me ocorreu que dirigir um negócio poderia ser bem mais difícil e tão estimulante quanto. Só descobri o que podia fazer quando vim para casa e tive de tomar conta da Dangerfield & Dunn.

– Eu não acho que esteja pronta para atacar de presidente do conselho – disse Lucy, nervosamente, e Guy gargalhou.

– Uma vez que você souber o que pode fazer como assistente pessoal, quem sabe aonde vai terminar?

Lucy deu um suspiro profundo.

– Certo, está bem, eu faço, se você está tão certo disso. No entanto, é melhor eu informar Imogen. Eu disse que sairia por apenas dez minutos. Ela vai ficar pensando o que diabos andei fazendo por aqui.

Guy endireitou a postura e girou para se sentar à mesa. Ele pegou o arquivo quando Lucy saiu para telefonar do escritório de Sheila.

Apesar de seu nervosismo, Lucy não podia evitar a excitação diante da perspectiva de cobrir a vaga de Sheila por um tempo. Guy parecia pensar que ela poderia ser capaz, então talvez ela pudesse mesmo. Tudo que precisava fazer era se manter tranquila e tirar da cabeça a lembrança daquele beijo. De agora em diante, Guy seria o chefe dela. Não seu noivo de mentira, não o garoto que outrora quisera ser um peão de rodeio, não o filho de Bridget que estava fazendo o máximo possível

para corresponder às expectativas do pai.

Não o homem que a havia beijado até seus ossos ameaçarem se dissolver.

Apenas seu chefe.

HOUVE OCASIÕES em que Lucy pensara estar bem atarefada na recepção, mas ela nunca trabalhara tanto como naquele dia. O telefone tocava sem cessar, e-mails se empilhavam na caixa de entrada e havia uma corrente infindável de pessoas desejando ver Guy.

Foi um dia revelador para Lucy. Ela não havia percebido que era capaz de trabalhar tanto, ou que podia enfrentar a avalanche de telefonemas e e-mails, e as múltiplas crises que precisavam ser resolvidas imediatamente, sem entrar em pânico ou pedir ajuda.

Lucy via um lado novo de Guy também. Ele podia parecer o mesmo, podia ter o mesmo sorriso, mas não era apenas o Guy insolente e bem-humorado que de algum modo se tornara tão familiar. Este Guy sabia muito bem o que estava fazendo.

Ela se sentia engraçada por dentro sempre que pensava no assunto.

– VOCÊ AINDA está aqui?

Eram quase 18h30 quando Guy retornou de uma reunião apenas para encontrar Lucy imprimindo um último documento.

Ela manteve os olhos na impressora, pegando o papel assim que a impressão foi completada e colocando-o dentro da pasta.

– Eu estou acabando agora – disse ela. – Estava pensando se deveria checar se está tudo certo para o evento lá embaixo. Vai começar em breve.

– Eu sei. É por isso que voltei. Devo fazer um discurso de boas-vindas.

Lucy assentiu.

– Coloquei as anotações do seu discurso na sua mesa.

– Por que você não vem para o evento como membro da equipe? Imagino que você poderia se contentar com uma bebida, não?

Lucy estava rezando por uma dose, mas não parecia muito profissional admitir isso.

– Creio que preciso mais de alguma coisa para comer. Não tive tempo de almoçar.

– Vamos fazer o seguinte – sugeriu ele. – Iremos ao evento, tomaremos uma bebida e comeremos alguns daqueles deliciosos canapês que Sheila sempre providencia. Vou fazer meu discurso e então a levarei para jantar em agradecimento por todo seu trabalho duro de hoje. Você esteve brilhante.

– Eu não estou exatamente vestida para um evento – tergiversou ela.

– É claro que está – afirmou Guy, vivamente. – Todo mundo virá direto do trabalho, então todos estarão com a roupa do escritório. Vá e coloque seu batom, ou o que quer que vocês mulheres façam antes de sair, e iremos.

Então Lucy se viu no banheiro particular dele, tirando o grampo do cabelo com mãos que não estavam tão calmas quanto ela desejava.

Batom, blush, duas gotas de perfume e ela estava pronta. Entretanto, teve de parar por instantes com a mão sobre a maçaneta da porta do banheiro; e deu alguns suspiros profundos antes de apresentar um sorriso brilhante e seguir de encontro a Guy.

O evento era no piso mezanino, com vista para o dramático pátio em semicírculo com paredes arredondadas de vidro. Apesar do que Guy dissera sobre todos os convidados estarem em roupas de trabalho, todo mundo parecia assustadoramente bem-vestido em relação a Lucy. Até então, aquele terno de Meg tinha

sido um dos favoritos dela, e Lucy o havia usado várias vezes, mas agora estava repentinamente óbvio que tinha saído de uma cadeia de lojas barata.

Ainda assim, seria melhor usá-lo com orgulho, concluiu Lucy. Tinha sorte por ter um terno para usar, afinal. Se ela tivesse de se apoiar no próprio guarda-roupa, estaria ali vestindo camiseta e jeans.

Pelo menos o evento estava indo bem.

Guy fez um discurso misericordiosamente curto, porém muito engraçado, que fez todo mundo rir, e Lucy ficou ciente da pequena palpação de orgulho enquanto o observava.

Com um lado da mente ela registrava o financista de terno, com a camisa azul-clara com listras fininhas e a gravata que combinava perfeitamente, mas com o outro ela o via sobre aquele cavalo, sentado, tranquilo, na sela enquanto galopava pela arena, testando o peso do laço na mão, preparando-se para desenrolá-lo no ar.

Como será que os outros convidados o enxergavam?, ela se perguntava, olhando em volta. Eles poderiam vê-lo como um financista bem-sucedido, talvez tão vigoroso quanto um belo homem, até mesmo um solteiro charmoso e extraordinariamente desejável, mas será que eles sabiam que Guy podia laçar um novilho? Será que eles conheciam o modo como ele brincava com os garçons em um pequeno restaurante italiano, ou o jeito bem-humorado com que aceitava os resmungos de sua mãe?

Será que eles sabiam que os lábios dele eram quentes e que seu toque era seguro, e que o mero pensamento de beijá-lo era o suficiente para liquidificar os ossos dela e mandar o sangue à cabeça em um ímpeto vertiginoso que a deixava trêmula e oca pela ânsia de beijá-lo outra vez?

– Você está bem? – Guy havia se materializado ao

lado dela e estava analisando sua expressão, parecendo preocupado.

– Sim, eu só estou um pouco... Tonta – disse Lucy, com sinceridade. Ela gesticulou para o próprio copo. – Consequência de duas taças de champanhe em um estômago vazio, suspeito.

E o pensamento em você... em beijar você, tocar você, abraçar você.

– Venha, precisa comer. – E Guy a pegou pelo braço, e até mesmo aquilo foi o suficiente para fazer a pulsação dela acelerar. – Já cumpri minha função aqui. Vamos.

CAPÍTULO 8

ELLES DESCERAM os degraus juntos rumo à limusine que os esperava, mas, quando o chofer saiu para abrir a porta para ela, o vigor de Lucy a abandonou de repente. Ela não podia se sentar na intimidade sombria do carro com Guy, não essa noite. Estava com medo de ficar sozinha com ele, com medo do que poderia dizer e do que poderia fazer.

– Na verdade, Guy, eu.... Acho que simplesmente vou para casa – disse ela. – Estou muito cansada.

– Tem certeza?

– Sim. Mesmo.

– Vou pedir a Steve para levá-la, então.

Porém, Lucy já estava se afastando.

– Vou pegar o metrô – preferiu ela. – Não está tão tarde. Ficarei bem.

NA MANHÃ seguinte, no entanto, o pânico de Lucy pareceu ridículo. Na fila para comprar um *cappuccino* a caminho do trabalho, Lucy disse a si mesma que aquilo havia sido bobo e que precisava parar. Ela não podia entrar em parafuso todas as vezes que Guy se aproximasse. Deveria agir como assistente pessoal dele, pelo amor de Deus!

Ela apenas tinha ficado esgotada na noite anterior, concluiu. Aquela pequena tontura fora causada por uma combinação de cansaço e champanhe, era isso. Não seria

do mesmo jeito hoje. De agora em diante, ela seria a frieza em pessoa. Seria superprofissional e trataria Guy como não mais que seu chefe, o que ele era de fato.

Mesmo que ele a tivesse beijado duas vezes.

Revigorada pela cafeína e tendo colocado a si mesma sob pensamento positivo, Lucy rumou para o trabalho. Ela acenou para Imogen e para a nova recepcionista e se juntou à multidão dos elevadores. Podia ser infantil da sua parte, mas Lucy sentiu um pequeno arrepio ao pressionar o botão da cobertura. Parecia que estava literalmente indo para o topo do mundo.

Guy tinha ficado fora a manhã toda. Não voltaria até a hora do almoço, ele mesmo dissera, e Lucy falou para si que era bem melhor daquele jeito.

Ele adentrou o escritório assim que Lucy deu uma mordida enorme no seu sanduíche de lagostim e rúcula, e ela engasgou no mesmo instante.

– Desculpe-me – murmurou ela, a boca cheia, e tentou lutar freneticamente contra o pernicioso pedaço de alface que de algum modo ficara preso entre os dentes. – Eu não estava esperando por você.

– Eu disse que voltaria na hora do almoço.

– Eu sei. Eu... só não estava esperando por você neste exato instante. – Sentindo-se uma idiota, Lucy espanou as migalhas do peito. – Deixei muitos recados na sua mesa.

– Ótimo. Ouvi muitos comentários esta manhã das pessoas que estavam no evento ontem à noite. Todos ficaram impressionados pelo quanto estava bem organizado.

– Tudo graças a Sheila.

– Sei disso, Cinderela, mas foi preciso você para auxiliar. Deduzo que tenha lidado com uma infinidade de confusões de última hora.

– Bem, sempre tem alguma coisa, não tem? – disse

Lucy desajeitada, um tanto constrangida com o elogio dele.

Esperando Guy seguir para seu escritório, ela pegou o sanduíche, mas agora ele estava retirando o casaco e arregaçando as mangas como se estivesse planejando ficar à vontade exatamente ali onde estava.

– Falei com Sheila esta manhã – disse ele a Lucy. – Ela acha que conseguiu uma enfermeira para o pai, então espera voltar na semana que vem.

Semana que vem.

– Oh... – Lucy deixou o sanduíche de lado outra vez.

Não parecia que sua gloriosa carreira como assistente pessoal iria durar muito.

– Vou poder voltar para a recepção? – perguntou ela pensando na garota nova que estava sentada ao lado de Imogen naquela manhã.

– Se quiser, mas eu estava esperando que você cogitasse outro trabalho.

Ela o fitou com curiosidade quando Guy puxou uma cadeira e se sentou do outro lado da mesa.

– Que tipo de trabalho?

– Preciso de uma pessoa para organizar uma festa – disse Guy –, e você parece alguém que poderia fazer isso.

– Uma festa? – Lucy se iluminou. – Isso soa divertido.

– Não uma festa comum – ele a avisou. – Estão levantando fundos para uma nova unidade pediátrica em memória de Michael, então precisa ser resplendorosa, glamourosa, espetacular e qualquer outra coisa que vá persuadir as pessoas a comprar convites por valores imensamente inflacionados e criar uma atmosfera que as faça querer doar ainda mais quando estiverem lá.

Resplendorosa e glamourosa. Estava soando cada vez melhor. Ela pegou um bloco de notas e procurou por

uma caneta.

– Para quando você quer essa festa?

– Esse é o problema. O salão está agendado para daqui a um mês.

Lucy tinha localizado a caneta debaixo do pacote do sanduíche, mas ela congelou diante daquela revelação.

– Um mês? Isso não é muito tempo para providenciar uma festa resplendorosa. Você precisa agendar tudo com cerca de um ano de antecedência no caso de eventos grandes.

– Nós de fato começamos no ano passado, mas essa é uma daquelas situações perseguidas pela falta de sorte, por algum motivo. A primeira organizadora engravidou e teve de abandonar a organização do evento por causa de problemas com pressão alta; a substituta durou apenas algumas semanas antes de aceitar outro emprego; a pessoa seguinte pegou febre tifoide num feriado. Houve outra nesse meio-tempo, mas honestamente não consigo me lembrar o que aconteceu com ela. Tudo o que sei é que a coisa toda está uma bagunça no momento, e, se não for ajustada, vamos ter de cancelar, o que seria uma lástima. Preciso de alguém que possa assumir e descobrir o que foi feito e o que precisa ser feito para assegurar que o evento seja um grande sucesso... E que então o faça! Eu sei que veio sem aviso prévio, Cinderela, mas qualquer coisa pode ser feita se você jogar dinheiro suficiente sobre o problema. Sheila não teve tempo de solucionar isso, e a festa realmente necessita de um toque de talento para resgatá-la... Então pensamos em você. – Ele encarou Lucy com os lindos olhos azuis. – Você está disponível para isso?

– Esse é mais um desafio? – perguntou ela a ele.

Guy sorriu.

– Este seria um de verdade, mas eu sei que você

conseguiria fazê-lo.

Organizar uma festa... O quão difícil poderia ser? Poderia ser trabalho duro, mas seria divertido. Os olhos de Lucy brilharam de excitação súbita.

– Vou tentar.

– Excelente! – Guy ficou de pé e tirou o casaco das costas da cadeira. – Está acertado, então. Você pode procurar os arquivos amanhã e começar a trabalhar apropriadamente assim que Sheila voltar.

LUCY FICOU tão animada diante da perspectiva que não conseguiu esperar para começar a trabalhar na manhã seguinte. Saindo cedo, ela saltitou até a cozinha, encontrando Meg perto da geladeira, bebendo suco de laranja direto na caixa. Meg estreitou o olhar, cheia de suspeita, diante dos olhos vívidos de Lucy.

– Quem é você e o que fez com minha amiga Lucy? – perguntou ela acidamente. – Você tomou posse do corpo dela e a transformou em uma viciada em trabalho com uma carreira na cidade grande.

Lucy gargalhava enquanto abotoava o casaco e pendurava a bolsa no ombro.

– É só por um mês, Meg. Dificilmente pode ser chamado de carreira.

Ainda assim, ela não conseguia evitar pensar nas possibilidades que poderiam aflorar no futuro.

Sorrindo, Lucy requebrou degraus acima e passou pelas portas da Dangerfield & Dunn.

– Oi! – ela cumprimentou alegremente Imogen, que estava absorta na leitura de algo debaixo da mesa.

A cabeça de Imogen deu um solavanco e seus olhos se arregalaram.

– Lucy... Oi... – disse ela fechando apressada o jornal que estava lendo.

Engraçado, pensou Lucy quando se juntou à multidão

esperando pelos elevadores. Imogen a havia olhado de um jeito muito estranho.

A mesma coisa aconteceu no elevador. Lucy tinha a sensação mais esquisita de que todo mundo olhava para ela, mas todas as vezes que ela os encarava de volta, os olhos deslizavam para analisar cuidadosamente as luzes acima das portas.

Ela praticamente saltou do elevador e entrou requebrando no escritório de Sheila, atirando o casaco sobre a cadeira e ligando o computador em um movimento enérgico.

– Ah, Lucy...

Ela girou e deparou com Guy encostado no vão da porta de seu escritório.

– Oi. Eu não esperava que você já estivesse aqui.

– Aconteceu uma coisa. – Havia um tom peculiar na voz dele que fez Lucy encará-lo intensamente, fazendo-a se lembrar, por alguma razão, daqueles olhares estranhos que ela recebera naquela manhã.

– Tem uma mancha no meu nariz ou algo assim? Todos ficam me encarando.

Guy se afastou da porta, e pela primeira vez ela notou que ele tinha um jornal na mão.

– Você está por fora das notícias, Lucy. Deduzo que não tenha visto isto ainda...

– De fato, não...

– Neste caso, você pode gostar de ler isto. – Guy lhe entregou o jornal, que estava dobrado na coluna de fofocas.

Fazendo a vontade dele, Lucy começou a ler em voz alta:

– “Eu soube que outro solteiro desejado logo estará fora do mercado. Muitas socialites ficarão desapontadas esta manhã. Guy Dangerfield, cujo nome esteve ligado a algumas das mulheres mais lindas de Londres, incluindo

Cassandra Wolfe, abandonou o circuito de farras para se casar com sua assistente pessoal, Lucy We...” Ah... meu Deus!

– Concordo – disse Guy.

Chocada, Lucy ergueu os olhos do jornal e encarou Guy.

– Como eles ficaram sabendo disto?

– Estava esperando que você pudesse ser capaz de me dizer. Eu certamente não contei a ninguém.

– Nem eu. Só os Pollard sabem. – O rosto dela ficou sério. – A menos que a enfermeira de Richard tenha dito alguma coisa.

Guy franziu a testa.

– Como uma enfermeira iria saber que estávamos noivos?

– Bem, ela estava lá quando Frank contou a Ellen e Richard sobre você, então ela pode ter ouvido por acaso. Não é culpa minha – protestou, na defensiva, quando a exasperação cruzou o rosto dele, e então ela parou. – Sim, é culpa minha – disse, usando um tom diferente. – Se eu não tivesse falado nada para Frank, isto nunca teria acontecido.

Ela olhou de volta para o jornal, passando os olhos pelo restante do artigo com uma incredulidade crescente.

– “...inseparáveis... Guy mal saiu do lado dela no evento... foram embora juntos... uma química definitiva...” O quê? – Ela interrompeu a leitura, ultrajada. – O que é esta coisa toda? – Quis saber. – E de onde eles tiraram isto? A enfermeira de Richard não estava lá na noite passada!

– Acho que uma vez que a ideia foi sugerida, algum jornalista começou a farejar. Não seria muito difícil encontrar alguém que estava no evento ontem e então perguntar se tinham notado você... Como tenho certeza

de que todo mundo notou.

– Isso é tão absurdo – disse ela, não tão firmemente como teria gostado. – Isso faz soar como se você... Como se nós...

– Estivéssemos apaixonados? – Guy sugeriu quando a voz dela morreu, um pouco inseguro.

– Bem, sim... E não estamos, isso é óbvio. – Lucy esperava soar mais convincente para Guy do que soava para si. – Eles inventaram isto tudo.

– Sei disso, mas alguém deve ter dito a eles sobre termos ido embora juntos. Um mísero fragmento de informação torna a história toda difícil de negar. – Ele se recostou contra a mesa de Sheila e esfregou o queixo enquanto pensava. – Acho que o melhor a fazer é ignorar isto – concluiu após um instante.

– E se alguém perguntar?

– Apenas diga “sem comentários”. Logo eles vão perder o interesse. Vai haver algo ou alguém sobre o que se falar amanhã.

– Tudo bem se um jornalista ligar, mas e as outras pessoas? Eu não posso dizer sem comentários se Imogen ligar e perguntar por que não contei a ela que estávamos tendo um relacionamento.

– Por que ela faria isso?

– Eu faria se estivesse no lugar dela, Guy. Não me surpreende que Imogen tenha me olhado engraçado esta manhã! Ela foi ótima para mim e começamos uma boa amizade, e agora tudo em que vai pensar é que menti para ela. E Sheila? – Quanto mais pensava no assunto, pior ficava. – Como Sheila vai se sentir quando ler que aparentemente sou sua nova assistente pessoal? Vai parecer que fugi com o chefe e com o emprego dela!

Guy suspirou.

– Vou telefonar para Sheila e explicar; e creio que seria melhor ligar para minha mãe também, ou haverá

consequências desagradáveis, mas não podemos contar a verdade a todos. Isso só se transformaria em uma história ainda maior. Eles vão retornar a quem quer que os tenha contatado no início e começar a cutucar por aí, e antes que você saiba onde está, eles estarão perguntando por que teríamos mentido para Frank Pollard em primeiro lugar.

– Então não fazemos nada?

– Deixe todos pensarem que estamos tendo um relacionamento, mas não confirme o noivado. Você disse aos Pollard que não queríamos levar a público até Meredith retornar, então vamos manter isso como um pretexto para o anúncio.

– Isso explica por que não contamos a ninguém que estamos noivos – disse Lucy –, mas não explica por que não contamos a ninguém que estamos tendo um relacionamento.

– Ninguém vai esperar por detalhes, vai?

– É claro que vai! – Lucy o encarou em descrença. – Nenhuma mulher sorriria educadamente quando ouvisse sobre um noivado secreto, e então cessaria com as perguntas. “Ah, então vocês não vão anunciar seu noivado ainda? Oh... Que clima agradável, não?”

– Você não pode simplesmente dizer a elas para cuidar da própria vida?

Lucy apenas meneou a cabeça.

– Não é assim que mulheres funcionam.

– Bem, não vou fazer nenhuma dessas coisas. Vou admitir que estamos tendo um relacionamento e que iremos nos casar, e direi que não vamos tornar nosso noivado público por enquanto, mas é isso. Não vou dizer nada além.

Lucy parecia cética.

– Se você conseguir sair impune... Mas não vejo como conseguirá, a menos que só converse com homens nos

próximos dias. O que, pensando bem, provavelmente não é tão difícil quando se é um investidor bancário. – Ela se jogou na cadeira quando as complicações do artigo começaram a atingi-la de verdade. – E sua fusão? – perguntou, e Guy suspirou outra vez.

– Simplesmente vou ter de esperar que Bill Sheldon não leia a coluna de fofocas.

As palavras mal tinham saído da boca dele quando o telefone da mesa de Sheila tocou. Dando uma respirada calmante, Lucy atendeu, ouviu e então colocou a ligação em espera. Ela olhou para Guy.

– Acreditaria se eu dissesse que é Bill Sheldon querendo falar com você?

– Você está brincando?

– Uh-uh.

– Ai, Deus. – Os olhos de Guy se reviraram, mas ele não tinha muita escolha além de pegar o telefone dela. – Bill, como está você? – perguntou, o bom humor soando forçado pela primeira vez. – Ah, você soube? Sim, sim, é um pouco inesperado... Não, não nos conhecemos há muito tempo... Tudo aconteceu muito de repente.

Um músculo estava se contraindo no maxilar dele quando Guy desligou e entregou o fone de volta a Lucy.

– Era Bill – disse ele desnecessariamente. – Ligando para me parabenizar e, sem dúvida, para descobrir por que eu não tinha cogitado mencionar minha noiva.

– Você não podia simplesmente dizer a ele para cuidar da própria vida? – perguntou Lucy docemente, citando a sugestão dele em represália, e teve a satisfação de provocar Guy com um olhar penetrante.

– Bill sugeriu que eu levasse você a uma festa que ele dará com sua filha na próxima sexta-feira, e, quando Bill Sheldon faz uma sugestão como essa no meio da negociação de fusão, é também para se concordar que soa como uma boa ideia. Então se tinha outro plano

para sexta à noite, pode remarcar!

– Por que ele quer me conhecer?

– Bill agora tem motivos para pensar que estou escondendo alguma coisa. Se sou discreto em relação a você, o que mais estarei escondendo?, é o que ele se pergunta. Então nós iremos, e vamos convencer Bill, e qualquer outra pessoa que necessite saber, que o que temos aqui é um romance fugaz e nada mais. – Balançando a cabeça, ele se virou em direção ao escritório. – Minha vida era simples até eu conhecê-la, Lucy!

– Desculpe – disse ela baixinho.

– Bem, estamos comprometidos agora – afirmou ele resignado. – Sendo assim, vamos ter de simplesmente continuar com isto, e durante este tempo tentaremos trabalhar um pouco por aqui.

– Certo. – Lucy girou a cadeira para ficar de frente para o computador.

Mas era complicado fazer muita coisa quando o telefone tocava sem dar uma trégua. Amigos, colegas de trabalho, repórteres... Será que ela era a única pessoa em Londres que não tinha lido o artigo no jornal naquela manhã? E, é claro, todos queriam saber se ela era Lucy, a noiva e assistente pessoal de Guy. Era a coisa mais fácil negar e fingir que Lucy estava indisponível, embora obviamente não tivesse funcionado quando Meg ligou.

– Eu sei que você é um sequestrador de corpos que está prendendo Lucy contra a vontade dela – disse ela. – Todo aquele papo de ir trabalhar cedo era uma denúncia silenciosa, mas agora eu tenho certeza de que você é um alienígena, porque minha amiga Lucy nunca iria nem mesmo pensar em ficar noiva sem me contar!

Lucy levou algum tempo para persuadir Meg a não ficar chateada.

– É uma longa história – disse ela concluindo que devia a verdade a Meg. Ela não se importava com o que Guy dissera sobre não contar a mais ninguém. – Vou revelar tudo para você esta noite, eu prometo.

Quanto mais o telefone tocava, mais Lucy percebia o quanto era estranha a situação na qual ela colocara Guy. Até então não tinha ideia de que um fragmento de fofoca podia causar tamanho furor, e era difícil não se sentir culpada pelo modo como seu comentário negligente para Frank se tornara uma bola de neve incontrollável.

Ainda assim, as coisas poderiam ter sido piores, ela tentou tranquilizar a si mesma. Nenhum deles estava envolvido com mais ninguém, afinal, e o interesse não iria durar para sempre. Sheila iria retornar, ela iria organizar a festa beneficente, e quanto estivesse acabado...

Sim, e aí, Lucy?, uma vozinha questionou dentro dela.

Bem, aí ela iria embora. Lucy tinha obrigações na Austrália, uma promessa para Hal que precisava cumprir. Depois daquilo, ela poderia decidir o que queria fazer.

E sem dúvida Guy ficaria aliviado por tê-la longe.

Lucy não queria pensar em ir embora, em Guy, em química, nesse noivado estúpido ou em o que quer que fosse.

Ela iria pensar na festa em vez disso. Agora que o escritório de Sheila estava sob controle, ela poderia pegar os arquivos e começar. Poderia até mesmo trabalhar até mais tarde.

Infelizmente, seu plano cuidadoso de se manter discreta foi frustrado por George Duncan, diretor de Recursos Humanos, que, um pouco mais tarde, apareceu todo sorrisos e perguntou se poderia ter uma palavrinha

rápida com Guy... e com ela.

– É sobre o noivado de vocês – explicou ele quando todos já estavam acomodados nos sofás no escritório de Guy. – É claro que sabemos que vocês não querem fazer um anúncio oficial ainda, mas a equipe toda está tão feliz pelos dois, e todo mundo tem perguntado se poderíamos marcar a ocasião de algum modo. Nós gostaríamos muito de oferecer nossas felicitações e nos perguntamos se vocês se juntariam a nós para uma taça de champanhe às 18h. Apenas uma pequena celebração interna no mezanino – completou, com certa ansiedade, talvez captando a tensão na atmosfera, afinal.

Lucy estava sentada ao lado de Guy, e ele colocou a mão sobre a dela no sofá.

– É muito gentil, George – disse ele com suavidade. – Lucy e eu adorariamos comparecer, não é, querida?

Ardentemente consciente da mão dele sobre a dela, Lucy expandiu o sorriso.

– É claro – confirmou ela. – É uma ideia adorável.

– Esplêndido! – Tranquilo, George se pôs de pé. – Vemos vocês às 18h, então.

– O QUE nós fizemos? – murmurava Lucy para Guy enquanto eles aguardavam o elevador chegar para levá-los até o mezanino.

– Nós? O que *nós* fizemos? – Guy ergueu as sobrancelhas, demonstrando toda a sua incredulidade. – Essa frase não deveria ser “o que *eu* fiz”?

– Ouça, não era eu quem “mal estava saindo do meu lado” no evento ontem à noite – rebateu ela. – E o que aconteceu com sua teoria sobre as pessoas perderem o interesse na situação se simplesmente ignorarmos?

– Eu não disse que iria acontecer hoje – apontou Guy.

– E se nunca acontecer? Isso é terrível – disse Lucy, de mau humor. – Parece que tudo está desabando sem

controle. Agora há uma festa, e todo mundo vai estar tão feliz por nós, quando estamos mentindo para eles. Está tudo errado.

– Talvez você pense nisso na próxima vez em que começar a inventar noivados. Olhe, eu não me sinto confortável em mentir para minha equipe também – continuou ele quando Lucy pareceu infeliz. – Eu nunca fiz isso, e espero nunca ter de fazer outra vez, mas eles vão se sentir tolos se contarmos que o noivado não é verdadeiro depois de terem passado por tudo isso. Então vamos ter de colocar uma cara feliz, sorrir e agradecer, e fazer o máximo possível para assegurar que nenhuma pessoa no mezanino, esta noite ao menos, suspeite de que está fazendo parte de uma farsa.

Guy já havia apertado o botão para chamar o elevador, mas Lucy esticou a mão impacientemente e apertou outra vez; duas vezes, para ter certeza.

– Eles vão saber, mais cedo ou mais tarde, quando ficar claro que nós não estamos, de fato, nos casando.

– Não necessariamente. Ninguém precisa saber que nosso noivado não era real – afirmou ele. – Muitas pessoas ficam noivas e não chegam a se casar. Quando todo o interesse tiver morrido, poderemos apenas deixar que saibam que mudamos de ideia.

– Ou poderíamos ter uma grande discussão – sugeriu Lucy.

– Isso mesmo – disse Guy, assentindo com a cabeça. – No fim vou perceber que você é totalmente irracional e terminar tudo.

– Por que não posso ser eu a terminar tudo? – Ela quis saber, entrando no espírito da coisa.

Ele fingiu choque.

– Que possível motivo você poderia ter para não querer se casar comigo?

– Vou apenas sugerir que a mágica acabou. Ou direi

que me apaixonei por outra pessoa.

Mesmo tendo dito aquilo, ela percebia agora o quanto iria soar pouco convincente. O quão improvável seria ela se apaixonar por outro homem se tinha Guy?

– Ou – disse Guy – você poderia contar a verdade.

– A verdade?

– Claro que compreendo que seria uma experiência nova para você, Cinderela! Simplesmente dizer que vai voltar para a Austrália para ficar com Kevin.

Kevin. Ela quase havia se esquecido de como ele era. Os olhos de Lucy se desviaram de Guy quando o elevador chegou fazendo um sibilo e as portas se abriram.

– Sim, eu poderia dizer isso, suponho.

– Mas não tão já – avisou Guy recuando para deixá-la entrar no elevador primeiro. – Espere até a festa no mês que vem.

Fazia sentido, Lucy tinha de admitir. Ela não queria ficar presa nesse fingimento constrangedor por mais tempo do que deveria e, uma vez que a festa estivesse terminada, não teria motivos para permanecer por mais tempo.

Então por que o pensamento de ir embora se instalava dentro dela feito um iceberg?

– Sorria – sussurrou Guy quando o elevador parou. – Lembre-se do quanto estamos apaixonados!

CAPÍTULO 9

O MEZANINO estava quase tão cheio quanto estivera no evento da noite anterior. Lucy não conseguia acreditar em quantas pessoas estavam esperando por eles; cada uma delas tinha escolhido ficar depois do expediente e desejar felicitações ao feliz casal em vez de ir para casa.

Eles mal tinham saído do elevador quando foram tragados por aqueles que lhes desejavam bem. Lucy nunca havia sido tão beijada. Logo ela estava afastada de Guy. Sempre que procurava por ele, lá estava, sorrindo, gargalhando, era facilmente o centro das atenções.

Guy fazia parecer tão fácil, pensou ela. Uma vez que os olhos de ambos se encontraram na multidão e ele moveu os lábios perguntando “está tudo bem?”, Lucy se sentiu segura imediatamente. Sorrindo, ela assentiu e se virou apenas para dar de cara com Imogen.

– Bem? – Imogen quis saber, colocando as mãos nos quadris.

– Eu sei, eu sei! Eu teria lhe contado, Imogen, mas durante muito tempo não soube como eu mesma me sentia em relação a Guy.

– Eu sabia. Vi no mesmo instante que existia algo entre você e Guy.

– Você viu?

Imogen revirou os olhos.

– Era óbvio, Lucy! Eu poderia dizer pelo jeito como

vocês se olhavam, e pelo jeito como vocês não se olhavam. De qualquer forma, sempre tinha uma espécie de faísca no ar entre os dois. Não fiquei totalmente surpresa quando vi o artigo no jornal – finalizou Imogen –, embora eu ache que você deveria ter me contado!

Parecia que Imogen não era a única que alegava ter sabido o tempo todo que ela e Guy estavam apaixonados. Lucy começou a se sentir um tanto inquieta. Como poderia ter estado tão óbvio para todo mundo quando não era verdade?

A menos que fosse verdade.

O olhar azul de Lucy encontrou o de Guy do outro lado do ambiente. Ele estava sendo abraçado por um grupo de faxineiros, que gargalhavam ruidosamente enquanto o provocavam. Ele não olhava para ela naquele momento, mas Lucy ainda conseguia sentir o calor do sorriso dele iluminando o lugar.

O mundo pareceu vibrar num solavanco abrupto, deixando Lucy trêmula e sem ar.

Ai, Deus, era verdade. É claro que era verdade. É claro que ela estava apaixonada por ele. Que tolinha tinha sido!, Lucy se repreendeu. Imogen estava certa. Tinha ficado óbvio. A única que não vira a realidade até agora era ela.

E Guy, ela esperava.

Guy. Por quanto tempo ela o desejara? Precisara dele? Amara-o?

Não tinha a ver apenas com a aparência dele, tinha a ver com o homem que ele era, concluiu Lucy. Um homem que era muito mais do que ela percebera quando o desprezara casualmente na Austrália. Ela o conhecia melhor agora. Sabia o quanto ele era paciente com a mãe, o quanto era generoso com sua equipe. Guy era um homem duro nas negociações, gentil com os faxineiros, amigável com os garçons, charmoso com todos.

Mas como Lucy poderia dizer aquilo a Guy? Há apenas algumas semanas estava insistindo que amava Kevin. Ele nunca iria acreditar caso ela confessasse como se sentia agora... e por que ele deveria? Ele sabia que ela havia passado a vida inteira pulando de uma empolgação para outra. É claro que Guy iria presumir que aquele amor por ele era apenas mais uma paixão passageira para Lucy.

No entanto, não era. Lucy sabia daquilo, do fundo do coração, uma parte de si que ela nem mesmo soubera que existia. Antes, ela teria saltitado, feliz da vida, ao se imaginar apaixonada, mas desta vez era diferente. Desta vez ela estava quase com medo da intensidade do sentimento. Desta vez precisava enxergar além do romantismo de se apaixonar por alguém para poder encarar algumas verdades duras.

A primeira de todas era o fato de que Guy não estava apaixonado por ela.

E por que ele deveria estar, afinal? Tudo o que ela fizera fora criticá-lo, deixá-lo resgatá-la e então lançá-lo em uma situação constrangedora que poderia pôr em jogo uma fusão importante.

Alguém estava tilintando uma faca contra uma taça e pouco a pouco o burburinho no cômodo diminuiu em resposta. Lucy se flagrou sendo empurrada em direção a uma plataforma onde Guy estava ao lado de George. Ambos procuravam por ela e, quando Lucy emergiu diante da multidão, Guy sorriu de um jeito que fez o coração dela falhar. *Ele está atuando*, ela lembrou a si mesma, segurando a mão que ele tinha estendido e se deixando ser envolvida pelos braços dele.

Lucy precisava atuar também, embora o papel dela fosse mais complexo que o dele. Guy precisava apenas fingir estar apaixonado por Lucy. Ela precisava fingir que estava fingindo, porém ser convincente ao mesmo

tempo. Era o mínimo que poderia fazer depois de colocá-lo nessa encrenca. Guy tinha deixado claro que ninguém deveria supor que o noivado deles não era real, e ela não o decepcionaria.

Então Lucy sorriu e se permitiu relaxar contra o corpo de Guy, deslizando o braço em torno da cintura dele. George embarcou em um discurso, mas ela mal ouviu palavra.

Houve uma salva de palmas quando George chegou ao fim do discurso, enfim. Taças foram erguidas sob um coro de “Lucy e Guy”, e então lá estava Guy dando um passo à frente para a réplica.

– Eu quero agradecer a todos por todas as felicitações e por estarem aqui esta noite. Sei que Lucy está tão emocionada quanto eu. – Ele a olhou, e ela fez que sim, até mesmo dando um jeito de sorrir quando tudo o que queria fazer era gritar “Esqueça essas pessoas! Deite-me aqui no chão e faça amor comigo!”. – Para ser honesto – continuou Guy com um sorriso irresistível –, perceber que queremos passar nossas vidas juntos tem sido quase tão surpreendente para nós como deve ter sido para vocês. Esta noite é a primeira vez em que isso realmente parece realidade, e graças a vocês. Nenhum de nós vai se esquecer desta noite, não é, Lucy?

– Não. – Ela certamente nunca se esqueceria. Nunca se esqueceria do instante em que se dera conta de quanto o amava.

– Então, muito obrigado a todos – finalizou Guy, e houve outra saraivada de aplausos, seguida por um peculiar silêncio de expectativa.

Ainda tonta por causa da iminência do próprio desejo, Lucy precisou de um instante para perceber o que todos estavam esperando. Quando ela compreendeu, seu olhar encontrou o de Guy, e seu coração deu um salto. Ele sabia o que todos queriam. O sorriso nos olhos dele se

aprofundou, alastrando-se pelo rosto quando ele baixou a cabeça em direção à dela, e quase houve um suspiro audível de alívio da parte de todos que estavam assistindo quando os lábios dele tocaram os dela e Guy finalmente a beijou.

Foi tão bom, tão doce, tão certo beijá-lo que Lucy se esqueceu de que estavam sendo observados por toda a equipe da Dangerfield & Dunn e se rendeu ao alívio absoluto de poder retribuir o beijo.

Guy quase deve ter sentido a submissão dela contra o corpo dele. O braço dele se apertou em torno dela e por um instante o beijo foi intenso e faminto.

Foi tão maravilhoso que, quando Guy fez menção de separar, Lucy soltou um murmúrio inarticulado de protesto e o segurou com mais força, no entanto, se ela havia se esquecido de que os outros estavam assistindo com interesse ávido, ele claramente não esquecerá.

No instante seguinte, Guy já havia se desvencilhado, ainda sorrindo, para então erguer uma das mãos e receber as saudações. Como ele fazia aquilo? Como conseguia parecer tão casual?

Porque havia sido só um beijo para Guy, Lucy percebeu, voltando a si aos poucos. Por que seria outra coisa? E agora ele provavelmente estava se perguntando por que ela o beijara de maneira tão apaixonada.

Lucy não queria que Guy soubesse que ela havia se apaixonado por ele.

Com um esforço enorme, Lucy enrijeceu as pernas e se obrigou a se desvencilhar da segurança do braço dele, o sorriso reluzente enquanto ela acenava e corava do jeito que uma noiva de verdade faria.

– BEM, NÃO foi tão mal assim – disse Guy quando se acomodou no banco de trás da limusine, dando um suspiro de alívio mal disfarçado.

Eles finalmente tinham conseguido se livrar da comemoração, que parecia sólida para seguir sem eles, e Guy havia insistido em dar uma carona a Lucy de volta à casa de Meg.

– O que todo mundo vai pensar se eles me virem entrando no carro enquanto minha noiva se arrasta até o metrô? – dissera ele quando Lucy tentara protestar que não era necessário.

Havia sido um dia longo, e Lucy tinha de admitir que não estava realmente no clima para fazer um longo trajeto até em casa. Era um alívio poder simplesmente afundar no luxuoso banco de couro e fechar os olhos contra a consciência da presença dolorosa de Guy ao seu lado.

– Você está bem? – perguntou ele preocupado.

Lucy forçou um sorriso.

– Estou, sim. Um pouco cansada, só isso.

– Foi um daqueles dias, não foi? – Guy balançou a cabeça, dando um meio-sorriso. – Acho que conseguimos enfrentar bem isso. Todos parecem totalmente convencido de que estamos mesmo noivos.

– É maravilhoso, não é? – concordou ela mantendo a voz deliberadamente suave. – Você devia ter se tornado ator.

– Você se saiu bem também – disse Guy, e os olhos dele repousaram nos lábios dela. – Aquele beijo foi sem dúvida convincente.

– Eu me perguntei se teríamos exagerado um pouco. Queria que todo mundo pensasse que eu estava encantada com você.

– E conseguiu. Convinceu até mesmo a mim!

– Talvez eu devesse atuar também. Eis uma carreira que não tentei. – Lucy olhou pela janela. – Sinto-me mal por enganar a todos. Aquelas pessoas estavam ali por você esta noite.

– E por você – completou Guy. – Você está no banco há poucas semanas e todos já a conhecem. Eu a observei esta noite, Cinderela. Estava sensacional. Parecia estar se divertindo. Você tem uma habilidade real e natural de iluminar um ambiente.

Não, é você quem faz isso, ela queria dizer.

– Somos um belo time quando nos damos bem, não somos? – comentou ela com suavidade.

– Sim. Estou começando a pensar que somos.

Houve um silêncio curto. Inclinando-se para a frente, Lucy tornou a espiar pela janela.

– O trânsito está terrível. Por que não saio aqui mesmo e você vai direto para casa?

– Não há a menor chance de isso acontecer. No entanto poderia ser mais fácil se você cogitasse morar comigo por uns tempos. Pareceria mais convincente se estivéssemos morando sob o mesmo teto, e economizaria um monte de viagens todas as vezes que sairmos.

– Não acho que seja uma boa ideia, Guy.

– Você teria seu próprio quarto, é claro.

– Não é isso. – Lucy não sabia como dizer que morar com ele seria uma tortura. Como seria capaz de ficar com ele toda noite sem tocá-lo, sem dizer que precisava dele, que o amava? – Eu gosto de morar com Meg. E preferiria manter um pouco da privacidade.

– Não se importa se todo mundo se perguntar por que você está escolhendo morar com Meg em vez de morar com o homem que ama?

Pelo tom de voz dele, Lucy podia dizer que Guy estava soando divertido.

– Talvez eles pensem que estou me guardando para a noite de núpcias – sugeriu ela, mas Guy meneou a cabeça de um lado para o outro.

– Eles não vão pensar isso, Lucy.

– Por que não?

– Porque eles só precisam olhá-la para saber que você é o tipo de garota que faz tudo com sinceridade. Você não é alguém que para e pensa bem antes de se comprometer. Não é sensata, prudente e cautelosa. Quando uma garota como você se apaixona, o faz completamente. Não senta em casa e se preserva.

Lucy suspirou e o encarou.

– Talvez eu não seja mais essa moça. Pode ser que eu tenha mudado.

MEG A olhou como se ela estivesse louca quando Lucy tentou explicar por que não queria morar com Guy.

Lucy havia contado a ela a verdade sobre o suposto noivado, e fizera o máximo possível para manter seus sentimentos por Guy longe disso, mas, conforme ela temera, Meg focou direto nisso:

– Eu não entendo por que você não vai morar com ele, Lucy. Vamos lá, terá de acontecer alguma coisa quando vocês dois estiverem no escurinho. Guy não vai conseguir tirar as mãos de você. Se você me perguntar, ele já fantasia tirar sua calça.

– Eu não quero que ele fantasie comigo.

Meg a encarou.

– Pensei que estivesse apaixonada por ele.

– Estou, e a questão é essa. Quero que Guy me ame. A mim, não uma garotinha bonita que convenientemente está morando no apartamento dele.

– Bem, ele a amará quando a conhecer.

Lucy suspirou.

– Esse é o problema. Eu tenho começado a pensar no que há para se conhecer. Sou apenas a Lucy West fútil e bonitinha, sempre animada, ou há mais de mim? E, caso haja, o que será? Acho que preciso descobrir, Meg. – Olhou para a amiga, perplexa. – Se eu não souber quem sou, como Guy vai conseguir saber; e se ele não me

conhecer, como poderá me amar?

– VOCÊ NÃO se esqueceu da festa dos Sheldon hoje à noite, esqueceu?

Lucy deu um pulo quando Guy apareceu à porta do escritório dela, e o coração executou uma série espetacular de ginástica olímpica. Ela havia passado a semana anterior evitando-o o máximo possível, e, quando precisou conversar com ele sobre qualquer coisa, foi fria a ponto de congelar.

Foi um alívio quando Sheila retornou e ela pôde se atirar na organização da festa beneficente. Lucy ganhou o próprio escritório, o que ajudou, e, embora sentisse falta da energia da presença de Guy, era mais fácil não ter de passar o tempo inteiro retraindo os sentimentos ou se segurando contra a ânsia de procurá-lo e dizer que o amava.

– Não, não esqueci, Guy. Andei pensando no que vestir.

– Tenho certeza de que você estará ótima. – Guy parou de falar para olhar para ela como se quisesse falar mais alguma coisa, no fim, porém, apenas disse que a buscaria às 20h.

– VOCÊ ESTÁ fabulosa – elogiou Meg admirada quando Lucy desceu as escadas naquela noite. – Guy não vai conseguir tirar as mãos de você.

Era bem mais provável que esse problema fosse ser o oposto, Lucy pensou quando Guy apareceu em traje de gala. A visão dele fez os joelhos de Lucy dobrarem e o estômago revirou feito louco antes de parar, latejando e se contraindo impotente dentro dela.

Guy assobiou quando a viu.

Mas, assim que os dois entraram na festa, a confiança de Lucy se evaporou. O vestidinho preto que tanto

apreciara, e que parecera uma extravagância financeira tão grande, de repente pareceu ter etiquetas com os dizeres “loja de departamentos” por todo ele. Todas as mulheres ali estavam lindamente trajadas, com seus acessórios mais ínfimos custando pelo menos cinco vezes mais do que Lucy havia pago pela indumentária completa.

Era como estar em um universo paralelo. Não que os outros convidados não fossem agradáveis, mas Lucy estava acostumada a festas nas quais se lotava um corredor apertado ou uma cozinha ainda menor, onde a música era tão alta que os ouvidos ficavam zunindo por dias seguidos, e onde Lucy mal conseguia enxergar com quem estava conversando, muito menos escutá-los.

Na festa dos Sheldon, um quarteto de cordas tocava baixinho ao fundo, garçons discretos circulavam com bandejas de canapês e champanhe, e os convidados conversavam de modo civilizado. Não havia gritaria, nem risadas altas. Lucy sentiu Guy suspirar ao lado dela.

– Algumas vezes – disse ele – costumo ter vontade de subir numa cadeira e gritar obscenidades só para ver o que todo mundo iria fazer!

Foi um alívio tão grande saber que ele considerava todo aquele discernimento um tanto opressivo também que Lucy gargalhou.

– Ou correr e pular na fonte! – sugeriu ela.

– Ou dançar sobre a mesa de um bar enfumaçado.

Sorriram ao se encararem, divertindo-se com as situações imaginadas, com a companhia um do outro enquanto o acanhamento entre eles era deixado de lado por um instante.

– Diga-me que a festa para a unidade pediátrica não vai ser assim – pediu Guy.

– Não vai ser assim – garantiu Lucy. – Será divertida.

– Promete?

– Eu prometo.

Algo indefinível mudou no ar entre eles quando os olhares tornaram a se encontrar, e Guy esticou uma das mãos.

– Lucy...

– Guy, que bom ver você!

Surpresos, ambos se viraram para ver uma morena graciosa tão lindamente enfeitada e tão elegantemente vestida que Lucy no mesmo instante se sentiu amarrotada.

– Saskia! – Guy beijou o rosto dela, então se virou para apresentar Lucy. – Esta é a filha do Bill, Saskia Sheldon. Saskia, minha noiva, Lucy West.

– Eu soube que vocês estavam noivos – disse Saskia calorosamente. – Parabéns! Contem-me tudo!

Lucy deixou que Guy o fizesse e observou os dois enquanto conversavam. Eles formavam um belo casal, ela não pôde evitar pensar, ambos graciosos, inteligentes, bonitos e charmosos. Ela realmente queria desgostar de Saskia, mas se flagrou admirando-a em vez disso, e se sentindo profundamente inadequada em comparação a ela.

Guy deveria estar com uma mulher como Saskia, Lucy decidiu, cheia de tristeza.

A noite pareceu interminável. Lucy sorriu de maneira reluzente, conversou e desejou que acabasse logo. Foi um grande alívio quando Guy sugeriu que fossem embora.

– Seus sapatos permitem que você ande? – perguntou ele quando chegaram do lado de fora. – Está uma noite agradável demais para ir direto para casa, e eu gostaria de tomar um pouco de ar. Você se importa?

Eles seguiram pelo Covent Garden, descendo até a Trafalgar Square, sem se tocar nem conversar muito, mas Lucy estava intensamente consciente da presença de

Guy ao lado dela.

– Você está muito quieta – comentou Guy quando eles desceram os degraus em frente ao National Gallery. – Eu sei que hoje à noite não foi muito divertido, mas você se saiu maravilhosamente bem. Encantou Bill Sheldon e seus camaradas turrões. Fiquei orgulhoso, mesmo você não sendo minha noiva de verdade.

– Eu me senti terrivelmente fora de lugar – confessou Lucy.

A noite havia sido um lembrete deprimente do quanto ela era pequena no mundo de Guy.

– Você não pareceu fora de lugar, Cinderela. Estava fantástica.

Guy parou ao pé das escadas, e Lucy hesitou quando ele girou para encará-la onde ela estava parada, alguns degraus acima dele, de modo que estavam com o rosto na mesma altura.

– E ainda está.

– O... obrigada – gaguejou ela a tempo de tomar fôlego quando Guy a pegou pela cintura e a puxou para fazê-la descer o último degrau em direção a ele.

– Eu realmente gostaria de beijá-la. Tenho pensado nisso a noite toda, desde que você abriu a porta usando esse vestido. Não, há mais tempo do que isso ainda. Desde a última vez em que a beijei. Posso beijá-la outra vez?

– Eu não... não acho que... seria uma ideia muito boa – disse Lucy com dificuldade.

– Por que não? – murmurou ele beijando a lateral do pescoço dela.

Lucy se arrepiou.

– Porque... porque... – Os sentidos de Lucy estavam vacilando, e a mente dela pareceu desistir do esforço necessário para articular algumas palavras.

Os lábios dele deslizavam, provocates, pelo maxilar

dela.

– Esse não é um bom motivo. – Guy de uma risada maliciosa. – Você não me deseja também?

Aquilo era injusto. Ele deveria saber que cada fibra do corpo dela estava gritando “Sim! Sim! Beije-me agora! Beije-me para sempre!”.

– Não é isso, é só que...

– Você não quer admitir que também me deseja? – murmurou Guy contra os lábios dela, e Lucy não conseguiu se segurar mais.

– Sim – afirmou ela, e sentiu os lábios dele se curvarem num sorriso um segundo antes de eles tomarem os dela.

Lucy derreteu nos braços dele, enlaçando o pescoço de Guy e abrindo os lábios de modo que pudesse retribuir o beijo do jeito que ansiara. Era uma bênção poder prová-lo, enredar os dedos no cabelo dele, pressionar o corpo contra todos aqueles adoráveis músculos esbeltos enquanto o corpo dela cantava, os sentidos giravam e todos os pedaços clamavam por mais.

Guy tomou o rosto dela entre as mãos trêmulas, os olhos sombrios e ansiosos.

– Volte para o apartamento comigo.

– Não, essa realmente não seria uma boa ideia.

– Você vai fingir outra vez que não quer? – perguntou ele, a frustração evidente na voz.

– Não. Não faz muito sentido negar o que desejo, mas não vou. Estamos trabalhando juntos, Guy. Eu vou embora em breve. Qual é o objetivo de se envolver?

– Poderíamos nos divertir juntos.

Não, porque eu quero me casar com você e passar o restante da minha vida com você.

Mas é claro que Guy não iria dizer aquilo. Ela não era o tipo de garota com quem ele se casaria. Ela era uma moça engraçada, alguém com quem se divertir. Um tipo

de jovem temporária, que tinha empregos temporários, namorados temporários e que seguia em frente.

Agora o temporário não era o suficiente... Agora ela queria o para sempre.

Furiosa consigo mesma por ter esperado por pelo menos um nanossegundo que Guy fosse dizer que a amava, Lucy se afastou.

– Foi você quem me falou que eu deveria crescer, Guy. Você disse que eu podia ser mais que uma garota festeira. Você garantiu que eu poderia mudar. Bem, eu mudei, então não reclame agora porque realmente preferiria que ainda quisesse só me divertir. É tarde demais para isso.

CAPÍTULO 10

LUCY TOMOU fôlego e bateu à porta do escritório de Guy.

– Entre.

Ele estava sentado à mesa quando ela entrou, parecendo distante e preocupado, mas os olhos azuis se intensificaram perante a imagem dela.

– Lucy. A que devo esta honra?

Ela não tinha ficado a sós com Guy desde que ele a deixara em casa depois daquela noite na Trafalgar Square, e o beijo nunca fora mencionado outra vez. Lucy se torturara durante todo o fim de semana, imaginando como as coisas teriam sido se ela tivesse ido para casa com Guy conforme ele desejara, mas ela sabia que tomara a decisão certa. Teria sido maravilhoso, e sim, eles poderiam ter se divertido por algumas semanas, mas, quando a festa acabasse, o que viria depois? Ela precisava de mais do que diversão agora.

– Você teve algum problema com a organização da festa?

– Não... Bem, sim, de certo modo...

– É melhor nos sentarmos, então. – Guy saiu de trás da mesa e gesticulou para os sofás. – O que é?

Lucy respirou profundamente.

– Vou ter de voltar à Austrália – disse ela sem rodeios. Ele ficou imóvel por um instante.

– Agora?

Ela assentiu, melancólica.

– O mais rápido possível, sim.

– Não pode esperar? Faltam só duas semanas para a festa. Preciso de você aqui para se certificar de que tudo vai sair conforme você planejou. É tarde demais para conseguir outra pessoa – disse ele, uma centelha de raiva nos olhos. – Não pode ir embora agora, Lucy.

– Eu não quero – garantiu ela triste –, mas é algo que tenho de fazer por Meredith.

– Por Meredith? – Guy franziu a testa. – O que isso tem a ver?

– Fui visitar Richard ontem – ela contou a ele. – Os médicos vão lhe dar alta em breve, e ele estava falando sobre Meredith. Richard faz isso bastante. Ontem à noite, ele repetiu o quanto ela era uma boa amiga e o quanto sentia falta dela, e eu acho... tenho certeza de que se ela estivesse aqui, Richard perceberia que é a pessoa que ele realmente ama. E Meredith o ama – continuou Lucy, desesperada para fazer Guy entender. – Minha irmã disse que já o esqueceu, mas eu sei que não. Se ela ao menos pudesse voltar, tenho certeza de que eles iriam ficar juntos, e ela poderia ser feliz. Meredith merece isso mais que qualquer pessoa. Ela não vai voltar enquanto eu estiver aqui, no entanto, e temo que, se minha irmã esperar demais, Richard vai seguir com a vida. Aquela enfermeira, Mairi, já está sondando.

As palavras estavam sendo despejadas agora, e Lucy se colocou de pé e respirou fundo.

– Pensei nisso ontem à noite. Eu sei que vou decepcioná-lo, Guy – ela soava desesperada –, mas devo tanto a Meredith! Se eu voltar para cumprir meu contrato com Hal, ela poderá voltar para casa e vai ter a chance de ser feliz. Eu preciso fazer isso por ela, Guy – murmurou. – Sinto muito, mas dei minha palavra a Hal que eu voltaria antes que Meredith pudesse ir embora.

– Eu conversei com Hal outro dia quando ele ligou

para saber como minha mãe estava – disse Guy após um instante. – Ele me disse que Emma e Mickey tinham voltado para Sidney.

– Sim, Meredith também me contou isso por e-mail. Mas Hal ainda precisa de uma cozinheira.

Ficando de pé também, Guy espreitou pela parede de vidro e permaneceu olhando para a catedral de St. Paul.

– Qual é a verdadeira razão disso tudo, Lucy? – perguntou ele abruptamente. – Você quer voltar?

– Não – admitiu.

– Então não tem a ver com Kevin?

– Não – disse ela, surpresa por ele ter até mesmo se lembrado de Kevin.

A tensão nos ombros de Guy se dissipou, e ele se virou.

– Então diga a Hal como você se sente. Eu o conheço. Ele não vai querer que volte a menos que realmente queira estar lá, e agora que Emma e Mickey foram embora ele vai poder se arranjar sem você. Pergunte a Hal se ele vai deixar Meredith voltar para casa. Conte-lhe o motivo.

– E a minha promessa? – perguntou Lucy insegura.

– Você prometeu tornar a festa divertida também – lembrou ele com um sorriso fraco. – Não vai ser, a menos que você esteja lá. Depositei muita confiança em você, Lucy. Sei que tem trabalhado duro e que tem grandes ideias. Não pode simplesmente ir embora agora. Há também a questão do nosso tão aclamado noivado... Ou você se esqueceu disso?

– Talvez seja hora de rompermos. Tenho certeza de que as pessoas devem ter notado que não temos passado tempo juntos.

– Elas acham que estamos fazendo um grande esforço para manter nossa vida pessoal e profissional separadas. É provável que estejam imaginando que estamos

passando noites fabulosamente românticas juntos. Só você e eu sabemos que isso não é verdade.

Lucy baixou os olhos primeiro.

– Cinderela, são só mais duas semanas. Telefone para Hal e veja o que ele diz. Se for um problema, vou conversar com ele, mas quero você aqui para assegurar que aquela festa seja um sucesso e que possamos construir a unidade pediátrica por Michael. Vai significar muito para minha mãe se conseguirmos levantar fundos suficientes para fazê-lo logo.

– E o noivado?

– Vamos combinar uma discussão lá na festa, após a qual direi a todo mundo que perguntar que está tudo acabado. Foi sugestão sua, afinal. Depois disso, você estará livre para ir para aonde quiser, fazer o que bem entender. Mas a festa vem em primeiro lugar. Está na hora de você terminar alguma coisa, Lucy.

FOGOS DE artifício explodiam por sobre a cabeça de Lucy em um painel alucinante de cor e barulho, e ela sorria diante dos “Oh!” e “Ah!” que emergiam em volta. Até mesmo os ricos mais enfadados achavam difícil resistir a um espetáculo pirotécnico.

– Então aí está você.

O som da voz de Guy fez a pulsação de Lucy disparar, junto com os fogos de artifício, e ela se virou para vê-lo, imaculado como sempre em traje de gala e gravata-borboleta. Ela estivera ciente da presença dele circulando entre os convidados, sorrindo, dando boas-vindas, fazendo todos com quem conversava se sentirem parte essencial da festa, mas ela mesma o evitara de propósito.

Lucy trabalhara tanto para tornar a festa um sucesso e estava feliz, é claro, porque aquilo excedera as suas expectativas, porém o cumprimento daquela promessa

trouxe a triste constatação de que era o fim. Depois dessa noite, ela não iria mais ter um emprego na Dangerfield & Dunn. Aquela farsa estúpida de que estava noiva de Guy iria acabar, e ela não iria ter mais pretextos para vê-lo.

E agora ali estava ele, e ela ia ter de achar um jeito de se despedir.

– Andei procurando por você em todos os lugares – disse Guy. – Você fez um trabalho fantástico. Todo mundo fica dizendo que está se divertindo, e o diretor-executivo do hospital não consegue tirar o sorriso do rosto. Achei que você seria boa nisso, mas não imaginei que seria tão sensacional.

Lucy engoliu em seco.

– Obrigada por me dar a oportunidade de organizar esta festa. Tenho aprendido muito sobre gerenciamento de eventos.

– Você está linda – disse Guy de repente. – Vamos dar uma volta?

Ela assentiu. *Apenas diga*, ela falou com severidade para si. *Diga “É hora de nos despedirmos, Guy”.* Não vai ser tão difícil. Mas Lucy não conseguia destravar o maxilar para articular as palavras.

Eles caminharam em silêncio pelos jardins por um instante.

– Hal me contou que você ligou – comentou Guy, enfim. – Ele falou que Meredith voltou para casa.

– Sim, ela voltou, mas tem outra coisa que interpretei errado – afirmou Lucy com amargura. – Parece que Richard não está apaixonado por nenhuma de nós duas. Ele está mais interessado naquela enfermeirinha sorrateira. – Abraçou-se, lembrando-se do espanto quando Meredith lhe contara o que havia acontecido no hospital. – Pensei que poderia realizar o sonho de Meredith, mas foi em vão. Eu não devia ter dito nada.

Devia ter esperado até ter certeza, em vez de fazer aflorar as esperanças dela daquele jeito.

– Você não pode realizar o sonho da sua irmã. Ela tem de fazer isso por si. Todos temos de fazer desse jeito.

Lucy forçou um sorriso.

– Bem, estou trabalhando no meu. Decidi que vou seguir carreira em gerenciamento de eventos. Abrirei minha própria empresa. Até mesmo consegui um cliente esta noite, e várias pessoas pediram meu cartão.

– Acho que você vai se sair brilhantemente bem.

– Então parece que é hora de seguir em frente. Na verdade, creio que está na hora de termos aquela discussão.

– Que discussão?

– Aquela que faz você perceber que sou a última mulher com quem gostaria de passar a vida, e que me faz atirar minha aliança imaginária no seu nariz.

– Ah, aquela discussão...

Eles andaram para longe das tendas, mas o ar noturno estava vivo com o som das vozes e risadas, um contraponto zombeteiro à tensão em torno deles.

– Se é isso o que você quer – disse Guy com uma voz firme. – Sobre o que iremos discutir?

– Eu... Eu acho que eu poderia reclamar do jeito como você flerta com outras mulheres – ela tentou brincar, mas ele não sorriu de volta. – Ou você poderia dizer que sou fútil demais e boba para você. Ou então talvez nós pudéssemos apenas concluir que somos incompatíveis.

– Somos?

– Acho que sim, Guy – afirmou ela dolorosamente.

Ele lhe segurou as mãos e recebeu um sorriso de volta.

– É melhor termos aquela discussão então. Você começa.

– Guy, você é uma pessoa horrível – disse ela, os olhos nos dele.

– E você não é divertida.

O aperto da mão dele era quente e seguro, e era como se eles estivessem tendo duas conversas totalmente separadas. As bocas diziam uma coisa, os olhos diziam o oposto.

– Suas piadas são terríveis.

– Você não é tão bonita assim, e sabe disso, Cinderela.

– Guy a puxou para mais perto.

A garganta de Lucy estava tão apertada a essa altura que ela mal conseguia respirar. Não achou que pudesse ir mais longe.

– Eu o odeio – sussurrou ela contra o rosto dele.

– Eu também a odeio. – E Guy virou a cabeça de modo que os lábios pudessem se encontrar em um longo e terno beijo de adeus.

Lucy se deixou abraçar uma última vez. Os braços dela deslizaram pelas costas de Guy, e ela se dependurou nele de um jeito que expressasse melhor do que palavras o quanto o amava.

O coração dela se partiu quando enfim deu um passo atrás e se desvencilhou dos braços dele. Guy resistiu por um instante, como se não quisesse deixá-la ir, mas então as mãos dele caíram e ela estava livre.

– Obrigada, Guy. – A voz dela oscilava terrivelmente.

– Obrigada por tudo.

E então Lucy girou nos calcanhares e foi embora, o mais rápido que conseguia, antes que pudesse mudar de ideia.

– LUCY! – IMOGEN olhou para cima numa surpresa satisfeita. – Eu não estava esperando vê-la! Isso significa que você voltou? – completou, esperançosa.

– Não. – Lucy se sentia terrível. Só estava de novo na Dangerfield & Dunn havia alguns segundos, e três pessoas já tinham lhe dito o quanto se sentiam felizes

por tê-la ali. – Só vim pegar minhas coisas.

– Oh... – A expressão de Imogen desmoronou. – Esperava que tivesse mudado de ideia. Não é a mesma coisa sem você aqui. Todos sentimos sua falta, e tenho certeza de que Guy sente saudade também. Ele não tem sido o mesmo desde então. Não consegui acreditar quando ouvi que vocês tinham terminado. Vocês pareciam tão perfeitos um para o outro. O que aconteceu?

– Apenas concordamos que não ia funcionar – disse Lucy após um instante. Consultou o relógio. – É melhor eu ir. Garanti a Sheila que estaria lá em cima neste instante.

Na verdade, Lucy fora cuidadosa ao checar com Sheila que Guy estaria fora quando ela viesse pegar os pertences que deixara no escritório antes da festa. Não queria correr o risco de encontrá-lo e ver todas as suas lindas resoluções de se manter distante virarem pó.

Não levou muito tempo para esvaziar a mesa, embora ainda fosse surpreendente a quantidade de tranqueiras que ela acumulara em um mês.

Lucy se permitiu uma última olhadela nostálgica no ambiente, então seguiu para dizer adeus a Sheila.

Carregando a caixa, apertou o botão para chamar o elevador e olhou ferozmente para a frente, tentando não chorar.

– Vamos, vamos – murmurava, desesperada de medo de que alguém chegasse para dividir o elevador.

Ele enfim chegou e, para seu alívio, não parou até alcançar o térreo. Lucy içou a caixa entre os braços, esperou o elevador parar e deu um passo adiante assim que as portas se abriram.

E lá estava Guy.

– Lucy! – Guy engoliu com dificuldade. – Eu não estava esperando vê-la. – Os olhos azuis, famintos,

devoravam o rosto dela.

– Sheila disse que você estaria fora. – Lucy conseguiu dizer, apertando a caixa junto ao peito.

– Eu deveria estar em uma reunião, mas quando cheguei lá...

As portas escolheram aquele instante para presumir que qualquer um que quisesse entrar já o teria feito, então começaram a se fechar. Guy se inclinou para a frente a fim de impedi-las, detendo-as com uma das mãos.

– Foi cancelada. Alguma crise familiar – disse ele sem tirar os olhos dos dela. – Por que estou lhe contando isso, afinal? Estou balbuciando feito um idiota só porque você está aqui...

– Vim pegar minhas coisas – afirmou Lucy, por falta de comentário melhor.

– Sheila sabia que você vinha? Ela não me contou.

– Eu pedi a ela para não contar. Pensei que seria mais fácil se eu não o visse.

– Por quê?

Acabe com isso!, a mente racional de Lucy ordenou, e ela fez menção de ultrapassá-lo com a caixa nos braços.

– Preciso ir, Guy – disse ela debilmente, mas ele estava bloqueando a passagem.

– Eu não quero que você vá. Sinto muito sua falta.

Atrás dele, mais pessoas estavam seguindo para os elevadores e dando meia-volta no último minuto quando percebiam que uma cena se achava em progresso.

– Consegui um emprego novo. – A voz de Lucy vacilava pateticamente. – Estou comprometida com ele agora.

– Não estou me referindo a trabalho – disse Guy, soando quase bravo. – Eu sinto saudade de você. Não consigo me concentrar em nada. Não quero comer, não consigo dormir. Olhe para mim, estou um trapo!

– Guy, isso só torna as coisas mais difíceis...

– O quê? Ver você? Conversar com você? Não parece mais difícil para mim. Ficar em casa, sentindo sua falta, isso é difícil.

– É para mim. Eu sabia que seria assim! – afirmou ela furiosa. – Eu sabia que veria você e que só desejaria desistir de tudo apenas para poder tocá-lo, mas não posso fazer isso.

Um sorriso pairou na boca de Guy de repente.

– Por que não nos tocamos e então conversamos sobre as coisas das quais você quer desistir? – sugeriu ele pegando caixa das mãos dela e colocando-a no chão.

– Não brinque com isto! – Lucy virou o rosto, mordendo o lábio. – Estou falando sério. Venho tentando mudar minha vida, e você não está ajudando.

– O que você quer mudar?

– Eu... Sempre fui uma pessoa temporária. Tenho empregos temporários e relacionamentos temporários, no entanto eu não quero mais isso. Quero um trabalho de verdade e um relacionamento de verdade. Foi você quem me disse que eu sempre precisava ser resgatada, Guy, e você estava coberto de razão. Passei minha vida inteira me fiando nas outras pessoas de um modo ou de outro. Bem, agora quero fazer algo por mim. Pretendo montar meu próprio negócio e fazer sucesso com ele. Não sou uma pessoa séria o suficiente para você.

– Lucy, você é uma pessoa séria. – Guy tomou-lhe as mãos outra vez. – Você é calorosa, divertida, leal, corajosa, e tem um dom para a felicidade e para aproveitar a vida que vale mais que qualquer qualificação, qualquer carreira, qualquer margem de lucro em um negócio! Você não finge ser o que não é, menos no caso do noivado, é claro!, e as pessoas gostam de você por causa disso. A quem todo mundo recorria durante uma crise quando você estava na recepção

daqui? Quem ajeitou as coisas quando o pai de Sheila ficou doente? Quem desistiu de um trabalho que amava pela irmã a quem amava mais ainda?

– Mas essas coisas não são...

– Não são o quê? Não são importantes? Elas são, Lucy. Você não precisa provar nada. Só precisa ser você mesma.

Desejando acreditar nele, Lucy envolveu os dedos de Guy com os seus, apesar da própria descrença.

– Eu queria provar que realmente o amava – confessou ela.

– Você não precisa provar nada para mim, Cinderela. Tudo o que podemos fazer é amar um ao outro e acreditar um no outro, e talvez, quando cortarmos nosso bolo de bodas de ouro, possamos dizer “Ei, aí está a prova!”, mas não podemos fazer isso agora. Temos apenas de confiar um no outro e confiar no que sentimos.

Lucy não conseguia enxergar com muita clareza. Seus olhos estavam turvos por causa das lágrimas que tremulavam nas pontas de seus cílios.

– Tudo o que estou tentando dizer, Lucy, é que te amo como você é.

– Guy...

Lucy perdera a batalha contra as lágrimas. Ela o procurou às cegas, e Guy chutou a caixa para o lado, tomou-a nos braços e a beijou, e, quando ela se aconchegou nele, tonta de alívio e felicidade, houve uma salva de palmas daqueles que estavam esperando e que ficaram observando com interesse genuíno a história no elevador se desenrolar.

– Já era tempo! – alguém gritou, e Guy sorriu quando esticou o braço e apertou o botão da cobertura.

Guy guiou Lucy, cambaleando de felicidade, até seu escritório e fechou a porta com firmeza.

– Estou tão feliz! – disse ela dando beijos no rosto dele enquanto eles tropeçavam até um dos sofás. – Eu te amo tanto, não consigo acreditar que você me ama!

– Acho que te amei desde que entrei na cozinha da Wirrindago e a encontrei me observando com o nariz empinado.

– Eu o achei terrível – admitiu Lucy. – Mal podia esperar para você ir embora... e olhe para mim agora!

Ele hesitou.

– Sem arrependimentos sobre voltar para a Austrália, então?

– Não. Mas acho que poderíamos retornar em breve. Parece que Meredith está apaixonada por Hal e ela vendeu a casa, assim vai poder retornar para a Wirrindago para ficar com ele.

– Hal e Meredith?! – Um sorriso tardio se abriu no rosto de Guy quando ele cogitou o fato como uma nova possibilidade. – Você acha que vai funcionar?

– Você acha que nós vamos funcionar? – Lucy deu o contragolpe.

– Sim – afirmou ele de imediato. – Vai, se estivermos preparados para administrar isso, se nos amarmos e se nos lembrarmos de nos divertir. E seria difícil não me divertir com você, Lucy. Eu só preciso olhar para você para querer sorrir.

– Não parece que você me leva muito a sério – disse Lucy, meio brincando.

– Mas eu levo. – O olhar dele foi muito seguro. – É verdade que resisti a você no começo, fiz o máximo para fingir que não estava apaixonado. Disse a mim que não precisava de uma loira maluca, no entanto, quanto mais a conhecia, mais percebia que havia muito mais em você do que sua capacidade de se divertir. – Ele sorriu para ela, muito ternamente. – Até mesmo no rodeio, quando você quis ficar na festa, só voltou comigo porque é uma

garota que mantém suas promessas. E você vai prometer me amar para sempre?

– Ah, sim. – Lucy suspirou. – Vou, vou, sem dúvida alguma.

Os olhos de Guy estavam muito azuis quando ele a encarou.

– Vai se casar comigo, Cinderela?

Lucy segurou o rosto de Guy entre as mãos e olhou apaixonadamente nos olhos dele.

– Você tem minha palavra de que sim. – E o beijou.



NOVO CAMINHO

SUSAN MEIER

A melhor parte de ser rico era, é claro, os brinquedos. Não havia nada que Wyatt McKenzie quisesse que ele não tivesse.

Dirigindo ao longo da estrada que levava a Newland, Maryland, numa manhã quente de abril, ele acelerou o motor de sua motocicleta preta e sorriu. Amava os brinquedos.

A segunda melhor coisa sobre ser rico era o poder. Não que pudesse começar uma guerra, ou controlar a vida das pessoas que dependiam dele para trabalho e renda. O poder que adorava era o que tinha sobre a própria agenda.

O momento atual, por exemplo. Sua avó falecera no mês anterior, e era hora de esvaziar a casa para a venda. A família podia ter contratado alguém, mas vovó McKenzie tinha o hábito de esconder dinheiro e joias. Quando nenhuma das joias da família fora encontrada na casa da Flórida, a mãe de Wyatt acreditou que estas estivessem na casa de Maryland. E ele se oferecera para fazer a viagem de 1.500km para seu "lar", a fim de vasculhar a casa.

Sua mãe poderia ter ido. Ela saberia melhor o que estava procurando. Mas o divórcio de Wyatt finalizara na semana anterior. Depois de quatro anos brigando por dinheiro, sua ex-esposa se contentara com 30 por cento dos lucros de sua companhia.

Companhia dele. Ela o traía. Mentira. Tentara minar sua autoridade. E receberia 30 por cento de tudo pelo

que Wyatt trabalhara? Não era justo.

Mas também doía. Eles haviam ficado casados por quatro anos, antes que o problema começasse. Ele achara que ela era feliz.

Wyatt precisava de tempo para superar a raiva e a mágoa, de modo que pudesse seguir com sua vida. Procurar joias a 1.500km de distância era uma boa desculpa para relaxar e esquecer o passado.

Então, dera a si mesmo um mês inteiro de férias, simplesmente informando seu assistente que viajaria e voltaria em quatro semanas. Não precisou lembrar Arnie que sua avó morrera ou que o processo de seu divórcio acabara. Não precisou dar razão ou desculpa alguma.

Ele virou a moto para pegar a saída para Newland, a cidade onde crescera. Depois de comprar a companhia que publicava seus gibis, ele mudara sua família inteira para a Flórida, a fim de apreciar a vida no sol. Seus pais tinham feito viagens para casa. Sua avó passara os verões lá. Mas Wyatt não visitava seu lar havia 15 anos. Agora, estava de volta. Um homem mudado. Um homem rico. Não o menino intelectual que todos “gostavam”, mas de quem zombavam. Não o garoto magricela que nunca era escolhido para os times de esporte da classe. Mas um homem de 1,86m e cem quilos, que não apenas se exercitava, mas que também transformara sua “intelectualidade” numa fortuna.

Ele riu. Podia apenas imaginar a recepção que teria.

Agora estava na avenida principal, e virou a moto na rua de sua avó. Viu Cape Cod imediatamente. Telhados triangulares e persianas azuis realçavam a paisagem branca. O cenário era bonito. Simples. Mas era assim que todos viviam em Newland. Com simplicidade. Levavam vidas boas e tranquilas. Sem a agitação de trabalho e divertimento – festas, jet-skis e eventos beneficentes – com a qual ele e sua família viviam na

Costa do Golfo.

Ele entrou na propriedade e desligou o motor. Depois de pôr o capacete embaixo do braço, tirou os óculos escuros do bolso da camisa e colocou-os, andando para a velha porta da garagem e abrindo-a. Não precisava de trinco ou portão automático. Newland era uma cidade segura. Outra coisa bem diferente de onde ele morava atualmente. A segurança de uma cidade pequena. Conhecer seus vizinhos. Gostar de seus vizinhos.

Wyatt sentia falta disso.

E leia também em *Cada Toque Seu*, edição 86 de **Harlequin Special**, *Corações unidos* de Susan Meier.



84 – GÊMEOS! – REBECCA WINTERS

Kellie e Leandros estão prestes a se divorciar quando ela descobre que, finalmente, está grávida. Ainda assim, Kellie crê que o casamento não tem salvação, mas Leandros fará de tudo para prová-la do contrário.

Próximos lançamentos



86 – CADA TOQUE SEU – SUSAN MEIER

NOVO CAMINHO

Missy Johnson se desdobra para cuidar de seus trigêmeos e administrar seu negócio em ascensão. É muito trabalho para uma pessoa só! Ela só não contava que Wyatt McKenzie, que acabou de voltar à cidade, estivesse disposto a ajudá-la...

CORAÇÕES UNIDOS

O magnata Dominic Manelli procura Audra Greene porque precisa de ajuda para cuidar do sobrinho órfão. Mas ele acaba caindo em uma armadilha do coração... O playboy deixa de querer as noites na cidade para ficar com Audra e o bebê!

M146v

Macomber, Debbie

Valerie [recurso eletrônico] / Debbie Macomber; tradução
Vera Vasconcellos . - Rio de Janeiro: Harlequin, 2014.
recurso digital

Tradução de: Valerie; Appointment at the altar

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-1178-6 (recurso eletrônico)

1. Romance americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vasconcellos,
Vera. II. Título.

14-08410

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS
S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o
armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer
semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: VALERIE

Copyright © 1992 by Debbie Macomber

Originalmente publicado em 1992 por Mills & Boon Romance

Título original: APPOINTMENT AT THE ALTAR

Copyright © 2007 by Jessica Hart

Originalmente publicado em 2007 por Mills & Boon Romance

Arte-final de capa:

Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato: virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa
Querida leitora
Rosto
Sumário

VALERIE

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10

ENCONTRO NO ALTAR

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10

Próximos lançamentos
Créditos